P. Julio-Maria

COMMENTARIO APOLOGETICO

do

Evangelho Dominical

com exemplos,

PARA HOMILIAS, SERMÕES E CONFERENCIAS

Editora «O LUTADOR» — Manhumirim

Commentario Apologetico

Commentario
APOLOGETICO

do

Evangelho Dominical, com exemplos,

para

Homilias, Sermões e Conferencias religiosas

pelo

P. Julio-Maria

Missionario de N. Senhora do Smo. Sacramento

—1940—

Typ. do «O LUTADOR»
Manhumirim—Minas

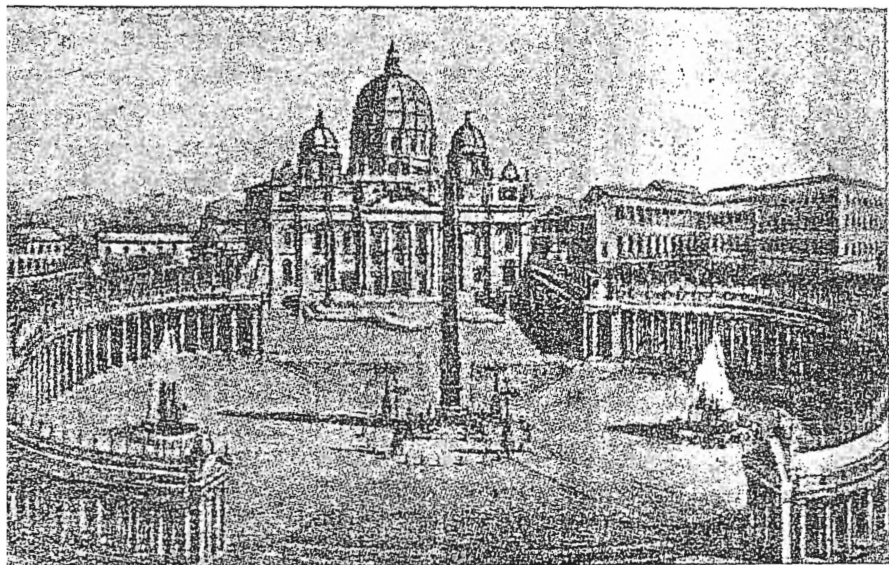
Nihil Obstat

Rio de Janeiro, 12 Octobris 1940.

P. Angelo Contessotto S. J.
Censor ad hoc

Imprimatur

Caratingen, 28 Octobris 1940.

† *Joannes Cavati*
Episc. Caratingen.

VATICANO E BASILICA DE S. PEDRO, EM ROMA

Parecer do Exmo. Sr. Censor

R. P. Angelo Contessotto S. J.

Exmo. Sr. Dom João Cavati
Digno Bispo de Càratinga

Devolvendo ás venerandas mãos de V. Excia. o «Commentario Apologetico *do Evangelho dominical», obra de 450 paginas, sahida da primorosa penna do incansavel P. Julio Maria, missionario de Nossa Senhora do Smo. Sacramento, inclúo, com o bem merecido* Nihil obstat, *á impressão, as minhas mais sinceras felicitações por mais este precioso auxilio que o denodado Autor acaba de prestar aos seus irmãos no sacerdocio, e a todas as almas generosas que militam na Acção Catholica mundial.*

O Commentario Apologetico diverge bastante dos seus três irmãos mais velhos; nestes o nobre Autor tinha deante de si pessoas crentes e fervorosas; o Apologetico, porém, visa mais os descrentes e herejes, para convencel-os da solidez da nossa fé, conforme a recommendação do Apostolo das gentes ao seu discipulo Tito (ad Tit. I. 9). — E' uma obra que facilita immensamente o munus do conferencista e prégador.

Deus guarde a V. Excia. Rvma.
Servo em Christo

P. Angelo Contessotto S. J.
Censor ad hoc

Rio, 12/10/40.

Introducção

um pouco extensa, mas necessaria,
PARA OS SACERDOTES

Peço aos queridos sacerdotes lerem esta introducção: nada de novo lhes ensinará, talvez, porém relembrar-lhes-á umas verdades praticas que facilmente ficam sepultadas no esquecimento.

I. Razão de ser deste trabalho

Um commentario apologetico do Evangelho Dominical é quasi uma novidade nas Homilias, tanto estamos acostumados a ver apenas: commentarios litteral, dogmatico e moral.

Em tempos idos, taes commentarios eram sufficientes, porque as crianças recebiam dos paes a instrucção necessaria para firmar sua fé e não deixar duvidas em seu espirito. Deste modo, podia o sacerdote enxertar, sobre estas noções, commentarios evangelicos, dogmaticos e moraes, que eram comprehendidos porque encontravam alicerces.

Hoje, infelizmente, estamos numa epoca de «falta de tempo, de gosto e de espirito religioso productivo», de modo que raros são os paes que ensinam a doutrina catholica a seus filhos; uma mãe christã ensina ainda a rezar, ministra-lhes umas verdades fundamentaes, porém, muitas ve-

zes de modo superficial, mal assimilado, feito ás pressas, sem deixar uma convicção solida no espirito da criança.

Este trabalho fundamental e basico da convicção tem que ser refeito pelo sacerdote, no pulpito, nas homilias do Domingo ou no catecismo de perseverança.

Para muitos, a religião é uma especie de opinião, igual ás opiniões sociaes ou politicas: tomam o que lhes agradam, rejeitam o que não agrada, e duvidam de uma doutrina que mal conhecem.

Para reagir contra este abuso e rectificar esta ideia falsa da religião, é preciso preparar a intelligencia e a vontade para a acquisição de um espirito de fé, mais intenso e mais activo. E tal preparação se faz pela *apologetica.*

E o presente trabalho é de intensa apologetica.

II. Que é Apologetica?

É a demonstração da verdadeira religião contra todos os seus adversarios, quer sejam incredulos, quer sejam hereticos.

O grande ponto de controversia está nesta questão: *E', ou não é a verdade, a doutrina da Egreja Catholica?*

Esclarecidos pela fé, nós catholicos respondemos: *Sim, é a pura e immutavel verdade!*

Mas os adversarios têm o direito de pedir provas de uma affirmação tão categorica.

Estas provas são dadas pelo ensino apologetico.

Ha no mundo um facto publico, visivel, innegavel, para todos: E' a existencia da Egreja Catholica, que ha já 18 seculos proclama bem alto:

Eu sou a unica religião verdadeira! Aquelle que crer em mim se salvará. Aquelle que me rejeitar, será rejeitado por Deus!

Para nós, catholicos, tal verdade não se discute: é de absoluta certeza.

Infelizmente, ha uns que *ignoram* e outros que *negam* tal verdade.

A uns e outros a Apologetica dá uma resposta.

Tal resposta, para ser completa, deve apresentar três partes em sua demonstração:

1) O fundamento;
2) Os meios;
3) Os factos.

O fundamento comprehende:

a existencia de Deus,
a immortalidade da alma,
a Providencia divina,
a lei natural,
a necessidade da religião.

Os meios de demonstração são: os milagres e prophecias, provando que a religião christã foi divinamente revelada, e divinamente provada pelos milagres.

Os factos são:

a existencia da religião christã,
a sua admiravel historia,
a sua preeminencia sobre as demais religiões,
a applicação das prophecias,
os milagres do antigo e novo Testamento.

Uma vez provado que a religião christã é a unica religião divina, torna-se facil provar que esta unica religião é conservada e ensinada pela Egreja Catholica, tendo, ella só, insculpidos na fronte os caracteristicos da instituição de Jesus Christo.

Neste novo quadro vêm grupar-se successivamente:

os erros das seitas dissidentes,
o Papado no Evangelho,
a necessidade da infallibilidade,
a hierarchia da Egreja,
a Egreja e o Estado,
o Papa e a Eucharistia.

E' tudo isso que vamos expôr nestas instrucções apologeticas.

III. O preambulo da fé

Os theologos chamam a Apologetica *o preambulo da fé.* Vejamos a razão e a certeza desta denominação.

Muitos prégadores queixam-se da inutilidade de seus sermões e conferencias.

Póde haver nesta queixa muita humildade, que ignora o bem produzido; póde haver tambem muita verdade.

Estará, talvez, o assumpto bem adaptado ás necessidades do presente?

Estamos atravessando uma crise de caracter e portanto, de fé.

A fé, embora sincera, é muitas vezes fraca, vacillante, porque não tem base.

A fé é uma virtude sobrenatural, porém, no homem, o sobrenatural está como enxertado sobre o natural.

Faltando a disposição natural na pessôa, o sobrenatural não encontra base solida, e, afóra um milagre, não se sustenta.

E' facil provar isto. Basta analysar o acto de fé.

A fé completa percorre três etapas:

A credibilidade *(é crivel).*

A' credidade ou conveniencia (*convém crer*).
A fé propriamente dita (*creio*).

Deve a fé apresentar-se com titulos serios ou credenciaes, que mostram que esta ou aquella verdade é *crivel*: são os motivos de credibilidade.

A' vista destas credenciaes, o espirito convence-se especulativamente de que deve crer em taes verdades criveis: é o assentimento de simples *credibilidade*.

Depois, sahindo da ordem theorica, o espirito passa á determinação pratica, e diz: Si tal cousa é crivel, convém, pois, crer! São os actos de *credidade*.

A vontade, então orientada pela intelligencia, faz o acto livre de fé: E' crivel, convém crer, *creio!*

IV. O acto de fé

Estes três actos que acabamos de assignalar encadeiam-se, e não podem ser separados.

Pára que a fé penetre numa alma é preciso recorrer aos motivos que illuminam a intelligencia e estimulam a vontade: são os motivos de *credibilidade*.

Os motivos de *credidade* são uma especie de impulso dado á vontade para crer: convém crer!

A vontade tira a conclusão e diz: creio. — É o acto de fé.

A graça divina intervém nestas varias operações para illuminar a intelligencia e inspirar a parte affectiva; ella é menos necessaria talvez para a credibilidade, mas absolutamente necessaria para a credidade (convém crer) e para a adhesão final: creio.

O motivo da fé é a autoridade de Deus revelador; o meio ordinario e a regra commum é a autoridade da Egreja.

Póde-se comparar estas três etapas da fé ás três etapas da impressão de um livro:

O censor do livro diz: *Nihil Obstat.*
E' bom... não ha impedimento.

O Bispo diz: *Imprimi potest:* póde ser impresso...

O autor, entregando o livro á typographia, tira a conclusão, e diz: *Imprimatur.*
Seja o livro impresso.

Em summa, estes três actos são:
E' bom — convém — faço!

Assim o homem ouvindo uma exposição apologetica, apprende os motivos de *credibilidade:* E' crivel. A sua vontade instruida diz logo: — Creia pois! (credidade) e, estimulada pela graça e pela intelligencia, a vontade exclama: *creio, Senhor!*

V. Necessidade da Apologetica

Bem comprehendido o que acabamos de dizer do acto de fé integral, podemos, com segurança, tirar uma conclusão de grande alcance.

A falta de fé solida e convicta é o grande mal da nossa epoca.

E' preciso, não simplesmente ensinar a doutrina, o dogma e a moral; é preciso, antes de tudo, augmentar e fundamentar a fé.

Ora, o caminho desta fé integral é o que já chamamos, — introduzir nos espiritos os preambulos da fé.

Estes preambulos são a *Apologetica,* contendo:

1.º Os motivos de *credibilidade*, mostrando as razões, as bellezas, os attractivos, o lado racional das verdades religiosas: é preciso mostrar que a *religião é crivel.*

2.º E' preciso deduzir destas noções a necessidade de abraçar e praticar esta religião, pelos motivos de *credidade* ou conveniencia. Si a religião é crivel, convém crer nella.

3.º Só depois deste preparo do espirito e da vontade, haverá um acto de fé integral, baseado de um lado sobre o conhecimento da religião, e de outro lado sobre a autoridade de Deus, revelador da religião.

Assim sendo, o primeiro ensino a dar aos fieis é o ensino apologetico; donde a necessidade de um curso completo sobre o assumpto, durante um anno inteiro, na prégação dominical.

VI. Conclusão

Concluamos que o presente curso de Apologia é de incontestavel necessidade, para preparar as almas ao dom da fé, que lhes mostra a religião, não mais como uma simples opinião, mas como uma *verdade revelada por Deus.*

A exposição destas verdades, longe de ser arida, como uns pensam, excita nos ouvintes um immenso interesse de conhecer melhor a religião e de pratical-a integralmente.

Fructo de longa experiencia no pulpito e na administração parochial, o presente livro não tem outra ambição, sinão a de ajudar os zelosos sacerdotes no desempenho de sua atarefada e ás vezes espinhosa missão de instruir os fieis e de excitar nelles uma fé sincera, fundada e activa.

Nada de novo ensina, é certo, aos sacerdo-

tes, porém coordena, divide, adapta e deduz do Evangelho, numa ordem logica, umas tantas verdades, que não se nota á primeira vista, mas cuja explanação relembrará aos prégadores o que sabem, e lhes mostrará o modo pratico de expôr estas verdades ao povo.

Seja este livro nas mãos do nosso clero zeloso, um instrumento para a salvação das almas, é a unica aspiração do autor.

P. Julio-Maria S. D. N.

1º DOMINGO DO ADVENTO

EVANGELHO — (Luc. XXI. 25—33)

25. *Naquelle tempo, disse Jesus aos seus discipulos: Haverá signaes no sol, e na lua, e nas estrellas, e na terra consternação dos povos pela confusão do bramido do mar e das ondas:*

26. *Mirrando-se os homens de susto, na expectação do que virá sobre todo o mundo: por que as virtudes dos céus se abalarão:*

27. *E então verão o Filho do homem vir sobre uma nuvem com grande poder e majestade.*

28. *Quando começarem pois a cumprir-se estas cousas, olhae e levantae as vossas cabeças: porque está proxima a vossa redempção.*

29. *E disse-lhes esta comparação: Vêde a figueira e todas as arvores:*

30. *Quando começam a desabrochar, conheceis que está perto o estio.*

31. *Assim tambem quando virdes que acontecem estas coisas, sabei que está proximo o reino de Deus.*

32. *Em verdade vos digo que não passará esta geração, sem que todas estas coisas se cumpram.*

33. *Passará o céu e a terra, mas as minhas palavras não passarão.*

COMMENTARIO APOLOGETICO

A existencia de Deus

O Evangelho de hoje, inicio do anno ecclesiastico, nos colloca, de relance, deante da scena terrificante do fim do mundo e do Juizo universal.

Olhae e levantae as vossas cabeças, diz o Salvador, ...*passará o céu e a terra, mas as minhas palavras não passarão.*

Eis pois, no meio dos seres, cousas que passam e um Ser que não passa, mas que é eterno, o principio de tudo.

O que passa é este mundo, o que não passa é Deus.

E ha gente que ousa affirmar, de bocca e pela sua vida que Deus não existe. O Espirito Santo nos avisa que taes idéas vêm da bocca e não da intelligencia: *O insensato diz em seu coração: não ha Deus!* (Psal. 13).

Seria triste ser obrigado a convencer um filho de que teve pae; mais triste é ver um homem negar que é filho de Deus.

Em frente da scena tremenda do fim do mundo e do Salvador *vindo sobre uma nuvem com grande poder e majestade,* demonstremos claramente:

1.° Que **Deus existe** verdadeiramente;

2.° Que Deus é um **Ser pessoal.**

Refutaremos, deste modo, as theorias dos *atheistas* que negam Deus, e as dos *pantheistas* que affirmam que Deus é o universo.

I. Deus existe

Chamamos *Deus* o Ser supremo, a causa primeira de tudo o que existe; Aquelle que existe por si mesmo, de quem tudo depende e que não depende de ninguem.

Os que negam a existencia de Deus chamam-se: *atheus*.

Ha bastante *atheus de vida*, vivendo como si não houvera Deus, porém, não ha atheus de *convicção*, porque toda convicção exige *motivos* de convicção, e estes não podem ser encontrados.

Entre as numerosas provas da existencia de Deus, limitemo-nos ás três seguintes:

a) *A fé do genero humano.*

Todos os povos, de todos os tempos, acreditaram na existencia de um Ser Supremo, ou Deus. E' a convicção fundamental do genero humano.

E' tão natural ao homem crer em Deus, quão natural é ás creanças crerem em seus paes.

A crença em Deus não vem da sciencia, nem dos homens, vem da natureza e da razão, como expressão de uma verdade ineluctavel.

b) *A ordem e a belleza do universo.*

Examinando o mundo, encontramos nelle uma *ordem* admiravel em sua organização e funccionamento. Tudo se succede no tempo marcado, sem vacillação, sem alteração. O mundo é um verdadeiro relogio. Ora, disse Voltaire:

Quanto mais nisto cogito,
Mais longe estou de pensar,
Que, sem ter relojoeiro,
Possa este relogio andar.

Na união e na variedade das suas partes o

mundo constitue uma obra prima, inimitavel, de poesia, de pintura, de audacia e de harmonia.

Si a existencia de um relogio prova a existencia de um relojoeiro; si a belleza de um quadro prova a existencia de um artista; um quadro inimitavel indica necessariamente um Artista Supremo.

c) *A existencia do genero humano*.

Ninguem póde crear a si mesmo, pois si se pudesse crear, este novo ser creado já não seria o que creou, visto este ultimo já existir.

Ora, o homem existe.

Logo teve um Creador.

Cada um de nós é obrigado a confessar que recebeu a vida de outrem, e este outro — de mais outro, até chegar a existencia do primeiro, que a recebeu de Deus.

O primeiro deu a vida, mas não a recebeu de ninguem: é unico. E' Deus. Logo existe.

Ninguem dá o que não possue. Deus dá a vida. Logo Elle a possue.

II. Deus é um Ser pessoal

Deus é uma personalidade. Não sómente Elle existe, mas existe completamente distincto da obra que creou, como o artista é distincto da producção de suas mãos.

A categoria dos insensatos que admittem a existencia de Deus, mas que dizem não ter personalidade distincta das cousas creadas, chama-se a dos *pantheistas*.

O atheismo e o pantheismo são os dois extremos afastados da verdade: os primeiros não admittem a existencia de Deus; os segundos pretendem loucamente que tudo seja Deus, de modo que na opinião delles ha identidade substancial

entre Deus e o mundo. E' como si alguem dissesse que o pedreiro e a casa que elle constróe são uma só e mesma cousa.

O homem sente a necessidade de Deus, a impiedade não podendo arrancar este sentimento innato, fabrica um deus que tem este nome, mas não tem o poder que tal titulo suppõe.

Deus não é mais *alguem*, é uma *cousa*.

Deus não é mais uma pessôa que governa; é o universo que se governa por si!

Tal Deus não encommoda a ninguem, porque não é ninguem.

O pantheismo, para sustentar tal hypothese, é obrigado a affirmar que a mesma substancia (o universo) é ao mesmo tempo: finito e infinito, mutavel e immutavel, passageiro e eterno, ou simplesmente: preto e branco, grande e pequeno, pois reunem num termo unico dois elementos radicalmente oppostos.

As consequencias de tal hypothese são immoraes, pois si tudo é Deus: Deus é composto do que ha neste mundo: erro e verdade, crime e virtude, ignorancia e sciencia.

De duas uma: é preciso negar a existencia de Deus — o que é impossivel — ou admittir um Deus — ignorante, mentiroso, vicioso.

Em outros termos: é preciso negar a evidencia ou affirmar o absurdo: pois *divinizar tudo é tudo justificar.*

III. Conclusão

Como acabamos de ver, o *atheismo* e o *pantheismo*: nenhum Deus, ou: tudo Deus, são dois irmãos gemeos, duas fórmas da incredulidade, do vicio.

Deus existe: Para proval o basta seguir o

conselho do divino Mestre: *Levantae as vossas cabeças* e examinae o mundo. Em cada uma das suas peças constitutivas está escripto, em letras flammejantes, o nome do Creador, do ser Supremo.

Ora, o ser supremo é necessariamente *unico*; sendo unico, é tambem necessariamente um ser *pessoal*, uma personalidade distincta de tudo o que existe neste e no outro mundo.

Tão *pessoal* é elle que o Evangelho nol-o apresenta *como vindo numa nuvem com grande poder e majestade*, para, no fim dos tempos, julgar o universo.

EXEMPLOS

1. Uma resposta de Newton

Uma noite, Newton passeava com um de seus amigos, indifferente em questões religiosas.

No meio da conversa, este disse ao sabio que lhe désse uma prova da existencia de Deus, curta e sem réplica.

Newton estendeu a mão para o firmamento e respondeu simplesmente:

— Olhe!....

2. Resposta de um menino

Um sapateiro disse um dia a seu apprendiz, menino muito religioso:

— Olhe, pequeno, este negocio de crer em Deus é beatice... Deus não existe, o mundo se fez por si.

O menino respondeu com calma:

— Mas, neste caso, é mais facil fazer um mundo do que um sapato.

3. *Dialogo no trem*

— O mundo funcciona sózinho; não ha precisão de Deus para explicar o seu movimento.

— Olhe, a porta do carro se fecha tambem sozinha, basta uma mola. Não ha pois precisão de operario para explicar este movimento.

— Ao contrario, e o senhor o sabe tão bem que eu: uma porta que se fecha automaticamente por si mesma suppõe mais intelligencia da parte do artista que a fez, do que uma porta commum.

2º DOMINGO do ADVENTO

EVANGELHO (Math. XI 2—10)

2. Naquelle tempo, estando João no carcere, como tivesse ouvido as obras de Christo, enviou dois de seus discipulos a dizer-lhe:

3. E's tu o que has de vir ou devemos esperar outro?

4. E respondendo Jesus disse-lhes: Ide e contae a João o que ouvistes e vistes.

5. Os cégos vêem, os côxos andam, os leprosos são limpos, os surdos ouvem, os mortos resuscitam, os pobres são evangelizados.

6. E bemaventurado aquelle que não encontrar em mim motivo de escandalo.

7. E tendo elles partido, começou Jesus a falar de João ás turbas: Que fôstes ver no deserto? Uma canna agitada pelo vento?

8. Mas, que fôstes ver? Um homem vestido de roupas delicadas? Mas os que vestem roupas delicadas encontram-se nos palacios dos reis.

9. Mas que fôstes ver? um propheta? Sim, vos digo eu, e ainda mais do que propheta.

10. Porque este é aquelle de quem está escripto: Eis que eu envio o meu anjo adeante de ti, o qual preparará o caminho deante de ti.

COMMENTARIO APOLOGETICO

Razão e Revelação

Lendo com attenção o Evangelho de hoje, notamos que elle é a expressão de certa inquietação.

Os discipulos de João Baptista querem saber si Jesus é o Messias esperado, ou si devem esperar por outro.

Jesus responde a estas duvidas, mostrando as suas obras, para que o julguem conforme estas obras.

Domingo passado, provámos a existencia de Deus: hoje demos mais um passo avante e respondamos á mesma inquietação que nos invade a respeito de Deus.

Deus existe: é certo, mas podemos nós pelas luzes da nossa razão conhecel-o plenamente, ou precisamos de outra luz para penetrar os seus apparentes segredos?

Resolvamos esta duvida, examinando:

1.° **O que póde** a razão humana.

2.° **O que não póde** por si mesma.

Será um duplo raio de luz lançado sobre o grande mysterio da união da razão e da revelação.

I. O que póde a razão humana

A nossa razão póde dar-nos umas noções sobre Deus, porém, muito limitadas e incompletas.

A nossa razão é muito *limitada*. Ella é para as cousas intellectuaes o, que é o nosso olhar para as cousas materiaes: vê apenas certas cousas e não perscruta nada até no fundo.

A nossa razão é *finita:* Deus é infinito, de modo que podemos ver apenas o que está ao nosso alcance, todo o resto nos escapa.

Remontando da sua propria existencia e da das creaturas, a nossa razão póde conhecer a *existencia* de Deus, o seu *poder* creador; e reflectindo, póde formar-se uma idéa de certos *attributos* de Deus, como a sua *unidade,* sua eternidade, sua justiça, bondade etc.

Temos pois uma idéa de Deus; e notemos que tal idéa é já uma prova da existencia de Deus, pois o homem é incapaz de ter a idéa de uma cousa inexistente, em partes ou em seu todo.

Deus assim concebido permanece entretanto um ser incomprehensivel, mysterioso:

a) em sua *natureza,* que ultrapassa infinitamente toda natureza creada;

b) em suas *perfeições,* que incluem todas as perfeições;

c) em seus *decretos* que são impenetraveis;

d) em suas *obras* que o manifestam, mas não o mostram sinão velado, mysterioso.

A nossa razão precisa, pois, de um auxilio, que lhe permitta penetrar mais no fundo das verdades entrevistas, do mesmo modo como a nossa vista, para enxergar o que ultrapassa o seu raio visual, precisa de um instrumento, para penetrar além.

O olho nú vê certas cousas, com um binoculo vê mais longe; com uma longa vista penetra mais além ainda.

Este auxilio, este instrumento que nos permitte ver mais longe, mais claramente, chama-se revelação divina, ou a voz de Deus, explicando-nos o que não comprehendemos.

II. O que não póde a razão

A razão, como acabámos de ver, tem o seu circulo visual determinado e limitado. Existencia de Deus, immortalidade da alma, principios da lei natural: eis o seu horizonte.

Para conhecer as verdades de ordem *sobrenatural* a razão precisa absolutamente de uma voz reveladora, e esta voz chama-se: a *revelação*

Deus, diz o Apostolo, *tendo falado outrora muitas vezes, e de muitos modos a nossos paes pelos prophetas, ultimamente, nestes dias, falou-nos por meio de seu Filho* (Hebr. I. 1—2).

Esta voz de Jesus Christo ensinando-nos a verdade, é o caminho sobrenatural, um como complemento do caminho natural da razão.

Ha sobretudo três verdades importantes que a nossa razão não póde conhecer, são:

A origem das miserias humanas.

Os meios de expiação.

Os destinos futuros do homem.

Para estas verdades a revelação é *absolutamente* necessaria.

Ella é moralmente necessaria para serem plenamente conhecidos e com certeza os preceitos da lei natural, que devem guiar a nossa vida e os quaes a razão póde apenas distinguir vagamente.

Antes do peccado original, os nossos primeiros paes conheciam perfeitamente o bem e o mal; depois do peccado a razão humana ficou obscurecida, enfraquecida e como paralyzada pelas *paixões* que nos dominam, falsificam a nossa vista intellectual, e nos fazem tomar o mal pelo bem e o bem pelo mal, como dizia o Apostolo: *O homem faz ás vezes o mal*

que não quer, e não faz o bem que quer. (Rom. VII. 19).

E' um facto de experiencia que um povo sem sacerdotes para instruil-o e exhortal-o cáe inevitavelmente na ignorancia das verdades da ordem natural.

E' preciso que os principios da lei natural lhe sejam, vez ou outra, claramente formulados, frequentemente repetidos e incutidos com vigor, sinão, em breve, ficam alterados ou esquecidos.

«Deixem uma parochia sem sacerdote, dizia o santo Cura d'Ars, durante vinte annos, os seus habitantes adorarão os animaes!»

O povo precisa ser instruido até nos principios da lei *natural*; com quanto mais razão nos da lei *sobrenatural*.

III. Conclusão

Eis pois duas verdades bem esclarecidas: a nossa razão enfraquecida póde conhecer a *existencia* de Deus e umas outras verdades elementares, porém, tudo bastante superficialmente; para um conhecimento total, sobrenatural, precisamos do auxilio da revelação divina.

As consequencias desta revelação em nossa razão são immensas e admiraveis.

E' a revelação que reforma as idéas falsas, rectifica as idéas inexactas, esclarece as idéas confusas, tornando impossiveis a inquietação e a duvida.

A razão nos mostra que a alma é incorruptivel; a fé nos diz que é *immortal*.

A razão indica uma vida futura; a fé nos dá uma *promessa* positiva da mesma.

A razão entrevê recompensas e castigos; a fé nos mostra a sua *extensão* e natureza.

A razão vislumbra um destino futuro; a fé nol-o apresenta luminoso e indica os *meios* de adquiril-o.

A razão nos esmaga sob o peso de nossas miserias; a fé nos levanta pela *misericordia* divina.

Em summa: A revelação satisfaz todas as aspirações do homem:

O nosso espirito precisa de uma *doutrina* certa: a revelação lh'a dá,

Elle precisa de um *codigo* moral: a revelação lh'o fornece.

Elle precisa de *uma lei* social de caridade: a revelação lh'a ministra.

Elle precisa de conselhos de *perfeição*: a revelação lh'os dá.

EXEMPLOS

1. Resposta de um Philosopho

Póde-se definir Deus... porém toda definição é humana e incompleta.

Um dia uma commissão de estudantes foi ter com o seu professor de philosophia, pedindo que lhes dissesse claramente o que é Deus.

— Pensarei, respondeu este, voltem depois de uma semana.

Oito dias depois a commissão está de novo com o seu professor, pedindo a resposta.

— Pensarei, voltem depois de uma semana.

Após uma semana, nova pergunta, e identica resposta.

— Mas, exclamaram os estudantes, é sempre a mesma resposta... até quando devemos voltar depois de oito dias?

— Até ao fim da vida, respondeu o Philoso-

pho, pois Deus é tão grande que é impossivel fazer delle uma definição perfeita.

2. *Morte de Garcia Moreno*

Garcia Moreno era Presidente da Republica do Equador.

Catholico fervoroso, tinha attrahido o odio da maçonaria, que resolveu supprimil-o.

Em 6 de Agosto de 1875 Garcia tinha commungado antes de abrir solemnemente a sessão legislativa.

Neste mesmo dia cahiu assassinado pelos sicarios... e cahindo exclamou:

— Deus não morre! E exhalou o ultimo suspiro.

3º DOMINGO DO ADVENTO

EVANGELHO (Jo. I. 19—28)

19. Eis o testemunho de João, quando os judeus lhe enviaram de Jerusalém sacerdotes e levitas a perguntar-lhe: Quem és tu?

20. E elle confessou, e não negou: e confessou: Eu não sou o Christo.

21. E elles perguntaram-lhe: Quem és pois? És tu Elias? E elle respondeu: não sou. E's tu o propheta (predito por Moysés?) *E respondeu: Não.*

22. Disseram-lhe então elles: Quem és pois, para que possamos dar resposta aos que nos enviaram? que dizes de ti mesmo?

23. Disse-lhes elle: Eu sou a voz do que clama no deserto: Endireitae o caminho do Senhor, como disse o propheta Isaias.

24. Ora, os que tinham sido enviados eram da seita dos phariseus.

25. E interrogaram-no, e disseram-lhe: Como baptizas pois, si não és o Christo, nem Elias, nem o propheta (predito por Moysés?)

26. João respondeu-lhes, dizendo: Eu baptizo em agua: mas no meio de vós está quem vós não conheceis.

27. Esse é o que ha de vir depois de mim, que é mais do que eu: de quem não sou digno de desatar a correia dos sapatos.

28. Estas coisas passaram-se em Bethania da banda de além do Jordão, onde João estava baptizando.

COMMENTARIO APOLOGETICO

Existencia da Revelação

O Evangelho de hoje conta que os judeus enviaram mensageiros a João Baptista, perguntando-lhe quem era. Si era o Christo, Elias, ou qualquer outro Propheta.

O Precursor rejeitou todos os titulos e intitulou-se: *a voz do que clama no deserto, para preparar os caminhos do Senhor;* e elle termina fazendo, em nome de Deus, a grande revelação da presença de Jesus Christo entre elles: *Entre vós está quem vós não conheceis.*

Nós tambem devemos aproximar-nos de Deus, e pedir-lhe que se revele a nossa fé, pois sem esta revelação, nunca teremos uma idéa certa, clara, convicta de Deus, e de sua vida em nós.

Procuremos convencer-nos fortemente da necessidade da Revelação divina, examinando hoje:

1. A **existencia** da revelação
2. As **épocas** da revelação

São duas noções necessarias para excitar em nós este espirito de fé com que devemos receber e acatar as verdades reveladas.

I. A existencia da revelação

A revelação existe. E' um facto.

Temos toda a certeza de que Deus manifestou aos homens verdades que a simples razão não póde descobrir, ou póde apenas conhecer superficialmente.

Deus não era obrigado a retirar o homem da abjecção em que o havia mergulhado o pec-

cado original e a remediar as suas grandes miserias.

Mas, notemos que Deus é *Pae;* e um pae, vendo o seu filho no fundo da miseria, não póde deixar de extender-lhe a mão.

Quando a criança entra neste mundo, é já um ser racional, embora seja incapaz de orientar-se. Deus collocou a seu lado uma creatura, sua mãe, que se inclina sobre o berço, e o semblante illuminado pelo amor, lhe fala, instrue-a, sustenta-a.

E Deus, Pae tão amoroso, não se inclinaria sobre o berço da humanidade, onde se agita e chora a sua pobre filha, pedindo luz e amparo? Ah! isto não; é impossivel! Deus seria menos terno que os nossos paes da terra!

Eis porque Deus falou, nos revelou o que ignoramos e precisamos saber.

Deus destina o homem para um fim *sobrenatural;* é preciso pois que lhe dê luzes sobrenaturaes, e taes luzes devem brotar de seu proprio Coração e labios.

E como póde o homem conhecer que uma revelação é verdadeiramente divina?

Pelos caracteres *negativos* e *positivos* que acompanham sempre a palavra divina.

Os *negativos* referem-se á propria revelação, afastando o que seria opposto ás perfeições divinas, a uma revelação anterior, a preceitos positivos existentes, e á perfeição do homem.

Os *positivos* ás provas que acompanham as revelações, isto é: os milagres e as prophecias; dois phenomenos exteriores extraordinarios, luminosos que se impõem á convicção.

Os milagres e as prophecias não fazem comprehender o mysterio revelado, nem dão a razão do preceito positivo, mas fazem-nos acceitar como sendo de Deus.

São como o sello, o carimbo que Deus imprimisse sobre suas obras, ou as credenciaes com que Elle apresenta seus enviados; os milagres e as prophecias constituem o *signal divino* por excellencia.

II. As épocas da revelação

A revelação completa effectuou-se em três épocas.

A primeira foi feita a Adão, no berço da existencia humana, nas sombras do paraiso terrenal.

Continha esta revelação verdades naturaes, por exemplo: a existencia dos anjos bons e maus, e, depois da quéda, a visão do libertador promettido.

Continha tambem certos preceitos positivos, por exemplo: o modo de offerecer sacrificios.

Esta primeira revelação confirmada e cada vez mais determinada a Abrahão e aos demais Patriarchas, recebeu o nome de: Revelação primitiva ou patriarchal.

*
* *

A segunda revelação foi feita a Moysés, no monte Sinai e aos Prophetas, encarregados de a transmittirem aos Hebreus.

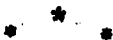
Esta segunda revelação relembrava e revigorava a lei natural, as revelações anteriores, e prescrevia muitos novos preceitos, tendo em vista preparar os espiritos para a vinda do Messias. E' a revelação Mosaica.

* * *

A terceira foi feita pelo proprio Jesus Christo, sendo dirigida á humanidade inteira.

Esta nova revelação que completa todas as revelações precedentes, com mais clareza e perfeição junta lhe um conjuncto completo de verdades, de preceitos e de auxilios sobrenaturaes, que dão á lei antiga a sua perfeição completa e definitiva.

E' a revelação christã ou *religião* christã.

* * *

Convém notar que estas três revelações, distinctas quanto ao tempo em que foram feitas, constituem uma unica e mesma revelação, ou *religião,* desenvolvida por Deus atravez dos tempos.

Todas estas revelações tem o mesmo autor: Deus; o mesmo fim: a fé sobrenatural; os mesmos meios sobrenaturaes: a graça sobrenatural; o mesmo fundamento: o Redemptor esperado e chegado; os mesmos preceitos: o decalogo; e os mesmos dogmas.

O que se constata é que os dogmas foram revelados progressivamente, manifestados pouco a pouco na medida das disposições dos espiritos; todos, porém, estavam contidos como em germen nas três revelações.

III. Conclusão

Pelo que precede comprehendemos os immensos beneficios que nos trouxe a revelação.

Antes de tudo, a revelação vem enxertar uma nova ordem de idéas sobre idéas existentes: a ordem sobrenatural veiu elevar e aperfeiçoar a ordem natural.

A ordem sobrenatural é uma mudança radical em nossas idéas e aspirações.

A razão, tocada pela graça, tornou-se *fé;*

O desejo natural de gozo tornou-se *esperança;*

A sympathia natural, mudou-se em *caridade.*

Em resumo: o homem da lei natural sahiu das mãos de Jesus Christo, enaltecido, transfigurado, aperfeiçoado, não fugindo mais de Deus. como os antigos judeus, mas apresentando-se deante delle com sentimentos de amor filial.

A lei do temor cedeu o logar á lei do amor.

O homem racional tornou-se o homem celestial, como o admiramos nos Santos, dizendo que são anjos numa carne mortal.

EXEMPLO

Inauguração de uma estatua

Devia ser inaugurada uma grande e bella estatua de um heroe da nação.

Lá estava a estatua, em pé, altiva, em cima de seu pedestal finamente esculpido...

Em baixo, lia-se o nome do heroe.

A estatua, porém, ficou velada por um panno grosso, que só deixava apparecer as linhas geraes, o tamanho do heroe, mas que encobria, por completo, a expressão de seus traços, seu gesto, a flamma de seu olhar, a sua fronte altiva.

Ha musica, ha discursos, ha foguetes e vivas.

Uns oradores, em phrases altisonantes retraçam a vida operosa e bemfazeja do heroe.

Outros, mostram a sua caridade, o seu coração generoso, os rasgos da sua dedicação.

Mas a estatua permanece velada.

Lê-se no olhar da multidão o desejo de contemplar o heroe, de admirar a sua fronte serena,

de penetrar, como pelos seus labios, até ao seu grande coração....

E os oradores falam, exaltam, suscitam nos ouvintes um fremito de enthusiasmo.

Emfim, é a hora de tirar o véu, de **revelar** o grande homem.

Os braços se extendem... as mãos se preparam... os olhos dardejam chammas, as boccas se abrem...

O véu cáe... A imagem apparece em toda a sua belleza. Os seus traços se revelam... emquanto mil mãos batem palmas e mil vozes lançam retumbantes vivas!

Cahiu o véu!

A estatua fica desvelada.

O heroe está revelado!...

Eis o que é a *Revelação divina.*

Lá estava Deus, grande, majestoso, mas velado... deixando apenas apparecer contornos de sua majestade, nas obras da sua mão, no universo.

Mas Elle vae ser revelado... vae cahir o véu.

Um canto do véu cahiu já no paraiso terrenal: E' a primeira revelação. Outro canto cahiu no Sinai: E' a segunda revelação.

Emfim, o véu cáe inteiro: e nos appareçe o Christo, Deus e Homem, falando ao mundo e revelando-lhe os mais intimos segredos da sua natureza e da sua vida.

E' a grande revelação. A revelação completa da religião.

A razão viu a estatua em seus traços geraes.

A revelação fez cahir o véu e Deus apparece, tão visivel, quanto póde ser visivel a olhos humanos a deslumbrante grandeza de Deus.

4º DOMINGO DO ADVENTO

EVANGELHO (Luc. III. 1—6)

1. No anno decimo quinto do imperio de Tiberio Cesar, sendo Poncio Pilatos governador da Judéa e Herodes tetrarcha da Galiléa e Philippe seu irmão tetrarcha da Ituréa e da provincia de Traconites, e Lysanias tetrarcha da Abilina.

2. Sendo principes dos sacerdotes Annás e Caïphás, o Senhor falou a João, filho de Zacharias, no deserto.

3. E elle foi por toda a terra do Jordão, prégando o baptismo de penitencia para remissão dos peccados.

4. Como está escripto no livro das palavras de Isaias propheta: Voz do que clama no deserto: Preparae o caminho do Senhor: endireitae as suas veredas.

5. Todo valle será cheio; e todo monte e collina será arrazado: e os maus caminhos tornar-se-ão direitos, e os escabrosos planos.

6. E todo o homem verá a salvação de Deus.

COMMENTARIO APOLOGETICO

O deposito da Revelação

O Evangelho de hoje é uma introducção majestosa ao grande acontecimento do nascimento de Jesus Christo.

A figura saliente deste bello quadro é João Baptista, *prégando o baptismo de penitencia como está escripto no livro das palavras do Propheta Isaias.*

Esta phrase nos mostra que o Precursor não prégava uma doutrina nova, pessoal, mas ia tirando do *Deposito* da revelação tudo o que ensinava.

Nós tambem temos este *Deposito*, o mesmo, porém, mais completo do que o de João Baptista.

Para elle havia a revelação divina, feita a nossos primeiros paes, a Moysés e aos Prophetas, emquanto além disto, nós temos as palavras de Jesus Christo e dos Apostolos.

Meditemos hoje sobre este assumpto, considerando a dupla fonte da Revelação, formando um unico Deposito, a saber:

1• A' Sagrada **Escriptura;**
2• A **Tradição** catholica.

Teremos, deste modo, uma idéa clara sobre o fundamento da religião e sobre a firmeza immutavel de seus principios.

I. A Sagrada Escriptura

As verdades reveladas e os preceitos impostos pela revelação estão contidos na Sagrada *Escriptura* e na *Tradição.*

A primeira parte da Sagrada Escriptura, a que chamamos: *Antigo Testamento,* contém as revelações feitas antes de Jesus Christo; emquanto o *Novo Testamento* contém as revelações feitas pelo proprio Jesus Christo e pelos Apostolos.

Temos a plena certeza da integridade e authenticidade da Sagrada Escriptura, *pela autoridade* infallivel da Egreja, que demonstraremos mais adeante.

Notemos bem que a Sagrada Escriptura é a palavra de Deus, escripta sob a inspiração do Espirito Santo, tendo Deus por autor, e transmittida como tal pela Egreja. (Conc. Trento: De fide II)

Sendo a Biblia a palavra de Deus, não é a approvação da Egreja que faz que seja a palavra de Deus. A Egreja infallivel, para evitar todo equivoco ou duvida da parte de seus filhos, declara que tal livro, e não um outro, é a Sagrada Escriptura, e portanto a palavra de Deus.

A Egreja proclama *um facto,* mas não é causa deste facto.

Sabemos e cremos, por exemplo, que o Evangelho contém a vida, actos e doutrina de Jesus Christo, mas qual entre os varios livros, que têm este nome, é o Evangelho authentico?

E' a autoridade infallivel da Egreja que nos dá a certeza. Sem esta autoridade, o Evangelho será sempre a palavra de Deus, mas ninguem saberá distinguir qual o Evangelho verdadeiro.

Nossos sentimentos para com a Sagrada Escriptura devem ser de respeito profundo, pois devemos o mesmo respeito á palavra de uma pessôa que á propria pessôa.

E' Deus que levou tal homem a escrever, instruindo-o do que devia escrever, suggerindo-lhe o fundo das verdades e o modo de dizel-as, conduzindo-o pela graça, de modo que não póde errar. Tudo o que escreveu tem por autor o proprio Deus, sendo, pois, a Sagrada Escriptura: a *palavra de Deus.*

II. A Tradição

A Tradição, rejeitada illogica e anti-biblicamente pelos protestantes, é tambem a palavra de Deus, porém, a sua palavra não escripta por ho-

mens inspirados, mas transmittida oralmente e escripta depois pelos catholicos dos primeiros seculos.

Não póde existir duvida a respeito da existencia da Tradição, pois é certo que tudo o que fez e disse o Salvador não foi escripto, como nol-o affirma S. João, no fim de seu Evangelho: *Muitas outras cousas ha que fez Jesus: as quaes, si se escrevessem, nem o mundo todo poderia conter os livros que seria preciso escrever.* (Jo. XXI. 25)

São estas cousas que Jesus disse e fez e que não foram escriptas, que chamamos *Tradição.*

S. Paulo escreve aos Thessalonicenses: *Permanecei firmes e guardae as tradições que apprendestes, ou por nossas palavras, ou nossa carta.* (2. Thess. II. 14)

Esta recommendação do Apostolo prova que elle não ensinára tudo por escripto, mas que prégou muitas cousas que não chegou a escrever.

Ora, comprehende-se que a palavra falada de uma pessôa tem tanto valor quanto a sua palavra escripta. E' a mesma palavra: o que differe é apenas o *meio de transmissão.*

Aqui de novo deve intervir a autoridade infallivel da Egreja, para declarar que tal Tradição em particular vem de J. Christo ou dos Apostolos.

Ao comparar estas duas vias de transmissão da palavra de Deus, póde-se dizer que a Tradição é a mais importante, porque sem ella quem nos certificaria da integridade e authenticidade dos Evangelhos e outros livros sagrados?

Quem nos indica com certeza o sentido de certas passagens obscuras na Biblia? A Tradição, recolhida pela Egreja.

Quem ensinou a religião de Christo antes de serem escriptos os Evangelhos? A Tradição.

O Salvador deu aos Apostolos a missão: *não de escrever* a sua palavra, mas de prégal-a a todas as nações. (Marc. XVI. 15)

III. Conclusão

Tal é o grande *Deposito* da Revelação: —a Sagrada Escriptura e a Tradição; sendo a primeira escripta por inspiração divina, e a segunda prégada pela mesma inspiração, conservada oralmente pelos primeiros fieis que a transmittiram de pae a filho, até que foi escripta por sua vez pelos escriptores da Egreja, que a recolheram, sem assistencia especial do Espirito Santo, mas por amor á verdade.

Este Deposito é guardado e apresentado pela autoridade infallivel da Egreja, sendo esta mesma autoridade que nos apresenta a Tradição, pela voz do Papa, dos Concilios ou escriptos dos Santos Padres, pelos Symbolos da fé, a liturgia, a disciplina da Egreja e os monumentos religiosos dos primeiros seculos.

Este *Deposito* sagrado devia, necessariamente, ser confiado a uma sociedade, cuja finalidade é conserval-o integro, interpretar e applicar estas Revelações, conforme a ordem recebida do divino Mestre: *Ide, ensinae todas as gentes a observar todas as cousas que vos mandei... e eis que estou comvosco todos os dias até á consummação dos seculos.* (Math. XXVIII. 19)

Sem este deposito a religião não teria continuidade de existencia, nem laço que a prendesse a Deus.

EXEMPLOS

1. Em plena agua doce

Pobres naufragos, recolhidos numa canôa, faziam signaes desesperados a um grande vapor americano que passava ao largo. Foram percebidos e soccorridos. Estavam morrendo de sêde, e com voz fraca diziam: Dae-nos de beber!... agua... agua!

Admirado, o Capitão perguntou-lhes si sabiam onde estavam.

— Não! não sabemos de nada!

Estão na embocadura do Amazonas... Estão morrendo de sêde, e não têm sinão de extender a mão para beber: estão em plena agua doce.

Assim acontece com muitos homens. Querem desalterar a sua sêde de religião e não sabem onde encontrar a agua doce da verdade... emquanto estão nadando no meio della, no seio da Egreja Catholica, que tem o deposito das verdades divinas na Sagr. Escriptura e nas Tradições.

2. O elephante e as tartarugas

O Snr. de Mohrenheim era catholico e embaixador da Russia schismatica perto da côrte heretica da Prussia.

Um dia atacaram a religião catholica em sua presença. O caso era delicado, pois tanto o paiz que representava como a côrte onde estava eram inimigos do Catholicismo.

O embaixador não desanimou, e não querendo magoar a ninguem, nem deixar insultar a sua fé, pediu licença para fazer uma simples observação, e disse:

A cosmogonia indiana representa o mundo

sob a fórma de um elephante, tendo as quatro patas em cima de enormes tartarugas.

Que é que sustenta as tartarugas? Os indios não o dizem.

O systema religioso delles está pois no ar, sem base: é falso.

O protestantismo como o Catholicismo apoia-se sobre os quatro Evangelhos... mas sobre que apoia-se a authenticidade destes Evangelhos? Não admittem nada além do Evangelho... Logo, o systema delles é tão falso e errado como o dos indios.

O Catholicismo apoia-se sobre os 4 Evangelhos, e estes Evangelhos são sustentados, declarados authenticos, pela *tradição* e a *autoridade*. Logo, é a unico systema religioso que tem uma base certa.

Ninguem replicou a esta demonstração; e até hoje as quatro tartarugas enormes do budhismo como do protestantismo continuam suspensas no ar, emquanto o Evangelho catholico está seguro e indefectivel sobre a *tradição* e a *autoridade*.

FESTA DE NATAL

EVANGELHO—(João, I. 1—14)

1. No principio era o Verbo, e o Verbo estava em Deus, e o Verbo era Deus.

2. Elle estava no principio em Deus.

3. Todas as coisas foram feitas por elle: e nada do que foi feito, foi feito sem elle.

4. Nelle estava a vida, e a vida era a luz dos homens.

5. E a luz resplandeceu nas trevas, e as trevas não a comprehenderam.

6. Houve um homem enviado por Deus, que se chamava João.

7. Este veiu por testemunha, para dar testemunho da luz, afim de que todos cressem por meio delle.

8. Elle não era a luz, mas era para dar testemunho da luz.

9. (O Verbo) *era a luz verdadeira, que illumina todo o homem que vem a este mundo.*

10. Estava no mundo, e o mundo foi feito por elle, e o mundo não o conheceu.

11. Veiu para o que era seu, e os seus não o receberam.

12. Mas a todos que o receberam, deu poder de se tornarem filhos de Deus, aos que crêem em seu nome.

13. Os quaes não nasceram do sangue nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus.

14. E o Verbo se fez carne e habitou entre nós: e nós vimos a sua gloria, gloria como de (Filho) *Unigenito do Pae, cheio de graça e de verdade.*

COMMENTARIO APOLOGETICO

O Deus Creador

O Evangelho da 3.ª Missa é o grandioso e sublime inicio do Evangelho de S. João.

Num vôo de aguia celeste, João penetra a eternidade, e ali contempla o *Verbo de Deus*, dizendo que por Elle tudo foi feito, e que é Elle o *Deus Creador* de tudo o que existe.

Depois desce num relance, da luz suprema da gloria, até ás trevas deste mundo, e inclinando-se sobre o presepio onde está deitada uma criancinha, o Evangelista exclama: *O Verbo se fez carne e habitou entre nós.*

Isto é: o Creador de tudo o que existe, está ali deitado, numa gruta, feito homem.

Contemplemos hoje este sublime assumpto, em continuação da existencia de Deus, que já provámos. Vejamos:

1.º Que Deus é o **Creador**
2.º E o **governador** de tudo.

I. Deus é o Creador

A palavra Creador, applicada a Deus, significa que Deus, por um effeito da sua omnipoten-

cia, *fez existir o que não existia:* o firmamento com seus astros luminosos, a terra com suas producções, numa palavra: o universo.

O artista faz uma estatua de um bloco de marmore, porém, nunca fará uma estatua de marmore, sem marmore.

O homem apenas modifica, arranja; sómente Deus póde crear.

O mundo não é eterno: isto salta aos olhos ao primeiro aspecto.

O que é eterno é necessariamente: *immutavel, necessario* e *independente.*

Ora, nenhum destes attributos convém ao mundo.

Vemos que o universo está numa mudança continua, pela *fórma* e pelas suas *qualidades,* emquanto a essencia do sêr eterno é de ser sempre o que é, sem se poder mudar, augmentar ou diminuir. O eterno é sempre o que é.

O universo não é *necessario,* pois um ser necessario não póde ser concebido como não existente.

Ora, concebemos perfeitamente a não existencia do universo, emquanto não se póde conceber a não existencia de um primeiro ser, principio e causa de tudo.

Logo, o universo teve um principio, foi creado.

Um ser necessario deve ser *independente,* isto é, deve possuir em si mesmo e por si mesmo tudo o que lhe é necessario, não recebendo nada de ninguem, nem precisando de ninguem, e continuando a existir, mesmo si fóra delle nada mais existisse.

Ora, o universo não tem esta independencia absoluta. Podemos conceber a idéa do seu anniquilamento.

Logo, não é necessario: foi creado.

E o Creador de tudo o que existe fóra delle, é Deus.

Si Deus é o Creador, Elle é tambem o Senhor de tudo o que existe, pois Deus devia, creando, propôr-se *um fim* digno de si:

Este fim é a sua propria gloria, como fim principal; e a felicidade dos sêres racionaes, como fim secundario.

II. O Deus Governador

Não sómente Deus creou, mas governa tudo; e este governo chama-se: a Providencia.

Que se diria de um artista que, tendo *creado* uma obra prima de pintura ou de esculptura, ficasse completamente indifferente para com ella, recusando occupar-se della, não tomando as precauções para que não fôsse destruida?

Que se diria de um roceiro, que comprasse um terreno fertil, e depois o abandonasse sem cultura?

Seriam ambos uns insensatos.

Deus é nosso Creador; nós somos a sua propriedade, o seu bem.

Sendo Deus *sapientissimo*, não póde desenteressar-se de nós, que somos a sua obra.

Na terra, muitos homens desejam occupar-se mais das cousas de que estão encarregados, porém não o podem por falta de tempo, de força, etc.

Para Deus tal obstaculo não existe.

Elle *vê tudo:* logo, está ao par de tudo.

Elle é infinitamente *bom:* logo, *quer* prover as nossas necessidades.

Elle é todo-poderoso: logo, *póde* valer-nos.

Todas as perfeições de Deus exigem que se occupe de nós, que não nos abandone, depois de

nos ter creado, mas *preveja* as nossas necessidades e *proveja* a tudo.

Prever e prover; é da união destas duas palavras que vem o bello nome de Providencia — *providere.*

Deus é ainda infinitamente *justo.*

Ora, a justiça exige que o bem seja recompensado e que o mal seja castigado: ultimo motivo porque Deus não deixa a humanidade correr sem amparo, mas se faz o seu Governador, excitador e Moderador, antes de ser o seu Juiz Supremo.

III. Conclusão

A Providencia de Deus é, pois, Deus conservando e governando o mundo por Elle creado, e conduzindo todos os seres ao fim que Elle, na sua sabedoria, predeterminou.

Não é propriamente um attributo divino, desde que implica a creação, mas é antes: o conjuncto dos attributos de Deus: sciencia, sabedoria, poder, bondade, justiça, applicados á regencia do universo.

Não objectem a existencia do mal neste mundo. Sim, o mal existe e deve existir.

Ha o *mal moral,* ou peccado. Deus não o quer, mas deve permittil-o, porque creou o homem livre, e o homem, a menos de deixar de ser livre, póde abusar desta liberdade e commetter o mal moral. Não póde ser imputado a Deus, mas unicamente a nós.

Ha o mal *physico.* É tambem inevitavel, porque Deus creou o homem mortal. Ora, todo ser mortal, tende á decomposição... gasta-se, estraga-se, debilita-se. Ora, tal debilitação, tal estrago causa, necessariamente, o soffrimento. É uma condição da nossa vida.

Ha *desigualdades* sociaes, e deve haver. Pois, como poderia haver ricos, si não houvesse pobres? Como poderia haver grandes, si não houvesse pequenos? Como poderia haver montanhas si não houvesse valles?

Deus deve permittir tudo isso; mas sabe tirar o bem do mal. São meios de expiação e de merecimento para conquistarmos a felicidade eterna.

EXEMPLOS

1. No leme

Num navio, no meio de horrivel tempestade, os passageiros lançavam brados de afflicção: só um menino de 12 annos permanecia calmo. Como todos ficassem admirados:

— Nada tenho a receiar, disse elle, é meu Pae que está no leme.

Porque temer? E' o bom Deus que tem nas mãos o leme deste mundo.

Confiemos-lhe tambem o leme da nossa alma, e Elle nos fará alcançar o céu!

2. Apologo de Tolstoï

Ouvem-se bastantes vezes murmurios contra a Providencia de Deus. Provêm geralmente da falta de reflexão, de não comprehendermos o que Deus nos outorgou, e de vermos apenas o que nos falta.

Tolstoï tem este expressivo apologo a respeito:

Um homem, descontente da sua sorte, queixava-se de Deus.

— Deus, disse elle, dá as riquezas aos outros

e a mim não dá nada! Como posso iniciar a minha vida, não tendo nada?

Um ancião ouviu estas queixas.

— E's tu tão pobre como pensas? respondeu. Deus não te deu saúde e força?

— Não digo que não, e ufano-me da minha saúde e força.

— Queres deixar cortar a tua mão direita por um conto de réis?

— Ah! isso nunca! Nem por dez contos!

— E a mão esquerda?

— Nem esta!

— E os pés?!

— Deus me livre! por dinheiro nenhum!

— Olha, ajuntou o ancião, que fortuna Deus te deu, e estás te queixando!

3. A lua

A torto e a direito, os homens reclamam contra a Providencia de Deus.

E' pena não terem estado presentes quando Deus creou as cousas! O verão é quente demais; o inverno tem um frio insupportavel... E' um capitulo que convém não começar, pois não acabariamos.

Lembro-me de ter lido outróra num jornal esta palavra espirituosa de um bebé de 3 annos de idade. O bebé estava com a mamãe, no jardim da casa, ao cahir da noite, para colher umas flores. A lua estava no quarto crescente! O bebé olhou espantado e disse á sua mãe: «Mamãe, olhe lá em cima! o bom Deus não teve tempo hoje de acabar a lua».

Nós somos homens, mas falamos ás vezes como bebés. Quantas luas encontramos que o bom Deus não teve o tempo de acabar!

DOMINGO DEPOIS DE NATAL

EVANGELHO—(Luc. II. 33—40)

33. *Naquelle tempo, havendo chegado o dia da purificação, foi Jesus levado por seus paes ao templo para ser apresentado. E seu pae e mãe estavam admirados das cousas que delle se diziam.*

34. *E Simeão os abençôou, e disse a Maria sua Mãe: Eis que este* (Menino) *está posto para ruina e para resurreição de muitos em Israel: e para ser alvo de contradicção.*

35. *E uma espada trespassará tua alma, afim de se descobrirem os pensamentos escondidos nos corações de muitos.*

36. *Havia tambem uma prophetiza,* (chamada) *Anna, filha de Phanuel, da tribu de Aser: estava em idade muito avançada, e tinha vivido sete annos com seu marido, desde a sua virgindade.*

37. *E* (tinha permanecido) *viuva até aos oitenta e quatro annos: e não se afastava do templo, servindo a Deus noite e dia com jejuns e orações.*

38. *Ella tambem, sobrevindo na mesma occasião, louvava o Senhor, falava do Menino a todos os que esperavam a Redempção de Israel.*

39. *E depois que cumpriram tudo, segundo*

o que mandava a lei do Senhor, voltaram para a Galiléa, para a sua cidade de Nazareth.

40. Entretanto, o Menino crescia e se fortificava cheio de sabedoria: e a graça de Deus era com elle.

COMMENTARIO APOLOGETICO

A alma do homem

O Evangelho nos apresenta a tocante scena do encontro do santo ancião Simeão e da Sagrada Familia, no Templo.

E' a primeira espada de dor que devia atravessar o coração da Virgem Santa.

Após ter predito o destino do Menino Deus, o velho Sacerdote dirige-se a Maria e lhe diz: *«a tua alma será trespassada por uma espada.»*

Pobre filha de Jerusalém, tão pura, tão bella, tão radiante da gloria ineffavel de vossa maternidade virginal; eis-vos no começo da via dolorosa, que só terminará na sepultura deste mesmo Jesus!

Limitemos as nossas considerações ao ponto apologetico aqui assignalado.

O Evangelho fala da *alma* de Maria.

Temos, pois, uma alma, creada á imagem de Deus, a qual vamos estudar aqui, vendo:

1• O que é a **alma.**
2• A **união** entre o corpo e a alma.

Esta dupla verdade nos vae fazer penetrar plenamente na grande obra da creação divina.

I. O que é a alma humana

A creatura mais perfeita do universo a quem Deus deu o sêr e a vida é o homem, porque só elle recebeu uma *intelligencia* capaz de conhecer o seu Creador, e um *coração* capaz de amal-o.

O homem, a mais perfeita das creaturas, é um *sêr racional* composto de corpo e alma. O corpo é a parte sensivel, visivel do homem. *A alma é uma substancia espiritual*, invisivel que dá ao corpo o movimento, a vida, o pensamento e o juizo.

Quando a alma se separa do corpo, este corpo fica inerte, sem pensamento, sem vida, e vae se decompondo: tal separação chama-se: a morte.

E' a união da alma e do corpo que constitue o homem, e faz delle um sêr intermediario entre os anjos, que são puros espiritos, e os animaes que são simplesmente materia.

A natureza do corpo e a da alma differem essencialmente no homem.

A natureza *do corpo* é de ser visivel, palpavel: pois é materia.

A natureza *da alma* é de ser invisivel, impalpavel: é espirito. Uma palavra exprime a natureza da alma: *espiritualidade.*

A espiritualidade exige, não sómente a ausencia de toda composição e de toda extensão, mas ainda a independencia de toda materia e a faculdade de poder agir, em certas circumstancias, sem o auxilio dos orgãos materiaes.

Assim a alma *pensa:* ella produz o pensamento sem o auxilio de qualquer ser material: o que prova que é distincta da materia.

A alma não habita o corpo como uma rainha habita o seu palacio; ella não está simplesmente

unida ou juxtaposta a nossos orgãcs, ella os anima e vivifica.

Sto. Thomaz em sua fórma philosophica diz que *a alma é a fórma substancial do corpo.*

Vendo um cadaver, tal definição torna-se luminosa. Desde que a alma se separa do corpo, este ultimo dissolve-se e torna-se um conjuncto de pó, de agua, de materia em dissolução, que não tem mais nome em lingua nenhuma: é um cadaver.

Não subsiste mais nenhuma apparencia humana porque o *laço vital*, que uniu todas as partes do corpo, foi rompido.

A alma cessou de informar o corpo, não lhe communicando mais o ser humano, a fórma humana.

II. A união entre o corpo e a alma

Mas examinemos um instante as principaes propriedades do corpo e da alma, para estabelecer a differença essencial que os separa.

A materia é necessariamente **extensa,** composta de partes que constituem o seu comprimento, a altura, a grossura.

A alma, sendo espirito, não é composta de partes: é *simples.* Por isso nunca se diz que um pensamento é comprido, grosso, alto.

A materia tem **uma fórma** determinada, podendo ser redonda, quadrada, azul, verde, etc.

A alma, ao contrario, não tem nem fórma, nem côr. E ninguem se lembrou ainda de dizer que o pensamento é redondo ou verde.

A materia é **divisivel,** podendo ser dividida em partes distinctas umas das outras.

A alma é indivisivel; por isso não se póde

tomar nem uma parte, nem a metade de um pensamento, nem da alma.

Os espiritos, ou a alma, por sua vez, possuem certas propriedades que a materia não póde possuir. São:

A espiritualidade, ou propredade de escapar aos sentidos e de ser independente da materia.

A intelligencia, ou propriedade de conhecer a verdade, de assimilal-a e de saber que a conhece.

A liberdade, ou propriedade de escolher entre varios objectos, de querer ou não querer.

A immortalidade, ou propriedade de não poder ser decomposta nem morrer.

III. Conclusão

Ha uma categoria de homens, chamados materialistas que negam a differença existente entre o corpo e a alma.

Para elles, a alma e o corpo são da mesma natureza, ambos vivem e morrem do mesmo modo.

Admittindo tal idéa, nega-se a responsabilidade moral, a vida futura... A conclusão pratica é que o homem está destinado para uma vida animal, sensual, egoista.

Em nossos dias, os materialistas intitulam-se, *positivistas,* admittindo só o que se vê, o que é positivo.

Para elles, o pensamento é inherente á substancia cerebral; o cerebro pensa como pulsa o coração. O pensamento não passa de uma secreção do cerebro, como o muco é uma secreção das mucosas.

Tal opinião é ridicula e se refuta pela simples reflexão sobre a nossa propria existencia.

Com 50 annos de idade, nós sentimos que somos bem a mesma pessôa que eramos com 5 annos.

Tudo se mudou em nosso exterior, mas o nosso **eu** intimo permanece o mesmo. Temos a lembrança do passado, a consciencia de nossos actos: Somos sempre *nós*, o que prova que ha em nós qualquer coisa, distincta do nosso corpo, que não está sujeita ás modificações do corpo, que não vem do corpo: E' a nossa *alma*.

EXEMPLOS

1. Santa Cecilia

Valeriano, esposo de Santa Cecilia, e seu irmão Tiburcio estavam encarcerados por causa da sua fé. Era no anno 160, sob a perseguição de Marco-Aurelio.

O official Maximo, encarregado de leval-os ao supplicio, abrindo a prisão, viu-os de joelhos, os olhos levantados ao céu, numa serenidade que se reflectia em todos os traços do semblante.

A sua mocidade, seu nascimento illustre, a sua innocencia, sua resignação commoveram o coração do soldado que começou a chorar.

— Por que choraes? perguntaram os encarcerados.

— Choro, porque vós, tão jovens, ricos e nobres ides morrer.

— Desenganae-vos, Maximo, nós somos christãos, e, deixando este mundo, os christãos passam para uma vida melhor, onde não ha mais morte.

—Ah! si as vossas palavras fôssem a verdade.

— Si prometterdes abraçar a religião christã, vereis a verdade com os vossos proprios olhos no momento da nossa morte.

Maximo o prometteu, e quando decapitaram os martyres, elle viu as almas delles, resplandecentes de gloria, levadas pelos anjos para o céu. A esta vista, declarou-se christão e recebeu pouco depois a corôa do martyrio.

2. Homem ou animal

Quando se morre, tudo está morto, diz a impiedade.

Sim, para os cães, os gatos, os burros; porém, tu és muito modesto si te metteres neste numero.

Tu és um homem e não um animal. É curioso que alguem te deva lembrar disto.

Tu tens uma alma, capaz de reflectir, de fazer o bem ou o mal, e esta alma é immortal: os animaes não têm alma racional.

O que faz o homem é a alma, isto é, o que pensa em nós, o que nos faz amar a verdade e amar o bem. E' o que nos distingue dos animaes.

Eis porque é uma injuria dizer a alguem: Tu és um animal, um burro, etc. E' recusar-lhe a sua primeira gloria: de ser homem.

Dizer pois: quando morrer tudo está morto, é negar a alma, é proclamar: Eu sou um bruto, um animal. E que animal?!

Valho menos que o meu cão, pois corre mais depressa, dorme melhor, enxerga mais longe, tem mais faro do que eu, etc. Valho menos que o meu gato, que enxerga de noite, que não tem que se incommodar com a sua roupa e calçado. Numa palavra, eu sou uma pobre besta, e o mais pobre dos animaes.

Si isso te agradar, dize-o, crê-o, si tens a coragem, porém permitta que eu seja um pouco mais ufano, e declare em alta voz que sou *homem*.

(Mgr. de Segur)

FESTA DA EPIPHANIA

EVANGELHO (Math. II, 1—12)

1. Tendo pois Jesus nascido em Belém de Judá, reinando o rei Herodes, eis que uns Magos chegaram do Oriente a Jerusalém,

2. dizendo: onde está o rei dos judeus, que é nascido? porque nós vimos a sua estrella no Oriente, e viemos adoral-o.

3. E, ouvindo isto o rei Herodes turbou-se e toda (a cidade de) *Jerusalém com elle.*

4. E convocando todos os principes dos sacerdotes e os Escribas do povo, perguntava-lhes onde havia de nascer o Christo.

5. E elles lhe disseram: Em Belém de Judá: porque assim foi escripto pelo propheta:

6. E tu Belém, terra de Judá, não és a minima entre as principaes (cidades) *de Judá: porque de ti sahirá o chefe que ha de commandar Israel, meu povo.*

7. Então Herodes, tendo chamado secretamente os Magos, inquiriu delles cuidadosamente em que tempo havia que lhes tinha apparecido a estrella.

8. E enviando-os a Belém, disse: Ide e informae-vos bem acêrca do menino e quando o encontrardes, communicae-me, afim de que tambem eu vá adoral-o.

9. E elles, tendo ouvido as palavras do rei, partiram: e eis que a estrella que tinham visto no Oriente ia adeante delles, até que chegando sobre (o logar) *onde estava o menino, parou.*

10. Vendo (novamente) *a estrella, ficaram possuidos de grandissima alegria.*

11. E entrando na casa, encontraram o menino com Maria, sua Mãe, e prostrando-se o adoraram: e abrindo os seus thesouros lhe offereceram presentes (de) *ouro, incenso e myrrha.*

12. E tendo recebido aviso em sonhos para não tornarem a Herodes, voltaram por outro caminho para o seu país.

COMMENTARIO APOLOGETICO

A immortalidade da alma

Jesus havia nascido em Belém, numa gruta abandonada, deitado numa magedoura de animaes.

Elle esconde a sua majestade e abaixa a sua grandeza, emquanto os anjos o acclamam e uma estrella resplandecente convida os Reis Magos a irem adorar este Rei recem-nascido.

Os Reis do Oriente, tendo encontrado este Rei mysterioso, cujo throno é uma mangedoura e cuja purpura são uns paninhos de pobres, prostram-se, adoram-n'o e lhe offeracem os seus presentes: ouro, incenso e myrrha.

O ouro exalta a realeza do Menino.

O incenso proclama a sua immortalidade.

A myrrha significa a sua humanidade.

Deus é o grande, o supremo *Immortal.*

Os homens participam desta prerogativa, pela

sua alma, creada á imagem e semelhança de Deus. Consideremos esta prerogativa de nossa alma, examinando:

1.º **A natureza** da immortalidade.
2.º **As provas** desta immortalidade.

Estas considerações nos farão comprehender melhor a grandeza do homem e a sublimidade de seu destino.

I. A natureza da immortalidade

Chama-se immortalidade da alma a prerogativa de que é dotada de não morrer.

Tudo o que é material está sujeito á lei da desaggregação ou decomposição.

A nossa alma, sendo simples, espiritual, sem nenhuma composição, não póde estar sujeita a esta lei; a sua espiritualidade conduz logicamente á idéa da sua permanencia depois da morte natural.

O que chamamos morte, não é o anniquilamento, é uma decomposição ou dissolução, palavras que indicam uma separação de partes.

A alma não tendo partes, não está pois sujeita á morte.

Cicero, apesar de pagão, tem a este respeito uma phrase sublime, nos Tusculanos, l. 1. 29.

«A alma, diz elle, é necessariamente uma substancia muito simples, sem mistura, sem composição, sem elementos diversos.

«Segue-se dahi que não se póde, nem dissolvel-a, nem dividil-a, nem rompel-a, nem quebral-a.

«E' pois immortal, porque a morte não é mais que a separação das partes que antes estavam ligadas».

Na propria natureza da alma, encontramos já uma prova da sua immortalidade.

Todos nós experimentamos o desejo de uma felicidade que não podemos alcançar aqui na terra.

Ora, Deus não póde infundir na alma desejos irrealizaveis, sinão seria uma opposição em sua propria obra.

E' preciso pois que na outra vida, na sobrevivencia possamos alcançar esta felicidade que não encontramos neste mundo.

O homem está em marcha para o infinito que prosegue sempre, mas que sempre lhe escapa.

Elle concebe, sente este infinito, tral-o dentro de si: dahi provém este instincto de immortalidade, esta esperança universal de uma outra vida, que exprimem todos os cultos, todas as poesias, todas as tradições.

Si assim não fôsse. a maior das creaturas seria a mais maltratada: seria até um monstro eterno, pois nunca chegaria á perfeição de seu estado e de suas aspirações.

II. Provas da sua immortalidade

A alma não podendo ser decomposta, pódia ser *anniquilada.* Isto, porém, não é concebivel.

Anniquilar e crear são dois actos iguaes.

Para anniquilar a alma, Deus deveria exercer um acto positivo da sua divindade.

Ora, na natureza inteira não encontramos um unico exemplo de anniquilamento.

Nada é anniquilado, mas simplesmente transformado.

O corpo do homem, o dos animaes, mesmo as plantas são simplesmente dissolvidos, transformados, mas não anniquilados.

Aliás a semelhante anniquilação se oppõem a sabedoria, a justiça e a veracidade divinas.

Deus, em sua sabedoria infinita fez a nossa alma immortal em sua natureza, pois tudo o que é espiritual é eterno. Elle fez esta alma á sua imagem e semelhança, sendo Elle o *Immortal.*

A alma, sendo superior ao corpo, deve ter um destino que seja superior a este.

Ora, o nosso corpo não será anniquilado: nem um de seus elementos voltará para o nada, mas será apenas separado dos outros elementos.

Ora, si a alma morresse, a sua sorte seria menos nobre que o de seu inferior, o que repugna á sabedoria de Deus.

* * *

Deus é infinitamente **justo,** e esta justiça exige que o mal seja punido e o bem recompensado.

Ora, a alma não encontra neste mundo a sancção do bem que faz, nem do mal que commette.

E' preciso pois que haja uma outra vida, onde triumphe a justiça divina... e esta outra vida exige a immortalidade da alma.

* * *

Deus é **verdadeiro,** e este Deus não sómente nos faz aspirar á immortalidade, mas nos obriga a crer nella. A resurreição da carne, a vida eterna, são dogmas sagrados da nossa fé.

Logo, tal immortalidade existe, claramente ensinada pelo proprio Deus.

III. Conclusão

As consequencias praticas da crença na immortalidade da alma são o que mais fortifica e estimula na vida.

Esta crença nos consola no meio dos soffrimentos da vida.

Ella é um estimulo constante na acquisição de meritos e de virtudes.

Ella conserva o homem numa nobre dignidade, inspirando-lhe o respeito a si mesmo.

Com este dogma da immortalidade, a infelicidade é consolada, a virtude excitada, o vicio reprimido, a providencia justificada, o homem e o mundo moral estão explicados.

Basta deste dogma para formar grandes homens, elevar as grandes virtudes, acceitar grandes sacrificios para Deus, para a religião e para a sociedade... emquanto que supprimir este dogma, seria supprimir toda a religião, toda virtude, todo dever!

Deus não morre, exclamava Garcia Moreno.

A alma tambem não morre, devemos ajuntar.

Ambos são immortaes, porque a segunda é feita á imagem do primeiro.

EXEMPLO

1. A lição do tic-tac

Um professor catholico de Belfort quiz dar a seus alumnos uma idéa da immortalidade da alma. Procurou um meio de tornar sensivel á intelligencia infantil esta verdade: que a morte do corpo não tira a vida da alma.

Tirou o seu relogio da algibeira e chamando os meninos, lhes disse: Escutem como o relogio faz tic-tac, e como elle está numa caixa de ouro.

Todos escutaram e admiraram o relogio. Então o professor tirou o mecanismo da caixa e

conservando cada uma das peças em mão differente, perguntou: Qual dos dois é o relogio.

— E' a parte que faz tic-tac, responderam estes.

— Pois bem, estão vendo que a caixa, separada do mechanismo, tornou-se muda, emquanto o relogio continúa a andar, embora separado de seu involucro, a caixa. Assim acontece comnosco.

A morte separa a alma do corpo; então o corpo torna-se mudo, a alma, porém, privada de seu involucro, o corpo, continúa a existir e a agir.

A comparação, sem duvida, é muito imperfeita, mas os meninos comprehenderam assim perfeitamente a verdade de tal modo provada.

2. O martyrio do Anamita

Nas ultimas perseguições que assolaram a christandade de Tokio, um joven christão, de 17 annos, chamado Moi, excitou a admiração dos proprios pagãos, pelo heroismo da sua constancia.

— Pisa este crucifixo e renega a tua religião, bradou-lhe o Juiz, e te darei 100$000.

— Excellencia, não basta.

— Pois bem, eu te darei 500$.

— Não basta ainda!

— O que?... pois bem, darei 1:000$000.

— E' barato demais, Excellencia!

O Juiz estupefacto pela calma do christão, perguntou-lhe nervoso: Mas então, quanto queres?

— Excellencia, si quereis que eu perca a minha alma, pisando o crucifixo e renegando a minha religião, dae-me bastante dinheiro para comprar uma outra alma immortal.

E o valente Anamita marchou para o supplicio, com o sorriso sôbre os labios, deixando juiz e algozes boqueabertos de tanta coragem.

E' que Anamita comprehendia o que é uma alma immortal.

1º DOM. DEPOIS DA EPIPHANIA

EVANGELHO (Luc. II. 42—52)

42. Naquelle tempo, quando Jesus chegou á idade de doze annos, subiram seus paes a Jerusalém, segundo o costume, no tempo da festividade.

43. E quando, acabados os dias festivos, voltaram para casa, ficou o menino Jesus em Jerusalém, sem que seus paes o soubessem.

44. E, pensando que viesse com os da comitiva, andaram caminho de um dia, procurando-o entre os parentes e conhecidos.

45. Mas, não o encontrando, voltaram para Jerusalém, á procura delle.

46. E aconteceu que, 3 dias depois, o acharam no templo, sentado no meio dos doutores, ouvindo-os e fazendo-lhes perguntas.

47. E todos os que o ouviam pasmavam da sua sabedoria e das suas respostas.

48. Quando, pois, o viram, admiraram-se. E disse-lhe sua mãe: Filho, por que fizeste assim comnosco? Eis que teu pae e eu te procuravamos cheios de afflicção.

49. Respondeu-lhes elle: Por que é que me procuraveis? Não sabieis que devo occupar-me nas cousas de meu Pae.

50. Mas elles não comprehenderam o que lhes dizia.

51. Então desceu com elles, e veiu para Nazareth; e lhes estava sujeito. E sua mãe conservava todas estas cousas no seu coração.

52. E Jesus crescia em sabedoria, idade e graça, deante de Deus e dos homens.

COMMENTARIO APOLOGETICO

A liberdade da alma

O Evangelho do domingo passado nos deu occasião de falar da immortalidade da alma; o de hoje vae mostrar-nos a *liberdade* desta alma.

A narração evangelica nos mostra a vida suave e escondida de Nazareth, deixando apenas entrever a vida submissa de Jesus.

Um raio de luz vem, entretanto, illuminar esta vida calma e mostrar-nos a liberdade com que Jesus agia: E' a sua ida a Jerusalém com Maria e José, o seu desapparecimento, o seu encontro no meio dos doutores, a sua veneração para com seus paes e, emfim, o seu crescimento em sabedoria, idade e graça, deante de Deus e dos homens.

Vimos Jesus agir, inspirado pela vontade de seu Pae, sem paixão que o perturbe, sem medo que o faça parar, seguindo em tudo a voz de seu Pae a qual lhe dictava a sua consciencia.

Nós tambem somos livres, temos deante de nós o bem e o mal: o primeiro para fazel-o; o segundo para fugir delle.

Tal liberdade é muitas vezes mal comprehendida, por isso vamos meditar hoje:

1.º **As provas** da liberdade da alma.
2.º **Em que consiste** tal liberdade.

São noções simples, mas que nos darão uma idéa clara das exigencias da liberdade e da necessidade de aproveital-a para a virtude.

I. Provas da liberdade.

Entende-se por liberdade ou *livre-arbitrio* a faculdade que o homem tem de fazer ou não fazer um acto, de escolher uma cousa em preferencia a outra.

Toda vontade que póde determinar-se em sua escolha, produzir um acto ou abster-se delle, *é livre.*

Existe a liberdade *physica* ou exterior, e a liberdade *moral* ou liceidade.

O homem é livre, *antes* de agir, pela escolha do acto que pretende fazer.

E' livre *emquanto age,* podendo continuar, interromper ou deixar o acto começado.

E' livre tambem *depois* de agir, conservando a consciencia de ter agido livremente; felicitando-se ou censurando-se do acto feito.

Os adversarios desta grande verdade chamam-se *fatalistas* e *deterministas.*

Os fatalistas attribuem tudo ao destino ou acaso.

Os deterministas pretendem que o homem se determine pelas leis da natureza em geral e as da sua natureza em particular.

* * *

Taes aberrações dissipam-se deante da dupla prova da liberdade humana, que é o nosso *sentimento* intimo, e a *conducta* do genero humano.

Nós sentimos perfeitamente que somos livres.

Sentimos em nós um desejo irresistivel da felicidade: este desejo é da natureza, e não é livre; mas sentindo o desejo de dar um passeio, de ler, de escrever, sentimos que podemos fazer isto ou não fazel-o, conforme a nossa vontade.

O genero humano, por sua vez, prova tal liberdade, pois todas as nações, mesmo as selvagens, são regidas por certas leis, e uma sancção é imposta aos transgressores destas leis.

Ora, si o homem não é livre de fazer e não fazer, para que impôr-lhe leis? para que recompensar a fidelidade á lei e castigar a transgressão?

Não se dão leis, nem se promette recompensa, nem se ameaça de castigar uma *machina*, pois esta faz necessariamente o serviço para o qual foi construida.

Os maiores criminosos sabem muito bem que são responsaveis porque eram livres.... e a qualquer um delles, si elle allegar, a colera, o odio ou outro vicio, podemos responder: Era preciso resistir, pois eras livre!

II. Em que consiste a liberdade

O homem, no estado actual, póde fazer o bem ou o mal. Digo que *póde*, isto é: tem a liberdade, porém, não tem o *direito* de fazer o mal, e tem o *dever* de fazer o bem.

Isto é tão claro que, quando faz o mal, elle sente em si o remorso, e quando faz o bem, experimenta uma satisfacção intima.

A essencia da liberdade consiste inteiramente na potencia activa de escolher entre duas cousas bôas, e não em escolher entre o bem e o mal.

O homem tem o poder de fazer o mal, mas não tem o *direito* de fazel-o.

Jesus Christo possue a plenitude da liberdade, mas não póde fazer o mal.

Maria Sma. gosava desta mesma plenitude, embora fôsse confirmada em graça e não pudesse fazer o mal.

Deus é soberamente livre em tudo o que faz, entretanto a sua perfeição infinita esbarra deante da impotencia absoluta de escolher o mal.

Temos pois a distinguir a *verdadeira* liberdade que se exerce na esphera da honestidade e do bem, suppondo sempre a *ordem e a lei,* em outros termos: é o direito de cumprir o seu dever.

A *falsa* liberdade é aquella que se exerce sob o imperio da paixões, na independencia e na desordem. — Póde-se definil-a: o pretenso poder de fazer o mal.

E' o estado actual em que nós, nos encontramos neste mundo: temos a triste liberdade de fazer o mal, mas não temos o *direito* de usar desta liberdade.

III. Conclusão

Temos, pois, deante de nós, o *bem* e o *mal;* isto quer dizer que ha acções boas e acções más.

Distinguimos estas acções por meio de uma voz interior que está em nós, e que chamamos *consciencia.* Tal voz está encarregada por Deus, de dizer-nos: isto é bem, isto é mal.

A's vezes as paixões e preconceitos falsificam a consciencia ao ponto que em um caso particular, ella tome o mal pelo bem, entretanto nunca podem fazer desapparecer a distincção essencial que separa as acções boas das más.

Podemos distinguir taes acções pela confor-

midade ou opposição de um acto com as leis de Deus: umas gravadas no fundo do nosso coração, que chamamos *lei natural*; e cuja voz é a consciencia; outras promulgadas exteriormente por Deus, e chamadas: *lei escripta*. E' o Decalogo ou dez mandamentos da lei de Deus.

EXEMPLOS

1. Uma palavra de Napoleão

Os *fatalistas* negam a liberdade ou *livre-arbitrio* do homem, sob pretexto de que o porvir está regulado com precisão, nas previsões divinas e que o que «está escripto escripto está».

Um dia falaram deante de Napoleão deste fatalismo dos Mussulmanos.

O Imperador respondeu: Os proprios turcos nem acreditam nisso, sinão como teriam medicos entre elles, ou pelo menos curandeiros?

Quanto aos que habitam no terceiro andar de uma casa, tendo de sahir, não se dariam ao trabalho de descer pela escadaria: lançar-se-iam logo pela janella abaixo: é mais curto, e si o que deve acontecer, acontece fatalmente, a janella não é mais perigosa do que a escada.

2. Um dissabor de Lombroso

O fatalista Lombroso, tornou-se conhecido pela sua theoria do *criminoso-nato*.

Conforme esta opinião, um criminoso está ferreteado para o crime desde o seu nascimento por particularidades physicas da sua natureza.

E Lombroso acreditava nisso, como até em nossos dias, ha gente que nisso acredita.

O pobre do Lombroso passou um dia por um dissabor apertado.

A opinião publica ficou indignada pelo crime de um assassino famoso.

Photographias de mãos humanas foram publicadas pelos jornaes, como sendo do criminoso.

Lombroso quiz estudar o caso, e demonstrou doctoralmente, pelo afastamento dos dedos, pela fórma das unhas e phalanges, por certas differenças entre as duas mãos, que o assassino estava predestinado ao crime, e não tinha liberdade de afastar este destino: havia de ser assassino.

Pouco depois foi demonstrado que taes photographias eram das mãos de um bom e honesto operario, estimado por todos...

Foi um applauso de gargalhadas em honra de Lombroso.

2º DOM. DEPOIS DA EPIPHANIA

EVANGELHO (Jo. II. 1—11)

---

1. Naquelle tempo, celebraram-se umas bodas em Caná da Galiléa: encontrava se lá a Mãe de Jesus.

2. E' foi tambem convidado Jesus com seus discipulos para as bodas.

3. E faltando o vinho, a Mãe de Jesus disse-lhe: Não têm vinho.

4. E Jesus disse-lhe: Deixe estar, Senhora, cuidarei disto, embora não tenha chegado ainda a minha hora.

5. Disse sua Mãe aos que serviam: Fazei tudo o que elle vos disser.

6. Ora, estavam alli seis talhas de pedras, preparadas para a purificação judaica, que levavam cada uma duas ou três medidas.

7. Disse-lhes Jesus: Enchei as talhas de agua. E encheram-nas até em cima.

8. Então, disse-lhes Jesus: Tirae agora, e levae ao architriclino. E elles levaram.

9. E o architriclino, logo que provou a agua convertida em vinho, como não sabia donde lhe viera (este vinho), ainda que o sabiam os serventes, porque tinham tirado a agua, o architriclino chamou o esposo,

10. e disse-lhe: Todo homem põe primeiro o bom vinho: e quando já (os convidados) *têm bebido bem, então lhes apresenta o inferior: tu ao contrario tiveste o bom vinho guardado até agora.*

11. Por este modo deu Jesus principio aos (seus) *milagres em Caná da Galiléa, e manifestou a sua gloria e os seus discipulos creram nelle.*

COMMENTARIO APOLOGETICO

O destino do homem

Lendo o Evangelho de hoje, ficamos encantados pelo desvelo da Sma. Virgem, a sua attenção carinhosa para com os recem-casados.

Tudo isso converge admiravelmente para a grande finalidade que Jesus tinha em vista: manifestar a sua gloria e robustecer a fé de seus discipulos, como diz o Evangelista na ultima phrase da narração.

Jesus deu inicio a seus milagres e manifestou a sua gloria.

Manifestar a gloria de Deus era, de facto, o resumo da vida de Jesus como deveria ser o resumo da nossa propria vida.

Jesus veiu neste mundo para glorificar o seu Pae; e nós estamos neste mundo para esta mesma glorificação.

Deus nos deu um *destino* conforme a nossa natureza, nossas faculdades e tendencias, o qual devemos proseguir durante a nossa vida inteira.

Meditemos hoje este bello assumpto, mostrando:

1º Qual é o nosso **destino.**
2º Como devemos **alcançal-o.**

Estas considerações completarão o que já vimos anteriormente da immortalidade e da liberdade da nossa alma.

I. Qual é o nosso destino

O destino do homem é a *glorificação de Deus* e a *possessão* do soberano bem, que é Deus.

O homem, pela sua alma immortal e livre, tende irresistivelmente a esta felicidade perfeita, e não encontra pleno repouso sinão depois de tel-a encontrado, diz Santo Agostinho.

Notemos bem que o homem não foi creado para um fim *natural*. Si o fôsse, elle deveria encontrar no cumprimento dos preceitos da lei natural uma *beatitude* natural.

Ora, tal beatitude não existe, porque o homem foi elevado por Deus á ordem sobrenatural.

É pois unicamente nesta ordem sobrenatural que está o seu destino e a sua felicidade.

A vida presente póde offerecer ao homem satisfacções que agradam ao corpo, como saúde, força, honras e fortuna; póde até dar um certo contentamento á sua alma pela sciencia e pela virtude; póde apresentar a seu coração as affeições da amizade e da gratidão, porém nenhum destes bens passageiros póde sacial-o completamente.

Sómente Deus póde plenamente satisfazel-o, porque só Elle possue tudo o que corresponde ás aspirações do homem.

Estas aspirações são: *conhecer, amar e servir a Deus* neste mundo, e possuil-o no outro.

Conhecer a Deus é applicar a nossa intelligencia a estudar as suas obras e perfeições.

Amar a Deus é dar-lhe o primeiro logar em nosso coração, e não admittir nenhuma affeição reprovada por Elle.

Servir a Deus é obedecer a seus mandamentos com promptidão e constancia.

Tal é o fim do homem; é para conseguir este fim que Deus lhe deu o nobre destino sobrenatural de possuil-o um dia na gloria do céu.

II. Como devemos alcançal-o

Para realizar este destino o homem não póde ficar entregue a si mesmo; elle precisa de uma orientação: tal orientação está claramente indicada pela *lei de Deus.*

Do mesmo modo que Deus não podia crear o homem sem dar-lhe um destino de accordo com a sua natureza, assim o seu poder creador devia orientar o homem pelas *leis,* cujo cumprimento devia recompensar e cuja violação devia castigar.

Deus, como creador, tem este *direito,* e o homem, como creatura, tem o *dever* de seguir estas leis.

A ordem da divina sabedoria, diz Santo Thomaz, dirige tudo para um fim conveniente por meio de leis.

E quando Deus nos deu estas leis?

A primeira lei foi dada no momento da creação, e chama-se *lei natural,* fazendo por assim dizer, parte da natureza do ser racional.

E' chamada lei natural em opposição á lei sobrenatural ou revelada, de que já tratámos precedentemente.

A lei natural refere-se a *Deus,* ao *proximo* e a *si mesmo.*

Para com Deus nos ensina o dever da ado-

ração, do respeito, da submissão e dependencia absoluta.

Para com o proximo nos impõe o dever de tratal-o, como queremos ser tratados por elle.

Para comnosco, obriga a conservar a nossa vida e a nossa dignidade.

O homem conhece estas leis pela *consciencia* e pela *razão*.

Ha no homem um duplo instincto: um instincto physico que lhe faz conhecer o que é agradavel ou desagradavel aos sentidos; e um instincto moral, que lhe faz experimentar alegria ou tristeza. E' este instincto moral que chamamos: *consciencia*.

O que a consciencia nos faz *perceber*, a razão nol-o *mostra* com clareza.

A razão nos mostra a obrigação de seguir a consciencia, sob pena de sermos castigados por Deus.

III. Conclusão

A conclusão a tirar destas considerações é a necessidade de deixar-nos guiar pela nossa consciencia, no caminho do bem, para evitar os dois excessos: o escrupulo que estreita exaggeradamente o caminho do céu e o relaxamento que o alarga além da medida, arrastando pouco a pouco ao peccado formal.

A nossa alma immortal tem um destino certo e imperioso: Deus lhe deu três faculdades essenciaes que devem convergir para Elle:

a intelligencia, que deve conhecel-o,
o coração, que deve amal-o,
a vontade, que deve servil-o.

Estas faculdades para não deslizarem no erro

e no vicio devem seguir a lei marcada por Deus, lei que se manifesta pela consciencia e pela razão, quanto á parte natural, e pela submissão a Deus, quanto á parte sobrenatural.

Assim fazendo, conseguiremos o nosso eterno destino, que é glorificar a Deus e salvar a nossa alma.

EXEMPLOS

1. Os diversos reinos

Num exame escolar, um professor perguntou aos alumnos a que reino pertencia a pedra!

— Ao reino mineral, foi a resposta.

— E as plantas?

— Ao reino vegetal.

— E os animaes?

— Ao reino animal.

— E o homem?

Silencio completo. Os alumnos entreolharam-se... De repente um pequenito levantou-se e respondeu: — Ao reino de Deus.

Não podia ser mais exacto.

2. Salvar a alma

Um Soberano pediu ao Santo Padre Bento XII uma decisão contra a sua consciencia.

O Pontifice respondeu:

— Sim, si tivesse duas almas, eu podia sacrificar uma para servil-o; mas como tenho sómente uma, não posso perdel-a para lhe agradar.

3. Representação da alma

E' difficil representar uma cousa invisivel... Os primeiros christãos procuraram fazel-o entretanto.

Para figurar a *presença* da alma no corpo, representavam um *passaro numa gaiola*. A gaiola era o corpo; o passaro era a alma; no dia da morte o passaro escapa da gaiola.

Geralmente este passaro era uma pomba: symbolo da pureza que a alma deve conservar, depois de tel-a adquirido pelo Baptismo.

Outras vezes, a alma era figurada por um cavallo em plena carreira, para conquistar o *premio* destinado ao vencedor.

O premio destinado á alma christã é o Céu!

3º DOM. depois da EPIPHANIA

EVANGELHO (Math. VIII. 1—13)

1. Naquelle tempo, tendo Jesus descido do monte, uma grande multidão o seguiu.

2. E eis que approximando-se delle um leproso o adorava, dizendo: Senhor, si tu queres, pódes curar-me.

3. E Jesus, extendendo a mão, tocou-o, dizendo: Quero, sê curado. E logo ficou curado da sua lepra.

4. E Jesus disse-lhe: Vê, não o digas a ninguem: Mas vae, mostra-te ao sacerdote, e faze a offerta que Moysés ordenou, para lhes servir de testemunho.

5. E entrando em Capharnaum, approximou-se delle um centurião, fazendo-lhe uma supplica.

6. E dizendo: Senhor, o meu servo jaz em casa paralytico e soffre cruelmente.

7. E Jesus lhe disse: Eu irei e o curarei.

8. Mas o centurião, respondendo, disse: Senhor, eu não sou digno que entres em minha casa: dize, porém, uma só palavra, e o meu servo será curado.

9. Porque tambem eu sou homem sujeito a outro, tendo soldados ás minhas ordens, e digo

a um: Vae, e elle vae; e a outro: Vem, e elle vem e ao meu servo: Faze isto, e elle o faz.

10. E Jesus, ouvindo (estas palavras) *admirou-se, e disse para os que o seguiam: Em verdade, vos digo, não achei fé tão grande em Israel.*

11. Digo-vos, porém, que virão muitos do Oriente e do Occidente, e que se sentarão com Abrahão e Isaac e Jacob no reino dos céus.

12. Mas os filhos do reino serão lançados nas trevas exteriores: ali haverá choro e ranger de dentes.

13. Então disse Jesus ao centurião: Vae, e seja-te feito conforme creste. E naquella mesma hora ficou curado o servo.

COMMENTARIO APOLOGETICO

O Deus conservador

Meditemos a bella pagina evangelica de hoje. Um sopro de suave confiança perpassa a scena exposta, e nos convida ver em Deus, não sómente o Creador, o Senhor Soberano, mas o Pae querido, que sustenta e dirige tudo.

Jesus exalta a fé do centurião e a confiança illimitada que tem em seu poder.

Esta confiança é o producto immediato desta fé admiravel que sabe ver em tudo a acção ou o dedo de Deus, acção que se chama: a Providencia.

De facto, Deus não póde abandonar a sua creatura, Elle tem que conserval-a, oriental-a, atravez das mil peripecias da existencia, donde vem o Dogma consolador da Providencia, ou *Deus conservador.*

Para excitar em nós esta mesma confiança do centurião, vejamos hoje:

1.º **As provas** da Providencia divina.

2.º **As consequencias** desta Providencia.

Estas duas verdades bem comprehendidas nos estimularão a acceitar com calma e resignação tudo o que Deus ordenar ou permittir a nosso respeito.

I. Provas da Providencia divina

Deus *conservador*, ou *Providencia* divina são dois termos que têm a mesma significação.

A palavra «conservador», applicada a Deus significa que Deus, depois de ter dado o *sêr* ás suas creaturas, toma cuidado dellas com um desvelo paternal, e as conduz ao fim para o qual as creou.

Conservar, é continuar a existencia, fazer perdurar o que existe.

Sem esta conservação a creatura não poderia subsistir e voltaria ao nada, como a pedra lançada no ar por uma força que não se sustenta, volta necessariamente para a terra.

As creaturas a respeito de Deus, são o que é a luz a respeito do sol, o rio, a respeito da nascente!... Si Deus cessasse de *conservar* o mundo, este deixaria de existir, de modo que a conservação do mundo é uma creação continuada.

Esta conservação tem um duplo objecto: os sêres *materiaes* e os sêres *racionaes*. Aos primeiros Deus dá leis physicas; aos segundos dá leis moraes; aos primeiros Elle imprime a *necessidade*, aos segundos impõe a *obrigação*.

*
* *

A existencia da providencia de Deus, sendo uma consequencia immediata da propria existencia de Deus, prova-se: pela *razão* e pela *crença* universal.

A razão nos diz que Deus é infinitamente bom, e poderoso.

Ora, si Deus depois de ter creado os homens os abandonasse, não os guiando, nem sustentando, Elle deixaria de ser bom, si não o quizesse fazer; e deixaria de ser poderoso, si não o pudesse fazer.

Logo, a Providencia divina deve dirigir tudo o que ha neste mundo, e de modo especial a sua creatura predilecta: o homem.

Tal tem sido e sempre será a crença de todos os povos, que acreditam que Deus dirige todas as creaturas: eis porque todos os povos recorrem a Elle em suas afflicções, e lhe agradecem os beneficios recebidos.

Ora, toda crença *universal,* independente de climas, costumes e educação, vem de Deus.

II. As consequencias desta Providencia

As consequencias se medem pela extensão da Providencia divina.

Ora, ella se extende sobre *todos os acontecimentos* do mundo, *organizando tudo com numero, peso e medida* (Sap. VIII. 1) e sobre *todas as creaturas*, grandes e pequenas, tomando conta de cada uma em particular, como se fôsse o unico objecto da sua solicitude.

Notemos bem que esta providencia de Deus não tira a liberdade do homem: elle fica o que

é pela sua natureza, *completamente livre em sua vontade.*

Deus lhe faz comprehender o que é o bem e o mal: attrae-o ao bem pelas *promessas*, e o afasta do mal pelas *ameaças*, mas não o fórça.

Deus, tão pouco, é a causa do mal que prevê, que poderia impedir e que, no entanto, deixa fazer-se.

Si Elle impedisse o mal e obrigasse a fazer o bem, o homem deixaria de ser homem, pois não teria mais liberdade: seria uma machina automatica, não seria mais um ser racional.

Deus permitte pois o peccado para não retirar a liberdade do homem. Elle respeita esta liberdade para dar ao homem occasião de merecer; e exige este merito para augmentar a felicidade do homem.

Ha pessôas que se queixam da Providencia divina, apontando as desgraças que esmagam a humanidade, as injustiças, o peccado, etc.

São queixas injustas, pois nunca devemos perder de vista que a vida presente é uma vida de *expiação*, resultado do peccado, de *provações* e de *meritos*. A provação fortifica a virtude, o merito é a semente da gloria.

III. Conclusão

A importancia da fé na Providencia divina é de grande alcance em nossa vida.

A convicção solida de que tudo depende de Deus, que nada acontece sem a sua ordem e permissão é um factor preponderante da actividade espiritual.

a) Preserva de toda *solicitude* inquieta e exaggerada para o futuro, como para o presente;

b) Preserva do *desanimo* nos emprehendimentos;

c) Preserva da *impaciencia* nas contrariedades;

d) Preserva da *presumpção* nas obras da salvação.

O pensamento da Providencia paternal de Deus inspira *confiança* nas lutas, dá resignação nas provações, força na acção, paz ao espirito e consolação nas tristezas.

E' a contemplação desta doce Providencia que dictou a Santa Therezinha as bellas e tocantes paginas do caminho da santa infancia... cuja pratica fez della uma das mais fulgurantes santas dos tempos modernos.

EXEMPLOS

1. Os três Hebreus na fornalha

Inchado de orgulho por causa de suas grandes victorias, o rei Nabuchodonosor fez se erigisse uma estatua de ouro e mandou que todos os seus subditos a adorassem.

Invejosos dos companheiros de Daniel, os grandes da corte accusaram Ananias, Misael e Azarias de desprezarem a ordem do rei, e os três jovens Hebreus foram lançados numa fornalha ardente.

Um anjo do Senhor desceu sobre elles, afastou as labaredas e os preservou de todo o perigo, de sorte que andavam no meio das chammas, cantando e louvando a Deus.

Nabuchodonosor quiz ser testemunho do prodigio: veiu perto da fornalha e viu com os três Hebreus uma quarta personagem de aspecto majestoso que os conduzia no meio das chammas.

Tendo-os feito retirar do fogo, o rei averiguou que nem um cabello de suas cabeças havia sido queimado e que as suas vestimentas não tinham a minima queimadura.

O rei publicou então um edito, em que prohibiu sob pena de morte, blasphemar o nome de Deus, e elevou os jovens Israelitas ás mais altas dignidades.

No meio dos maiores perigos, lembremo-nos de que ha uma Providencia divina que vela sobre nós.

2. São Paulo, o eremita

São Paulo vivia no deserto, e havia 60 annos que diariamente um corvo lhe trazia meio pão para a sua refeição.

Santo Antonio tendo vindo visital-o, os dois santos passaram o dia em conversar sobre as cousas de Deus, quando appareceu o corvo, trazendo neste dia um pão inteiro.

Oh! como Deus é bom, exclamou São Paulo; Elle duplicou hoje a ração acostumada, para podermos louval-o mais tempo e com maior fervor!

A Providencia divina cuidava até da refeição dos dois santos solitarios.

3. O funil ás avessas

Muitas vezes nós somos os causadores dos nossos soffrimentos, e attribuimos tudo a Deus.

Um dia vi um homem querendo encher uma garrafa com vinho: serviu-se de um funil. Inexperiente, e nunca tendo visto um tal instrumento de transfusão, collocou o funil ás avessas, applicando a grande abertura sobre o collo da

garrafa e derramando o liquido no orificio pequeno.

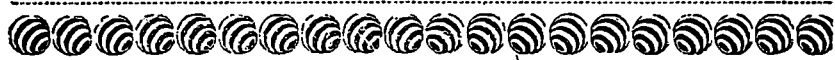
Naturalmente o vinho espalhou-se em redor da garrafa, e nada penetrava nella.

Então o homem encolerizou-se, xingando funil e funileiros.

O funil, entretanto estava bem feito: bastava saber usal-o.

Deus organizou bem este mundo e o dirige por meio de seus mandamentos; porém os homens não se servem das cousas de Deus, como Elle indica, nem cumprem os seus mandamentos. E acham que tudo vae mal... e attribuem o mal a Deus.

De quem a falta?

Não sabem servir-se do funil...

4° DOM. depois da EPIPHANIA

EVANGELHO (Math. VIII. 23—27)

23. Naquelle tempo, subiu Jesus a uma barca, acompanhado dos seus discipulos.

24. E eis que se levantou no mar tão grande tempestade, que a barca ficou coberta pelas vagas; e, no entanto, Jesus dormia.

25. Então, chegaram-se a elle os seus discipulos, e accordaram-no, dizendo: Salvae-nos, Senhor, que perecemos!

26. Respondeu-lhes Jesus: Porque temeis, homens de pouca fé? E, erguendo-se, mandou aos ventos e ao mar, e seguiu-se logo uma grande bonança.

27. Os homens, porém, se admiravam, dizendo: Quem é este, que até o vento e o mar lhe obedecem?

COMMENTARIO APOLOGETICO

O Deus remunerador

Já vimos que ha um Deus Creador e Conservador... Estas duas noções importantes completam-se pela noção de Deus *remunerador*.

Esta palavra significa que Deus recompensa ou castiga a sua creatura racional, — o homem, conforme obedece ou desobedece ás leis que lhe são traçadas pelo Creador.

O Evangelho de hoje nos mostra os Apostolos em luta contra a furia do mar, emquanto Jesus dormia socegado no fundo da barca.

Em seu terror approximam-se de Jesus, clamam e pedem soccorro; e na hora mesma, Jesus recompensa a sua confiança e põe um freio ás ondas em revolta.

Estudemos hoje este assumpto importante, examinando com amor estes dois pontos importantes que dizem respeito á remuneração.

1• **Em que consiste** a remuneração divina.
2• **As provas** desta remuneração.

O homem sendo attrahido ao bem pela esperança de uma recompensa, e afastado do mal, pelo temor, estas considerações nos estimularão no cumprimento do nosso dever.

I. A remuneração ou sancção

Existe uma lei divina: é certo.

Ora, toda lei deve ter uma sancção.

Logo, Deus não póde tratar do mesmo modo os que cumprem esta lei e aquelles que a desprezam, e deve necessariamente, em virtude da sua justiça recompensar os bons e castigar os maus.

Esta sancção é imperfeita e perfeita.

Ella é imperfeita neste mundo para os *individuos,* porém ella é perfeita para as *nações*. A razão é que os homens têm um destino eterno, e podem receber na outra vida uma sancção perfeita: o céu para os bons, o inferno para os maus.

As nações tendo apenas uma existencia terrestre, recebem aqui na terra, a recompensa ou o castigo de seus actos.

Na terra Deus applica a sancção imperfeita:

— *Pela voz da consciencia,* que approva ou condemna, que é alegre ou cheia de remorsos, conforme os nossos actos.

Fazendo um acto bom, sentimos uma approvação interior deste acto, uma consolação que sustenta e anima; ao passo que, fazendo o mal, sentimos uma especie de mordedura no coração, um desgosto intimo: é o remorso. Nem os applausos do publico, nem a fortuna, nem as honras são capazes de impôr silencio a este testemunho inexhoravel.

O homem mau, embora rico e honrado pelo mundo, ouve no meio dos prazeres, sorrisos e adulações, uma voz estridente que lhe brada: — tu és um miseravel! tu não mereces estas honras!

II. As provas desta remuneração

A remuneração ou sancção imperfeita é visivel, palpavel. Basta observar os factos; porém lá não se limita a sancção divina: ha uma outra perfeita na outra vida.

De facto a sancção temporal falta muitas vezes, e deve faltar. porque, si os justos fôssem sempre recompensados neste mundo, e os maus sempre castigados, os homens serviriam a Deus por *interesse* temporal, por medo, por egoismo, e não por amor, e deste modo, a *ordem moral,* fundada sobre a obediencia livre, seria completamente destruida.

E' preciso pois que haja uma sancção perfeita na outra vida, que consiste numa recompensa eterna ou num castigo sem fim.

Tal sancção eterna nos é revelada pela fé, e não pela simples razão. Podemos entretanto, mostral-a por motivo da razão:

a) Corresponde ás aspirações da nossa natureza;

b) E' admittida por todos os povos.

A nossa natureza aspira de toda a sua força a uma felicidade integral, sem fim.

Ora, não encontramos aqui na terra uma tal felicidade.

Logo, deve existir na outra vida.

E' duro, sem duvida, o pensamento de um castigo eterno, para as faltas commettidas neste mundo, e não expiadas, porém basta lembrar-nos:

a) de que o homem morto num estado de rebellião voluntaria contra Deus, fica *fixado* definitivamente neste estado, de modo que não póde mais ser objecto de qualquer recompensa.

b) de que si o castigo do crime não fôsse eterno, a sancção imposta por Deus seria impotente para fazer evitar o mal, e a sua justiça poderia ser insultada impunemente pelo peccador, que poderia dizer-lhe: Tu serás obrigado a perdoar-me um dia, ou a aniquillar-me, e num ou noutro caso, escaparei aos teus rigores.

III. Conclusão

Os homens admittem facilmente a *eternidade* de felicidade, mas repugna-lhes a eternidade de *supplicios.*

A segunda entretanto, é a consequencia necessaria da primeira. Si Deus é justo e bom, Elle deve recompensar a virtude... e quem recompensa a virtude deve necessariamente castigar o mal, pois é a destruição da virtude.

Para todo peccado ha misericordia, neste mundo; não porém no outro. A razão é simples.

Neste mundo o homem póde converter-se porque passado o instante do peccado, resta-lhe outro instante em que póde arrepender-se.

A eternidade é um ponto immutavel; não é uma successão sem fim de seculos, annos e minutos, mas sim um *presente* eterno, sem futuro e sem outro passado sinão o da terra.

Uma vez entrado neste *presente eterno*, não ha mais mudança possivel: qual se entra, tal se fica.

O justo entra e fica justo: recebe a recompensa. O mau entra e fica mau: logo o castigo abate-se sobre elle, emquanto fôr mau: e não podendo mais mudar, fica mau eternamente e merece como tal um castigo eterno.

EXEMPLOS

1. No tribunal revolucionario

Um sacerdote compareceu perante o tribunal revolucionario de Lyão.

—Crês tu no inferno? perguntou o Juiz atheu.

—Oh! como poderia duvidar do inferno, respondeu o Padre, vendo o que se passa aqui na terra!? Si tivesse sido incredulo neste momento me tornaria crente.

Nada, de facto, prova melhor a existencia de uma sancção futura, do que a impunidade de que gozam os maus neste mundo.

Inutil será dizer que o corajoso sacerdote foi logo condemnado á morte.

2. Uma palavra do Padre Grange

Alguem disse deante do Padre, grande Apologista popular:

— Não creio no inferno: ninguem voltou de lá para dizer-nos o que ha no além.

— Cuidado, respondeu o Padre, isto prova que quem entra no inferno não sáe mais.

3. Miguel Angelo

Quando Miguel Angelo pintava o celebre quadro do Juizo final, na Capella Sistina do Vaticano, um Camareiro do Papa criticou um dia a obra do mestre. Este, para vingar-se, pintou o camareiro, tendo orelhas de burro, no meio dos reprobos, enroscado nas dobras de uma serpente.

O camareiro foi queixar-se ao Papa, pedindolhe que mandasse apagar este retrato.

O Papa perguntou-lhe sorrindo: Onde é que te collocaram?

— No inferno, no meio dos reprobos, S. Padre.

— Oh, então, retrucou maliciosamente o Pontifice, é impossivel; si te tivessem mettido no purgatorio, eu poderia ajudar-te, no inferno porém, é impossivel. Sabes muito bem: quem lá entra, ahi fica!

DOMINGO DA SEPTUAGESIMA

EVANGELHO (Math. XX. 1—16)

1. Naquelle tempo, disse Jesus esta parabola aos seus discipulos: O reino dos céus é semelhante a um pae de familia que, ao romper do dia, sahiu a contractar trabalhadores para a sua vinha.

2. E feito com elle o ajuste de um dinheiro por dia, mandou-os para a sua vinha.

3. E sahindo á hora terceira, viu outros, que estavam na praça ociosos.

4. E disse-lhes: Ide vós tambem para a minha vinha, e vos darei o que fôr justo.

5. E elles foram. Sahiu novamente perto da sexta e da nona hora, e fez o mesmo.

6. E quasi á undecima hora sahiu ainda, e achou outros mais que lá estavam, e lhes disse: Por que estaes vós aqui todo o dia sem fazer nada?

7. Responderam-lhe: É que ninguem nos assalariou. Disse-lhes elle: Ide vós tambem para a minha vinha.

8. No fim da tarde, porém, disse o senhor da vinha ao seu feitor: Vae chamar os operarios e paga-lhes o salario a começar dos ultimos até aos primeiros.

9. Approximando-se, pois, os que tinham vindo quasi á undecima hora, recebeu cada qual um dinheiro.

10. E, chegando os que haviam sido os primeiros, calculavam que haviam de receber mais; mas não receberam sinão um dinheiro cada qual.

11. E, recebendo-o, murmuravam contra o pae de familia, dizendo:

12. Estes ultimos não trabalharam sinão uma hora, e os igualaste a nós que supportamos o peso do dia e o calor.

13. Elle, porém, dirigindo-se a um da turma, disse: Amigo, não te faço injustiça alguma; porventura não concordaste commigo em um dinheiro?

14. Toma, pois, o que te pertence e vae-te; que eu por minha parte quero dar tambem a este ultimo tanto quanto a ti.

15. Ou não me é licito fazer o que é da minha vontade? Acaso o teu olhar é mau, porque eu sou bom?

16. Assim é que os ultimos serão os primeiros, e os primeiros serão os ultimos; porque muitos são os chamados e poucos os escolhidos.

COMMENTARIO APOLOGETICO

A religião

O Evangelho narra a parabola dos trabalhadores.

Um pae de familia sáe, em horas differentes a contractar trabalhadores para a sua vinha.

Sáe ao romper do dia, ás 9, ás 10 a 1 e 3 horas da tarde, e cada vez manda uns operarios para a sua vinha.

Este Pae de familia é Deus; nós somos estes trabalhadores contractados por Elle.

Deus é o grande proprietario deste mundo; e todos nós devemos trabalhar para Elle, uns mais, outros menos tempo, conforme o numero de annos que a sua bondade nos concede.

Elle quer pagar generosamente a todos, porém, não paga o numero de annos de trabalho, mas a intensidade e a boa intenção dos trabalhadores.

Entre este pae de familia e seus operarios existem relações de justiça e de caridade que se chamam: *retribuição.*

Assim entre Deus e os homens existem tambem relações que se chamam: *religião.*

São estas relações que vamos meditar hoje, para tirar dellas a noção exacta da religião.

A religião de facto está essencialmente baseada sobre uma dupla especie de aspirações:

1· As aspirações **do homem.**

2· As aspirações **de Deus.**

E' o encontro destas aspirações, a sua realização mutua que constitue a religião, ou *laço* (religare) entre Deus e o homem.

I. As aspirações do homem

A *religião* é o encontro de Deus e do homem. Provando, como temos feito, que Deus existe, e que o homem existe, é preciso admittir que entre Deus e o homem, entre o Creador e a creatura, entre o Pae e o filho, existam relações intimas, sagradas... e são estas relações que se chamam *religião*, termo que quer dizer: ligação.

A religião não é, como certas pessôas pensam, um codigo de leis, de imposições, de exigencias, não: é simplesmente a relação existente entre Deus-Pae, e o homem filho, entre o Creador e a creatura racional.

Para comprehender bem esta verdade, é preciso ter uma idéa das aspirações do homem e das aspirações de Deus, pois é da união destas aspirações que brota a religião.

Vejamos qual é a grande aspiração do homem.

Ella se apresenta a todo homem sensato, desde que sinceramente elle se pergunte a si mesmo: Que é que desejo neste mundo?

E' *conhecer, amar* e *possuir* a Deus.

Estas três aspirações dominam a humanidade.

*
* *

A intelligencia é a faculdade de conhecer: é uma sêde sublime de luz.

O homem tem apenas um vislumbre de intelligencia, mas elle quer saber de tudo e nada é capaz de satisfazel-o. Elle quer sempre saber mais... não quer, não póde parar: elle aspira ao infinito.

O infinito é o termo necessario das aspirações do espirito humano.

Digo *infinito,* porque o homem traz em si ideaes universaes, eternos, immutaveis, e estes ideaes só podem ter por termo o proprio infinito. O espirito do homem se move no infinito.

Após a intelligencia vem o coração. Quem o conhece? E' a faculdade de amar... quer amar... procura amar... mendiga o amor, como o mendigo faminto mendiga o pão para seu sustento, mas o coração é um abysmo estranho.

Lançae nelle todas as alegrias do mundo, todas as bellezas, todas as riquezas, todas as glorias, todos os amores: este abysmo exulta, e em vez de encher-se, elle se alarga.

Este coração quer um amor infinito... Elle sobe ao infinito pela dôr, pela alegria, pelo amor que jamais acaba: e isto não é da terra.

E porque o homem quer subir para conhecer e amar o infinito?

Para possuil-o.

E' a terceira aspiração da nossa alma: possuir o infinito... A vontade se lança, segue a intelligencia e o coração e brada:—Passe o mundo, dê-me o infinito.. quero Deus.

Tal é a natureza, ou grande aspiração do homem; vejamos agora, si taes aspirações encontram um echo em Deus.

II. As aspirações de Deus

O homem suspira por subir até Deus. E Deus não aspiraria descer até ao homem?

Deus seria surdo a nossos clamores? surdo a nossas preces? sem coração e sem entranhas deante dos nossos soffrimentos?

Emquanto o homem sobe a Deus, por meio e através de suas fraquezas, Deus não baixaria a nós por meio e através da sua grandeza?

Deve haver necessariamente um encontro.

Notemos bem a concordancia existente entre as aspirações do homem e a propria divindade.

Ha em Deus tudo o que desejamos.

Nós queremos a verdade: Elle é a verdade integral;

Nós queremos a belleza: Elle é a belleza idéal;
Nós queremos o bem: Elle é o summo bem;
Nós queremos a vida: Elle é a vida eterna;
Nós queremos a felicidade: Elle é a felicidade perfeita.

Tudo o que nós queremos e que nos falta, Elle o possue. E Deus aspira communicar-nos todos estes bens.

E não pensem que tal idéa de Deus, seja uma simples concepção do nosso espirito!

Não! é uma realidade; pois as aspirações do homem correspondem sempre a uma realidade.

Nós somos seres imperfeitos, limitados, passageiros. Logo, existe um ser perfeito, illimitado, eterno.

III. Conclusão

Os homens têm as suas aspirações para o alto... Logo, Deus deve ter as suas inclinações para approximar-se do homem.

O homem tem uma intelligencia para conhecer.

E' Deus que deve ser o objecto primario deste conhecimento.

O homem tem um coração para amar.

E' Deus que deve ser o objecto primario deste amor.

O homem tem uma vontade de possuir o proprio Deus.

E Deus deve ser a felicidade desta possessão.

Pelo facto, Deus deve aspirar a ser conhecido, a ser amado, a ser possuido.

Temos aqui a religião inteira.

Conhecer, amar e servir a Deus: é a religião, toda a religião.

Perguntam agora o que é a religião?

Respondo: E' uma dupla força; uma *ascendente,* do homem para Deus, que colloca o homem nos braços de Deus; uma outra *descendente,* que lança Deus nos braços do homem.

EXEMPLOS

1. Resposta do chinez

Um missionario perguntou a um chinez ainda pagão: Por que estás tu neste mundo?

— Para comer arroz, respondeu este.

Quantas pessôas civilizadas dariam mais ou menos a resposta do chinez! Digo mais ou menos, pois substituiriam o arroz por um quitute mais succulento, ou a goloseima por qualquer outra satisfacção, talvez mais mesquinha. Esqueceram-se apenas de uma cousa: é que estão nesta vida para preparar-se á outra vida... que só a religião nos faz conhecer.

2. Um banqueiro sem religião

Um rico banqueiro de Poitiers havia declarado fallencia. Três de seus credores encontrando-se, perguntaram um ao outro qual era o seu prejuizo.

O primeiro disse: Eu perco 30 contos.

O segundo: Eu perco uns 40 contos.

O terceiro: Eu perco 7 mil réis apenas.

Oh! e como foi isso? pois o proprio banqueiro me disse, mezes atraz, que lhe devia 50 contos!

— E' verdade, porém retirei o meu dinheiro.

— Alguem avisou-o então da proximidade da fallencia?

— Sim, o jornal «*A verdade*» do Ouest.

— Mas como é possivel que nenhum dos 10 mil assignantes do jornal encontraram ali o que você encontrou?

— Os outros leram, com certeza o que eu li, mas não souberam comprehendel-o. Eis o facto muito simples:

No anno passado o banqueiro pronunciou um discurso, em Angers, sobre o tumulo de um livre pensador, cheio de impiedade, dizendo que não tinha religião.

— E' certo, lembro-me de tal discurso, mas

que prova isso?... Póde-se ser homem honesto, sem religião.

— Não o nego, mas eu não raciocinei deste modo; eu pensei simplesmente: Si este homem não tem religião, não acredita nem em Deus nem no diabo; é muito possivel que um día elle não acredite tambem na honra e na consciencia... e retirei logo meu capital. Tenho notado de facto, que entre cem que declaram fallencia, ha noventa e cinco que não têm religião.

— E' certo, mas por que não nos avisou do facto? Ter-nos-ia prestado um grande serviço!

— Não podia commetter uma tal indelicadeza. Aliás, vocês não me teriam acreditado, me teriam tratado de: clerical! Agora, apprendam a a seu custo que um homem sem religião é tambem um homem sem consciencia.

3. Um adagio

Em certos paizes christãos o povo tem um adagio, um pouco familiar, mas muito expressivo. Eil-o:

Quereis ser feliz:
Um dia? Tomae um terno novo;
Uma semana? Matae um porco;
Um mez? Ganhae um processo;
Um anno? Casae-vos.
Toda a vida? Sêde homem honesto;
Toda a eternidade? Sêde um bom christão!

DOMINGO DA SEXAGESIMA

EVANGELHO (Luc. VIII. 4—15)

4. *Naquelle tempo tendo-se juntado uma grande multidão de povo, e tendo ido ter com elle de diversas cidades, disse* (Jesus) *esta parabola:*

5. *Sahiu o semeador a semear a sua semente: e ao semeal-a, uma parte cahiu ao longo do caminho, e foi calcada, e as aves do céu comeram-na.*

6. *E outra cahiu sobre pedregulho, e quando nasceu seccou: porque não tinha humidade.*

7. *E outra parte cahiu entre os espinhos, e logo os espinhos, que nasceram com ella, a suffocaram.*

8. *E outra parte cahiu em boa terra: e depois de nascer, deu fructo, cento por um. Dito isto, exclamou: Quem tem ouvido de ouvir, ouça.*

9. *E os seus discipulos perguntaram-lhe o que significava esta parabola.*

10. *Elle respondeu-lhes: A vós é concedido conhecer o mysterio do reino de Deus, mas aos outros* (elle é annunciado) *por parabolas: para que vendo não vejam, e ouvindo não entendam.*

11. *É pois este o sentido da parabola: A semente é a palavra de Deus.*

12. Os que estão ao longo do caminho, são aquelles que a ouvem: mas depois vem o demonio, e tira a palavra do seu coração para que não se salvem, crendo.

13. Aquelles (em que se semeia) *sobre pedregulho, são os que recebem com gosto a palavra, quando a ouviram: mas não têm raizes: até certo tempo crêm, e no tempo da tentação voltam atraz.*

14. E a que cahiu entre espinhos, representa aquelles que ouviram (a palavra), *porém indo por deante, ficam suffocados pelos cuidados, e pelas riquezas e deleites desta vida e não dão fructos.*

15. Mas a que cahiu em boa terra, representa aquelles que, ouvindo a palavra com o coração bom e perfeito, a retêm, e dão fructo pela paciencia.

COMMENTARIO APOLOGETICO

Constituição da religião

E' outra parabola que o Evangelho de hoje nos apresenta: a do semeador.

O semeador é Deus que lançou a semente divina da religião, — a sua palavra, — no terreno das almas que compõem este campo immenso da humanidade.

Esta semente, infelizmente, não cahiu toda no bom terreno; uma parte cahiu em terreno duro, outra em terreno pedregoso, outra em terreno coberto de espinhos e outra em terreno fertil.

E' o que explica que ao lado da unica reli-

gião verdadeira, ha varias religiões falsas. Todas no fundo, como veremos, provêm da semente divina, o terreno, porém, não era proprio para o seu desenvolvimento: dahi nasceram plantas rachiticas, outras disformes, outras quasi desconheciveis.

No fundo de todas estas religiões, encontra-se entretanto, um ponto commum: suas partes constitutivas, que correspondem ás três grandes aspirações do homem: conhecer, amar e servir.

A estas três aspirações correspondem as 3 partes essenciaes da religião, que são:

1• **O dogma,** que devemos conhecer;
2• **A moral,** que devemos amar;
3• **O culto,** que devemos manifestar.

Já vimos que a religião é a procura e o encontro de Deus e do homem, o seu commercio reciproco; vamos ver agora o *modo* porque se faz este encontro.

I. O dogma

O encontro da intelligencia divina e da intelligencia humana, constitue o dogma da religião.

Que é o dogma?

E' a palavra de Deus, publica, dada *paternalmente* ao homem pela revelação, e acceita *filialmente* pela submissão á autoridade.

E' o homem que quer saber, approximando-se de Deus que sabe; como é Deus approximando-se do homem que quer saber.

E' Deus e o homem conversando juntos.

E' o decalogo sublime entre o pae e o filho: entre o pae que revela e o filho que escuta.

Uma intelligencia pequena diz cousas pequenas,

Uma intelligencia grande diz cousas grandes,

Uma intelligencia divina diz cousas divinas.
Estas cousas divinas são as verdades sublimes, que constituem a primeira parte da religião: o dogma.

A religião não é uma imposição rigorosa, secca, pesada, da parte de Deus, mas sim a união de intelligencia, de coração e de vida.

A intelligencia divina e a humana correspondem-se admiravelmente: Deus revela ao homem o que este não sabe; e o homem, pelo raciocinio, descobre nestas revelações, a satisfacção da sua aspiração de saber.

Estes dois elementos: o divino e o humano, dão-se as mãos, completam-se admiravelmente, e fazem a nossa fé, ao mesmo tempo divina e humana, apoiada sobre a palavra divina que revela e o espirito humano que raciocina.

II. A moral

A segunda aspiração do homem é amar. É o amor que faz uma lei... e a este amor corresponde o amor do homem que acceita esta lei por amor.

De facto, que é a *moral?*

E' o encontro do Coração de Deus e o do homem. E' a regra traçada *paternalmente* por Deus e acceita *filialmente* pelo homem.

É Deus dirigindo o homem porque o ama, e o homem deixando-se dirigir porque se sente amado.

Tal é a idéa-mãe da moral, e o que se encontra em toda religião.

Erros e abusos podem ter-se introduzido nas minucias, porém, no fundo de todas as religiões ha esta verdade basica de: Deus dirigindo o homem, e o homem submettendo-se á direcção de Deus.

É o amor que faz as leis moraes e é o amor que as executa.

A moral é o encontro do Coração de Deus e do coração do homem, para tornar o coração do homem digno do Coração de Deus.

III. O culto

E' a terceira parte constitutiva da religião: o culto, o rito, as preces e cerimonias.

Que é o culto?

E' o auxilio *filialmente* pedido a Deus, e *paternalmente* dado por Deus ao homem.

E' a fraqueza humana que chama em seu auxilio a força divina!

E' a força que vem em auxilio da fraqueza.

E' a vida poderosa e infinita de Deus que se une á vida vacillante e limitada do homem para sustental-a.

E' a oração particular, publica, social do homem, e a fé inabalavel nesta verdade que Deus attende as preces da humanidade, como um pae attende as supplicas de um filhinho.

IV. Conclusão

Esta concepção da religião em sua natureza intima, em suas partes constitutivas, parece quasi uma novidade, entretanto é a unica concepção verdadeira. Toda religião é constituida de dogma, moral e culto, porque ella deve corresponder ás três grandes aspirações do homem: conhecer, amar, servir.

Digo que tal é o fundo necessario de todas as religiões.

Afastae pelo pensamento, os erros, as superstições que são a obra do homem, e vereis res-

plandecer, no meio de todas as religiões, a *religião* verdadeira, immutavel e universal, pois só póde haver uma *só religião*, como ha uma só arithmetica, uma justiça, uma logica, e esta religião unica tem por fim uma funcção unica: unir o homem a Deus, e Deus ao homem.

Nenhuma religião foi inventada pelos homens: todas ellas são derivadas, da unica religião universal e eterna. Ha só um typo donde foram copiadas imitações mais ou menos perfeitas, completas ou grotescas.

Um estudo comparado das religiões demonstra que o *typo unico* de religião, dado por Deus, tem as suas raizes nas profundezas da alma humana.

Sob formas diversas, ha um mesmo fundo divino, actos identicos que levam o homem a Deus, e inclinam Deus para o homem.

Não ha religião, por falsa que seja, que no fundo não tenha um dogma, uma moral, um culto.

Nenhum erro, nenhuma superstição póde tirar esta constituição essencial da obra divina: a religião verdadeira e eterna.

EXEMPLOS

1. O culto exterior

Um dia, uma senhora de alta sociedade, que se ufanava de ser livre-pensadora, quiz discutir religião com o publicista catholico Raymundo Brücker.

Não podendo refutar o seu interlocutor, ella terminou, dizendo:

—«Pois bem, seja, Sr. Brücker, estou de accordo que no dogma e na moral catholica ha cousas boas, mas o culto!... estas praticas exte-

riores, orações e cerimonias publicas, acho tudo isso muito mesquinho! Creio que a Egreja podia dispensar-se destas cousas: a religião ganharia muito com uma tal suppressão!»

Brücker que se havia mostrado até ahi da mais fina cortezía para com esta senhora, levanta-se, de repente, como movido por uma mola, e pondo-lhe pesadamente a mão sobre o hombro, lhe diz de chofre:

— Ah! minha gordona, como tu tens espirito!

— Senhor! bradou a senhora indignada, recuando três passos, quem me julgas, então? Ignoras os primeiros elementos de civilidade?

— Desculpa-me, senhora, retornou Brücker, não ter comprehendido que exiges para ti um *culto exterior*, que julgas de tão pouca importancia nas relações com Deus.

O culto exterior, minha senhora, não é outra cousa, sinão as fórmas da civilidade e do respeito que devemos a Deus.

2. Confissão de um protestante

O incredulo Frederico II, rei da Prussia, acabava de assistir na cathedral de Breslau a uma missa solemne pontifical, cantada pelo Cardial Zenzendorff.

Na sahida disse ao Prelado: Eminencia, a sua Missa me fez reflectir e tirar a seguinte conclusão:

Os calvinistas tratam Deus como si fôsse um creado,

Os lutheranos o tratam como igual,

Os catholicos tratam-no como Deus.

3. Uma tradição judaica

Ha entre os judeus a seguinte tradição:

Quando Deus havia creado o mundo, pergun-

tou aos anjos o que pensavam da sua obra. Um delles respondeu:

— A obra é grande e perfeita, porém falta qualquer cousa: precisava crear uma voz clara, poderosa e harmoniosa, que de continuo enchesse todas as partes do mundo com seus sons, cantando dia e noite ao Creador, um hymno de gratidão por todos os seus beneficios.

Esta voz existe: é a do culto publico, prestado a Deus pela humanidade, em nome da Creação inteira.

DOMINGO da QUINQUAGESIMA

EVANGELHO (Luc. XVIII. 31—43)

31. Naquelle tempo tomando Jesus á parte os doze, disse-lhes: Eis que vamos para Jerusalém, e será cumprido tudo o que está escripto pelos prophetas relativo ao Filho do homem.

32. Porque elle será entregue aos Gentios, e será escarnecido, e açoutado, e cuspido:

33. E depois de o açoutarem, o matarão e elle resuscitará ao terceiro dia.

34. E elles nada disso comprehenderam, e este discurso era para elles obscuro, e não penetravam coisa alguma do que lhes dizia.

35. E succedeu que, approximando-se elle de Jerichó, estava sentado á borda da estrada um cego pedindo esmola.

36. E ouvindo a turba que passava perguntou que era aquillo.

37. E disseram-lhe que era Jesus Nazareno que passava.

38. Então elle clamou, dizendo: Jesus, filho de David, tem piedade de mim.

39. E os que iam adeante reprehendiam-no para que se calasse. Porém elle cada vez gritava mais: Filho de David, tem piedade de mim.

40. E Jesus parando, mandou que lh'o trouxessem. E quando elle chegou, interrogou-o dizendo: Que queres que eu te faça?

41. E elle respondeu: Senhor que eu veja.
42. E Jesus disse-lhe: Pois fica vendo, a tua fé te salvou.
43. E immediatamente viu, e o foi seguindo, glorificando a Deus. E todo o povo, vendo isto deu louvores a Deus.

COMMENTARIO APOLOGETICO

Os actos da religião

O Evangelho retraça a prophecia de Jesus á respeito da sua paixão, morte e resurreição, e termina pela cura do cego.

Parece não haver relação entre estes dois factos, apparentemente tão oppostos.

O Evangelho faz notar que os apostolos não comprehenderam as prophecias, porque tal linguagem lhes era obscura. Eram cegos espirituaes.

Curando o cego, o divino Mestre, parece indicar-nos que devemos pedir uma *vista espiritual* para comprehender as cousas divinas, a qual é o espirito de fé.

Entre estas cousas divinas occupam o primeiro logar as verdades que estamos meditando a respeito da necessidade, da constituição, e da base da religião.

Vamos completar este assumpto, considerando hoje a parte intima e sobrenatural da religião, que se póde chamar: os actos formadores da religião.

Esta parte consta de três actos:

1. Crer em Deus
2. Esperar em Deus
3. Amar a Deus

Eis os três actos que põem as almas em contacto com Deus, e que por isso são chamados: as três virtudes theologaes.

I. Crer em Deus

A religião é o *encontro* de Deus com o homem, ou união intima de ambos.

Já vimos porque elles se unem. E' para satisfazer ao mutuo attractivo que os impelle um para o outro.

Esta verdade é fundamental para ter uma noção exacta da religião e sahir da idéa materialista que faz acreditar que a religião é apenas um codigo de leis, imposto por Deus ao homem.

Vejamos agora **o modo** de união entre Deus e o homem. Como se unem elles?

Como póde um espirito unir-se a outro espirito?

Como póde um coração unir-se a outro coração?

Como póde a força divina unir-se á fraqueza humana?

Deus é uma alma; é mais que uma alma: é um **puro espirito,** isto é, independente de toda materia, emquanto a alma é creada para ser unida a um corpo.

O homem é uma alma. E, como se unem as almas?

E' aqui que vamos entrar, de pleno, no sanctuario da religião, conhecel-o no fundo.

Na natureza espiritual do homem ha duas series de actos que se correspondem. São:

a) Os actos *pessoaes,* solitarios, em si e para si.

b) Os actos de *relação,* pelos quaes ella liga

as relações com as cousas e as pessôas que a cercam,

Pelo primeiro acto, o homem vê, observa e julga: é a sua *razão.*

Pelo segundo acto, o homem interroga, acredita, executa: é a **fé,** humana ou divina.

São os dois elementos da nossa vida espiritual, sobre os quaes tudo repousa: *a razão e a fé.*

Não basta possuir a razão: é preciso ter a fé, sinão tudo se destroe e se corrompe neste mundo.

Rejeitando a fé, para se limitar á razão, seria não ter fé em ninguem, destruir a familia, a amizade, o amor a sociedade.

Os filhos têm fé em seus paes, o alumno em seu mestre, a esposa em seu marido, o enfermo no medico, o soldado em seu chefe, e o homem em Deus.

Sem fé rue a sociedade e rue a religião.

Eis porque as cousas mais sagradas repousam sobre a fé, sem contradizer e sem destruir a razão.

Deus é um espirito. Ora, só ha um meio de entrar em relação com um espirito: é de interrogal-o e de crer em sua palavra.

O primeiro acto de religião é, pois, *ter fé* em Deus.

II. Esperar em Deus

O segundo acto de união com Deus, ou de religião é: esperar em Deus.

O homem deve esperar:

Ora, esperar é pedir.

De modo que a oração é filha da esperança.

Um homem implora a outro homem. 8

A criança implora aos paes.
A fraqueza implora á força.

E' isto que forma o encanto da familia, da amizade, da sociedade.

A cada instante a força está em luta com a fraqueza, e é esta vencedora daquella, pela supplica e pela esperança.

Ora, si assim acontece na terra, porque é uma lei basica da sociedade, porque não seria assim com Deus? Elle é pae: nós somos seus filhos. Elle é Rei: nós somos seus subditos. Elle é poderoso: nós somos fracos. Logo a esperança é uma parte essencial da religião; é o segundo acto que une as nossas almas a Deus.

III. Amar a Deus

Acima da fé, ha a esperança.
Acima da esperança ha o amor.
Acima do amor não ha mais nada, pois Deus é amor: *Deus caritas est.*

O terceiro acto de união com Deus, ou terceira parte essencial da religião é o amor.

O homem ama a si mesmo; mas elle não póde contentar-se com este amor: é egoismo.

E' preciso que sáia de si mesmo para *amar*, como elle sáe de si para *crer* e para *esperar*.
Com este ultimo acto elle termina a sua vida de *relação*.
No homem tudo se reduz ao amor.

O corpo é movido pelo espirito.
O espirito é movido pela vontade.
A vontade é movida pelo amor.

E' Santo Thomaz quem nol-o affirma: *voluntas bona, amor bonus.*

IV. Conclusão

Tal é a religião. E esta concepção é a unica exacta, evitando ao mesmo tempo, o materialismo e o falso mysticismo.

A religião é divina e humana.

Divina, porque Deus se abaixa até ao homem.

Humana, porque o homem se eleva até Deus.

E o encontro, como os deveres deste encontro, chama-se: religião divina.

A religião é: Deus e o homem extendendo-se os braços, procurando-se, encontrando-se, abraçando-se.

Para destruir a religião, mister fôra destruir Deus e o homem.

Si destruissem só o homem, Deus o crearia de novo, para poder amal-o.

Si, por impossivel, destruissem a Deus, o homem se faria um falso Deus, um fetiche... para poder amal-o, pois o homem não póde viver sem Deus.

EXEMPLOS

1. As proprias luzes

Brücker é conhecido pelas respostas e pelos actos repentinos de um bom senso irretorquivel.

Um de seus amigos, celebre escriptor convertido, queria um dia provar-lhe que a revelação, a fé, podiam ser uteis em tempo de barbaria, mas, que hoje as proprias luzes do homem civilizado eram-lhe sufficientes.

Brücker tomou um livro de mesa, e pediu ao seu amigo de o ler em alta voz.

Durante este tempo Brücker fechou cuidadosamente as janellas e portas da sala, de modo a reinar uma escuridão completa.

— Que estás fazendo? perguntou o outro.

— Meu amigo, entrego-te ás tuas proprias luzes, respondeu Brücker, fazendo-lhe perceber deste modo como a razão humana é tenebrosa sem as luzes da fé.

2. Irmã Escolastica

São Philippe de Nery foi visitar um dia uma Irmã do Convento de Santa Martha, chamada Irmã Escolastica, horrivelmente atormentada pelos escrupulos, julgando-se reprovada.

— O céu lhe pertence, disse o santo.

— Oh! impossivel, meu pae, respondeu a religiosa.

— E' uma loucura sua, respondeu o santo, eu digo que o céu lhe pertence. E eis a prova. Diga-me, para quem Jesus Christo morreu?

— Para os peccadores.

— Pois bem, a senhora é uma grande peccadora; logo, N. Senhor morreu para salval-a... e o reino do céu lhe pertence.

Estas palavras restituiram a paz á boa religiosa... que comprehendeu que a esperança em Deus é uma parte essencial da religião.

3. Santa Osana de Mantua

Tinha apenas 6 annos quando tocada do amor de Deus, a criança pedia ao céu o que devia fazer para agradar-lhe em tudo.

Uma voz interior lhe respondeu: O que agrada a Deus é amal-o de todo o teu coração.

Outra vez N. Senhor lhe appareceu sob os traços de um adolescente encantador, com a fronte coberta de longos cabellos anellados, mas car-

regando uma cruz pesada nos hombros e com a cabeça cercada de uma coroa de espinhos.

Extendendo os seus bracinhos para a menina, lhe disse: Osana, eu sou o filho de Maria; a meu exemplo, dispõe-te a soffrer muito! Não tenhas medo entretanto, eu não te abandonarei... E desappareceu, deixando a santa menina toda inflammada de amor e do desejo de agradar a Jesus.

Desde então a sua vida foi uma oração e uma penitencia continuas.

Obstaculos a sua virgindade que havia consagrado a Deus... estigmas nos pés e nas mãos... desprezo do mundo... ataques do demonio... nada faltou á sua coroa.

Ella tudo supportou, e repetia muitas vezes: «Prefiro, amando a Jesus, estar no inferno com Judas, do que estar no céu com os maiores santos, sem amar a Deus».

1º DOMINGO DA QUARESMA

EVANGELHO (Mat. IV. 1—11)

1. Naquelle tempo, Jesus foi conduzido pelo Espirito ao deserto, para ser tentado pelo demonio.

2. E tendo jejuado quarenta dias e quarenta noites, depois teve fome.

3. E approximando-se (delle) *o tentador disse-lhe: Si és Filho de Deus, dize que estas pedras se convertam em pães.*

4. Elle porém respondendo-lhe, disse: Está escripto: Não só de pão vive o homem, mas, de toda a palavra que sáe da bocca de Deus.

5. Então o demonio o transportou á cidade santa, e o pôz sobre o pinaculo do templo, e lhe disse:

6. Si és Flho de Deus, lança-te daqui abaixo, porque está escripto: Confiou aos seus anjos o cuidado de ti, e elles te tomarão nas mãos, para que não tropeces com o pé na pedra.

7. Jesus disse-lhe: Tambem está escripto: Não tentarás o Senhor teu Deus.

8. De novo o demonio o transportou a um monte muito alto: e lhe mostrou todos os reinos do mundo e a sua magnificencia e lhe disse:

9. Tudo isto te darei, si prostrado me adorares.

10. Então Jesus disse lhe: Vae-te Satanás, porque está escripto: O Senhor teu Deus adorarás, e a elle só servirás.

11. Então o demonio deixou-o: e eis que os anjos se approximaram e o serviam.

COMMENTARIO APOLOGETICO

A Religião perfeita

Lendo o Evangelho de hoje ficamos impressionados pela majestade calma do divino Mestre, deante do furor de Satanás que procura excitar em seu espirito qualquer pensamento de sensualidade, de orgulho ou de ambição.

E' uma das faces da perfeição da religião que podemos contemplar na calma dos santos no meio das maiores tribulações... Elles são fracos, como todo homem o é, mas apresentam-se fortes, de uma força divina, que lhes vem da religião, da sua união com Deus.

Encontraram Deus... e neste encontro, sentem que embora vivam na terra, não são mais da terra.

Contemplemos uns instantes este aspecto perfeito da religião no phenomeno de seu aperfeiçoamento progressivo até chegar ao pleno dia da sua gloria.

Embora a religião seja tão velha que o mundo, ella não foi, entretanto, perfeita desde a sua primeira apparição...

Ella é sempre o encontro, o abraço de Deus e do homem, mas este abraço foi apertando-se através dos seculos. Examinemos pois:

1º **Quando nasceu** a religião,
2º Qual foi o seu **aperfeiçoamento**.

Duas noções que vão mostrar-nos a religião em todo o esplendor da sua divindade e todas as ternuras do coração de Deus.

I. Quando nasceu

Deixemos de lado toda discussão e as provas inuteis. Seriam incapazes de enternecer aquelle que contempla sem emoção o impressionante espectaculo do conjuncto da religião, suas longinquas origens, confundidas com as da humanidade... o seu caminho luminoso... os seus desenvolvimentos progressivos, e nesta magnifica synthese, a sua plena correspondencia com a parte elevada, amante e celeste da nossa alma.

Onde nasceu a Religião?

Ella nasceu no mesmo berço, onde nasceu o primeiro homem: nos braços de Deus. O primeiro sopro de vida do primeiro homem foi um acto de religião para com o Creador.

A iniciativa veiu de Deus: elle falou por primeiro. Creador que era do homem, que não tinha, nem pae, nem mãe, nem experiencia. Deus inclinou-se sobre este homem, e tal a mãe sobre o seu recem nascido, murmurou-lhe as primeiras syllabas da religião.

Deus falou a Adão e o contemplou, e com esta palavra e este olhar divinos, encantou o seu coração e o fez palpitar de *fé,* de *esperança* e de *amor,* os actos essenciaes da religião.

"Vê, dizia elle, esta terra... estes céus, estas immensidades. Eu creei tudo para ti... Tu serás o rei das minhas obras: *Prœsit universœ terrœ!* A terra inteira, eis o teu reino! Come livremente de todos os fructos que a terra te der, entretanto, tu não comerás do fructo da arvore do bem e do mal... sinão morrerás!

Eis a primeira palavra de Deus: contém, ao mesmo tempo, um *dom* e uma *ordem*: um *dom*, porque Deus é pae; uma *ordem*, porque é rei.

O dom é immenso: *dedit universa*, para excitar o homem á gratidão, mas ha um limite, para lembrar-lhe que é creatura.

Eis já toda a architectura da religião: ella será desenvolvida pouco a pouco, porém sem nada mudar. A Religião é um *dom*; é tambem uma *ordem*. O dom vem do amor: a ordem conduz ao amor.

O amor é o principio, o berço, o fim, a gloria da religião. Como já vimos é o encontro, o abraço de Deus e do homem: *E Deus é amor*, e neste abraço elle communica seu amor a sua creatura.

Eis o nascimento, o berço da Religião!

II. O seu aperfeiçoamento

Seria um estudo prolongado si quizessemos seguir, passo por passo, o progresso exterior da religião.

Neste progresso, não se trata de mudança, mas de aperfeiçoamento, pois Deus vae se revelando aos poucos, conforme a capacidade das intelligencias e as necessidades das epocas.

De Adão a Moyses, ha um aperfeiçoamento gradativo, preparativo.

De Moyses a Jesus Christo, o progresso é mais rapido, mais profundo e mais extenso.

Limitemo-nos ao ponto saliente, dominante de todo pragresso: a união.

A palavra de Deus é uma immensa consolação para o mundo, mas não basta.

O amor não quer sómente a voz de quem ama, quer possuil-o.

A religião, apenas nascida, involta ainda nos panninhos de seus primeiros vagidos, sente uma immensa aspiração de possuir um Deus que resida no meio dos homens, de um Deus que se possa ver com os olhos, tocar com as mãos e apertar contra o coração.

Sem isso todo amor se empallidece e se apaga.

Tal é a profundeza desta aspiração, que os proprios judeus foram arrastados por ella, e chegaram a fabricar-se deuses falsos.

A arca da alliança não lhes bastava, como não bastavam os idolos aos pagãos. Era preciso que Deus viesse e habitasse entre nós, cheio de graça e de verdade.

Elle veiu um dia satisfazer todos os sonhos e todas as aspirações das almas sublimes e das nações religiosas.

Elle veiu. *E o verbo se fez carne e habitou entre nós.*

III. Conclusão

Lá ao longe, na pequena cidade de Belém, um menino nasceu, numa gruta; a sua mãe deitou-o num presepio, e prostrou-se por terra, para adorar o seu Deus e o seu Filho, emquanto um côro luminoso de anjos cantou: *Gloria a Deus nas alturas, e na terra paz aos homens de bôa vontade!*

E' a ultima etapa da religião... Ella foi aperfeiçoando-se através dos seculos, pela revelação da palavra divina: alcançou a sua ultima perfeição no presepio de Belém... onde a religião dos Patriarchas toma o nome de *Deus comnosco,* ou Emmanuel.

De hoje em deante a Religião não é mais simplesmente a palavra de Deus, é o proprio Deus feito homem. E' Jesus Christo.

EXEMPLOS

1. Palavra de Napoleão

Napoleão, conversando um dia com Madame Montesquiou, a respeito de Bernardotte, um de seus soldados feito rei da Suecia disse: — «Eis uma fortuna para elle.

— Sim, porém ha um reverso triste na medalha, respondeu Madame de Montesquiou.

De facto, para subir ao throno, Bernardotte havia sido obrigado a renegar a religião catholica.

— E' verdade, disse o Imperador; e eu que passo por ser ambicioso, não renunciaria a minha fé por todas as coroas do mundo.

Confiando a Madame de Montesquiou a educação de seu filho unico, que havia proclamado rei de Roma, disse-lhe: Madame, faça delle um bom christão.

Um dos presentes sorria levemente, admirado de uma tal recommendação.

— Sei o que digo, completou Napoleão, si o meu filho não for um bom christão, nunca será um bom francez.

Nós tambem, brasileiros, podemos dizer: — Quem não é bom christão não póde ser bom brasileiro!

2. Presença de Deus

O Padre Carlos Foucauld, ex-official do exercito tinha-se feito monge no deserto africano. Um dia um amigo foi visital-o conversando com elle em sua cella de eremita.

Quando deu hora de sahir, o visitante lhe disse: Desculpe-me de deixal-o sósinho.

Sem reflectir, o Padre lhe respondeu instinctivamente: Oh, eu nunca estou só.

E vendo que havia deixado escapar um segredo, inclinou a cabeça.

3. Nobreza de christão

Ingo, duque de Corintho, quiz demonstrar um dia a seus subditos a nobreza de seus titulos de christão.

Convidou á sua mesa um grande numero de catholicos pobres e uns nobres de seu reino ainda pagãos.

A mesa dos nobres foi posta numa varanda, e o duque lhes fez servir alimentos communs.

Os pobres, ao contrario, foram admittidos no salão de honra á propria mesa do duque, que os tratava com toda magnificencia.

No fim do banquete, os nobres, furiosos, perguntaram-lhe a razão de tão extraordinario proceder.

—Estes pobres, respondeu o duque com calma, são filhos de Deus, e como taes merecem toda honra. Desde que vós vos tornardes dignos de ser filhos de Deus, pelo Baptismo, tereis o mesmo direito delles.

A lição foi comprehendida, e em pouco tempo varios nobres pediram o Baptismo, e tornaram se depois catholicos fervorosos.

2º DOMINGO DA QUARESMA

EVANGELHO (Math XVII, 1—9)

1. Naquelle tempo tomou Jesus comsigo Pedro e Thiago e João seu irmão, e levou-os á parte a um alto monte:

2. E transfigurou-se deante delles. E o seu rosto ficou refulgente como o sol: e as suas vestiduras tornaram-se brancas como a neve.

3. E eis que lhes appareceram Moysés e Elias falando com elle.

4. E Pedro tomando a palavra, disse a Jesus: Senhor, bom é nós estarmos aqui: si queres, façamos aqui três tabernaculos, um para ti, um para Moysés, e um para Elias.

5. Estando elle ainda a falar, eis que uma nuvem resplandecente os envolveu. E eis que (sahiu) *da nuvem uma voz que dizia: Este é o meu Filho dilecto em quem puz toda a minha complacencia: ouvi-o.*

6. E ouvindo isto, os discipulos cahiram de bruços, e tiveram grande medo.

7. Porém Jesus aproximou-se delles, e tocou-os, e disse-lhes: Levantae-vos e não temaes.

8. Elles então, levantando os olhos, não viram ninguem, excepto só Jesus.

9. E quando desciam do monte, Jesus ordenou-lhes, dizendo: Não digaes a ninguem o que vistes, até que o Filho do homem resuscite dos mortos.

COMMENTARIO APOLOGETICO

A unica religião

A transfiguração de Jesus no Thabor é uma das scenas mais resplandecentes da vida de Jesus.

Homem perfeito e Deus perfeito, Jesus se encontrava em toda parte *homem* pela humildade, e *Deus* pelo poder.

Em cima do Thabor elle depõe um instante o manto das apparencias humildes, e deixa a majestade divina aureolar a sua fronte.

Tal manifestação gloriosa era necessaria para firmar a fé de seus discipulos, no meio das scenas angustiosas da sua paixão, que devia seguir-se em breves dias.

E' tambem a imagem de uma outra scena que devia prolongar-se atravez dos seculos: e a qual vamos meditar hoje.

1°. A presença **corporal** de Jesus.
2°. A sua presença **eucharistica.**

Este duplo facto é como a transição da religião em geral, para a unica religião verdadeira: a religião catholica.

I. A presença corporal

O mundo clamava pelo Redemptor. O *Rorate, cœli, desuper* dos prophetas, era um hymno que brotava de todos os corações... E eis que um dia veiu este Salvador esperado.

No centro do mundo..., no meio dos tempos, sessenta seculos após a creação... na grande unidade material que o povo romano havia realizado... a grande unidadde religiosa appareceu.

O Verbo se fez carne e habitou entre nós. Nós o vimos, diz São João, ouvimol-o, tocamol-o com nossas mãos; e encantados, nos reclinamos sobre o seu peito.

Oh! maravilha ineffavel que o mundo em seus mais ardentes anhelos não teria podido imaginar; os pequeninos viram-no de perto... os pobres tocaram-no com as mãos... E que digo? Elle deixou as criacinhas subirem sobre seus joelhos, e nem siquer afastou de si os pobres peccadores!

Uma pobre mulher enferma beijou a orla de seu vestido .. E encorajada pelo amor uma outra mulher teve a ousadia de tomar em suas mãos os pés do Filho de Deus... estes pés virginaes e sagrados, banhando-os com suas lagrimas, e purificando-se pelos beijos que sobre elles depositava!

Outra vez, no auge da ousadia do amor um coração virginal, na maior das intimidades da pureza, reclinou a cabeça sobre o peito divino do Redemptor, e ali adormeceu num extase celestial.

Isso durou três annos... Depois, para acabar de commover e attrahir os corações, este Jesus subiu ao Calvario, na gloria de uma belleza, até então desconhecida, pois era a belleza do soffrimento, da divindade e do amor!

E emquanto o Filho de Deus morria para dar á humanidade a medida de seu amor... a pobre humanidade desfallecia de dor, aos pés da sua cruz, na pessôa de Maria..., suspendia-se nas suas chagas na pessôa de Magdalena... fixava sobre seu semblante exangue e agonizante, olhares amorosos, na pessôa de João... o desprendia da cruz na pessôa de Nicodemos, e antes

de sepultal-o no tumulo, o cobria de beijos na pessôa de sua Mãe.

E' a grande, a sublime união de Deus e do homem, do pae e do filho!

II. A presença eucharistica

Oh, como tudo isso é bello, e divinamente louco de amor.

Mas, ó meu Deus! Não me sinto satisfeito... quero mais do que isso: A presença dos corpos tende para a presença das almas.

Emfim o que se ama é a alma: E' a alma, e entretanto é impossivel segural-a! Ella fóge, ella se esconde, e nos mostra apenas a sua sombra, projectada sobre o corpo.

Nós precisamos da alma de Jesus.! Eis porque Elle disse: E' preciso que eu vá — *Expedit vobis ut ego vadam!*

Jesus nos diz: Eu vou retirar-me... o meu corpo vae desapparecer, mas não é a ausencia que vae succeder-lhe: é uma presença mais alta.

Eis porque, na ultima ceia, este mesmo Jesus toma o pão, e muda-o em sua substancia e diz: *Tomae e comei, isto é o meu corpo... Aquelle que come minha carne fica em mim e eu nelle.* Eis a união das almas.

Jesus nos dá o seu corpo, mas este corpo é o intermediario da união das almas. E' um corpo espiritualizado, envolto em frageis apparencias de pão, para impressionar os nossos sentidos e avisar-nos de que Deus está ali.

A nossa fé deve penetrar este véu tenue que fluctua deante dos nossos olhos! Sob estas apparencias tocamos o corpo e o sangue do Salvador, mas estamos em presença da sua alma.

E' por isso que a Egreja em seu canto nos

diz: O que Deus te dá, com o corpo é o sangue de Jesus Christo, é a sua alma e a sua divindade.

Oh! meus olhos, fechae-vos!... recolhe-te, oh, minha alma, e sente o contacto espiritual da alma de Jesus. Alma á alma!... Coração á coração... sem intermediario... sem obstaculo: *Tu in me, et ego in te!* Eis o mysterio eucharistico! Quem communga nada tem que invejar aos comtemporaneos de Jesus Christo!. Não o vê com os olhos... não o apalpa com as mãos... Ha mais do que isso. as almas se unem, os corações se tocam.

E' a ultima palavra da união neste mundo!

III. Conclusão

Tiremos a conclusão: a Eucharistia é o termo de união entre Deus e o homem! A presença de Jesus Eucharistico é a prova da verdade da religião... é o estandarte que indica a todos, entre as varias seitas religiosas, qual é a unica religião verdadeira.

Jesus veio a este mundo e elle permanece neste mundo. Esta permanencia é o signal da verdade... e o distinctivo da religião verdadeira.

Nenhuma seita religiosa teve a ousadia de dizer que tem a pessôa e a alma de J. Christo em seu meio: Todos contentam-se com o Christo historico... o Christo Evangelico... de ha 1940 annos... Só a Religião Catholica clama bem alto: Eu venero o Christo Evangelico: é a sua palavra, mas eu possuo o Christo vivo, o Christo inteiro... o Christo Eucharistico... o Christo que não morre... mas continúa a viver entre nós, no meio de nós, no peito de cada um de nós. 9

Que prova admiravel, apologetica, da religião divina, da unica religião fundada pelo proprio Christo! E' a transição logica entre a religião em geral e a religião unica verdadeira: a religião christã.

EXEMPLOS

1. A religião verdadeira

Henrique IV, rei de França, sendo exhortado pelos seus amigos a abjurar o protestantismo, no qual havia sido educado, perguntou aos Bispos catholicos si podia salvar-se na religião catholica.

Responderam-lhe que não sómente podia salvar-se nella, mas fóra desta religião não havia salvação.

Dirigiu-se depois aos pastores protestantes, que lhe confirmaram que na religião catholica a salvação é possivel.

— Si assim é, respondeu o rei, vou abraçar a religião catholica, pois numa questão tão importante convém tomar o partido mais seguro. E fezse catholico.

O partido que abraçou não era sómente o mais seguro... era o unico seguro, pois não ha duas religiões verdadeiras, mas uma só.

2. A lampada do Santissimo

Em Londres, no anno de 1900, sahiu um dia de casa a passear com a filhinha de seis annos, o ministro protestante, rvdo. dr. Mann Hils.

Ao passar por uma egreja catholica, lembrouse o ministro de entrar com a pequena. A menina fixou a attenção na bonita lampada do San-

tissimo, que, nesse momento, derramava uma claridade meiga e suave.

— Para que é a lampada? perguntou-lhe a criança.

— Para mostrar, respondeu-lhe o pae, que ali, no altar, está Jesus, por detraz daquella portinha dourada.

— Ah! eu quizera ver a Jesus!

— Filhinha, não póde ser. A porta está fechada á chave; além disso ha umas cortinas, ficando Jesus detraz das mesmas.

— Papae, insistiu a pequena, eu quizera ver a Jesus!...

O ministro procurou entreter a filhinha mostrando-lhe outras particularidades da egreja, e a conduziu para fóra.

Passeando pela cidade, a menina, de vez em quando, perguntava por Jesus.

Dadas algumas voltas, o pae entrou num templo protestante.

Ahi a criança relanceou a vista por todos os lados e não vendo lampada alguma, perguntou:

— Papae, por que é que não vejo lampada aqui?

— Porque... porque aqui não está Jesus, respondeu-lhe timidamente o ministro.

Então nada mais houve. A menina sonhou muitas vezes naquella noite, falando alto sobre Jesus.

Durante o dia seguinte, com frequencia, repetia que queria ver a Jesus.

Tal persistencia produziu tamanho effeito no animo dos paes, que terminaram por abraçar a religião catholica, e com ella a pobreza, pois a conversão lhes fez perder uma renda de mil libras annuaes, de que gozava o marido sendo ministro protestante.

3º DOMINGO DA QUARESMA

EVANGELHO (Luc. XI. 14—28)

14. Naquelle tempo, expulsou Jesus um demonio, que era mudo. E depois que lançou fóra o demonio, o mudo falou: e o povo admirou-se.

15. Mas alguns delles disseram: Elle expelle os demonios por virtude de Beelzebuth, principe dos demonios.

16. Outros pediram-lhe algum prodigio do céu para o tentar.

17. Jesus, porém, conhecendo-lhe os pensamentos, disse: Todo reino dividido contra si mesmo, será destruido e cahirá casa sobre casa.

18. Si pois Satanás está dividido contra si mesmo, como póde subsistir o seu reino? Visto que vós dizeis que é por Beelzebuth que eu expulso os demonios.

19. Ora, si é pela virtude de Beelzebuth que eu lanço fóra os demonios, por quem é que expellem vossos filhos? Por isso elles mesmos serão os vossos juizes.

20. Mas, si é pelo dedo de Deus que eu expulso os demonios, então chegou na verdade para vós o reino de Deus.

21. Quando o forte, armado, guardar a sua propriedade, está em segurança tudo quanto possue.

22. Mas si sobrevindo outro mais forte do que elle o vencer, tirar-lhe-á todas as armas, nas quaes confiava, e repartirá os seus despojos.

23. Quem não está commigo, está contra mim; e quem não recolhe commigo, dispersa.

24. Quando o espirito immundo sahir do homem, anda por logares desertos procurando descanço; e, não o achando, diz: Voltarei para minha casa, donde sahi.

25. E quando chega, encontra-a varrida e adornada.

26. Então vae e toma comsigo outros sete espiritos, peiores do que elle e entrando na casa fazem nella habitação. E vem o ultimo estado desse homem a ser peior do que o primeiro.

27. E aconteceu que, dizendo elle estas palavras, uma mulher levantou a voz do meio do povo e exclamou: Bemaventurado o seio que te trouxe e os peitos que te amamentaram.

28. Mas elle respondeu: Antes bemaventurados aquelles que ouvem a palavra de Deus e a praticam.

COMMENTARIO APOLOGETICO

Presença de Jesus no mundo

Jesus expelliu um demonio. e as multidões ficaram maravilhadas de seu poder, diz o Evangelho.

O Salvador aproveita a occasião para fazer uma instrucção magistral sobre o poder e o reino

de Deus, mostrando-lhes que o exercicio deste poder é uma prova de sua divindade.

Para os judeus a presença de Jesus Christo constitue, de facto, o reino de Deus, pois este reino é constituido pela presença de Deus que ordena, e dos filhos que obedecem.

Jesus estava physicamente presente durante a sua vida mortal... e, após a sua morte, Elle continua a estar comnosco, tão bem como estava neste tempo.

E' esta dupla presença que vamos meditar hoje:

1º. A presença **physica.**
2º. A presença **sacramental.**

Estas considerações, sob o aspecto apologetico, nos revelarão uma prova irrefutavel e caracteristica da verdadeira religião de J. Christo.

I. A presença physica

Jesus Christo veio a este mundo para unir-se a seus filhos da terra, consolal-os e oriental-os no caminho do céu: — é o mysterio da encarnação.

É a sua presença physica, visivel, palpavel, presença que seria invisivel, si não tivessemos provas irrefragaveis da sua certeza:

O que foi desde o principio (Deus) diz S. João *o que ouvimos, o que vimos com nossos olhos, e contemplamos, e apalparam as nossas mãos relativo ao verbo da vida... vos annunciamos.* (1 João I. 1)

Examinando esta presença physica de Jesus Christo, por bella e sublime que seja, parece-nos entretanto faltar qualquer cousa... notamos-

lhe limites que não satisfazem o espirito... limites de tempo, de espaço e de intimidade.

Elle vive sim, mas como?

Trinta e três annos passou na terra...

Trinta annos para sua mãe querida!...

Três annos para todos!...

Um dia para Magdalena!...

Uma hora para S. João!...

Havia 60 seculos que a humanidade estava clamando por Elle... e tantos suspiros terminam com uma presença de 3 annos?

E' impossivel!... Ha aqui um mysterio!...

E onde se passaram estes 3 annos?

Num pequeno paiz, que não ultrapassava 20 leguas de circumferencia.

A humanidade soluçára de esperança, e soube da sua vinda depois de Elle ter desapparecido. Que barreira tremenda a do tempo e do espaço!

E' preciso que esta barreira desappareça diante do amor de Deus e dos gemidos da humanidade.

E não sómente encontro estas duas barreiras, mas ha uma barreira mais elevada ainda: a da intimidade! ou melhor: a falta de intimidade durante estes poucos annos.

Os corações que se amam querem ver-se, tocar-se, repousar sobre o peito um do outro.

O que nós amamos é a alma... queremos ver a alma... e esta alma nos escapa!

Percebemol-a na fronte, nos olhos, nos labios.

E' apenas uma sombra da alma, é certo, porém esta sombra é necessaria.

Maria Santissima, S. José, Magdalena, Pedro, João, viram esta sombra de peito, os habitantes da Judéa viram-na de longe... E nós, por termos vindo depois, não veriamos nada, nem de longe, nem de perto?

Entretanto nós amamos este Jesus, como o amavam os discipulos daquelle tempo... e, por isso, nós tambem queremos vel-o, tocal-o, sentir a sua presenca, ver a sombra da sua grande alma.

Como será... onde será... oh! meu Deus? pois é uma necessidade!

II. Presença sacramental

Aqui estamos em frente do mais sublime e do mais terno dos mysterios do amor divino: a sagrada Eucharistia, da qual Santo Agostinho dizia ser a extensão e a perpetuidade da encarnação.

A humanidade tem sido muitas vezes illudida em seus sonhos: ella não o póde ser neste sonho de possuir Jesus Christo até ao fim dos seculos.

Oh! filho de Adão, toma o teu bastão de viandante, e quaesquer que sejam as praias civilizadas ou barbaras, onde te leve a providencia; qualquer que seja a egreja que encontrares: basilica soberba, ou choupana de palmeiras, encontrarás um altar, um tabernaculo, e ao lado deste tabernaculo uma pequena lampada, que sempre arde. E que diz ella?

Ella te annuncia a eterna presença de Deus no seio da humanidade.

Nada temos a invejar aos habitantes da Judéa, que viviam perto de Jesus... nós o temos entre nós, de dia, de noite, pelos seculos afóra.

Temos na Eucharistia o mesmo Jesus da Judéa e do céu!... E' a mesma substancia, é apenas *o modo de ser* que differe; falta apenas afastar o véu, penetrar a nuvem, e teremos em nossas mãos o mesmo Jesus Christo.

Isto é o meu corpo, dizia elle na ultima ceia. E com este corpo, temos a sua alma a sua pessôa inteira... e nesta pessôa temos Aquelle que habita nella corporalmente, isto é: O verbo divino.

Mais ainda: Neste Verbo divino temos o Padre Eterno, conforme Jesus disse: *Quem me vê, vê tambem o meu Pae...* Temos tudo!

Que nos fica a desejar, sinão ver o que possuimos; retirar o véu para ver claramente, por uma visão manifesta o que temos, mas que não vemos?

III. Conclusão

Eis como a presença de Jesus Christo, na sagrada Eucharistia, é a prova sublime da religião verdadeira.

Uma religião que não nos dá a perpetuidade da presença de Jesus Christo, é uma religião falsa; mas a que nos diz: nós possuimos o Christo vivo, o Christo inteiro, o Christo eterno entre nós, esta, *e só esta* é a unica religião verdadeira.

As outras seitas religiosas nos apresentam um Christo historico, um Christo morto, um Christo fugitivo... taes religiões, não correspondem ás grandes esperanças da nossa alma, são pois religiões humanas, mortas.

Só a religião christã nos apresenta o Christo vivo, escondido, mas realmente possuido, cuja grandeza se occulta sob umas apparencias simples, mas significativas... só ella é pois a religião divina: a religião verdadeira.

Deste modo a Eucharistia ou permanencia de Jesus Christo na Hostia sagrada é a grande prova apologetica da religião verdadeira, e nos

transporta, de um salto, das supposições á realidade... das probabilidades á certeza, da esperança á possessão do bem esperado: *Ubi Hostia, ibi religio vera.*

EXEMPLOS

1. Visões de santos

Muitos santos tiveram a faculdade de sentir a presença da Sagrada Eucharistia, até á grande distancia.

Santa Ida, de Lovaina, sentia a presença de N. Senhor na consagração, no momento com que baixava sobre o altar.

Santa Collecta percebia de longe o erro daquelle que servia a Santa Missa, quando em vez de vinho, apresentava por engano agua ao sacerdote, ou um vinho falsificado que não permittia a consagração.

Juliana, religiosa cisterciense, percebia de longe, fóra da egreja, quando se retirava o Santissimo Sacramento da egreja de São Martinho, depois do officio divino.

O veneravel Casset sentia o mesmo facto, á distancia. Os Franciscanos tendo-o convidado um dia para assistir a uma festa, quizeram experimentar a perspicacia sobrenatural do santo.

Retiraram o Smo. Sacramento do Tabernaculo, onde era conservado habitualmente, e o transferiram para outro altar lateral, sem entretanto, retirar a lampada do logar acostumado.

Casset foi para a egreja com o seu companheiro, e vendo este ultimo fazer a genuflexão deante do altar onde ardia a lampada do Smo., lhe disse:

— Não é aqui que está o corpo de J. Christo, mas neste outro altar, onde não ha lampada, pois, os religiosos esconderam-no neste altar lateral.

São Francisco de Borgia era dotado do mesmo dom. Quando entrava numa egreja, ia direito para o logar onde estava o Santissimo Sacramento, mesmo quando nenhum signal exterior denunciava a sua presença.

A Veneravel Joanna Matles distinguia uma Hostia consagrada entre mil outras não consagradas.

2. São Gregorio

Para a consolação dos fieis, como para fortalecer-lhes a fé, Nosso Senhor levanta, ás vezes o véu que o esconde no Smo. Sacramento, e mostra-se sob uma fórma sensivel.

Na primitiva Egreja eram os fieis que offereciam o pão e o vinho para o santo Sacrificio.

Nesta occasião, uma dama romana, recebendo um dia a Communhão das mãos de São Gregorio, testemunhou exteriormente uma leve duvida, ouvindo chamar: corpo de Jesus Christo, o pão que ella mesma havia fabricado.

O santo querendo firmar a fé vacillante dessa christã boa, mas fraca, depositou a Hostia na pequena patena dourada, prostrou-se de joelhos e permaneceu uns instantes em oração.

Levantando-se, retomou a Hostia, que estava visivelmente mudada em carne viva e sanguinolenta.

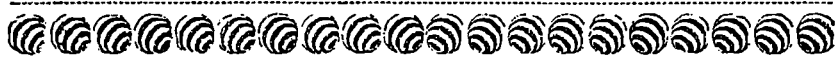
3. Apparição do Menino Jesus

Emquanto Pedro de Tolosa offerecia o santo Sacrificio, no momento da elevação, o Menino

Jesus lhe appareceu resplandecente de uma formosura maravilhosa.

Offuscado pela intensidade luminosa da visão, o santo fechava os olhos, porém, a visão continuava sempre.

Virando a cabeça de lado continuava a ver Nosso Senhor, ora em cima da sua mão, ora em cima de seu braço, para qualquer lado que se virava.

Este phenomeno se reproduziu todos os dias, durante três mezes.

4º DOMINGO DA QUARESMA

EVANGELHO (Jo. VI. 1—15)

1. Naquelle tempo, passou Jesus a outra banda do mar da Galiléa, que é o lago de Tiberiades.

2. E seguia-o uma grande multidão de povo, porque via os milagres que fazia aos enfermos.

3. Subiu então Jesus a um monte e sentou-se ali com os seus discipulos.

4. Ora, estava proxima a Paschoa, dia festivo dos judeus.

5. Levantando, pois, os olhos e vendo que uma grande multidão havia affluido para elle, disse Jesus a Philippe: Onde compraremos pão para dar de comer a essa gente?

6. Mas isto dizia elle para o experimentar, porque bem sabia o que havia de fazer.

7. Respondeu-lhe Philippe: Duzentos dinheiros de pão não serão sufficientes para que cada um receba um boccadinho.

8. Um de seus discipulos, chamado André, irmão de Simão Pedro, disse-lhe:

9. Está aqui um menino que tem cinco pães de cevada e dois peixes; mas que é isto para tanta gente?

10. Então disse Jesus: Mandae sentar o povo. Ora, havia muita relva naquelle sitio. E

sentaram-se os homens, em numero de uns cinco mil.

11. Tomou então Jesus os pães, e, tendo dado graças, distribuiu-o aos que estavam sentados; e egualmente os peixes, quanto queriam.

12. E tanto que se fartaram, disse Jesus aos seus discipulos: Recolhei as sobras, para que não se percam.

13. E elles ajuntaram-nas e encheram doze cestos dos boccados, que haviam restado dos cinco pães de cevada, depois que todos comeram.

14. E todo o povo, vendo o milagre que fizera, dizia: Este é verdadeiramente o propheta que deve vir ao mundo.

15. Jesus, porém, sabendo que o queriam levar comsigo, para o fazerem rei, fugiu novamente para o monte, sózinho.

COMMENTARIO APOLOGETICO

Caracteres da religião

O Evangelho de hoje narra o grande milagre da multiplicação dos pães no deserto, de modo a alimentar cinco mil pessôas com cinco pequenos pães, o que na ordem natural não dava nem siquer uma migalha para cada um; entretanto todos comem á saciedade.

Vendo este milagre assombroso o povo exclamou enthusiasmado: *Este é verdadeiramente o propheta que deve vir ao mundo.*

Esta scena inclue e manifesta os dois caracteres que devem distinguir a unica religião ver-

dadeira das falsas seitas religiosas: o milagre e a prophecia.

Vamos meditar hoje estes dois caracteres que só a religião christã possue:

1• **O milagre,** primeiro caracter.

2. **A prophecia,** segundo caracter.

Estes caracteres formam como o sello que Deus imprime á sua palavra revelada, a carta credencial que acredita os seus enviados, e o signal divino por excellencia.

I. O milágre

O milagre é um facto sensivel e certo, que deroga completamente, ou é contrario ás leis constantes e conhecidas da natureza.

Um sabio póde produzir factos maravilhosos que excitam a admiração, porém taes factos têm o seu principio e a sua causa na natureza; não constituem uma *derogação* a suas leis, mas apenas uma extensão; emquanto o milagre é um facto, cuja causa não existe na natureza, deve pois ter por origem o proprio autor da natureza: Deus.

E' por isso que só Deus póde fazer milagres por si, ou por pessôas por Elle autorizadas.

Os phenomenos ultimamente descobertos da electricidade, radio, radiophotia, televisão, etc., por maravilhosos que sejam, não são milagres, pois sabe-se como são produzidos, e qualquer um póde produzil-os.

Mas como reproduzir, por exemplo, o phenomeno do Evangelho de hoje: multiplicar cinco pequenos pães para alimentar até á saciedade, 5.000 pessôas, e recolher depois doze cestos de pedacinhos que sobraram?

E' inimitavel, porque é divino.

*
* *

O milagre é possivel, porque:

a) Não repugna a nossa natureza, que procura instinctivamente o maravilhoso.

b) Não é contrario ao poder de Deus, pois Elle creou livremente, e póde livremente modificar a sua obra, em certos casos particulares.

c) Não é contrario á sabedoria de Deus, pois a derogação não é uma *desordem*, mas simplesmente uma acção fóra da ordem estabelecida por Elle.

Negar o milagre, porque não o vimos, é tão ridiculo, como seria ridiculo negar todos os factos da historia, porque não os vimos.

Acreditamos nas palavras dos historiadores, e para os milagres acreditamos nas palavras dos testemunhos oculares que viram os dois estados do milagre: antes e depois.

Ver os cinco pães antes da multiplicação — e ver a multidão farta e os 12 cestos de sobras, são estes dois estados: a mudança é inexplicavel, o facto sendo certo, constitue o milagre.

II. A prophecia

A prophecia é uma predicção certa e manifesta de um acontecimento futuro, cujo conhecimento não póde ser adquirido por causas naturaes.

E' um milagre de cousas futuras.

Um astronomo predizendo, com cem annos de antecedencia, um eclip sedo sol; um medico, predizendo uma crise num enfermo; um politico predizendo uma mudança social; não fazem prophecias, porque a intelligencia humana póde prever estes acontecimentos.

Mas como podia prever, por exemplo, o Propheta Zacharias, (IX. 9) quinhentos annos antes de Jesus Christo, que este entraria solemnemente em Jerusalém, montado num jumentinho, o que se cumpriu literalmente?

Que o Salvador havia de ser vendido por 30 moedas de prata, as quaes seriam lançadas na casa de Deus, para serem entregues a um oleiro, (XI. 12) o que se realizou ao pé da letra? Como prever taes acontecimentos com uma antecedencia de 500 annos? E' absolutamente impossivel! Só Deus conhece o futuro; e a realização de taes prophecias é outro *sello*, um carimbo de Deus, que prova que o Propheta era inspirado por Elle mesmo.

A prophecia prova que a verdade em prova da qual é feita, vem de Deus, pois só Deus póde conhecer o porvir e annuncial-o, porque só Elle conhece, num mesmo acto da sua omnisciencia, o passado, o presente e o futuro.

III. Conclusão

A religião que possue estes dois caracteres: o milagre e a prophecia, é pois uma religião divina, pois ella nos apresenta credenciaes absolutamente inimitaveis, e absolutamente certas.

A religião christã é um tecido destes milagres e destas prophecias; ella é pois a religião divina, a unica divina, pois como foi dito: consistindo a religião nas relações que unem os filhos aos paes, taes relações são sagradas e immutaveis.

Leiam o Evangelho: cada pagina contém um facto milagroso, como cada ensinamento contém uma doutrina milagrosa.

As prophecias formam como o tecido do Antigo Testamento; e J. Christo cita a cada instante, a realização destas prophecias em sua pessôa.

A verdade é pois resplandecente... ella está synthetizada na religião christã: e só esta religião possue estes dois caracteres que acabamos de meditar: com a exclusão de todas as seitas religiosas humanas.

EXEMPLOS

1. O caminho divino

No fim do seculo XVII uns pastores protestantes hollandezes desembarcaram nas costas de Malabar, convidando os indios a abraçarem a nova seita.

Estes indios, catholicos fervorosos, haviam sido evangelizados por São Francisco Xavier, a quem dedicavam a mais profunda devoção.

O chefe dos Paravas respondeu-lhes em nome da nação:

— Fazei milagres maiores do que os que o nosso pae S. Francisco Xavier fez, e acreditaremos que a vossa doutrina é melhor do que a delle. S. Francisco resuscitou aqui 6 mortos; resuscitae 10 e ficaremos convencidos.

Deante deste raciocinio do bom senso e da fé, os pastores não tiveram outra resposta sinão insultos, e procuraram dissimular a sua derrota por meio de uma prompta sahida do paiz.

E' o que havia de melhor para os intrusos.

2. O milagre de Calvino

Calvino comprehendeu o valor destes dois caracteristicos: o milagre e a prophecia, para espalhar os seus erros e quiz recorrer a elles.

Numa reunião, prophetizou que, para provar

a sua doutrina, ia fazer um milagre estrondoso, resuscitando um homem morto.
Pagou a um protestante, chamado Brulé, para que se fingisse de morto, e mandasse chamal-o pela esposa desconsolada. Até ahi, tudo se fez de acordo. Uma mulher em soluços, e como desesperada, penetrou na casa de Calvino, supplicando-lhe que resuscitasse o seu marido que acabava de fallecer.

Calvino, levantando os olhos para o céu, num gesto hypocrita, disse aos amigos que o cercavam, que era a hora opportuna para elle provar a sua missão de reformador, restituindo á esposa inconsolavel o marido fallecido.

E lá se foi para a casa do morto.

Chegando no logar, num gesto de dominador, que parece impôr a sua vontade ao proprio Deus, Calvino, em nome de Deus, ordenou ao falso defuncto que se levantasse.

Um silencio lugubre foi a resposta.

Calvino achou a peça theatral bem executada, e num gesto mais decidido, ordenou pela segunda vez ao defuncto, de levantar-se do leito que jazia, para provar que elle, Calvino, era o ministro de Deus. Um silencio mais lugubre, mais inquietante foi a resposta.

Calvino hesitou, empallideceu..., e como, após uma terceira intimação, o pseudo-defuncto ficasse estendido, pallido e sem movimento, a mulher desolada, suspeitando um castigo de Deus, approximou-se da cama e encontrou o marido frio, sem pulso, sem respiração: estava morto!

Em seu desespero, a mulher revelou a sacrilega combinação, insultando o reformador, como sendo o assassino de seu marido.

Só Deus póde fazer milagres; e Elle não communica este poder sinão a seus amigos, que nós chamamos os Santos.

DOMINGO DA PAIXÃO

EVANGELHO (Jo. VIII, 46—59)

46. Naquelle tempo, disse Jesus aos judeus: Qual de vós me arguirá de peccado? Si eu vos digo a verdade, porque me não crêdes?

47. O que é de Deus, ouve as palavras de Deus. Por isso vós não as ouvis, porque não sois de Deus.

48. Responderam então os judeus, e disseram-lhe: Não dizemos nós com razão que tu és um Samaritano, e que tens demonio?

49. Jesus respondeu: Eu não tenho demonio, mas honro o meu Pae, e vós a mim deshonrastes.

50. E eu não busco a minha gloria: ha quem tome cuidado della, e quem fará justiça.

51. Em verdade, em verdade vos digo: quem guardar a minha palavra não verá a morte eternamente.

52. Disseram-lhe pois os judeus: Agora reconhecemos que estás possesso do demonio. Abrahão morreu e os prophetas, e tu dizes: Quem guardar a minha palavra não provará a morte eternamente.

53. Porventura és maior do que nosso pae Abrahão, que morreu? E os prophetas que tambem morreram? Quem pretendes tu ser?

54. Jesus respondeu: Si eu me glorifico a mim mesmo, não é nada a minha gloria: meu Pae é que me glorifica, aquelle que vós dizeis que é vosso Deus.

55. Mas vós não o conhecestes: eu, sim, conheço-o: e si disser que não o conheço, serei mentiroso como vós. Mas conheço-o, e guardo a sua palavra.

56. Abrahão, vosso pae, suspirou por ver o meu dia: viu-o (por meio da revelação), *e ficou cheio de gozo.*

57. Disseram-lhe por isso os judeus: Tu ainda não tens cincoenta annos, e viste Abrahão?

58. Disse-lhes Jesus: Em verdade, em verdade vos digo que antes que Abrahão fôsse feito, eu sou.

59. Então pegaram em pedras para lhe atirarem: mas Jesus encobriu-se, e sahiu do templo.

COMMENTARIO APOLOGETICO

A religião christã

Entramos no tempo sagrado da Paixão. Apenas quinze dias nos separam da Paschoa.

Para preparar-nos á grande data commemorativa da Resurreição do Salvador, meditemos umas palavras do Evangelho de hoje.

Jesus disse aos judeus: Si vos disse a verdade, por que não me crêdes? Aquelle que é de Deus, escuta as palavras de Deus, por isso vós não as escutaes, porque não sois de Deus.

Escutar as palavras de Deus é ser de Deus: escutar as palavras dos inimigos de Deus, é per-

tencer a estes inimigos, é professar uma religião falsa, que não é de Deus.

Infelizmente ha religiões falsas, fabricadas pelos homens, os e aquelles que abraçam-na não querem ser de Deus, ou não são dignos de sel-o.

Não vamos refutar aqui a seita do paganismo, nem a do mahometismo, nem o judaismo, que não têm valor, nem adeptos entre nós, mas vamos examinar as marcas da religião verdadeira em geral, da religião christã.

Esta religião é divina, a unica divina, porque:

1· Foi **fundada** por Jesus Christo.

2· **Conservou** intacto o ensino de Jesus Christo.

Estes dois pontos são o bastante para dar um fundamento seguro á nossa fé, e refutar todas as doutrinas adversas.

I. Fundada por Jesus Christo

A religião christã, como o seu nome o indica, foi fundada por Jesus Christo, não no sentido que antes não existiu, mas sim, que por Elle foi levada á sua suprema perfeição.

Cada seita religiosa, remontando, no tempo, até ao seu berço, encontra necessariamente o seu fundador.

Quatro religiões dividiam antigamente o mundo. São:

1. *O pagnismo;* religião daquelles que, em geral, adoram creaturas, ou idolos feitos pelas suas proprias mãos. E' a idolatria que foi a religião dos povos, antes de Jesus Christo, fóra o povo de Israel. Hoje só os selvagens professam ainda esta crença.

2. *O mahometismo,* estabelecido por Maho-

met em 620. E' uma mistura confusa de ideas pagãs, judaicas, com umas noções desfiguradas de christianismo. Existe hoje ainda na Turquia.

3. *O judaismo*, que remonta á creação do mundo, tendo Deus por autor, e tendo por fim: preparar a vinda do Messias, isto é, o fundador do Christianismo.

Até Jesus Christo era a religião divina, verdadeira, porém, depois da vinda do Messias, tendo realizado o seu papel preparatorio, figurativo, foi substituida pela realidade.

4. *O Christianismo*, fundado por Jesus Christo, que se disse Messias, Salvador do mundo, verdadeiramente Deus, Filho de Deus e provou a sua missão pelas prophecias e pelos milagres.

E' a unica religião que possue a revelação divina.

O Christianismo é a religião fundada por Jesus Christo.

Infelizmente, como veremos mais adeante, os erros penetraram na religião christã, e lhe arrancaram milhares de almas, sobretudo por meio do apostata Luthero, fundador do protestantismo.

O verdadeiro Christianismo encontra-se no Catholicismo, espalhado no mundo inteiro e tendo por Chefe o successor de S. Pedro, o Papa de Roma.

II. Conservação do ensino de J. Christo

E' a religião fundada por Jesus Christo, que Elle chamou *«minha egreja»* — *Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha egreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ella.* (Math. XVI. 18), esta Egreja conservou integros os ensinamentos de seu divino fundador.

De facto, si houvesse falsificação, teria sido apontada e provada pelos proprios christãos, como pelos inimigos dos christãos.

E' absolutamente certo que a religião de Jesus Christo foi veridicamente escripta nos Evangelhos, pois os Evangelistas não *quizeram* enganar a humanidade, não havendo nenhum interesse pessoal; não *podiam* enganar-se, pois eram testemunhas oculares; nem *teriam podido* enganar-nos, pois estavam cercados de inimigos numerosos e rancorosos, que teriam logo reclamado. Tal religião, descripta no Evangelho, vem até nós, tal qual foi composta, pois temos por garantia, os proprios christãos, os inimigos dos christãos, e a conformidade dos numerosos manuscriptos.

Ora, os christãos sempre conservaram e veneraram o Evangelho, como um livro divino, que liam e meditavam com amor. A propria Egreja e os Concilios o collocavam num throno de honra e o consultavam em todos os seus ensinamentos.

Um tal livro não se falsifica, nem póde ser falsificado, sem que seja do conhecimento publico.

Temos como garantia da integridade da religião christã, os proprios e numerosos inimigos, que teriam logo accusado de impostura a minima modificação num livro que serve de fundamento á religião inteira.

Além disso, temos outra prova irrefutavel na concordancia substancial, perfeita, dos numerosos manuscriptos espalhados, desde os primeiros seculos.

Desde os tempos dos Apostolos, as diversas egrejas queriam possuir uma copia authentica dos Evangelhos, e taes copias foram-se multiplicando por milhares e milhares, além das numerosas traducções em linguas extranhas.

Como falsificar taes copias e taes traducções

sem que houvesse mais tarde discrepancia de doutrina? E' impossivel.

Ora, juntando mais tarde quantidade de taes copias e varias traducções, a Egreja encontrou em todas a mais substancial conformidade, sem nenhuma discrepancia essencial.

E' uma prova certa de que a religião christã não mudou atravez dos seculos, mas conservou sempre a sua integridade perfeita.

III. Conclusão

Devemos pois concluir que Jesus Christo é verdadeiramente o fundador da religião christã. Ora, J. Christo é Deus: tal religião é pois divina.

Esta religião consignada nos Evangelhos, conservou-se atravez dos seculos, porque era impossivel altera-la, falsifica-la, sem que o mundo protestasse e demonstrasse os erros intercalados.

Tal falsificação foi impossivel nos seculos passados, como é impossivel em nossa epoca.

Póde-se falsificar um livro desconhecido; não se falsifica um livro que está nas mãos de todos, que interessa a todos e que contradiz a todas as inclinações humanas.

A religião christã é pois a unica religião divina.

EXEMPLOS

1. Os dois testamentos

O catecismo enuméra aquelles que estão fora da Egreja, e nomeia em 1o logar, *os infieis.*

Entre estes é preciso classificar os judeus, que acceitam o Antigo Testamento e rejeitam o novo.

Durante a guerra de 1870, Dom Guibert era Arcebispo de Tours. O Prelado graciosamente poz o seu palacio a serviço dos membros do governo.

Entre elles havia o advogado Crémieux, que era israelita. Um dia, este disse, sorrindo, ao Arcebispo.

— Monsenhor, vós representaes aqui o Novo Testamento, e eu o Antigo; resta saber qual dos dois é o melhor.

— Mas, Dr. Crémieux, respondeu sorrindo o Prelado, o senhor que é advogado, sabe que, havendo varios testamentos, o unico bom é o ultimo.

Eis porque a unica religião boa é a religião christã.

2. Reformada

Durante a guerra de 1914, um pastor protestante distribuiu aos soldados, varios opusculos em favor da sua seita.

— Que ha de novo nestes seus livros? perguntou-lhe um soldado.

—Ensina se a religião... a nossa, a verdadeira!

—E qual é a sua religião?

—A religião reformada.

—Neste caso, não serve.

—E porque?

—Porque quando um militar é *reformado*, isto quer dizer que não serve mais para o serviço.

3. Os ratos e o Monte Branco

Um dia, o P. Combalot prégava em Lyão.

Depois de ter açoitado com o seu verbo vigoroso, os inimigos da religião, o orador desceu

do pulpito, com passos lentos, e parando de repente, exclamou:

— Meus irmãos, estaes vendo ali atravez das janellas o Monte Branco? Pois bem, asseguro-vos que os ratos não hão de devoral-o.

Um sorriso esboçou-se na multidão que comprehendeu. O Monte Branco não receia as mordeduras dos ratos. Assim a religião não receia a perseguição dos viciados e dos libertinos.

DOMINGO DE RAMOS

EVANGELHO (Math. XXI. 1—9)

1. Naquelle tempo, approximando se de Jerusalém e chegando a Bethphagé ao monte das Oliveiras, então enviou Jesus dois de seus discipulos, dizendo-lhes:

2. Ide á aldeia que está defronte de vós, e logo encontrareis presa uma jumenta e um jumentinho com ella: desprendei-a e trazei-m'a:

3. E si alguem vos disser alguma cousa, dizei que o Senhor precisa delles: e logo os deixará trazer.

4. Ora, tudo isto aconteceu, para que se cumprisse o que tinha sido annunciado pelo propheta que disse:

5. Dizei á filha de Sião: Eis que teu rei vem a ti, manso, montado sobre uma jumenta, e sobre um jumentinho, filho da que levava o jugo.

6. E indo os discipulos, fizeram como Jesus lhes ordenára.

7. E trouxeram a jumenta e o jumentinho: e puzeram sobre elles os seus vestidos, e fizeram-no montar em cima do jumentinho.

8. E o povo em grande numero extendia no caminho os seus vestidos: e outros cortavam ramos de arvores e juncavam com elles a estrada:

9. E as multidões que o precediam, e as que iam atraz, gritavam dizendo: Hosanna ao Filho de David: bemdito o que vem em nome do Senhor: Hosanna no mais alto dos céus.

COMMENTARIO APOLOGETICO

Jesus Christo é Deus

Que pagina admiravel o Evangelho nos apresenta hoje, no dia dos Ramos.

Ha nesta scena tanta grandeza e tanta simplicidade unidas, que involuntariamente levantamos os olhos para o céu e exclamamos: — Este Jesus é verdadeiramente Deus.

Jesus, montado numa jumenta, fazendo a sua entrada solemne em Jerusalém no meio das acclamações de um povo enthusiasta.

Os caminhos são alcatifados com ramos, flores das arvores e os mantos dos homens, emquanto longas filas de homens, de mulheres e de crianças cantam: *Bemdito o que vem em nome do Senhor! Hasanna ao Filho de David!*

E Jesus, calmo, bondoso, mas majestoso, de olhos baixos, percorre as ruas da cidade, mostrando pela sua majestade, que é Deus, e pela sua humildade que é homem tambem.

Lancemos hoje um olhar attento sobre esta bella e doce physionomia de Jesus, contemplando:

1• A elevação de seu **espirito.**
2• A fecundidade das suas **palavras.**

São apenas dois aspectos, ou duas bellezas da doce physionomia de Jesus, mas que constituem já dois traços caracteristicos do Deus-Homem.

I. A elevação de seu espirito

A physionomia de Jesus é a transpiração da alma atravez da poeira do corpo. E' a alma sahindo de seu esconderijo, illuminando o semblan-

te com uma especie de irradiação espiritual, que não é deste mundo.

O genio, a virtude, o amor, accendem raios no olhar, no sorriso, e parecem illuminar a fronte de quem os possue.

Ora, o espirito estava em Jesus em sua mais alta expressão. Nelle tudo é luminoso... elle se extende livremente em elevação, em profundeza, em fecundidade, em todas as direcções.

A sua conversação, ao mesmo tempo suave e penetrante, contém relampagos e raios.

Elle sobe, de repente, aos mais sublimes cumes da grandeza e eleva os que o escutam, sem esforço e sem fadiga.

E como o seu olhar é divinamente penetrante! Numa intuição incomparavel elle penetra nos corações e recolhe o pensamento mais secreto.

Com quanta segurança elle lança no fundo da alma, uma palavra incomprehendida no momento, mas que desabrochará depois em luz e em generosidade

Vê-se que Elle conhece os destinos dos povos, como conhece os segredos dos corações.

O porvir de Jerusalém está tão claro deante de seus olhos, como o porvir de Pedro e de Judas.

Esta grande revolução que vae operar a sua doutrina... este mundo novo que deve nascer ao pé da sua Cruz... esta Cruz que attrahirá tudo a si... estes humildes Apostolos, que ensinarão todas as nações... os povos que se converterão... este unico rebanho sob a guarda do unico Pastor. Elle vê tudo isso com uma certeza immediata, absoluta.

O espirito immenso de Jesus não é limitado, nem pelo tempo, nem pelo espaço. A sciencia do futuro nada contém que o impressione, perturbe,

ou surprehenda, porque este espirito luminoso encerra todos os tempos.

II. A fecundidade das suas palavras

Á esta elevação do espirito, devemos juntar a fecundidade das suas palavras. E' um segundo traço da sua admiravel physionomia.

Cada palavra é um raio e uma semente.

Elle abre sementeiras no porvir, como elle semeia no presente.

Bemaventurados os pobres de espirito!
Bemaventurados os que choram!
Bemaventurados os puros!
Bemaventurados os que soffrem perseguições.

Eis sementes maravilhosas!... Quem dirá as colheitas que sahiram dellas!?

Todos os Apostolos ali estão! todas as virgens! todos os martyres! todos os bemfeitores da humanidade!

Elle diz: *Dae a Cesar o que é de Cesar!* E lá está a base da distincção dos dois poderes: o religioso e o civil.

Elle diz: *Pae nosso, que estaes no céu!* E eis a base da fraternidadade universal.

Cada palavra é um germen de vida, de progresso, de civilização, de felicidade, de santidade!

E notem a linguagem de Jesus: Nunca pensamentos mais sublimes foram expressos em palavras tão curtas. As proprias palavras parecem idealizadas e transfiguradas pela ideia. Taes palavras são verdadeiramente *espirito e vida.*

O menos de materia possivel... palavras curtas... transparentes, deixando ver o espirito que as anima.

A sciencia achou o meio de concentrar no menor volume, as mais altas energias medicinaes.

Assim fez Jesus Christo. Em três palavras distinctas, claras, luminosas, elle encerra as leis eternas das cousas, os principios fundamentaes da familia e da sociedade, as causas e os remedios da decadencia dos povos, sobretudo as leis divinas das almas.

E tudo isso sob uma fórma tão simples, que é ao mesmo tempo, leite para as crianças e vinho para a velhice.

III. Conclusão

Em Jesus Christo, a divindade transparece em cada um de seus gestos, em cada palavra, em cada olhar, em cada irradiação de seu espirito.

Elle é homem perfeito... Elle é tambem Deus perfeito. Como conclusão reproduzamos uma curta pagina do grande Lacordaire, a aguia dos pensamentos e da expressão sublimes.

«Ha um homem, exclamou elle um dia do alto do pulpito de Notre Dame de Paris, ha um homem de quem o amor guarda o tumulo; ha um homem, cujo sepulcro não é sómente glorioso, como o disse um Propheta, mas que é amado.

Ha um homem cuja cinza depois de 18 seculos não se resfriou.

Ha um homem cujo pensamento renasce no espirito de uma multidão incalculavel de homens, que é visitado em seu berço pelos pastores e pelos reis, levando-lhe á porfia, o ouro, o incenso e a myrrha!...

Ha um homem do qual parte consideravel da humanidade segue as pisadas, sem jamais cançar, e que apenas desapparecido, se vê seguido em todos os logares da sua antiga peregrinação, sobre os joelhos da sua Mãe, á beira dos lagos, no

alto dos montes, nos atalhos dos valles, na sombra das oliveiras, no segredo dos desertos!

Ha um homem morto e sepultado, de quem se espreita o somno e o despertar, de quem cada palavra que pronunciou vibra ainda e produz mais do que o amor, pois produz virtudes productivas no amor!

Ha um homem pregado ha seculos a um patibulo, e a este homem, milhões de adoradores descem-no cada dia do throno de seu supplicio, prostram-se de joelhos, o mais baixo possivel, sem respeito humano, e ali, por terra, beijam-lhe os pés sangrentos com indizivel ardor.

Ha um homem açoitado, assassinado, crucificado, que uma paixão inenarravel resuscita da morte e do desprezo, para collocal-o na gloria de um amor que não desfallece, e nelle encontra a paz, a honra, a alegria até ao extase.

Ha um homem perseguido em seu supplicio e em seu tumulo por um odio inextinguivel, e que, pedindo apostolos e martyres a cada posteridade que se levanta, encontra apostolos e martyres no seio de todas as gerações.

Ha um homem emfim, e o unico, que fundou o seu amor sobre a terra, e este homem sois vós, ó Jesus! Vós, que quizestes cingir-me, sagrar-me pelo vosso amor, e cujo nome neste momento abre as minhas entranhas, e dellas arranca este accento que me perturba a mim mesmo e que não conhecia». (Lacordaire)

Eis Jesus Christo, verdadeiro Deus, na sublimidade de seu espirito e na fecundidade da sua palavra.

Parece-me impossivel dizer mais e dizer melhor.

EXEMPLOS

1. Eloquentes sem lingua

Nas perseguições de Hunerico, rei dos Vandalos, 300 catholicos confessaram a divindade de Jesus Christo, e tiveram como castigo, de terem a sua lingua cortada até a raiz.

Depois do supplicio todos continuaram a falar com uma facilidade maravilhosa e a confessar a divindade de Christo em alta e forte voz.

Este milagre teve muitos testimunhos, entre os quaes o Imperador Justiniano, que viu e ouviu em Constantinopla diversos destes generosos confessores.

E' mais uma prova da divindade de J. Christo.

2. Argumento de Alamundaro

Os herejes Eutychianos pretendiam que em Jesus Christo havia apenas a natureza divina, sob as apparencias de um corpo humano, donde concluiram que a natureza divina havia soffrido e morrido sobre a cruz.

O rei dos Sarracenos, Alamundaro, tendo-se convertido á religião catholica, respondeu de um modo ingenioso aos Eutychianos que procuravam ganhal-o para a sua heresia.

Fingiu um dia, ter recebido uma carta annunciando a morte do Archanjo, S. Miguel, e perguntou-lhes o que pensavam de tal noticia.

Responderam lhe que era impossivel e absurda tal noticia, pois os anjos eram immortaes

— Mas então, retorquiu o rei, si um anjo não póde, nem soffrer, nem morrer, como é que Jesus Christo póde ter morrido na cruz, si possue

apenas a natureza divina, que é necessariamente impassivel e immortal. Jesus Christo é pois, ao mesmo tempo, Deus e homem.

3. O general de Vouges

O general de Vouges, um dos heroes de Reishoffen, disse aos governantes que queriam reorganizar o exercito: — Não chegarão ao termo desta reorganização si não collocarem J. Christo no coração de cada soldado!

Tudo na humanidade se estreita, se resvala e se degrada, quando ella se afasta de J. Christo, que faz toda a sua grandeza.

DOMINGO DA PASCHOA

EVANGELHO (Marcos XVI, 1—7)

1. Naquelle tempo, Maria Magdalena e Maria, mãe de Thiago, e Maria Salomé, compraram aromas para embalsamarem o corpo de Jesus.

2. E no primeiro dia da semana, partindo muito cedo, chegaram ao sepulcro ao nascer do sol.

3. E diziam entre si: Quem nos tirará a pedra da bocca do sepulcro?

4. Mas, quando olharam, acharam revolvida a pedra, que era muito grande.

5. E, entrando no sepulcro, viram um joven sentado ao lado direito, vestido de uma tunica branca; e tiveram medo.

6. Este, porém, lhes disse: Não temaes; procuraes a Jesus de Nazareth, que foi crucificado; resuscitou; não está aqui, eis o logar onde o haviam posto.

7. Mas ide, annunciae aos seus discipulos e a Pedro, que elle irá adeante de vós para a Galiléa; lá o vereis, assim como elle mesmo vos disse.

COMMENTARIO APOLOGETICO

Physionomia de Jesus Christo

E' a resurreição de Jesus Christo a grande prova da sua divindade.

Jesus predisse que seria entregue a seus inimigos, açoitado, condemnado á morte, mas que resuscitaria no 3o. dia.

Assim aconteceu.

Ora, só Deus póde prever e indicar o futuro.

Elle é, pois, verdadeiramente Deus.

Continuemos a estudar a physionomia resplandecente de Jesus Christo.

Já vimos, a ultima vez: a elevação de seu espirito e a fecundidade de suas palavras. E' um reflexo luminoso da sua divindade, porém ha outros reflexos não menos luminosos que devemos conhecer, e entre elles os que vamos meditar hoje, a saber:

1. O amor de seu **Coração**
2. A força da sua **vontade**

O homem, de facto, é uma intelligencia, um coração e uma vontade; são as três faculdades da nossa alma; e são as três faculdades que nos manifestam claramente a alma de Jesus.

I. O amor de seu Coração

O homem ama, porém, ama pouco, e ama a poucos.

Todos os homens sentem esta triste chaga no coração, de não poderem soffrer muito tempo para aquelles que amam.

Ha apenas uma excepção: é o coração de Jesus Christo.

Elle ama e elle dá tudo.

E, como não ha maior prova de amor do que dar a propria vida para os que se amam, desde o primeiro até ao ultimo instante da sua vida, Jesus Christo aspira ao sacrificio.

A sua hora, como elle diz, a que espera com impaciencia, é a hora em que poderá emfim, no

Calvario, elevar as suas dores até á altura de seu amor.

E não sómente os homens amam pouco, mas amam poucas pessôas.

O homem sente que o seu amor é pequeno, e tem receio de derramal-o sobre os outros. Elle elege um pequeno numero de escolhidos, faz-se um ninho onde colloca as pessôas que lhe são mais queridas: um pae, uma mãe, a esposa, os filhos, e uns raros amigos.

O homem sente que tem apenas umas gottas de amor... e que espargindo-as não lhe sobrará bastante para os que mais estima.

Como o coração de Jesus é differente do nosso! Elle ama todos os homens... e os ama com o mesmo ardor.

Os pequenos, os grandes, os pobres, os ricos, os justos, os peccadores, os banidos da sociedade, Elle não exclue ninguem.

Percorramos o Evangelho e procuremos a quem Elle excluiu de seu amor.

Qual foi o ser bastante manchado para este coração tão puro... ou bastante vulgar para este coração tão nobre... ou demais grande para este coração humilde... ou demais pequenino para este coração sublime?...

E notemos que este coração tão terno e tão immenso é de uma pureza, que não podemos chamar *angelical*; é pouco demais, pois é divino.

Elle vive no meio do mundo... senta-se á mesa dos peccadores... vê a seus pés todas as fraquezas... e nunca, nem siquer a sombra de uma duvida que surge numa consciencia honesta, nem a sombra de um ultrage toca os seus labios.

Os impios atacaram tudo na vida de Jesus Christo, excepto a pureza deste ser celestial.

E este coração tão divinamente puro possue

uma aureola unica neste mundo, a de ter formado pelo seu contacto e o seu exemplo uma legião de corações virginaes, amantes e puros como Elle.

Oh! só Deus póde realizar taes phenomenos. Jesus Christo é pois Deus.

II A força da sua vontade

A vontade é a terceira irradiação da nossa alma; vontade que se concentra na força.

Esta força é incomparavel em Jesus Christo, e nelle reveste todas as modalidades da vida.

E' a força modesta no triumpho, no meio do enthusiasmo das multidões.

E' a força paciente deante da ignorancia e teimosia dos seus discipulos.

E' a força misericordiosa deante da hypocrisia e da perversidade dos phariseus.

E' a força serena e radiante em face das injurias, das bofetadas, dos escarros, dos açoites.

E' a força resignada na agonia, no meio dos mais atrozes desfallecimentos da natureza humana.

Eis já o que é divinamente grande, e o que ha de mais bello na ordem da força; entretanto não é tudo.

A ultima palavra da força de Jesus Christo é o modo com que levantou o mundo conforme a sua expressão: *Omnia traham ad meipsum*. Archimedes dizia: dae-me um ponto de apoio e eu levantarei o mundo. Jesus Christo levantou o mundo, sem ponto de apoio. Tomou doze operarios, pobres, grosseiros, sem genio; e fez o que é mais difficil que levantar o mundo: mudou-os, transformou-os.

E para que o facto fôsse mais incontestavel

não o fez quando vivo, mas depois que se deixou pregar e morrer num patibulo...

Morreu abandonado numa cruz, e na hora em que a sua obra parecia anniquilada com Elle, Elle prova a sua força divina com maravilhas de alémtumulo.

A impiedade julgou-o sepultado para sempre sob a pedra e sob o esquecimento, e eis que de repente reapparece a sua obra, repleta de vida infinita e de eterna fecundidade.

Tudo isso é mais do que humano, é divino... e deve-se concluir que aquelle que perpetra taes obras, é verdadeiramente Deus.

III. Conclusão

Como conclusão e para completar a bella e suave physionomia de Jesus, digamos que esta belleza da intelligencia, esta bondade do coração e esta força da vontade, encontram-se nelle numa harmonia, num equilibrio perfeitos.

Não se encontra nenhuma lacuna, nenhum desfallecimento, nenhuma mancha, nem tão pouco se encontra nelle qualquer excesso ou qualquer esforço.

Cada faculdade attinge o grau maximo da sua intensidade; porém nenhuma eclipsa ou diminue as outras. São harmoniosamente unidas, ao ponto de constituir o que é o traço divinamente bello da vida de Jesus: grandeza tranquilla, doce simplicidade, paz sublime.

Jesus Christo é o homem-ideal em sua natureza humana: Elle é o Deus sublime em sua natureza divina.

E estas duas naturezas: a divina e a humana estão reunidas numa harmonia perfeita, nu-

ma unica pessôa: a pessôa divina do Verbo Eterno Filho de Deus e Filho do homem.

Todos nós somos *um filho* de um homem; Jesus Christo é o *filho do homem*, no sentido absoluto. O Filho de Deus feito homem no seio da Virgem Immaculada.

EXEMPLO

A physionomia de Jesus Christo

O Cavalheiro de Beauterno, reproduzindo os sentimentos de Napoleão, nos deixou esta pagina de uma fé admiravel e de uma expressão tão vehemente que se sente nella a pata do leão de Sant' Helena: o grande Napoleão:

«Não haveria Deus no céu si um homem fôsse capaz de conceber e de executar, com pleno exito, o plano gigantesco de fazer-se adorar pelo mundo inteiro, usurpando o nome de Deus!

Jesus é o unico que tem tido tal ousadia! Elle é o unico que disse claramente: Eu sou Deus!

A historia não menciona nenhum outro que se tenha intitulado Deus, no sentido absoluto desta palavra.

As fabulas nunca contaram que Jupiter ou outros deuses do Olympo se tenham denominado a si proprios, o que aliás teria sido da parte delles, um cumulo de orgulho, uma monstruosidade e uma extravagancia absurda.

São os homens que os deificaram.

Alexandre poude chamar-se: filho de Jupiter, porém, a Grecia inteira zombava delle por tal embuste. Nem siquer a apotheose dos imperadores romanos, foi tomada a serio pelos romanos.

Mahomet e Confucio deram-se simplesmente como agentes da divindade; a deusa Egeria de

Numa Pompilio nunca passou de uma inspiração haurida na solidão da floresta; os deuses de Brahma, da India são uma simples invenção psychologica.

Como é pois possivel que um judeu, cuja existencia historica está mais averiguada do que todas aquellas de seu tempo, elle só, filho de um carpinteiro, se tenha apresentado como Deus, como o Sêr por excellencia e o Creador do mundo?

Elle pede a adoração das creaturas; e por um prodigio que ultrapassa todos os prodigios, Jesus exige o amor dos homens, isto é: aquillo que ha de mais difficil de obter, o que um sabio pede em vão a seus amigos... um pae a seus filhos... uma esposa a seu marido... um irmão a seus irmãos... numa palavra: o coração. Elle exige absolutamente este coração, e o obtém immediatamente.

Concluo que elle é Deus!

Alexandre, Cesar, Annibal, Luiz XIV, com todo o seu genio mallograram-se nesta empresa; conquistaram o mundo, mas não alcançaram nenhum amigo siquer!

Talvez seja eu hoje o unico a amar a Cesar, Annibal, Alexandre.

O grande Luiz XIV, que tanto esplendor espargiu sobre a França e sobre o mundo, não tinha nem um amigo em seu reino inteiro, nem siquer em sua familia.

Apenas havia exhalado o ultimo suspiro, e foi deixado no isolamento de seu quarto de Versailles, abandonado pelos seus cortezões, e talvez até sendo escarnecido. Não era mais o seu mestre... era um cadaver, um esquife, um tumulo, e o horror de uma imminente decomposição.

Eu mesmo tenho apaixonado as multidões, que se deixavam massacrar para mim... A minha

presença, a electricidade de meu olhar, de meu accento, minha palavra accendia nelles o fogo do enthusiasmo, e agora que estou aqui, só, desterrado sobre este rochedo, quem luta e quem conquista imperios para mim?

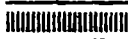
Onde estão os cortezões de meu infortunio?

Quem pensa em mim? Quem se agita por mim, na Europa? Quem me ficou amigo fiel?

Onde estão os meus amigos?

Sim, dois ou três, que a vossa fidelidade immortaliza, vos partilhaes e consolaes o meu exilio.

Assassinado pelo revez das armas, morro aqui, antes do tempo, e o meu cadaver será restituido á terra para ser o pasto dos vermes!...

Eis o proximo destino do grande Napoleão! Que abysmo profundo sobre a minha miseria, o meu abandono e o reino eterno de Jesus Christo, prégado ha já 18 seculos, amado, adorado, invocado, e cada dia vivo sobre os altares e em todas as partes do mundo... Será isso morrer? Não é antes viver? Eis a morte de Christo, eis a vida de um Deus... Concluo que Jesus Christo não é simplesmente homem, elle é Deus verdadeiro!»

1º DOM. DEPOIS da PASCHOA

EVANGELHO (Jo. XX 19—31)

19. Naquelle tempo, pela tarde do primeiro dia da semana, estando fechadas as portas do logar onde os discipulos se achavam reunidos por medo dos judeus, veio Jesus, appareceu no meio delles, e lhes disse: A paz seja comvosco!

20. Dito isto, mostrou-lhes as mãos e o lado. E os discipulos tiveram grande alegria ao ver o Senhor.

21. E disse-lhes pela segunda vez: A paz seja comvosco! assim como meu Pae me enviou, assim eu vos envio.

22. A estas palavras, soprou sobre elles, dizendo: Recebei o Espirito Santo:

23. A quem vós perdoardes os peccados, ser-lhes-ão perdoados; e a quem vós os retiverdes, ser-lhes-ão retidos.

24. Ora, Thomé, um dos doze, chamado Dydimo, não estava com elles quando veio Jesus.

25. Disseram-lhe pois os outros discipulos: Nós vimos o Senhor. Elle, porém, respondeu: Si eu não vir o signal dos cravos, e não metter o dedo no logar dos cravos, e não lhe introduzir a mão no lado não acreditarei.

26. Oito dias depois achavam-se os discipulos outra vez dentro, e Thomé com elles. E entrou Jesus, estando fechadas as portas, e collo-

cando-se no meio delles disse: A paz seja comvosco!

27. *Depois disse a Thomé: Introduze teu dedo aqui, e vê as minhas mãos; vem com tua mão, e mette a no meu lado; e não sejas descrente, mas crente.*

28. *Exclamou Thomé: Meu Senhor e meu Deus!*

29. *Disse-lhe Jesus: Tu creste, Thomé, porque viste; bemaventurados os que não viram e creram.*

30. *Muitos outros milagres ainda fez Jesus em presença dos seus discipulos, que não estão escriptos neste livro.*

31. *Estes, porém, foram escriptos, afim de que vós creiaes que Jesus Christo é o Filho de Deus e para que, crendo, tenhaes a vida eterna em seu nome.*

COMMENTARIO APOLOGETICO

A personalidade de Jesus Christo

O Evangelho tem descripções tão curtas quão sublimes, para mostrar-nos a doce e insinuante physionomia do divino Mestre.

Na scena de hoje por exemplo, como tudo é suave e deixa entrever a personalidade unica de Jesus! *A paz seja comvosco. E dito isto mostrou-lhes as mãos e o lado!... E disse-lhes pela segunda vez: A paz seja comvosco. Assim como meu Pae me enviou, assim eu vos envio!*

Tal linguagem não é de um simples homem; sente-se em cada palavra a inspiração divina... mais do que isso: a personalidade divina.

Ha qualquer coisa de tão ideal nestas palavras, que nos sentimos como anniquillados deante da sua soberana penetração.

Procuremos conhecer a fundo a grande e incomparavel personalidade de Jesus Christo, meditando:

1º A **transcendencia**, e

2º A **independencia** desta personalidade.

São dois caracteres que vão mostrar-nos Jesus Christo na majestade da sua incomparavel belleza de Deus-Homem.

Transcendencia da sua personalidade

A belleza moral de Jesus Christo é sem limites e sem termo de comparação. Esta belleza não é simplesmente um ideal, é uma realidade.

De facto, neste mundo a imaginação do genio procura idealizar a realidade. Mas, em Jesus Christo, a realidade é tão sublime que domina o ideal... e o homem sente-se impotente em imaginar uma belleza mais ideal do que a realidade que nelle admira.

A personalidade é outro traço da sua grandeza. O que limita a personalidade, é o tempo, o logar, a raça.

Por grande que seja um homem elle sáe das entranhas de um povo, e traz os caracteristicos deste povo. E tanto maior é o genio que o distingue, quanto mais profundamente encarna elle o genio da parte da humanidade de que é filho.

O grande Hebreu é Isaias!
O grande Arabe é Job!
O grande Romano é Tacito!
O grande Italiano é Dante:
O grande Inglez é Shakespeare;

O grande Francez é Bossuet.
O grande Brasileiro é Ruy Barbosa.

E Jesus Christo, que é Elle? nem Hebreu, nem Romano, nem Italiano, nem Francez, nem Inglez nem Brasileiro; nem antigo, nem moderno... Elle é de todos os tempos, de todos os seculos, de todas as nações, sem ter a personalidade de uma nação, de um paiz ou de um seculo. Elle não é *um homem* de tempos, elle é **O homem** — *Filius hominis*, como elle mesmo se intitula: o Filho do homem em geral, mas de nenhum homem em particular.

Nos demais homens nunca se encontra a humanidade completa, perfeita: é uma humanidade idealizada, limitada. Em Jesus Christo é a humanidade perfeita, sem limites, sem localização de ideias nacionaes.

Elle é **O homem** acima de todos os homens; Elle é o Christo, acima de todos os preconceitos e vacillações humanas.

E' uma personalidade transcendental, universal. E convém notar que tal *universalidade* não é em Jesus Christo uma impersonalidade.

Nunca personalidade foi tão accentuada e tão distincta como a delle. E' o que constitue seu segundo caracter: o da independencia.

II. Independencia da sua personalidade

Os homens dependem sempre de seu tempo, do logar e da raça a que pertencem.

De quem depende Jesus Christo?

Nem da multidão que o acclama, nem de seus discipulos, nem de seu seculo, nem das opiniões e ideias que o cercam.

Ninguem póde ufanar-se de ter sido o seu mestre.

A sua personalidade é de uma universalidade original, tendo uma sublimidade pessoal, que é só delle... e a qual elle não recebeu de ninguem,

Moysés é Judeu, pelos seus sentimentos e costumes;

Socrates nunca ultrapassou o typo Grego;

Mahomet é o Arabe em toda parte;

Bossuet, La Fontaine, Lacordaire, são os representantes da raça Franceza, como *Ruy Barbosa* se conhece pela expansão do typo Brasileiro.

Em cada um destes grandes homens ha caracteristicos locaes, transitorios, que não comprehendem os povos de outras nações, e que não se pódem imitar em outros paizes nem em outros seculos.

São differenças curiosas que nos mostram serem estes genios puros homens, só homens, embora os maiores dos homens.

Em Jesus Christo, nada disso existe: o transitorio e a dependencia faltam em sua personalidade,

Vemos nelle a *humanidade*: não se vê o que limita ou restringe esta humanidade. Elle é o modelo universal proposto á imitação universal.

Todas as classes copiam-no: a creança, a mocidade, a mãe, o ancião; todas as condições delle se approximam para encontrar nelle consolação e força: o pobre como o rico, o prisioneiro como o Rei, todos olham para Elle; e para todos Jesus Christo é **O Homem-Deus**.

O movimento dos seculos e da civilização traz novas physionomias ao palco do mundo. Jesus Christo é o mesmo para todos: Elle não muda, emquanto tudo se altera em redor delle. Elle permanece a personallidade unica, universal, sympathica e accessivel a todos, imitada por todos, e nunca igualada.

A humanidade marcha, anda depressa.

Ella acclama em sua passagem, os genios que se levantam para segurar-lhes o archote; porém, logo depois, ella os deixa atraz de si:

Newton foi admiravel, mais passou:

Cuvier fez uma revolução na geologia: mas passou;

Copernico espargiu nova luz: mas passou,

Galileu e Lavoisier, passaram.

Montgolfier, Dumont foram ultrapassados pelos seus successores.

Mas, quem já ultrapassou a Jesus Christo?

Ha 19 seculos que os homens se succedem, que a humanidade progride, mas ainda ninguem soube completamente comprehender, nem imitar a Jesus Christo.

Elle permanece para todos a *realidade ideal* inesxgotada e inesgotavel.

III. Conclusão

Como conclusão citemos uma passagem de um inimigo encarniçado do Catholicismo, o triste Renan, que procurou provar que Jesus Christo não passava de um simples homem, mas que, mau grado seu, foi obrigado a confessar a sua divindade:

«Descança em tua gloria, nobre iniciador — escreve Renan — a tua obra está terminada!

Mil vezes mais vivo, mil vezes mais amado, depois da tua morte, do que durante os dias da tua vida, tu serás a pedra angular da humanidade, a tal ponto que, arrancar o teu nome deste mundo seria abalal-o até em seus alicerces! Entre Deus e ti, não ha mais distincção! Plenamente vencedor da morte, toma possessão de teu

reino, onde te seguirão pelo caminho real que traçaste, seculos de adoradores,»
(Renan, vida de Jesus Christo. p. 426)

Sim, Jesus Christo, é Deus, Homem Deus, e tal se nos apparece em sua sublime physionomia e em sua incomparavel personalidade.

EXEMPLO

A Pessôa de Jesus Christo

A proposito da pagina de Beauterno citada acima, recolhamos um curto commentario sobre o mesmo assumpto, do eloquente P. Lacordaire.

Na 37ª. Conferencia, em Notre-Dame, o inimitavel orador dizia, em sua linguagem tão serena quão suave e profunda:

«A nossa epoca começou com um homem que sobrepujou todos os seus contemporaneos, e que nós, vindos depois, não temos igualado.

Conquistador, legislador, fundador de imperio, elle teve um nome e um pensamento que estão ainda na memoria de todos.

Depois de ter feito a obra de Deus, sem nella acreditar, elle desappareceu quando esta obra esteve terminada; elle deitou-se como um astro nas aguas profundas do Oceano Atlantico.

Ali, em cima do rochedo, elle gostava de repassar a sua propria vida, e remontando de si a outras vidas, ás quaes tinha o direito de comparar-se, não poude evitar de entrever, neste theatro de que fazia parte, uma personalidade maior do que a sua.

Contemplou-a muitas vezes: a desgraça abre a alma para receber luzes que a prosperidade não sabe discernir.

A tal personalidade voltava sempre, e cada vez mais imponente: era necessario julgal-a um dia.

Uma tarde deste longo exilio que redimia as faltas do passado e illuminava a estrada do porvir, o conquistador decahido indagou de um dos seus companheiros de captividade si podia dizer-lhe o que era Jesus Christo.

O soldado desculpou-se; havia estado por demais absorvido em sua vida militar para occupar-se deste assumpto.

— Como? retorquiu dolorosamente o interlocutor, tu foste baptizado na Egreja Catholica, e tu não pódes dizer-me, a mim, sobre este rochedo que nos devora, o que era Jesus Christo?

Pois bem, sou eu que vou dizel-o.

Então, abrindo o Evangelho, não com a mão, mas com o coração que delle estava repleto, elle começou a comparar Jesus Christo comsigo mesmo, e com todos os grandes homens da historia; salientou as differenças caracteristicas que collocam Jesus Christo acima de todos os homens, e depois de uma torrente de eloquencia, que não desdenharia nenhum doutor da Egreja, terminou com estas palavras:

Eu conheço os homens a fundo e digo que Jesus Christo não é um simples homem!

Estas palavras resumem tudo o que queria dizer da vida intima de Jesus, e a impressão que cedo ou tarde, experimenta, aquelle que lê o Evangelho com attenção e equidade.

Um dia, sobre o tumulo de seu grande Capitão, a França gravará estas palavras, e ellas ali resplandecerão com uma intensidade mais immortal do que as Pyrámides e Austerbitz.

2º DOM. DEPOIS da PASCHOA

EVANGELHO (João, X. 11—16)

11. Naquelle tempo, disse Jesus aos phariseus: Eu sou o bom pastor. O bom pastor dá a propria vida pelas suas ovelhas.

12. O mercenario, porém, e o que não é pastor e a quem não pertencem as ovelhas, vê chegar o lobo e foge; e o lobo rouba e dispersa as ovelhas.

13. Ora, o mercenario foge, porque é mercenario e não lhe importam as ovelhas.

14. Mas eu sou o bom pastor; conheço as minhas ovelhas, e minhas ovelhas me conhecem.

15. Assim como meu Pae me conhece, e como eu conheço a meu Pae; dou a vida pelas minhas ovelhas.

16. Tenho ainda outras ovelhas que não são deste aprisco; é necessario que as conduza tambem; e escutarão a minha voz, e haverá um só aprisco e um só pastor.

COMMENTARIO APOLOGETICO

O Pastor divino

O Evangelho de hoje nos apresenta uma das mais suaves scenas da vida de Jesus Christo.

Elle é Pae... Elle é Rei... Elle é o Messias... o Salvador do mundo, mas Elle é sobretudo o *Pastor divino* das almas, conhecendo as suas ovelhas e sendo por ellas conhecido, como Elle conhece o seu Pae e é por Elle conhecido.

Que tocante approximação!

O proprio Jesus Christo nos assemelha a si mesmo, e diz que, o que Elle é em relação a seu Pae, nós o somos relativamente a Elle!

Este traço illumina com uma belleza infinita a doce physionomia de Jesus, deixando nos entrever a santidade perfeita e soberana da sua vida.

Meditemos este novo ponto de vista, considerando:

1. A sua **santidade** absoluta

2. A **personificação** de toda santidade.

Estas duas considerações vão dar-nos mais uma prova clara da divindade de Jesus Christo.

I. A sua santidade absoluta

Todos nós somos peccadores, filhos de uma raça peccadora, afóra a Immaculada Mãe de Jesus. O peccado e a inclinação ao mal formam o triste caracteristico da humanidade.

Imaginemos um santo, até o maior dentre elles que diga: Eu sou um santo!... não ha nenhum peccado em mim! Immediatamente tal santo cahiria de seu pedestal e a consciencia humana indignada, assaltando-o, lhe arrancaria a sua corôa.

Eis porque os maiores santos julgam-se os maiores peccadores. S. Paulo não hesitava em proclamar se o primeiro dos peccadores. *Quorum primus ego sum* (1 Tim. I. 15).

Entretanto ha uma excepção!

Ha um homem que disse um dia: *Eu sou santo!... quem me arguirá de peccado?*

Ha um homem, o mais humilde, o mais puro, que disse: *sêde santos como eu sou santo,* sem que tal affirmação extranha, vinte vezes repetida, tenha diminuido a aureola que cerca a sua fronte.

E não sómente não se póde descobrir em sua vida inteira um unico momento de hesitação na affirmação serena da sua santidade absoluta, mas elle nem siquer deixa perceber o menor pensamento de precisar de perdão.

Jesus Christo clama a todos: *convertei-vos... fazei penitencia...* mas Elle nunca bate no proprio peito... nunca derrama uma lagrima de arrependimento... nem no Jardim das Oliveiras, nem no Calvario... nunca Elle se arrepende de qualquer uma das suas acções, mas occupa-se exclusivamente da expiação dos peccados alheios, da salvação dos outros.

Sente-se neste homem uma consciencia virgem, uma alma immaculada, uma serenidade divina, que parece murmurar em redor de si: Santo! Santo! Santo! innocente, separado dos peccadores!

Esta convicção que Jesus Christo tinha da sua santidade absoluta, todos os seus contemporaneos a tiveram tambem.

Seus apostolos, seus discipulos, seus amigos, todos se sentem tomados de veneração deante da pureza perfeita de seu Mestre.

Os seus proprios inimigos, os rancorosos phariseus, com o faro penetrante do odio, espiaram continuamente o Nazareno, e prepararam-lhe ciladas, em toda parte, sem nunca descobrir uma falta, nem siquer um passo errado nesta vida toda divina.

A todas as provocações Jesus responde com soberana dignidade: *Quem de vós me arguirá de peccado?*

Jamais alguem antes delle lançou um tal desafio. Jamais alguem o lançará depois.

Logo, Elle é o *unico* neste mundo, perfeito e santo: Elle é Deus!

II. A personificação da santidade

E este desafio, não sómente Jesus Christo o dirige a seus inimigos de Jerusalém; mas o repete para a humanidade de todas as nações e todos os seculos.

E' sobre esta palavra que colloca a base da sua Egreja. Ahi está a sua base de granito. Ella tem por pedra angular o diamante da pureza e santidade de Jesus.

Supponhamos que se descubra uma impostura na vida de Jesus Christo, uma queda! que digo? uma destas manchas, como ha por milhares em nossa vida, e eis a Egreja em ruinas.

Deste majestoso edificio, onde desabrocharam tantas e tamanhas virtudes, nada ficaria em pé, pois Jesus Christo seria talvez o mais perfeito dos homens, mas não passaria de homem, não seria mais Deus.

O que o eleva acima de todos os homens, de todos os santos, é o poder dizer: *Quem de vós me arguirá de peccado?*

Nunca um homem, nem o mais sublime dos santos, identificou a sua propria santidade, com a belleza moral como Jesus Christo, ao ponto que afastar-se delle, é afastar-se do bem; e reproduzil-o é praticar todas as virtudes.

Sob este ponto de vista, Jesus Christo nunca teve, nem poude ter igual, ou rival: Elle é nui-

co, pelo unico facto da sua santidade; Elle nos apparece, no meio dos demais homens, como numa sublime solidão. Os outros são homens: Elle é Homem-Deus, Elle é a personificação do bem, da virtude, da santidade.

III. Conclusão

Jesus póde intitular-se: o bom pastor. Elle é bom porque é Deus, como Elle mesmo disse: *porque me chamas bom, só Deus é bom*! Elle é um pastor amoroso, vivendo no meio dos homens, como homem, fóra do peccado. Elle vem expiar o peccado, mas não permitte que o peccado lhe toque, nem pela sua sombra; Elle é a santidade perfeita.

Podemos tudo resumir numa pagina luminosa de um genio, Napoleão.

«Dizem que o sublime é um traço da divindade. Que nome se póde dar áquelle que reune todos os traços do sublime?

No Christo tudo me encanta: o seu espirito me ultrapassa, e a sua vontade me confunde. Entre Elle e qualquer outro homem, não existe termo de comparação. Elle é um ser á parte!

Mais me approximo, e mais examino de perto a sua vida, mais acho que tudo está acima de mim que tudo é grande, e de uma grandeza que me esmaga.»

Si a vida e a morte de Socrates são de um sabio, disse o impio Rousseau, a vida e a morte de Jesus Christo são de um Deus!»

Sim, Jesus Christo é Homem-Deus, pela sua santidade, como Elle o é pela sua natureza. Como homem, Elle é Pastor, como Deus, Elle é o Pastor divino das almas. Cabe pois a Elle instruir-nos, guiar-nos; cabe a nós prostrar-nos de joelhos, em adoração deante de Deus feito homem.

EXEMPLO — **Pensamentos de um impio**

Beuve, o grande critico francez que fez passar na joeira de seu juizo todas as personalidades de renome, pensava que não se podia conhecer plenamente um homem sem saber o que havia sido em relação com a religião.

Jesus Christo, no dizer delle, era o *metro moral* e intellectual, com que media os homens.

Cousa admiravel e terrivel! Este homem que terminou a sua carreira com uma impiedade escandalosa, havia traçado pelo proprio punho, a sua sentença de condemnação, nas seguintes linhas:

«Quando se tem de falar de J. Christo, entra-se numa especie de restringimento voluntario.

Teme-se, desde que este nome não seja pronunciado de joelhos e na adoração, que seja profanado, só pela repetição deste nome ineffavel, para o qual o mais profundo respeito póde parecer, sinão uma blasphemia, pelo menos uma falta de respeito devido.

Aquelles que negam Jesus Christo, soffrem as consequencias desta negação.

Toma os maiores dos modernos anti-christãos, que desconheçam a Jesus Christo, examina-os de perto, e verás que qualquer cousa lhes falta no espirito ou no coração.

Si não houvesse prophecias para Jesus Christo, nem milagres, ha qualquer cousa de *tão divino,* em sua doutrina e em sua vida, que é preciso, pelo menos ficar encantado por ella. E como não ha nem virtude verdadeira, nem rectidão de coração sem o amor a Jesus Christo, não ha tão pouco nem profundeza de intelligencia, nem delicadeza de sentimentos, sem a admiração por J. Christo».

3º DOM. DEPOIS da PASCHOA

EVANGELHO (João, XVI, 16—22)

16. Naquelle tempo disse Jesus aos seus discipulos: Ainda um pouco de tempo, e não me vereis mais; e mais um pouco, e tornareis a ver-me; porque eu volto para junto de meu Pae.

17. Disseram então alguns dos seus discipulos uns para os outros: Que quer isso dizer: Ainda um pouco de tempo e não me vereis mais; e mais um pouco, e tornareis a ver-me, porque eu volto para junto de meu Pae?

18. Diziam pois: Que significam estas palavras: Ainda um pouco de tempo? Não sabemos o que elle quer dizer.

19. Ora, sabendo Jesus que o queriam interrogar, disse-lhes: Vós perguntaes uns aos outros o que eu quiz dizer com estas palavras: Ainda um pouco de tempo, e não me vereis mais e mais um pouco, e tornareis a ver-me.

20. Em verdade, em verdade vos digo que vós haveis de chorar e de gemer, e o mundo estará alegre; haveis de estar tristes, mas a vossa tristeza se converterá em alegria.

21. Quando a mulher dá a luz, está em afflicção, porque é chegada a sua hora; mas, depois de haver dado á luz um filho, já não se lembra das angustias, pela alegria que sente de ter nascido ao mundo um homem.

22. *Assim tambem vós estaes tristes agora; mas eu vos tornarei a vêr, e o vosso coração se ha de alegrar, e ninguem vos roubará a vossa alegria.*

COMMENTARIO APOLOGETICO

Milagres de Jesus Christo

O Evangelho de hoje é uma prophecia do que deve acontecer com o Salvador.

Ainda um pouco de tempo e não me vereis mais.

E' a sua morte e sepultura.

Mais um pouco de tempo e tornareis a ver-me:

E' a sua resurreição gloriosa: o grande milagre para provar a sua missão divina.

Durante a sua vida Jesus Christo operou numerosos milagres para provar que era verdadeiramente o Messias promettido, o Filho de Deus; o milagre de facto é o sello divino: só Deus póde operar milagres, pois o milagre sendo uma derogação ás leis da natureza, só o Creador destas leis é que póde derogar a sua execução normal.

Ha um aspecto novo e interessante nos milagres de Nosso Senhor, que vamos meditar hoje, vendo:

1. **O facto** destes milagres
2. **O modo** de fazel-os.

Este aspecto dos numerosos milagres do Salvador constitue uma dupla prova da sua divindade, de uma força transcendental de primeiro valor.

I. O facto destes milagres

Jesus Christo quer de seus filhos uma fé absoluta.

Ora, a fé absoluta requer provas proporcionadas á grandeza da adoração que exige.

Estas provas são os milagres certos, refulgentes, contrarios a todas as leis da natureza.

Deus nos outorgou dons immensos, porém Elle reservou para Si as leis da creação.

Pelo genio o homem chega a atravessar as tempestades: mas não póde acalmal-as.

O homem póde curar um enfermo: é incapaz de resuscitar um morto.

Para mostrar a sua divindade, era, pois, preciso que Jesus Christo mostrasse que é mais que um genio, que é Deus, e que, como tal, as proprias leis da creação lhe estão sujeitas.

E' o que Elle fez.

Lembremc-nos da cura do cégo de nascença... da resurreição de Lazaro... da transfiguração no Thabor e da tempestade no lago.

Taes factos historicamente certos, são uma especie de manifestação da divindade, pois são factos superiores a todas as forças humanas, derogando todas as leis da creação.

Ora, taes milagres foram repetidos centenas e centenas de vezes; feitos sob o sol de uma publicidade resplandecente... no meio das ruas, nas praças publicas, deante de amigos, em presença de multidões immensas, sob o olhar rancoroso dos proprios inimigos.

Tão certos são estes factos que os proprios contemporaneos nunca delles duvidaram. São factos tão milagrosos que não ha nenhum modo humano de explical-os; nenhuma possibilidade

physica, metaphysica ou scientifica, de contradizel-os.

Para fazer taes milagres era preciso ser Deus... e para fazel-os, como Jesus Christo os fez, de modo tão sobrehumano, tenho quasi vontade de dizer, que era preciso ser duas vezes Deus, si isso fosse possivel.

Donde veio ao Salvador a popularidade de que gosava?

Não é puramente o dom de milagres que o mostra superior á natureza, pois o poder não attrae, espanta... como vemos no exemplo de S. Pedro, que pediu a Jesus de afastar-se delle, porque era peccador.

O segredo da sua popularidade está no uso discreto, prudente e amoroso deste poder, na reserva suave do poder de fazer milagres, que vamos meditar agora.

II. O modo de fazer milagres

Convém notar bem o modo por que Jesus fazia milagres.

Um principio preside a todos elles: não perder, mas salvar: *O Filho do homem não veio perder as almas mas salval-as*, disse Elle (Luc. IX. 56 — Joan. XII. 47)

Elle perseverou com tanta firmeza nesta linha de conducta, que pouco a pouco todos o comprehendiam.

Todos sabiam que este rei, cujas pretenções reaes eram tão resplandecentes, tinha uma paciencia sem limites, supportava as criticas mais malignas sem se alterar.

Longe de consideral-o com temor e medo, o que teria impedido aos auditores de escutar com intelligencia os seus ensinamentos, o povo

embora reconhecendo o seu poder extraordinario, o tratava ás vezes com uma vivacidade intempestiva.

Por uma extranha consequencia, o povo o accusava de ter ligação com o demonio, declarando-o deste modo capaz de fazer um mal sem limites, e apesar disso, o temia tão pouco que o provocava sem cessar a usar contra elle deste poder.

Vemos que os judeus julgavam Jesus Christo desarmado, pela sua propria vontade. E' com esta convicção que tiveram a ousadia de atacar a vida daquelle de cujo poder milagroso não duvidavam.

Viram-no ter fome, e acreditavam que tinha o poder de mudar em pão as pedras do caminho.

Viram suas pretenções á realezas desprezadas, e acreditavam que era capaz num instante de apoderar-se de todos os imperios do mundo.

Viram a sua vida em perigo, viram-no expirar na mais cruel agonia, e estavam convencidos que não o querendo, nenhum perigo podia attingil-o.

Testemunhos de seus soffrimentos, e persuadidos pelos milagres que haviam presenciado; os espectadores sentiam-se commovidos.

Em seu espirito uniam-se a compaixão para a fraqueza e a admiração para com um poder sem limites, surgindo destes sentimentos a gratidão e a sympathia para o autor destes milagres.

III. Conclusão

Eis um duplo aspecto dos milagres de Jesus: o poder que revela a presença de Deus, a discreção suave que mostra o coração de um Pae.

Jesus não se contentava em curar: Elle subia mais alto, ia até ás almas. Atravez dos corpos enfermos, Jesus enxergava as almas doentes.

Deste modo os seus milagres não eram sómente actos extraordinarios, eram actos de redempção.

O Salvador das almas, o Redemptor apparecia vivo e visivel atravez destes miligres.

Os milagres constituem em si uma prova da divindade de Jesus Christo; porém, o *modo* suave, terno e paternal de operar estes milagres para o bem das almas, eleva e transfigura os mesmos milagres e faz delles um argumento duplicado, de um valor transcendental ao alcance de todos.

EXEMPLOS

1. Napoleão e Jesus Christo

Nas horas solitarias de seu desterro em Santa Helena, Napoleão sentia uma satisfação intima em poder falar de Jesus Christo, e o fazia com um accento de fé e rasgos de genio, que excitam a admiração dos proprios theologos.

Escutemos mais este pequeno trecho das suas apreciações e analogias religiosas:

«Eu desafio a qualquer um de citar me uma existencia egual a esta de J. Christo, isenta da menor alteração, pura de toda mancha, de toda vicissitude.

Desde o primeiro até ao ultimo dia da sua vida, elle é o mesmo, sempre o mesmo, majestoso e simples, infinitamente austero e infinitamente suave.

Numa convivencia, por assim dizer, publica, Jesus nunca dá azo á menor critica.

A sua conducta tão prudente excita a admi-

ração por esta mistura de força e de mansidão.

Seja que fale ou que age, Jesus é luminoso e como immutavel: é impassivel!

2. Chateaubriand

Em 1848 o canhão da guerra civil ribombava não longe da egreja de Santa Clotilde, em Paris, perto da casa onde estava agonizando Chateaubriand, o grande escriptor francez.

De repente um tumulto mais accentuado, um clamor mais selvagem chegou aos ouvidos do illustre ancião.

Tomando então o seu crucifixo, elle fitou a imagem santa do Salvador com um olhar firme e suave, e disse:

— Só Jesus Christo póde salvar a sociedade moderna; eis o meu Deus, eis o meu Rei!

Foram as ultimas palavras de Chateaubriand.

3. Rei da terra e do mar

Uns cortezões bajuladores appelidaram a S. Canuto, rei da Inglaterra de rei da terra e do mar.

Um dia que o santo estava passeando na praia do mar, na hora do fluxo, em que as aguas vão subindo, sentou-se na praia e ordenou ás aguas que não chegassem até a sua pessôa.

Mas as aguas foram subindo e já encobriam-lhe os pés.

Os cortezões pediram que se afastasse, o que o rei fez, dizendo: «Estão vendo que não sou o rei da terra e do mar,» e mostrando-lhes o crucifixo, accrescentou: «Eis o seu Rei verdadeiro, eis o meu Deus que governa a terra e os mares», e prostrando se, em presença da sua corte, adorou a imagem de Jesus crucificado.

4º DOM. DEPOIS da PASCHOA

EVANGELHO (Jo. XVI. 5—14)

5. Naquelle tempo disse Jesus aos seus discipulos: Eu vou para Aquelle que me enviou, e nenhum de vós me pergunta: Para onde vaes?

6. E porque vos falei deste modo, a tristeza vos encheu o coração.

7. Comtudo, eu vos digo a verdade: é conveniente para vós que eu vá; porque, si não fôr, não virá a vós o Consolador; mas si eu fôr, vol-o enviarei.

8. E quando elle vier, arguirá o mundo do peccado, da justiça e do juizo.

9. Do peccado, porque não creram em mim.

10. Da justiça, porque vou para junto de meu Pae, e já não me vereis.

11. Do juizo, porque o principe deste mundo já está julgado.

12. Ainda tenho muitas cousas que dizer-vos: mas não o podeis supportar agora.

13. Quando, porém vier aquelle Espirito da verdade, ha de ensinar-vos toda a verdade; porque não falará de si mesmo, mas dirá tudo que tiver ouvido, e vos annunciará as cousas que hão de vir.

14. Elle me glorificará, porque tomará do que é meu, e vol-o annunciará.

COMMENTARIO APOLOGETICO

Jesus Christo no berço e no tumulo

A exhortação que Jesus dirigiu á seus apostolos, para consolal-os, refere-se a vinda do Espirito Santo.

Eu vou para aquelle que me enviou, diz Jesus, para dahi mandar-vos o consolador.

Estas poucas palavras resumem a vida do Filho de Deus.

Elle veiu a este mundo pelo *presepio* de Belém... Elle sahirá deste mundo pela morte do *Calvario*. A vida e a morte são os dois termos gloriosos da vida de Jesus Christo.

Meditemos hoje estes dois termos, considerando, que:

1º. Elle **nasceu** como Deus

2º. **Morreu** como Deus.

As considerações anteriores mostraram a vida admiravel, divina do Salvador... hoje veremos que não sómente Elle viveu como Deus, mas que nasceu e morreu como tal.

I. Nasceu como Deus

Jesus Christo nasceu como Deus, neste sentido, que o seu nascimento foi annunciado quatro mil annos antes da sua realização.

Durante este longo espaço de seculos, o Christo viveu na memoria dos homens. Foi promettido, figurado, prophetizado, esperado, e quando appareceu, o mundo viu realizado em sua pessôa, tudo o que havia sido predito do *Libertador* e *Salvador* esperado.

Não sómente Jesus Christo se fez *conhecer* antes de existir, mas Elle se fez *amar* e *adorar*.

Ora, que um homem se faça adorar depois de ter vivido, seria um facto bem prodigioso; mas que Elle se faça adorar antes de nascer, seria o cumulo do absurdo, ou então seria *divino*.

E' divino sim, e esta primeira prova é corroborada por uma segunda, não menos prodigiosa.

Jesus Christo é o unico homem, que tenha mudado a correnteza do tempo, das idéias e das esperanças.

O mundo antigo esperava pela vinda de Deus... era uma expectiva universal.

Ora, basta percorrer a historia para ver que é a Jesus Christo que vem ligar-se esta longa corrente de prophecias das quaes cada annel prende-se ao precedente e sustenta o que segue.

A ruina da nacionalidade judaica coincidindo com a vinda de Jesus Christo resolve a questão por um facto sem replica.

Donde vem que, depois do nascimento de Jesus Christo, afóra um punhado de homens, a humanidade deixou de esperar o advento de Deus que antes tanto desejava?

Porque o oceano dos tempos, veiu Elle parar diante do presepio de Jesus Christo, para desviar a sua corrente e cavar-se um outro leito?

O momento de seu nascimento marcou uma época nova para o genero humano inteiro e o seu berço foi o ponto de chegada do mundo antigo, e o ponto de partida para o mundo novo.

E' em cima do berço de Jesus Christo que o passado e o porvir da humanidade encontraram-se e se abraçaram, que o povo judeu e a gentilidade se deram o abraço da paz.

Logo, Jesus Christo antes mesmo de nascer, vivia já na memoria dos homens; e o seu nascimento é realmente o advento de Deus a este mundo.

II. Morreu como Deus

J. Christo morreu como Deus, pois domou realmente a morte, que doma todas as creaturas.

Elle morreu porque devia por este meio, expiar os peccados dos homens, porém morreu *porque o quiz. Ninguem me tira a vida, disse Elle; tenho o poder de dal-a e de retomal-a* (Joan X. 18) quando o quero... como o quero... para o tempo que o quero: *resuscitarei no terceiro dia.* (Math. XX. 19)

Em sua morte, nos excessos das dores que a precederam, nas circumstancias que a acompanharam, na resignação com que a acceitou, na potencia, na grandeza de alma, na força physica e moral que Jesus mostrou, em tudo isso ha qualquer cousa tão sobrehumana, que um de seus inimigos disse: Si a morte de Socrates é de um sabio, a morte de J. Christo é de um Deus.

Mas para coroar este conjuncto de maravilhas, Jesus Christo quiz dar a grande, a sublime prova da sua divindade, resuscitando-se a si mesmo dos mortos. Só Deus póde *dar a vida...*

Retomal-a depois de tel-a perdido pela morte; é por assim dizer, uma obra mais divina ainda que dal-a, de modo que a resurreição é a obra de Deus acima de todas as obras.

Ora, a resurreição de Jesus Christo, pelo seu proprio poder, é um facto absolutamente certo.

Tal resurreição foi predita varias vezes por Jesus Christo, e dada como prova da sua divindade (Math. XX. 18—Joan II. 19)

Tal predicção era conhecida pelos *Apostolos* que a esperavam, ao ponto de desanimarem pela sua demora (Luc. XXI. 21) e pelos *Judeus*, que tudo punham em obra para impedil-a (Math. XX 27, 63)

Ella é affirmada pelo Evangelho que a conta minuciosamente (Marc. XVI. 9)

Ella é provada pela *incredulidade* dos Apostolos durante os primeiros dias — pela *convicção* com que os apostolos a defenderam até ao preço da sua propria vida — pela *impotencia* physica e moral em que se encontravam os apostolos de se enganarem a este respeito — pela *impossibilidade* de retirarem o corpo de Jesus, seja durante o somno dos soldados, seja pela força, pela seducção ou pela astucia.

Aliás, o facto da resurreição está ligado com uma serie de factos historicos incontestaveis e que não teriam cabimento sem ella.

E' incontestavel, por exemplo; que os apostolos tenham pregado o Christianismo e que uma multidão de judeus e de gentios tenham abraçado esta religião.

Ora, sem a resurreição de Jesus Christo, estes dois factos ficariam inexplicaveis.

Porque os apostolos teriam prégado a doutrina de Christo *morto*, não podendo este nada mais fazer para elles?

Que vantagens podiam elles tirar de uma tal prégação? Humanamente nenhuma,

Porque os Judeus e Gentios se teriam convertido?

Humanamente não encontramos nenhuma razão. Entretanto o homem precisa de um attractivo para agir.

Admittindo a resurreição, admittindo que está *vivo*, em consequencia que é *Deus,* tudo se explica. E' para Elle, vivo, amado, adorado, que se luta e que se morre... para Elle, que promette recompensas infinitas, e cuja resurreição dá a segurança de recebel-as.

III. Conclusão

Jesus Christo mostra-se pois, Deus verdadadeiro, não sómente durante a sua vida, mas no seu berço e no seu tumulo.

Elle entra neste mundo humilde e escondido, porém, deante desta humildade de um estabulo e de um presepio, Elle faz parar os tempos antigos, e começar os tempos modernos...

Com sua mãosinha terna e fragil, Elle muda a correnteza dos oceanos e cava novos leitos para as suas aguas, como indica novos rumos aos povos e aos seculos.

Elle sáe deste mundo pregado num patibulo de infamia como o ultimo dos scelerados, porém, deste patibulo sáe uma luz que illumina a humanidade, e um sangue que faz germinar o heroismo e a santidade.

Elle é sepultado, porém sáe glorioso da sua sepultura, attrae o mundo a si e o eleva ao pinaculo de todas as grandezas e de todas as esperanças...

Elle resuscita a si mesmo... vencendo a morte e abrindo o céu.

Elle é, pois, Deus; e não resta aos homens outra solução, sinão cahirem de joelhos, adorarem o amor infinito de um Deus, que amou ao mundo, até dar-lhe o seu Filho para salval-o, e diante deste Filho temos que redizer com Thomé convertido e convencido: *Meu senhor e meu Deus.*

EXEMPLO

A propagação da religião

No seculo mais refinado, mais esclarecido, mais fastoso, doze homens tomados no meio do povo, sem fortuna, sem talentos, sem apoio,

deixam a Judéa com o pensamento que manifestam publicamente, de operar uma revolução geral no mundo inteiro, e de submetter reis e povos a uma doutrina até então desconhecida.

Não é um espectaculo curioso ver estes homens ao sahirem do Cenaculo, dividirem para si o mundo, e seguirem caminho com uma cruz na mão, sem outro guia que o seu zelo?

Prégarem a todos sem distincção, a falsidade de tudo o que haviam acreditado até ali? a chimera das suas divindades, a abominação de seus sacrificios, o embuste de seus oraculos, a impostura de seus sacerdotes e de seus doutores? Levantarem a voz contra o seu comportamento, exigirem que derribassem os seus templos, pisassem debaixo de seus pés os seus idolos, e adorassem a um homem-Deus, morto ignominiosamente sobre a Cruz?

A' um destes audaciosos reformadores, um dos sabios do Aréopago de Athenas, que tinha vindo escutal-os por curiosidade, disse, talvez admirado deste zelo ardente e desta convicção profunda:

— Este Mestre, em nome do qual ides prégar, vos deixou, sem duvida, meios de successo que vos estimulam!

— Não, elle nos disse sómente: Ide, ensinae a todas as nações; e nós lhe obedecemos.

— Sem duvida, pensaes attrahir o povo pelo engodo dos prazeres, das honras ou das riquezas?

— Não! para a vida presente, nós promettemos só humilhações, soffrimentos, perseguições e pobreza. Aliás, é o que esperamos para nós.

— Mas, pelo menos, o vosso Mestre vos preparou e dispoz o coração dos reis e dos povos para vos acolherem?

— Não; elle nos disse que seriamos odiados,

perseguidos, massacrados, e o nosso corpo já traz os estigmas sangrentos dos açoites que recebemos.

— Talvez vos deu ouro, para attrahir as multidões avidas, e fazer viver na abundancia aquelles que vos seguem? Entregou-vos tambem armas para defender-vos?

— Não, nada disso: nem armas, nem dinheiro, nem provisões; elle nos disse: Não vos inquieteis... do mesmo modo que eu alimento os passaros do céu, assim eu vos alimentarei; e nós vamos vivendo, dia por dia. Elle nos disse ainda: Ide como ovelhas no meio dos lobos, e nós vamos indo sem nos preoccupar do porvir.

— Mas, então, é preciso que o vosso Mestre tenha-se fiado em vosso saber, em vossos talentos, em vossa eloquencia!...

Não; elle nos escolheu, porque eramos o que havia de mais insensato, de mais fraco, e de mais desprezivel, e nos recommendou que evitassemos toda intriga e toda duplicidade.

— Mas então, sois uns loucos!

E o Apostolo, abençoando aquelle que humanamente tinha razão, retirou-se feliz de ter soffrido um pouco de ignominia.

E eis que pouco a pouco, os potentes do seculo humilham-se, os philosophos racionalistas abjuram a sua sciencia e submettem a sua razão, os ricos soberbos fazem-se pobres... e o mundo se torna christão. Em verdade, é incrivel mas é um facto... logo... é divino.

5º DOM. DEPOIS da PASCHOA

EVANGELHO (Jo. XXVI. 23—30)

23. Naquelle tempo disse Jesus aos seus discipulos: E naquelle dia não me interrogareis sobre nada. Em verdade, em verdade vos digo: Si vós pedirdes a meu Pae alguma cousa em meu nome, Elle vol-a dará.

24. Até agora não pedistes nada em meu nome: Pedi e recebereis para que o vosso gozo seja completo.

25. Eu vos disse estas cousas em parabolas. Mas virá o tempo em que eu não vos falarei já por parabola, mas abertamente vos lalarei do Pae.

26. Nesse dia pedireis em meu nome: e não vos digo que hei de rogar ao Pae por vós:

27. Porque o mesmo Pae vos ama, porque vós me amastes e creste que sahi do Pae.

28. Eu sahi do Pae, e vim ao mundo: outra vez deixo o mundo, e vou para o Pae.

29. Disseram-lhe seus discipulos: Eis que agora falas claramente, e não usas de nenhuma parabola;

30. Agora conhecemos que tu sabes tudo, e que não é necessario que alguem te interrogue: por isso cremos que sahiste de Deus.

COMMENTARIO APOLOGETICO

O milagre dos seculos

No Evangelho deste Domingo destaca-se o grande desejo de Nosso Senhor, de ser amado pelos homens: *O meu Pae vos ama*, diz Elle, *porque vós me amastes.*

O amor é um dom de Deus, e como todo dom, para ser recebido deve ser pedido, Jesus reprehende os apostolos de não terem bastante pedido este amor a Deus, *em seu nome.*

Continuando o nosso estudo apologetico da Pessôa de Jesus Christo, appliquemos-lhe esta phrase do Evangelho: «Elle quer ser amado pelos homens, e prophetizou que seria amado»; completando-a por uma outra, em que Elle prediz que seria odiado pelo mundo.

São duas prophecias de Jesus Christo: Taes prophecias realizaram-se plenamente. Logo Jesus Christo é Deus.

1. Jesus pede e obtém **o amor**

2. Jesus prophetiza e obtém **o odio**.

Contemplando o mundo, notamos este extranho phenomeno: ninguem fica indifferente: os homens amam a Jesus Christo, ou o odeiam,

I. Jesus pede e obtém o amor

Cada pagina do Evangelho nos exprime esta grande aspiração de Jesus Christo: ser amado pelos homens.

E' o grande, o primeiro mandamento da lei: *Amarás o teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todas as tuas forças.*

Notemos que, não sómente Elle quer ser ama-

do, mas quer sel-o *por todos*, *acima de tudo*, e diz abertamente que *ha de sel-o.*

São extranhas estas affirmações.

Ser amado de umas pessôas: é a grande aspiração do homem; mas, quem já se lembrou em querer ser amado por todos? Ninguem: o homem quer honras, glorias, riquezas, felicidade sem medida, mas elle se contenta facilmente com o amor de um coração ou de poucos corações.

Jesus Christo sáe deste limite estreito; Elle aspira pelo amor de *todos.*

E não se contenta ainda, com este amor universal; exige um amor, *acima de tudo*, isto é: um amor que faça empallidecer todos os demais amores.

Os paes amam a seus filhos, como sendo um pedaço de seu coração; os filhos amam a seus paes, como sendo um prolongamento da existencia destes; este amor sagrado, é um verdadeiro culto, pois bem, Jesus Christo quer ser amado acima deste amor e não hesita em declarar que *Quem ama a seu pae e a sua mãe, mais do que a Elle não é digno delle.*

O amor da mãe para o seu filhinho é a expressão do que ha de mais forte e terno no amor humano; pois bem, Jesus Christo quer ser mais amado do que este recem-nascido e declara *não ser digno delle quem amar o filho ou a filha mais do que a Elle!*

Parece uma loucura; e em condições semelhantes, com tamanhas exigencias, parece que Jesus Christo se expõe ao ridiculo.

Mas ahi não se limita a exigencia do Salvador. Este amor tão absoluto, Elle nos annuncia que ha de obtel-o *depois da sua morte.*

Não foi Elle amado durante a sua vida, mas annuncia que o será após a sua morte.

Elle tão amavel, tão bom, tão carinhoso, trazendo sobre o seu semblante, a belleza divina da santidade, foi trahido durante a sua vida, cuspido, maltratado, pregado numa cruz, e no meio deste desprezo, Elle prophetiza que depois de morto, seria amado por todos, acima de tudo, com um amor de paixão e de extase.

Oh! verdadeiramente, ou Jesus Christo não conhece o coração humano, ou é louco, a menos que *seja Deus.*

Ora, Jesus Christo alcançou o que pediu. A humanidade ama ao Christo, serve ao Christo, se immola pelo Christo, e proclama este amor pelas suas virtudes, e as suas obras. Logo Elle é Deus.

II. Jesus prophetiza e obtém o odio

A esta prova de divindade de Jesus Christo é preciso juntar-se a *contra-prova*, isto é, uma outra prophecia não menos extranha que a primeira e não menos admiravelmente realizada.

Jesus Christo prophetizou que seria odiado: e Elle recebeu e recebe diariamente este odio.

E' a cousa mais incomprehensivel na vida de Jesus.

Elle veiu a este mundo, pobre, humilde, cresceu no trabalho e na pobreza, aureolado de pureza e de bondade; depois passou a sua vida fazendo o bem a todos, amando a todos, ensinando a todos, uma doutrina de amor e de perdão, e eil-o a prophetizar que será perseguido, odiado durante a sua vida e após a sua morte; não sómente Elle, mas seus discipulos... e que por odio a Elle estes seriam lançados nos car-

ceres, citados perante os tribunaes, sacrificados, mortos como criminosos, e isto não sómente numa época, num paiz, mas pelos seculos e as nações afóra... Isto é incomprehensivel!

E o que é mais incomprehensivel ainda é que tal prophecia haja sido levada a effeito e se leva com um rigor mathematico e com uma barbaridade sem medida.

E' difficil fazer-se amar... mas é mais difficil ainda fazer-se odiar.

Tem havido homens monstruosos neste mundo, dignos do odio da humanidade em peso... mas quem os odeia hoje?

Quem odeia Juliano, o apostata? Nero, Marco Aurelio, Domiciano, estes matadores de christãos?

Quem odeia a Luthero e a nauseabunda caterva de apostatas que o seguiram na libertinagem e na heresia, como Calvino, Zwinglio, Henrique VIII, Leyde, Knox, Fox, Wesley?

O nome desta serie de assassinos ou libertinos excita um movimento de *compaixão*, mas não de odio, de *desprezo*, e de raiva.

São nomes que mancharam, pelos seus crimes, as paginas da historia, mas cuja lembrança deixa os homens indifferentes... Nem merecem o odio: basta dar-lhes o *desprezo*.

Quando se trata de Jesus Christo, o caso é todo differente: Elle é um bemfeitor, um ser puro, santo, sem macula, e houve e sempre ha homens que nem siquer podem ouvir o seu nome sem trepidar de odio.

Para os seres perversos merecedores de odio, o esquecimento se extendeu sobre a sua vida; e ninguem mais se incommoda com o seu nome e a sua vida; sómente Jesus Christo tem a honra e a gloria de ter suscitado um odio inextinguivel.

Porque este odio?

A razão é que nós odiamos o que nos incommoda, o que faz obstaculo, o que nos esmaga.

No dia porém, que tal obstaculo desapparece, que este peso esmagador é reduzido em pó... o odio desapparece, sendo substituido pelo desprezo.

Só para com Jesus Christo o odio nunca se apagou... e o desprezo nunca desceu sobre a sua cabeça. Que quer dizer isso?

Quer dizer que Jesus Christo nunca enfraquece... nunca diminue... mas que sempre incommoda as paixões, como sempre esmaga a vileza e o crime: Elle é sempre Rei e sempre vencedor. Logo Elle é Deus.

III. Conclusão

A conclusão dos dois factos assignalados, innegaveis, é a mesma que temos tirado da contemplação da physionomia, da personalidade e dos milagres de Jesus Christo.

Temos aqui dois factos unicos na historia humana, que nos fazem, como que apalpar o dedo de Deus, ou melhor a propria divindade.

Jesus Christo fez esta dupla prophecia: que após a sua morte, seria amado até ao extase, e odiado até á frenesi.

E estes dois phenomenos, que nunca encontraram a sua realização em ninguem, são plenamente cumpridos nelle.

Ganhar o amor dos homens durante a vida, é possivel; ganhal-o depois da morte, é impossivel.

Tem havido creaturas bellas, bondosas, bemfazejas, que souberam attrahir a sympathia duran-

te a vida: depois da morte foram esquecidas como as demais.

A historia registra homens que foram odiados durante a sua vida; nenhum delles, nem siquer Judas, Barrabás, Herodes, depois de mortos, receberam o odio da humanidade; apenas o *desprezo* segue a sua memoria.

Jesus Christo é amado com um amor apaixonado neste mundo; soffre-se para Elle a perseguição e o martyrio.

E' coisa unica: Elle é odiado até o tresvario pelos viciados como vemos nos communistas hodiernos e muitos outros inimigos da religião.

Porque isso?

Não ha outra razão a não ser a sua grandeza sobrehumana, a sua santidade sem sombra a sua divindade radiante, que deslumbra os sequazes das trevas..

Elle é Deus! E' esta divindade que lhe merece o amor de uns e o odio dos outros; o amor apaixonado das almas puras, o odio até a insánia das almas perversas.

E' o grande e perpetuo milagre dos seculos que passam.

EXEMPLO

O heroismo do amor

Citemos aqui uma bella pagina de Monsenhor Bougaud, falando de Jesus Christo e provando o que acabamos de expôr:

«Jesus Christo, é elle amado como o desejava? E' elle amado com este amor soberano, que eleva as almas, até aos maiores sacrificios?

E' elle amado com este amor que faz empallidecer todos os outros amores?

Oh, sim, perfeitamente! Si alguem duvidasse bastaria ir bater ás portas de um convento de religiosas.

Ali, pergunte a esta joven, talvez rica, bella, instruida, que podia pretender ás honras e aos amores do mundo, porque na idade da belleza e das illusões, ella deixou tudo para ir esconderse atraz dos muros deste convento, e sob um véu preto que a esconde para sempre aos olhos dos mundanos, ella responderá: *Amo Christum.*

Eis o amor de Jesus Christo: elle é tão forte que faz a virgem christã... faz a Irmã de Caridade... faz a Irmãsinha dos pobres, dos leprosos, dos pestiferos!

Elle faz o apostolo, faz o martyr. Este amor de Christo toma o homem em sua fraqueza, em seu egoismo, e coroando-o com o triplice diadema da virgindade, do martyrio e do apostolado, eleva-o até aos cumes mais divinos do amor.

Elle faz mais do que isso. Soffrer, morrer, não constitue o cume do amor, porque não é o cumulo do sacrificio.

O cumulo do sacrificio é ver morrer aquelles que amamos!

O cume mais alto do amor, para uma mãe, por exemplo, não é dar a sua vida a J. Christo, mas dar-lhe a vida de seu filho E isto tem apparecido. Sem falar do exemplo de Abrahão, têmse visto mães que amaram a Jesus Christo com este amor, até sacrificar-lhe o seu proprio filho.

Jesus Christo teve a ousadia de pedir isto, e elle o obteve.

Sim, apenas havia elle morrido crucificado, e logo mães christãs tomaram o seu filho, puze-

ram-no sobre os joelhos e exclamaram: Meu filho, prefiro ver-te morto do que ver-te trahir a Jesus Christo.

E o que diziam, ellas o faziam.

Ellas acompanharam seus filhos perante os tribunaes.... desciam com elles ao coliseu... subiam com elles ao patibulo... exaltavam-nos com seu enthusiasmo... e si receavam que enfraquecessem na luta, ellas se prostravam de joelhos deante delles e diziam: — Meu filho, lembra-te que te carreguei em minhas entranhas... que te alimentei com meu leite: por compaixão para tua mãe, não renegues a Jesus Christo!

O que deve soffrer uma mulher, uma mãe em taes circumstancias, o que soffreram uma Santa Felicidade, uma Symphorosa e tantas outras que as imitaram, nunca palavra humana será capaz de exprimil-o.

Sentimos que, para recompensar tamanhos sacrificios, não será demais dar-lhes uma eternidade de gozo, com os seus filhos nos braços.

Ah! a commoção me invade! Quem é aquelle que tem alcançado tal amor?

Quem é aquelle que, numa pequena cidade da Palestina, poude dizer um dia: Eu quero ser amado por todos, quero ser amado acima de tudo, que o disse e alcançou um amor que apaga todos os outros amores?

Ah, digam-me, quem é elle?

Quem terá a ousadia de dizer que elle é apenas um homem?

Napoleão respondeu um dia a esta pergunta, dizendo: O Christo exigiu o amor dos homens, elle o obteve plenamente. Basta para mim e concluo: *Elle é Deus!*»

6º DOM. DEPOIS da PASCHOA

EVANGELHO (Jo. XV. 26—27. XVI. 1—4)

26. *Naquelle tempo, disse Jesus a seus discipulos: Quando vier o Consolador, que eu vos enviarei da parte do Pae, o Espirito da Verdade que procede do Pae — esse dará testemunho de mim.*

27. *E tambem vós dareis testemunho de mim, porque estaes commigo desde o principio.*

1. *Tenho-vos dito estas cousas, para que não vos escandalizeis.*

2. *Expulsar-vos-ão das synagogas; e virá a hora em que todo aquelle que vos matar julgará prestar um serviço a Deus.*

3. *Desta fórma vos hão de tratar, porque não conhecem nem a meu Pae nem a mim.*

4. *Ora, disse-vos estas cousas, para que, quando chegar essa hora, vos lembreis de que eu vos disse.*

COMMENTARIO APOLOGETICO

A Redempção e a Egreja

O Evangelho de hoje refere-se inteiramente á missão do Espirito Santo, que Jesus promette enviar aos Apostolos, para conservar e vivificar

a obra, por Elle começada na Encarnação e concluida na Redempção.

A acção do Espirito Santo, de facto, é a continuação logica, necessaria, da obra da salvação emprehendida pelo Salvador.

Para comprehender bem a logica necessaria, essencial, desta successão, é preciso considerar um instante:

1º. O que é a **Redempção.**

2º. O que é a **Egreja.**

São as duas phases de uma obra unica, sendo a Redempção a realização do grande ministerio de salvação, e a Egreja a depositaria dos fructos deste mysterio.

I. O que é a Redempção

A grande obra de J. Christo estava terminada.

Elle veiu a este mundo para rehabilitar, completar, extender e esclarecer as verdades ensinadas por Deus, desde a origem do mundo.

Não vim destruir, mas aperfeiçoar a lei (Math. V. 17).

Não vim perder, mas vim salvar as almas (Luc. IX. 56).

Tudo isto estava feito, e do alto de seu patibulo, onde o Filho de Deus, estava expirando, Elle podia exclamar: *Tudo está consummado!* A salvação dos homens era uma obra concluida entre a misericordia e a justiça de Deus.

Esta grande obra da Redempção, entretanto, era ainda um segredo, conhecido só pelas três Pessôas da SSma. Trindade; a terra ignorava a sua salvação.

Esta salvação para ser efficaz e real exigia entretanto a participação da terra ao mysterio da Redempção.

O thesouro infinito da Redempção era uma realidade; existia em Jesus Christo, porém, precisava ser conhecido, promulgado, e applicado. O primeiro passo da Redempção estava dado; faltava o segundo, que é a sua applicação, e sem este segundo passo, o primeiro ficaria inutilizado.

E' uma outra obra divina, tão immensa que a primeira.

A verdadeira doutrina, a doutrina da cruz, deve penetrar em todos os espiritos, em todas as almas, em todos os paizes, em todos os seculos.

Como Jesus Christo fará isto?

Como poderá Elle conservar a verdadeira doutrina no meio deste mar immenso das contradicções humanas?

Quem conservará este deposito?

Como os homens poderão conhecel-o com evidencia e certeza, na fluctuação universal das idéas?

E não é sómente aos contemporaneos da sua vida que Jesus Christo deve transmittir a sua doutrina, mas através dos seculos, ella deve chegar aos homens do seculo dezenove como chegou aos homens dos primeiros seculos.

O mundo muda, os homens se succedem, as idéas se supplantam, os conhecimentos se extendem, e a doutrina de Jesus Christo deve permanecer sempre a mesma.

Que difficuldade humanamente insuperavel!

Si era preciso ser Deus para crear o mundo — ser Deus para resgatal-o — é preciso ainda ser Deus para santifical-o.

Cada uma das três Pessôas divinas tem que realizar a sua obra; obra commum sem duvida, pois é o unico e mesmo Deus, porém, três obras distinctas, em seu modo, em sua essencia, embora uma unica em seu objecto.

O Padre Eterno manifestou o seu *poder* na creação;

O Filho manifestou a sua *misericordia* na Redempção;

O Espirito Santo deve manifestar a *salvação* pela Egreja.

A Egreja é a medianeira entre nós e Jesus Christo, como Jesus Christo é medianeiro entre a Egreja e Deus.

Deste modo, *a Egreja* termina a nossa santificação em Deus, conforme a bella palavra de São Paulo: *Tudo é de vós — vós sois de Jesus Christo — e Jesus Christo é de Deus.*

Estas três phases da presença de Deus, terão seus inimigos, devem tel-o, para que seja manifestada mais claramente a obra divina.

Os *atheus* não querem vêr Deus na natureza;

Os *deistas* não querem vêr Deus em Jesus Christo;

Os *herejes* não querem vêr Deus na Egreja.

E' a triste escala dos erros, a respeito da Creação, de Christo, e da Egreja — mas estes erros são permittidos por Deus, para que com mais fulgor se manifeste a verdade.

Deus se manifesta em suas obras, em Jesus Christo e na Egreja; em outros termos: é Deus na creação, na Redempção, na Egreja, a santificadora das almas.

Já vimos a obra da creação e da Redempção, vejamos agora a obra da santificação pela **Egreja.**

II. O que é a Egreja

A Egreja é a sociedade de todos os christãos que professam a mesma fé e recebem os mesmos sacramentos sob a obediencia dos legitimos pastores unidos ao Santo Padre, o Papa.

O Papa é o legitimo successor de S. Pedro.

E' a Pedro que J. Christo confiou a sua doutrina, o deposito sagrado, dando-lhe o triplice poder de ensinar, de governar, e de santificar.

Onde está pois a Egreja?

Ella está na pessôa do successor de Pedro.

Ubi Petrus, ibi Ecclesia.

Em religião não é o numero, nem a sciencia que valem: é a instituição divina.

Pedro é o chefe, o Mestre supremo, o Doutor infallivel, encarregado de confirmar os seus irmãos.

Simão, Simão, lhe disse o divino Mestre, e só disse isto a Pedro, *eis que Satanaz vos reclamou com instancia para vos joeirar como trigo; mas eu roguei por ti para que a tua fé não desfalleça e uma vez convertido confirma os teus irmãos* (Luc. XXII. 31 — 32).

Eis, pois, a Egreja instituida por Jesus Christo; esta Egreja, hoje visivelmente espalhada no mundo inteiro, remonta sem interrupção, desde Pio XII, gloriosamente reinante, até Pedro, e os onze Apostolos dos quaes era o chefe.

Esta primazia de Pedro e de seus successores até em nossos dias, é um facto historico, o mais bem provado e o mais universalmente reconhecido.

No Genesis lemos que, quando Deus quiz crear o homem, tomou um pouco de limo e formou um corpo, e soprou nelle a vida.

Na creação da Egreja Jesus Christo seguiu a mesma ordem: tomou a *materia*, deu-lhe a *fórma* adequada, soprou nella a *vida divina.*

*
* *

A materia desta nova creação — a Egreja — foram os doze Apostolos, isto é, o que havia

de mais fraco, de mais ignorante, de mais pobre, de mais desprezivel entre os homens.

Deus não tem precisão dos homens. Elle de nada precisa para fazer os maiores prodigios, porém, querendo servir-se dos homens deve-se reconhecer que não podia esconder-se num véu mais transparente do que uma associação composta de elementos tão impotentes.

A fraqueza destes pobres pescadores feitos apostolos, escondia a divindade e a manifestava ao mesmo tempo.

O que havia de *humano* nelles escondia o Christo; mas o que operava nelles de *divino* manifestava o seu poder

* * *

Quanto **á forma** que Jesus Christo dá a sua Egreja ella é clara, precisa, simples.

Elle escolhe 12 apostolos: *fecit ut essent duodecim.*

Entre estes, escolhe um, cujo nome Simão mudou em *Kephas*, Pedro ou pedra, ou rochedo (Kipho syriaco)

Sobre este rochedo Jesus edifica a sua Egreja, e depois de ter dado a *Pedro Rochedo* as chaves do reino do céo e o poder de ligar e desligar na terra, Jesus Christo o nomeiou o chefe supremo da sua Egreja.

Appascenta as minhas ovelhas e os meus cordeiros. (Joan. XXI. 15).

E para que Pedro possa apascentar o rebanho, Jesus Christo o faz infallivel no ensino da doutrina:

Pedro roguei por ti, para que a tua fé não desfalleça, e uma vez convertido, confirma os teus irmãos.

Não desfallecer e confirmar, tal é a dupla prerogativa de Pedro.

Tal é a fórma propria da Egreja: Ella é construida sobre Pedro — Pedro é infallivel na doutrina, Elle é o Pastor universal, para confirmar a todos na verdade.

* * *

Em terceiro logar o Christo deve communicar a vida divina a sua Egreja, pois Elle a fundou como depositaria da vida eterna.

Esta vida divina é o Espirito Santo, que Elle promette enviar após a sua morte.

Não vos deixarei orphãos: voltarei a vós — Eu roguei ao Pae e Elle vos dará um outro consolador, para que fique eternamente comvosco: o Espirito de verdade... que habitará comvosco e estará em vós. (Joan. XIV. 16 17)

Uma ultima scena vae mostrar-nos o poder que este Espirito vivificador communica aos apostolos.

Antes de subir ao céu, na hora mais solemne da sua existencia terrena, Jesus dirige-se a seus apostolos, e como despedida, dá-lhes esta ordem, que é a manifestação da vitalidade perpetua da Egreja:

Foi me dado todo o poder no céu e na terra; ide pois ensinar todas as gentes, baptizando-as em nome do Padre e do Filho e do Espirito Santo, ensinando-as a observar todas as coisas que vos mandei; e eis que estou comvosco todos os dias até a consummação dos seculos. (Math. XXVIII 18)

III. Conclusão

Eis como se completam, num prolongamento logico, suave, a obra da redempção e da Egreja.

Jesus Christo veiu pessoalmente ensinar-nos a verdade, toda a verdade, mostrando-nos o caminho a seguir e os meios a empregar.

Foi a finalidade da sua existencia terrena.

Porém, Elle devia voltar a seu Pae: a sua permanencia physica no meio dos homens era apenas de uns annos. Entretanto, Elle diz claramente *que não nos deixará orphãos.* E' preciso, pois, que Elle mesmo, por assim dizer, se estenda, se prolongue atravez dos seculos, mudando apenas o *modo* da sua presença. E' o que fez divinamente.

Sem falar da sua presença, sob as apparencias eucharisticas, onde o modo physico, é substituido pelo modo sacramental, Jesus Christo prolongou a sua presença intellectual, doutrinal, na pessôa de Pedro e de seus successores os Soberanos Pontifices.

O S. Padre o Papa é a cabeça da Egreja.

Com esta cabeça suprema, que é infallivel como é infallivel o Christo que representa, que J. Christo depositou o thesouso da sua doutrina, para que desta Cabeça fôsse se irradiando no corpo inteiro da Egreja.

A Egreja é pois a depositaria, a thesoureira da doutrina de salvação, e por isso a sua existencia é absolutamente necessaria.

EXEMPLOS

1. O caminho da honra

Cinéas, ministro de Pyrrhus, tentou em vão corromper o Senador Fabricio, e prestando contas de seus esforços a seu Mestre, disse: — Principe, será mais facil desviar o sol da sua carreira, do que afastar Fabricio do caminho da honra!

E' a imagem da Egreja, desde vinte seculos.

Elle segue o caminho da honra e não se afasta deste caminho, sob pretexto nenhum, porque é infallivel.

2. O capitão de Assis

O commandante de Assis, em frente de um regimento de Auvergne, cahiu numa emboscada preparada pelas tropas de Frederico II.

Viu-se, de repente, cercado por vinte soldados, que apontavam o seu peito com a baioneta, dizendo: Si gritas, estás morto.

Por toda resposta o commandante lança um brado vigoroso: Soldados! armas! Cáe, trespassado de baionetas; porém o exercito francez estava salvo,

A Egreja faz o mesmo; quando o inimigo das almas se approxima, ella brada: *Non licet,* disposta a morrer, antes que sacrificar a verdade. Ella não morre porque é immortal.

3. No meio da luta

Frederico II, rei da Prussia, disse um dia, aos que desejavam fazer guerra á Egreja.

— Vós não sabeis guerrear á Egreja; quereis perseguil-a pelas armas, ou pelo sophisma. E' o meio de preparar-lhe seus maiores triumphos.

Deixae-a no esquecimento, e continuae a vossa marcha, como si não existisse.

Tinha razão; as paginas mais bellas da historia da Egreja, são as que foram escriptas pelas perseguições e o martyrio.

4. Palavra de Lacordaire

Quando alguem não acredita firmemente na Egreja, elle acreditará no primeiro que se apresentar e que superar a este alguem, em sciencia ou talento!

DOMINGO DE PENTECOSTES

EVANGELHO (Jo. XVI. 23—31

23. Naquelle tempo, disse Jesus aos seus discipulos: Si alguem me ama, guardará a minha palavra, e o meu Pae o amará, e viremos a elle, e faremos nelle a nossa habitação.

24. Aquelle que não me ama, não guarda as minhas palavras. Ora, a palavra que tendes ouvido, não é minha, mas do Pae que me enviou.

25. Disse-vos tudo isso, emquanto estava comvosco.

26. Mas o Consolador, o Espirito Santo, que o Pae ha de enviar em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar tudo quanto eu vos tenho dito.

27. Deixo-vos a paz, dou-vos a minha paz; não vol-a dou assim como o mundo a dá. Não se perturbe o vosso coração, nem se atemorize.

28. Ouvistes que eu vos disse: Vou e torno a vós. Si me amasseis, certamente folgarieis de que eu vá para junto do Pae, porque o Pae é maior do que eu.

29. E' eu vol-o disse agora, antes que succeda, para que, quando succeder, o creiaes.

30. Já não falarei muito comvosco, porque vem o principe deste mundo, porém não tem poder algum sobre mim.

31. Mas isto acontece para que o mundo conheça que eu amo o Pae, e faço o que o Pae me ordenou.

COMMENTARIO APOLOGETICO

A Egreja divina

O Evangelho deste dia de Pentecostes é inteiramente consagrado á vinda e á obra do Espirito Santo.

O dia de Pentecostes relembra-nos, de facto, não só as promessas, mas a vinda do Espirito Santo sobre os Apostolos, de modo que, é realmente este, o dia em que nasceu a Egreja Catholica, pela virtude do Espirito Santo.

Foi pela luz e a força deste mesmo Espirito Santo, que a Egreja se expandiu triumphante, penetrando no mundo inteiro, regenerando-o, e levando-o a Deus.

Como estamos meditando sobre a organização da Egreja como sociedade, o nosso thema corresponde plenamente ao assumpto da festa de Pentecostes.

Esclareçamos hoje dois pontos apologeticos de summa importancia no assumpto:

1. **O corpo** da Egreja.
2. **A alma** da Egreja.

Estes dois aspectos nos darão, num relance, a physionomia inteira da Egreja, e nos mostrarão a sua união suave, harmoniosa e forte.

I. O corpo da Egreja

São Paulo diz que a reunião dos fieis fórma um corpo unico. — *Unum tamen corpus sunt.* (1 Cor. XII. 12)

E continuando a sua magistral applicação, o Apostolo diz que *nós somos o corpo de Christo e membro de seus membros* (1. Cor. XII. 27) e que *o Christo é a cabeça da Egreja.* (Col. I. 18)

A Egreja é, pois, o corpo mystico de Jesus Christo, sendo Elle mesmo a cabeça deste corpo vivo.

Havendo um corpo, deve haver tambem uma alma. Pois, todo corpo vivo é vivificado por uma alma:

alma vegetativa para as plantas;
alma sensitiva para os animaes;
alma racional para os homens;
alma divina para a Egreja.

Por isso dizemos que as plantas têm uma vida vegetativa; os animaes, uma vida sensitiva; o homem, uma vida racional; e a Egreja, uma vida divina. E esta vida é o proprio Espirito Santo.

O corpo da Egreja é a organização social, visivel, de que o successor de S. Pedro, o Papa, é a cabeça visivel.

E fazem parte deste corpo todos aquelles que são baptizados e estão submissos aos chefes que governam a Egreja.

Esta submissão é exterior e interior, pois, os fieis têm, necessariamente, relações externas e internas com a Egreja docente.

As relações externas constam da *profissão* de uma mesma fé, da *participação* aos mesmos sacramentos e da *obediencia* ao unico Vigario de Jesus Christo na terra: o Papa.

Estas três relações externas são necessarias para se pertencer ao corpo da Egreja; mas não bastam para alguem ser um bom christão.

A relação interna com a Egreja docente é o caracteristico dos que pertencem á alma da Egreja. E': a *união* com J. Christo, pela graça

santificante, não podendo ser unido aos demais membros da Egreja que desconhece.

Desta distincção, resalta que, para pertencer, ao mesmo tempo, ao corpo e á alma da Egreja, é preciso ter *interiormente* a graça de Deus, e *exteriormente* fazer profissão de fé imposta pela Egreja docente, participar dos sacramentos que ella reconhece, e obedecer a J. Christo, Chefe invisivel da Egreja, representado visivelmente na pessôa do Santo Padre, o Papa.

Um catholico deixa de pertencer á alma da Egreja, separando-se della publicamente, pela apostasia, a heresia, o schisma, ou sendo separado della pela excommunhão.

Os peccadores, mesmo publicos, conhecidos como taes, e os herejes occultos, pertencem ainda ao corpo da Egreja, mas deixam de pertencer á sua alma.

Póde-se tambem pertencer á alma da Egreja, sem pertencer ao seu corpo. Nesta condição estão aquelles que não pódem conhecer exteriormente a Egreja, como são as crianças baptizadas; e, de modo secundario, aquelles que, pela fé e a esperança, possuem o germen da graça, como são os herejes e schismaticos de boa fé.

Quando a boa fé de uma alma encontra a graça divina, realiza-se o mysterio da justificação.

II. A alma da Egreja

A Egreja, sendo um corpo vivo, possue tambem uma alma.

A alma é o principio da vida.

Lembremo-nos da scena magnifica da creação de Adão. Ha uma tocante analogia entre a creação do homem e a creação da Egreja.

Depois de ter tomado um pouco de barro, e de ter formado delle o corpo do hômem, Deus tira de seu Coração um sopro de amor, e eis que a estatua de barro se anima, abre os olhos, o coração bate... e a humanidade começa a existir!

E' a imagem do que aconteceu no berço da Egreja.

Com suas mãos divinas, Jesus Christo dispoz o corpo da Egreja, creou-lhe, formou-lhe as arterias, e, inclinando-se amoroso sobre esta Egreja em formação, lhe insufflou um sopro de vida.

No começo do mundo *Deus soprou sobre a fronte de Adão, e creou nelle uma alma vivente.* (Gen. II. 7)

Aqui, Jesus Christo sopra sobre a fronte de sua Egreja, representada pelos Apostolos sob a direcção de Pedro: *et insufflavit in eos*, e faz delles uma sociedade vivente: *Accipite Spiritum Sanctum.*

Eis porque, logo em seguida, com a sua palavra omnipotente, Elle lança a Egreja no espaço, como Deus lançára Adão no espaço do mundo.

Crescei e multiplicae-vos e enchei a terra, e sujeitae-a, (Gen. 28) disse Deus a Adão.

Ide, pois, ensinae a todas as gentes, disse Jesus aos Apostolos.

Sob o sopro de Deus, Adão levantou-se e começou a cantar em extases.

A Egreja levanta-se egualmente sob o sopro do Espirito Santo, e começa a falar, a agir, a converter o mundo.

O corpo da Egreja é bello, harmonioso; mas o que é mais harmonioso ainda e mais bello é a sua alma: é o Espirito Santo que a anima.

Os inimigos da Egreja estão bem illudidos a este respeito. Dizem e predizem que vão destruir a Egreja, que vão sepultal-a.

Desde Juliano o Apostata, até Hitler, a mesma canção tem sido entoada sob diversos tons e melodias: mas o fiasco tem sido e será sempre o mesmo.

Que podem elles fazer? Podem matar o corpo, mas não matam a alma!

Podem encarcerar o Papa!

Podem exilar os Bispos!

Podem assassinar os Padres!

Podem demolir as egrejas!

Mas, que é isso? Só atacam o corpo da Egreja: a alma lhes escapa.

O que seria preciso era estrangular a alma.

Mas, como fazel-o, quando não se póde nem tocar a alma de uma criança?

A alma do homem foge quando o corpo é incapaz de hospedal-a. E a alma da Egreja, está no Papa, nos Bispos, nos Padres, nos fieis, mas ella não está ligada a ninguem: E' o Espirito Santo.

Oh, perseguidores, oh, iconoclastas! oh communistas! Cerrae os punhos contra a Egreja! Despedaçae-a com a vossa foice afiada!... Batei-a sobre a bigorna dos vossos erros, com a maça do vosso odio! Podeis matar o corpo... a alma vos escapa, ella é divina!

Ha 19 seculos que a impiedade, o vicio e a loucura procuram estrangular a alma da Egreja.

Que conseguiram elles?

Cahiram! E sobre o seu tumulo deshonrado, a Egreja sempre triumphante, canta o seu «De profundis», e lança o seu perdão.

A Egreja não morre! Ella é divina, porque a sua alma é divina: é o proprio Espirito Santo.

Ella está sempre viva, sempre radiante, sempre gloriosa... Ella triumpha no sangue de seus filhos, nas fogueiras, sob a espada de seus per-

seguidores, como triumpha sobre os tumulos de seus carrascos.

Eis a alma da Egreja: a alma divina da Egreja; a alma que diviniza o corpo da Egreja e faz della o pharol da humanidade, o rochedo indestructivel, onde todos os naufragos da vida encontram abrigo e salvação.

III. Conclusão

Tal é a obra admiravel, fundada por Jesus Christo: obra divina, inteiramente divina.

Elle mesmo, com as suas mãos divinas, formou o corpo da Egreja, e insufflou neste corpo o sopro divino, que é o Espirito Santo.

O que precede é o bastante para excitar em nós um grande amor á Egreja divina de Christo, columna e firmamento da verdade.

Os nossos paes chamavam-na, com lagrimas nos olhos: *Sancta Mater Ecclesia*— A nossa Santa Mãe Egreja, como expressão da veneração e do amor que lhe dedicavam.

De facto, ella é Mãe, Ella é a Esposa de Jesus Christo; ella é o sopro de seu Ccração, ella é o proprio Espirito Santo, fecundando e salvando a humanidade em demanda para o céu.

Ella merece, pois, todo o nosso amor e toda a nossa fidelidade, tanto a seu corpo como a sua alma.

EXEMPLOS— 1. Testamento de O'connell

O'connell, sentindo approximar-se o termo da sua vida, depois de seus grandes emprehendimentos, depois de ter feito triumphar a fé christã em sua patria, a Irlanda, desejava ir morrer em Roma, e depositar os seus restos mortaes aos pés do representante de Deus na terra.

Não teve a felicidade de chegar em Roma. A molestia prostrou-o em Genova, onde morreu nos mais admiraveis sentimentos de fé e de amor á Egreja Catholica.

Em seu Testamento deixou o seu corpo para a Irlanda, seu coração para Roma e sua alma para o céu.

Seu coração devia ficar em Roma. De facto é ali que permanecem as affeições do christão.

2. Santa Thereza

Chegando ao fim da sua carreira laboriosa e fecunda, Santa Thereza de Avila, em presença das suas Irmãs, reunidas em redor de seu leito, agradecia a Nosso Senhor em alta voz de tel a feito filha da santa Egreja, e de permittir que morresse como tal, — Sim, Senhor, disse ella com um accento de immensa gratidão, sou verdadeiramente a filha da vossa santa Egreja. E' suave morrer na fé da Egreja romana, fortalecida pelos soccorros com que ella abre as portas do céu para os seus filhos.

3. Santa Catharina

Quando se trata da Egreja, cada christão deve saber defendel-a. Santa Catharina era filha de um humilde tintureiro de Senna; consagrou a sua vida em exaltar a santa Egreja.

Não receava para este fim, ir ao palacio dos reis da Europa, de visitar os Cardiaes e até o Soberano Pontifice para combinar meios de trabalhar pela prosperidade da Egreja.

Foi ella que decidiu o Papa a deixar Avignhão e a voltar para Roma.

Si não nos é dado fazer tanto como esta santa, pelo menos rezemos pela exaltação da santa Egreja e a conversão de seus inimigos.

DOMINGO DA SS. TRINDADE

EVANGELHO (Math. XVIII. 18—20)

18. Naquelle tempo disse Jesus aos seus discipulos: Foi-me dado todo o poder no céu e na terra.

19. Ide, pois, instruí todos os povos, baptizando-os em nome do Padre, e do Filho e do Espirito Santo.

20. Ensinando-os a observar todas as cousas que eu vos tenho mandado. E eis que eu estou comvosco todos os dias, até á consummação dos seculos.

COMMENTARIO APOLOGETICO

A unidade da Egreja

Jesus Christo manda os seus Apostolos prégarem o Evangelho a todas as creaturas, promettendo estar com elles até á consummação dos seculos, para que, na multiplicidade de pessôas, de logares e de seculos, conservem sempre a *unidade* da fé verdadeira, na unidade da Egreja verdadeira.

Para conservar esta unidade, é preciso, antes de tudo, poder reconhecer a Egreja unica fundada por Jesus Christo.

Varias egrejas, antigas e novas, intitulam-se Egreja de Christo; qual dellas é a verdadeira?
Jesus Christo, que conhecia as duvidas e os erros do futuro como os do presente, deve ter resolvido taes duvidas, dando á sua Egreja uns caracteristicos tão *claros* que possam ser conhecidos por todos; tão *certos* que excluam a possibilidade do erro; e tão *decisivos* que permittam num relance reconhecer a unica Egreja por Elle fundada.

Sim, taes caracteres existem; são quatro, os quaes vamos analysar successivamente nas instrucções destes Domingos, a saber: *a unidade, a santidade, a catholicidade e a apostolicidade.*

A unidade é a *forma* da Egreja.
A santidade é a sua *vida.*
A catholicidade é o seu *dominio.*
A apostolicidade é a sua *origem.*

Limitemo-nos hoje ao estudo da unidade da Egreja:

1· Em sua **fé** e em seus *sacramentos.*
2· Em seu **governo** e em seu ensino.

Este primeiro caracter é universal, pois a verdade é necessariamente *una* e immutavel. Tudo o que muda perde a unidade, e o que é uno não póde mudar.

I. Unidade da fé e dos sacramentos

A unidade é a marca especial da verdade, que é una, porque a verdade por excellencia é Deus, que é um.

Fomos baptizados, diz São Paulo, *para formar um só corpo e ter um mesmo espirito. Não deve haver divisões neste corpo... Recebestes todos um mesmo espirito, como fôstes chamados*

a uma mesma esperança. Um só Senhor, uma só fé, um só baptismo. (1 Cor. XII)

A Egreja é Jesus Christo continuado. Ora, Jesus Christo é sempre o mesmo: não muda, nem em sua pessôa, nem em sua doutrina.

A Egreja verdadeira deve, pois, ser **una** em sua fé, impondo aos seus membros uma unica crença, porque duas coisas contradictorias não podem ser ambas verdadeiras. Deus não póde ratificar ao mesmo tempo os mandamentos do Papa, e os de certas autoridades terrenas, impondo uma crença, radicalmente opposta.

Do mesmo modo que se reconhecem, pela lingua que falam, aquelles que pertencem a uma nação, assim se reconhecem pela fé que professam, os que pertencem á religião verdadeira.

Só a Egreja Catholica conservou em sua integridade, sem nada supprimir, sem nada ajuntar, a doutrina que recebeu de Jesus Christo.

Esta fidelidade absoluta em sua crença tem sido violentamente exprobada, porque todos os herejes, capazes de reflectir, devem reconhecer que este facto é decisivo, para a conservação da sua autoridade absoluta e exclusiva sobre todas as seitas religiosas.

O Pe. Lacordaire numa das suas conferencias, representa *o mundo* sob a forma de um viandante, que vae bater a porta do Vaticano.

A fé sob a forma do Papa, mostra-se na soleira e lhe pergunta:

—Que queres de mim?

— Mudança, responde o mundo.

— Eu não mudo!

— Ora, tudo mudou e continua a mudar na terra. Porque ficas tu sempre o mesmo?

— Porque venho de Deus, e Deus é immutavel.

Esta palavra ha de ser sempre a ultima da Egreja: Eu não mudo.

* * *

A Egreja deve tambem ser *una* em seus sacramentos, porque os sacramentos são os meios ordinarios, estabelecidos por Jesus Christo, para obter a graça, sem a qual a salvação é impossivel.

O numero dos sacramentos, tendo sido fixado por Jesus Christo, ninguem o póde mudar.

Todos os sacramentos não são absolutamente necessarios a todos do mesmo modo, é certo; porém todos elles concorrem a estabelecer e manter a união com Jesus Christo e dos fieis entre si de tal modo que cada sacramento estabelece um laço particular, necessario para a santificação do individuo e da sociedade.

Supprimir um delles seria ferir gravemente uma das arterias do corpo mystico de Jesus Christo, seria mutilar os meios de santificação.

II. Unidade do governo e ensino

A esta unidade perfeita de fé e de sacramentos, junta-se necessariamente a unidade do governo e do ensino.

A razão é clara. A Egreja é uma sociedade. Ora toda sociedade suppõe um chefe que a governa.

A diversidade de costumes, de linguagem, de caracteres e mil outras cousas geraes ou particulares trariam fatalmente a uma sociedade sem governo, a divisão e a morte.

Todo reino dividido entre si será destruido, diz o Divino Mestre.

Tal lei não soffre excepção. E' por isso que o proprio Jesus Christo estabeleceu um chefe supremo em sua Egreja, grupando em redor deste, outros chefes inferiores para ajudal-o no governo dos fieis.

E' inutil acrescentar que tal chefe deve ser **um só**, pois a multiplicidade de autoridades geraria necessariamente a desunião.

Tal autoridade **una** e suprema, só existe na Egreja Catholica.

Ali ha uma séde suprema, unica, que todas as demais sédes escutam : é a séde de Roma, a séde de Pedro, a quem Jesus Christo confiou o cuidado das ovelhas e dos cordeiros, isto é : dos fieis e dos seus chefes immediatos.

Pelo Episcopado, a Egreja Romana grupa em redor de si, todo o sacerdocio; pelo sacerdocio todos os fieis; pelos fieis, o mundo inteiro.

Nada ha mais admiravel, mais sabio que tal organização.

Nós catholicos, recebemos o ensino dos sacerdotes e dos Bispos, elles porém recebem-no do Soberano Pontifice, que o recebe directamente de Jesus Christo. O Papa é Jesus Christo continuado.

Os ramos de uma arvore não têm seiva sinão quando estão unidos ao tronco ; e a sua diversidade não impede a *unidade* da sua origem.

E si nesta arvore immensa, á qual Jesus Christo comparou a sua Egreja, e que deve espalhar-se no mundo inteiro, os fieis são as *folhas* e os *fructos*, elles não podem ter vida sinão emquanto estão unidos aos ramos, que são os sacerdotes e os Bispos, unidos ao Soberano Pontifice, que é o *tronco* tendo as suas raizes fixas no Coração de Jesus Christo.

* * *

Os ensinamentos que a Egreja vae manifestando nas diversas épocas, em nada prejudicam a sua *unidade*, ao contrario, manifestam-na com mais fulgor.

A Egreja é um *corpo vivo*, perfeito em sua origem; mas desenvolvendo-se através dos annos, tal uma criança, que não adquire nada de essencial pelo crescimento, mas desenvolve apenas, aos olhares, a sua belleza e as suas faculdades.

A Egreja esclarece os dogmas, mas não os cria. A fé propõe verdades, a sciencia as explica.

III. Conclusão

Notemos bem este primeiro caracter da Egreja verdadeira de Jesus Christo: *a unidade.* E tal unidade deve manifestar-se: na fé, nos sacramentos, no governo e no ensino.

Desde que não ha *unidade* não ha mais coordenação do conjuncto, e toda aggregação se dissolve.

Póde haver egrejas, não ha mais uma Egreja; póde haver bispos; não ha mais Episcopado; póde haver padres, não ha mais Sacerdocio.

Deste modo, não havendo mais Papa, não ha unidade; não havendo unidade, não ha autoridade, não ha mais fé. E' o effeito definitivo do schisma e da heresia, *a vida está na unidade:* fóra da unidade é a morte.

A fé permanece a mesma, embora se desenvolva, em seus *motivos*, suas *relações* e suas *consequencias*; fica a mesma, embora que neste desenvolvimento se introduzam certas opiniões ou systemas, mais ou menos plausiveis. Santo Agostinho diz muito bem:

Nas cousas da fé: unidade; nas cousas duvidosas, liberdade; em todas caridade.

A mudança de certos pontos disciplinares prescriptos pela autoridade, não muda tão pouco nem a moral, nem a hierarchia; como a mudança de uns regulamentos da policia, não altera a constituição de um paiz.

A Egreja conserva ciosamente a doutrina de Jesus Christo, sem nada ajuntar, mudar ou supprimir; e si um christão dos primeiros seculos, cujos ossos enbranquecidos repousam nas catacumbas, voltasse em nossa época, entrando na primeira Egreja Catholica que encontrasse, poderia ali unir-se aos fieis e cantar o mesmo symbolo que havia apprendido em sua infancia o qual nunca variou.

EXEMPLOS

1. Testemunho de Guizot

Guizot era protestante, mas tinha bom senso. Eis o que elle escreveu: «O Catholicismo é a maior e a mais santa escola de respeito que existe no mundo. Temos precisão della. Respeito profundamente a Egreja Catholica, e admiro a sua unidade perfeita atravez dos seculos e das nações. Considero a sua dignidade, a sua liberdade, a sua autoridade moral, como essenciaes á sorte da christandade inteira.

2. Reflexões de um protestante

Ha pouco tempo, um protestante, ex-senador dos Estados Unidos, M. Lorimer, converteu-se ao Catholicismo. Interrogado por um jornalista a respeito de sua conversão, respondeu:

Durante 15 annos, li todos todos os livros de controversia religiosa, que pude adquirir, e cheguei á conclusão de que sómente uma cousa me restava a fazer: tornar-me catholico.

No começo, a ideia de entrar no seio da Egreja romana me repugnava; resolví porém, examinar a religião, e, á medida que ia estudando, as minhas convicções se tornaram mais nitidas, de modo que me tornei catholico, quasi mau grado meu.

Nascí na Escossia. Meu pae era pastor presbyteriano, muito rigido. Seguí os cursos de religião até aos meus 20 annos, e, durante todo este tempo, não ouví sinão invectivas contra a Egreja Catholica.

Crescí no odio contra esta Egreja; ora, foi precisamente este odio que provocou a minha conversão. Muitas vezes eu disse de mim para mim: Como é que a Egreja Catholica, si é tão perversa como dizem, póde continuar a existir?

Comecei uma investigação com ideias preconcebidas e como defensor decidido do protestantismo.

O resultado não se fez esperar; descobrí uma Egreja diametralmente opposta a tudo o que havia lido a seu respeito. Averiguei a unidade perfeita de seus ensinamentos atravez dos seculos, a sua conformidade perfeita com o Evangelho, a legitimidade da sua autoridade, etc.

Em vez de protestante, tornei-me desde então um catholico decidido, de fé, e convencido de que não se póde procurar a religião verdadeira sem terminar na Egreja Catholica.

2º DOM. dep. de PENTECOSTES

EVANGELHO (Luc. XIV. 16—24

16. Naquelle tempo propoz Jesus aos phariseus a seguinte parabola: Um homem preparou uma grande ceia, para a qual convidou muita gente.

17. E á hora da refeição mandou um dos seus servos dizer aos convidados que viessem, porque tudo estava prompto.

18. Mas todos a uma começaram a excusar-se. Disse o primeiro: Comprei uma casa de campo, e preciso ir vel-a; rogo-te que me dês por excusado.

19. Outro disse: Comprei cinco juntas de bois, e vou experimental-os; rogo-te me dês por excusado.

20. Um terceiro disse: Casei-me, e por isso não posso ir.

21. Voltou pois o servo e referiu tudo ao seu senhor. Então o pae de familia, indignado, disse ao servo: Sáe depressa pelas ruas e becos da cidade, e conduze-me aqui os pobres, os aleijados, os cegos e os coxos.

22. Respondeu-lhe o servo: senhor, está o que mandaste e ainda ha logar.

23. Disse então o senhor ao servo: Sáe pelos caminhos e ao longo dos cercados e obriga

a gente a entrar, para que se encha a minha casa.

24. Porque eu vos declaro que nenhum daquelles que foram convidados provará a minha ceia.

COMMENTARIO APOLOGETICO

A santidade da Egreja

A parabola da Ceia que um homem rico mandou preparar para os seus amigos, vae indicar-nos a segunda qualidade, ou caracter distinctivo da Egreja de Jesus Christo, isto é: *a santidade.*

Este homem é o proprio Salvador; a sala da Ceia é a Egreja. Todos são convidados por Elle a entrar na sala deste festim e a participar da Ceia ali preparada.

Nesta Ceia espiritual são servidos os meios de sustentar a vida da alma, como numa ceia material são servidos os meios de sustentar as forças do corpo: são sobretudo os sacramentos.

Muitos recusaram participar desta ceia, porque faltava-lhes a virtude exigida para se apresentarem a uma Ceia santa.

Três categorias de viciosos são indicadas pelo divino Mestre: os orgulhosos, os avarentos, os libertinos.

A Ceia deve ser uma reunião santa, podem entrar os pobres; não são admittidos os viciados, posi a santidade exclue necessariamente o vicio.

Meditemos hoje esta nota: *a santidade* da Egreja, examinando em que, e como esta santidade deve manifestar-se:

1. Em seus **membros**.
2. Em sua **doutrina**.

Este segundo caracteristico separa a Egreja verdadeira de todas as seitas humanas, e lhe dá uma belleza unica neste mundo.

I. Nos membros da Egreja

A santidade é uma marca da Egreja de Jesus Christo, porque sendo esta obra de Deus, deve ser santa, como é santo tudo o que sáe do Coração de Nosso Senhor.

E' Elle, de facto, que instituiu a Egreja, escolhendo doze Apostolos...

E' Elle que estabeleceu a hierarchia que constitue o governo da Egreja...

E' Elle que ordenou aos Apostolos que fossem prégar o Evangelho a todas as creaturas.

E' Elle que transmittiu a sua autoridade, seus poderes, sua infallibilidade a Pedro e aos apostolos.

E' Elle que assegurou a *estabilidade* de sua Egreja até ao fim dos seculos.

E' Elle emfim que prometteu de sempre estar com ella e de amal-a sempre.

São Paulo diz : *Jesus Christo amou a Egreja e por ella se entregou a si mesmo para a santificar, purificando-a para que se apresente gloriosa, sem macula, nem ruga ou coisa semelhante, mas santa e immaculada* (Eph. V. 26, 27)

A santidade é pois inherente a esta obra que é inteiramente divina.

O principio desta santidade está na *aspiração* de assemelhar-se a Jesus Christo, conforme o desejo do Salvador : *Sêde perfeitos como meu Pae celeste é perfeito* (Math. V. 48)

*
* *

Tal santidade deve manifestar-se nos *mem-*

bros da Egreja que são: o seu chefe e os seus subditos unidos a este chefe.

Ora, este chefe é Jesus Christo; é o seu unico fundador, como o prova a historia e o Evangelho. No berço das seitas religiosas encontra-se sempre um homem... só para a Egreja Catholica se encontra o proprio Jesus Christo.

Depois de Jesus Christo ter subido ao céu, os chefes visiveis foram os *Apostolos*, dirigidos e confirmados pelo seu guia, São Pedro.

São Pedro, foi nomeado para esse fim pelo proprio Salvador.

Depois dos Apostolos, os Bispos seus successores, sob a autoridade do Papa, successor de S. Pedro, continuam a reproduzir a santidade de seu chefe divino.

Dos 263 Papas, de S. Pedro a Pio XII, 86 são canonizados: os outros têm sido homens de extraordinarias virtudes, contra quem nada podem as calumnias gratuitas dos inimigos da Egreja.

*
* *

Entre as Egrejas, só a Egreja Catholica possue *santos* entre os seus membros.

Todos os catholicos não são *santos*, é certo, porém sempre ha santos entre elles, e isto é o bastante para provar que a Egreja é santa.

Sómente a Egreja Catholica tem *martyres* ou almas generosas que dão a sua vida, para ficarem fieis ao Evangelho e ao Papa.

Sómente a Egreja Catholica tem *apostolos*, que abandonam a sua familia, o bem estar, para, sem interesse material nenhum, levarem até aos confins do mundo, o Evangelho de Jesus Christo.

Sómente a Egreja Catholica tem *religiosos* ou almas generosas que juntam ao cumprimento

da lei de Deus, as sublimes virtudes de castidade perfeita, de obediencia completa, de pobreza voluntaria.

Sómente a Egreja Catholica tem *milagres*, que são a affirmação positiva da acção divina em favor da santidade de seus filhos.

Logo, só a Egreja Catholica possue a santidade, em seu chefe e em seus membros; ella é, pois, a unica Egreja divina.

II. Em sua doutrina

A Egreja Catholica é tambem a unica santa em sua doutrina, só ella conserva em toda a sua integridade a doutrina e a moral de Jesus Christo.

Toda religião consta de uma doutrina (dogma) de uma moral e de um culto.

De facto, basta percorrer os ensinamentos da Egreja para ver que ella adopta integralmente todas as verdades ensinadas por Jesus Christo.

Os inimigos da religião, guiados pela ignorancia e pelo vicio, podem accusar a Egreja de ter inventado novos dogmas e novos mandamentos, porém nunca poderão provar as suas asserções.

Não ha um unico ensinamento da Egreja que não tenha a sua raiz e a sua prescripção na Sagrada Escriptura; como não se encontra no Evangelho uma unica verdade, que a Egreja não adopte e não proponha aos fieis.

O fructo da moral divina, diz S. Paulo, *é a pratica de toda a especie de bem.* (Eph. V. 9) E esta especie de bem é o afastamento do peccado e a pratica da virtude.

Ora, não ha um unico *vicio* que a Egreja não reprove e condemne; como não ha uma unica

virtude que ella não exalte, nem uma unica *bôa obra* que não aconselhe e favoreça.

O culto é a manifestação publica do dogma e da moral, e como tal, fórma uma parte essencial da religião.

O objecto deste culto é *Deus,* fonte de toda a perfeição; *a Virgem Maria,* ideal de pureza e de virtude, que Deus elevou ao maximo grau de dignidade: o de Mãe de Jesus Christo; *os Santos* modelos admiraveis de virtude.

As fórmas deste culto, são tocantes de simplicidade e de grandeza, harmonizando-se perfeitamente com as aspirações da alma humana. Póde-se pois dizer que a Egreja Catholica é tão santa em seu culto, como o é em seu dogma e em sua moral.

III. Conclusão

A *santidade* é pois um dos caracteres distinctivos da Egreja verdadeira.

Jesus Christo fundou a sua Egreja, para *formar santos*: é a sua grande e sublime finalidade.

Si examinassemos qual é a Egreja que produz santos, verificariamos este phenomeno extranho, que seria o bastante para dissipar qualquer duvida..

Sómente a Egreja Catholica produz santos e os produz por milhares... Santos illustres, milagrosos, canonizados, e santos desconhecidos, não menos heroicos talvez, mas que Deus não, escolheu para serem os luminares de seu tempo.

Quantos Catholicos admiraveis que lutam contra as paixões, que vencem o mal e fazem o bem.

Em toda parte, em todos os paizes, épocas e

edades, encontram-se taes homens, porque a Egreja põe em pratica todos os meios de santificação estabelecidos por Jesus Christo.

O' santa Egreja, os grandes homens te pertencem! exclamava José de Maistre.

Contemplando a vida do Catholicismo, a exuberancia da sua santidade, dezenove seculos depois da partida de seu fundador, podemos exclamar tambem:

O'! santa Egreja, os grandes e pequenos santos te pertencem!

EXEMPLOS

1. Os ladrilhos da Cathedral

Um professor de historia natural, acostumado a tudo examinar nas minucias, com o microscopio, entrou um dia na Cathedral de Reims, para examinar a construcção e ver, si de facto era o monumento artistico, tão falado no mundo dos artistas.

Percorreu todas as partes do immenso edificio, examinou tudo com o binoculo, desde as abobadas da entrada até os ladrilhos de mosaico.

Emquanto estava assim examinando tudo, entrou um engenheiro, igualmente attrahido pela mundial fama da Cathedral. Este parou no fundo da nave central, e examinou longamente o conjuncto da architectura, das columnas, arcos e architraves; com o lapis na mão, annotava, calculava, e no fim sentiu-se como extasiado deante da ousadia e majestade desta architectura inimitavel.

Emfim, os dois observadores encontraram-se, e logo se reconheceram como estando a fazer um mesmo exame artistico.

O engenheiro não poude conter-se.

— E' admiravel! é inimitavel! exclamou em alta voz... Que ousadia de linhas, que força de concepção! E olhava, embevecido, estas maravilhas da arte.

O professor de historia natural ficou insensivel, e objectou logo: — Não é bonito, não! Ha defeitos, falhas! olhe, lá em cima encontrei seis ladrilhos quebrados e duas janellas sem vidros... é feio isto, a cathedral não possue belleza, nem arte.

Custou ao engenheiro fazer comprehender ao professor que a arte de um edificio está no conjuncto das linhas, na combinação das partes, e que uns ladrilhos quebrados nada influem no conjuncto da obra.

Os inimigos da religião empregam o mesmo methodo. Olham para a Egreja, examinam uns escandalos locaes, bradam que tem havido maus padres, que ha abusos, superstições, descobrindo deste modo uns ladrilhos quebrados no immenso edificio da Egreja, e não enxergam a santidade total, universal, que esta Egreja possue e communica a seus filhos.

Sim, são sombras num quadro artistico... porém, é precisamente taes sombras que fazem sobresair o conjuncto da virtude que ali floresce.

2. O patrão e o jardineiro

O patrão percorreu o seu vasto jardim em companhia do jardineiro. Encontraram uma macieira carregada de fructos, mas tendo no chão uma duzia de fructos cahidos.

O patrão examinou as maçãs cahidas, que estavam bichadas. Indignado, deu ordem ao jar-

dineiro que arrancasse a macieira por ter maçãs bichadas.

—Mas, patrão, exclamou o jardineiro, não é a macieira que está bichada, são apenas umas fructas mordidas por insectos, que amadureceram antes do tempo e cahiram, note, porém, que ao lado de uma duzia de maçãs cahidas, ha centenas em condições perfeitas.

Quantos homens, sem espirito de Deus, encontrando um escandalo ou um abuso na Egreja, perpetrado por particulares, accusam logo a Egreja de não prestar.

A culpada não é a Egreja, são certos maus catholicos, indignos de pertencer a esta Egreja.

A Egreja é santa, embora não o sejam todos os seus filhos, como a macieira póde ser boa, apesar de todos os seus fructos não serem de primeira qualidade.

3º DOM. dep. de PENTECOSTES

EVANGELHO (Luc. XV. 1—10)

1. Naquelle tempo, aproximavam-se de Jesus os publicanos e os peccadores para o ouvirem.

2. Os phariseus, porém, e os doutores da lei murmuravam, dizendo: Este homem acolhe os peccadores e come com elles.

3. Então Jesus propoz-lhes a seguinte parabola:

4. Quem é de vós que, possuindo cem ovelhas, e tendo perdido uma dellas, não deixa as noventa e nove no deserto e vae atraz daquella que se perdeu, até encontral-a?

5. E havendo-a encontrado, põe-na aos hombros, cheio de alegria.

6. E, de volta á casa, reune os amigos e vizinhos, dizendo: Alegrae-vos commigo, porque achei a minha ovelha, que andava perdida.

7. Digo-vos que semelhantemente maior jubilo haverá no céu por um peccador que fizer penitencia do que por noventa e nove justos que não precisam de fazer penitencia.

8. Ou qual a mulher que, possuindo dez drachmas, e tendo perdido uma, não accende a candeia, e varre a casa, e a procura com muito afan, até encontral-a?

9. E, tendo a achado, reune as suas amigas e vizinhas e lhes diz: Alegrae-vos commigo, porque achei a drachma que havia perdido.

10. Assim, eu vos declaro que tal será o jubilo entre os anjos de Deus por causa de um peccador que fizer penitencia.

COMMENTARIO APOLOGETICO

A universalidade da Egreja

Bella e tocante lição de misericordia a que Jesus nos dá no Evangelho de hoje.

Esta misericordia extende-se a todas as almas, sem excepção: *O Filho do Homem veio salvar o que estava perdido.* Ora, pelo peccado original, o mundo inteiro estava perdido... Todos pois, devem ser salvos.

A Egreja, fundada por Jesus Christo, tem por fim dirigir as almas para o céu.

Para poder realizar este fim e attingir todos os homens torna-se necessario que esta Egreja seja *universal.*

E' esta universalidade, ou catholicidade da Egreja que vamos meditar hoje, examinando as duas prerogativas que formam tal Catholicidade a saber:

1º O deposito de **todas as verdades**.

2º A sua extensão **ao mundo inteiro**.

Estas duas condições são uma 3ª nota caracteristica da verdadeira Egreja de Jesus Christo.

I. Deposito de todas as verdades

A universalidade ou Catholicidade é uma marca necessaria da verdadeira Egreja porque,

sendo necessario para a salvação, o conhecimento das verdades reveladas, Deus devia *confiar* estas verdades a uma sociedade, estabelecida por Elle, para assegurar a salvação de todos os homens.

E não sómente devia confiar-lhe estas verdades, mas devia ordenar que as fizesse conhecidas por todos, e dar-lhe os meios para que as fizesse chegar ao conhecimento de todos.

Sem isso, Jesus Christo não alcançaria a meta almejada: vindo a este mundo para a salvação de todos.

Ora, sómente a Egreja Catholica póde reivindicar para si esta *universalidade*, e isto com toda justiça por lhe ser este nome tão especial, que Santo Agostinho e São Cyrillo de Jerusalém, já diziam em seu tempo:

«Embora todos os herejes queiram ser catholicos, quando um extranho lhes pergunta: Onde está a Egreja Catholica? não ha um só que tenha a ausadia de indicar o seu templo ou a sua casa».

A Egreja Catholica, e sómente ella, possue a universalidade das verdades reveladas.

Destas verdades, Jesus Christo communicou pessoalmente umas a seus Apostolos, promettendo-lhes o Espirito Santo, que lhes ensinaria o restante.

Os Apostolos communicaram todas estas verdades á Egreja, quer *por escripto* no Novo Testamento, quer *oralmente* pela prégação que foi recolhida pelos primeiros fieis, e a qual chamamos: *tradição*.

*
* *

Possuindo deste modo a universalidade das verdades reveladas, a Egreja communica estas

verdades ao mundo inteiro, conforme a ordem recebida de seu chefe e fundador, que lhe disse:

Ide por todo o mundo prégae o Evangelho a toda creatura, (Marc. XVI, 15) *dae de graça o que de graça recebestes.* (Math. X. 8) *O que vos digo nas trevas, dizei-o ás claras: e o que vos é dito ao ouvido, prégae-o sobre os telhados* (Math. X. 27)

E a Egreja obedece: Ella não sepulta a verdade num segredo mysterioso, ella não tem, como tinham os sacerdotes pagãos e os philosophos antigos, uma doutrina publica e outra privada; ella diz *tudo* o que sabe, e o diz *a todos.*

Como Mãe desvelada, a Egreja distribue a verdade com intelligencia, proporcionando-a á intelligencia, á idade e ao caracter de cada um. A Egreja é uma Mãe; a verdade é um alimento.

Ora, a mãe prudente prepara, ella mesma, o alimento para seus filhos, e não lhes serve sinão o que podem assimilar.

II. Extensão ao mundo inteiro.

E' a segunda qualidade: a universalidade da doutrina de Jesus Christo. Tal doutrina, sendo destinada *a todos,* deve ser espalhada no mundo inteiro, até o fim dos tempos.

E' uma nova ordem de Jesus Christo: *ser-me-eis testemunhas em Jerusalém e em toda a Judéa e na Samaria, e até as extremidades da terra.* (Act. I. 8)

Vivendo ainda os Apostolos, já a Egreja fazia ouvir a sua voz no mundo inteiro; ia á procura dos barbaros no meio das suas florestas, dos selvagens nos desertos, voando tão depressa como

os conquistadores dos novos mundos, para fazer brilhar a luz evangelica.

Sem duvida, não se devem interpretar estas palavras no sentido de que, a Egreja enche o mundo, de um modo physico : isto não é exigido para o cumprimento das promessas.

Nós dizemos que os Romanos eram os senhores do mundo inteiro, embora varias nações escapassem ao seu dominio; assim a Egreja Catholica é conhecida sobre todos os pontos do universo, e não ha talvez uma cidade no mundo, onde não tenha ella os seus adherentes.

O protestantismo com suas 888 ramificações é apenas conhecido em certos logares e em certos paizes, e não goza de universalidade sinão como erro, e não como doutrina fixa.

Numa escola de meninos pobres, na Inglaterra, a professora perguntou a uma das alumnas catholicas: Chamam a Egreja Romana Catholica, porque está espalhada no mundo inteiro; porque a heresia, que está tambem no mundo inteiro, não se chama Catholica?

A menina intelligente respondeu, com uma sabedoria que não se julgaria de menina:

«A Egreja Romana é chamada Catholica não sómente porque está espalhada em toda parte, mas tambem porque em toda parte Ella é *a mesma*.

A heresia encontra-se tambem em toda parte; em cada região, porém, ella é differente da de outras regiões, visto ser dividida num numero incalculavel de seitas, adoptando uma o que outra rejeita».

A resposta não podia ser mais exacta...

Não é necessario que o universo inteiro, ao mesmo tempo, conheça e professe a religião Catholica; basta que aos poucos e successivamen-

te, ella tenha sido prégada em todo o mundo, de onde póde ter desapparecido pela heresia ou a apostasia.

Apoiando-se sobre o testemunho de numerosos navegadores e intimoratos desbravadores, póde-se affirmar que todo o globo já foi percorrido, por mar e por terra; e que, nas cinco partes do mundo, por toda a parte, penetrou o Evangelho. O mundo foi, é, e ficará catholico, embora infelizmente, haja muita ignorancia, muita indolencia, muita frieza.

III. Conclusão

A catholicidade ou universalidade da Egreja é, pois, um facto inconteste.

Ella possue o deposito de todas as verdades, e ninguem póde assignalar uma verdade evangelica que não seja ensinada pela Egreja.

Além disso, Ella transmitte estas verdades ao mundo inteiro, pelo heroismo e a santidade da sua legião de Missionarios, que, desde os apostolos até hoje, percorrem as plagas mais remotas e mais selvagens, para ali implantarem o reino de Deus.

O resultado corresponde a estes esforços. A Egreja Catholica, e só ella, é conhecida no mundo inteiro; grupa se em redor da sua autoridade tudo o que ha de mais sincero, honesto, virtuoso e heroico.

Quantitativamente, ella abrange o mundo, e *qualitativamente* ella é centro de todas as virtudes que florescem no universo...

Nenhuma seita religiosa póde attribuir-se esta universalidade, como não póde attribuir-se nem a unidade, nem a santidade, já expostas. Si a Egreja Catholica não é a verdadeira, então todas as seitas christãs são falsas, e o christianismo

inteiro é uma illusão de centenas de milhares de homens, atravez dos seculos.

EXEMPLO — **A Egreja e Victor Hugo**

Victor Hugo acabava de atacar á Santa Sé na Camara dos deputados. Montalembert respondeu com um discurso celebre, do qual cito apenas fragmentos:

«Senhores. O discurso que acabaes de ouvir já recebeu o castigo que merecia, nos applausos da opposição!»

A estas palavras, a esquerda irrompeu com furor; e, durante 5 minutos o orador foi obrigado a calar-se. Continuando, completou:

«Em vista de a palavra «castigo» vos ferir, retrato-a e a substituo pela de «recompensa».

E' neste discurso que se encontra a passagem famosa e tão admirada: «Póde-se negar a força da Santa Sé, mas não a sua fraqueza, que faz a sua força indomavel contra vós...

Permitti-me uma comparação familiar: Quando um homem é coagido a lutar contra uma mulher, si esta não é a ultima das creaturas, ella só póde affrontal-o impunemente. Ella lhe diz:— Batei, vós vos deshonraes, mas não me vencereis.

Pois bem, a Egreja é uma mulher. Ella é muito mais que uma mulher, é mãe; a mãe da Europa, a mãe da sociedade moderna.

Podeis ser filhos desnaturados, filhos revoltosos e ingratos, sempre sois filhos. E chega o momento em que esta luta parrecida se torna insupportavel ao genero humano, em que aquelle que a começou cahirá esmagado, ou pela derrota ou pela reprovação unanime da humanidade!»

Nunca discurso foi tão applaudido numa reunião.

4º DOM. dep. de PENTECOSTES

EVANGELHO (Luc. V. 1—11)

1. Naquelle tempo, estava Jesus no lago de Genesareth, e a multidão do povo se atropellava para ouvir a palavra de Deus.

2. E viu duas barcas que estacionavam á borda do lago: e os pescadores tinham sahido, e lavavam as redes.

3. E entrando numa destas barcas, que era a de Simão, rogou-lhe que se afastasse um pouco da terra. E estando sentado, ensinava o povo, da barca.

4. E quando acabou de falar, disse a Simão: Faze-te mais ao largo, e lançae as vossas redes para pescar.

5. E respondendo Simão, disse-lhe: Mestre, tendo trabalhado toda a noite, não apanhamos nada, porém sobre a tua palavra lançarei a rede.

6. E tendo feito isto, apanharam grande quantidade de peixes, e a sua rede rompia-se.

7. E fizeram signal aos companheiros que estavam na outra barca, para que os viessem ajudar. E vieram e encheram tanto ambas as barcas, que quasi se afundavam.

8. E Simão Pedro vendo isto, lançou-se aos pés de Jesus, dizendo: Retira-te de mim, Senhor, pois eu sou um homem peccador.

9. Porque tanto elle como todos que se encontravam com elle ficaram possuidos de espanto por causa da pesca de peixes que tinham feito:

10. E o mesmo tinha acontecido a Thiago e a João, filhos de Zebedeu, que eram companheiros de Simão. E Jesus disse a Simão: Não tenhas mêdo: dessa hora em diante serás pescador de homens.

11. E trazidas as barcas para a terra, deixando tudo, seguiram-no.

COMMENTARIO APOLOGETICO

A apostolicidade da Egreja

Para terminar os quatro caracteristicos que devem distinguir a Egreja verdadeira das demais seitas religiosas, resta-nos um ultimo a considerar: *a apostolicidade*, isto é, o facto de ter sido fundada por Jesus Christo, sobre os Apostolos.

E' o Evangelho que nos fornece mais esta quarta nota. Este Evangelho de hoje narra a pesca milagrosa e a vocação dos Apostolos.

Esta pesca representa a acção dos Apostolos no mundo: devem ser pescadores de homens.

Havia lá duas barcas que estavam á margem do lago, diz o Evangelho.

Jesus entrou numa dellas, na de Pedro, e della manda lançar as redes para pescar.

Como tudo é significativo e claro!

Jesus muda o officio dos Apostolos: de pescadores de peixes vão tornar-se pescadores de homens.

Jesus estava com elles, na barca de Pedro.
Elle preside: Pedro é o piloto.
Esta barquinha é a Egreja Catholica.
Jesus é o chefe supremo.
Pedro é o seu representante.
Os Apostolos são os seus auxiliares.

A Egreja está fundada. O seu chefe está escolhido, o officio de seus ministros está determinado.

Basta agora provar que a Egreja fundada nesta hora solemne se tenha perpetuado atravez dos seculos, continuando a ser a Egreja apostolica. E' o que vamos fazer meditando esta apostolicidade:

1. **No governo** da Egreja;
2• **Na doutrina** que ensina.

Eis dois pontos importantes, que devem dissipar as ultimas trevas que podem envolver o espirito dos ignorantes ou illudidos.

I. Apostolicidade no governo

A apostolicidade da Egreja é fundada sobre as palavras de Jesus Christo que disse que *iria fundar a sua Egreja sobre Pedro*, o chefe dos Apostolos: *Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha Egreja* (Math. XVI. 18)

Disse-lhes tambem: «Ide por todo o mundo, prégae o Evangelho a toda creatura. (Marcos, XVI. 15)»

Por ordem divina, a Egreja tem pois o dever de espalhar a religião de Jesus Christo no mundo inteiro.

Este ensino deve encontrar-se em todos os tempos, sem interrupção, sempre identico, e sempre prégado pelos Apostolos e seus successores.

A razão nos demonstra a mesma verdade: a

Egreja é uma sociedade, é a significação da palavra: Egreja, significa: *reunião.*

Ora, em toda sociedade, é necessario para a sua estabilidade que os governantes recebam o seu poder, da autoridade suprema, *directamente* ou *indirectamente*, por um intermediario seguro.

E' preciso pois que, na Egreja verdadeira, em qualquer momento da sua existencia, se possam encontrar os Apostolos, e por elles Jesus Christo vivo, falando, agindo, pelo Papa, e pelos Bispos, pois S. Paulo disse: que o Espirito Santo havia posto os Bispos para regerem a Egreja. (Actos XX. 28)

Cada um delles deve poder dizer:

Não sou eu quem mando ou ensino; mas sim, Pedro, Jesus Christo.

Examinando de perto o governo da Egreja, achamos necessariamente que o modo de governar que a distingue hoje, é o mesmo, sem nenhuma modificação, que aquelle estabelecido por Jesus Christo.

Podemos remontar de Pontifice a Pontifice, de Pio XII governando hoje, até chegar a São Pedro, e até a Jesus Christo, sem encontrar outra difficuldade a não ser a da eleição do Papa em certas épocas perturbadas.

Nunca alguem poude dizer: «a Egreja Catholica não existe mais!» Ella mudou o seu modo de governar.»

Os imperios são substituidos pelas monarchias, as monarchias, pelas republicas, as republicas, pelo totalitarismo, um só governo não muda: é o governo da Egreja.

Sente-se neste facto qualquer cousa de sobrehumano, pois as mudanças de nações, de tempo, de civilização, de idéas, se produzem com

uma imperiosidade irresistivel, abatendo instituições, homens e reinos, e no meio destas revoluções demolidoras, o governo da Egreja Catholica permanece sempre o mesmo.

Não póde ser uma instituição humana: é necessariamente divina.

II. Apostolicidade na doutrina

Eis porém, uma maravilha mais admiravel ainda: A Egreja Catholica póde provar que o seu ensino é o mesmo que o dos Apostolos.

Nesta larga successão de Soberanos Pontifices, guardas da doutrina, interroguemos por acaso, a um destes Papas.

Um S. Clemente, do segundo seculo,
Um S. Victor, do terceiro,
Um S. Marcellino, do quarto,
Um Sto. Anastacio, do quinto.
Um S. Symmacho, do sexto,
Um S. Bonifacio, do setimo,
Um S. Sergio, do oitavo, etc.

Ou aos ultimos, do seculo passado, indaguemos delles qual é a sua doutrina... e cada um delles repetirá a palavra de Jesus Christo:

Mea doctrina non est mea, scd ejus qui misit me (Joan. VII. 16).

A minha doutrina não é minha, mas daquelle que me enviou.

E' o que o Papa Leão XIII, escreveu numa das suas encyclicas em nome de todos os Papas.

«Esta doutrina não é nossa; transmittimol-a tal qual a temos recebido, e não nos é permittido subtrahir ou ajuntar-lhe nem um jota».

* * *

A apostolicidade da Egreja Catholi ca constitue

a sua força principal, pois o dilemma é irrefutavel. A Egreja remonta até aos Apostolos, é historica e evangelicamente certo; ora, Jesus Christo prometteu estar sempre com a sua Egreja, não permittindo que as portas do inferno prevalecessem contra ella.

Logo, das duas uma, conclusão deve ser adoptada : Ou o Christo foi fiel a sua palavra ou mentiu.

Si foi fiel, a Egreja não póde ter cahido no erro, e continúa a professar a religião verdadeira. Si foi mentiroso, Elle deixa de ser Deus; e então fóra com o Christianismo inteiro, estamos todos illudidos, enganados.

Este argumento impressionava tanto os antigos doutores, que faziam delle o argumento exclusivo contra os herejes.

«D'onde vindes ?» perguntavam.

De quem recebestes a vossa missão?

O que annunciaes é novo... não succedestes a ninguem ; sois sómente de hontem.

No segundo seculo, certos christãos diziam-se discipulos de Marcion: Tertuliano os fulminava com estas palavras: «Sois de hontem».

No 4º e 5º seculos certos christãos diziam-se discipulos de Ario e de Nestorio. Santo Athanasio S. Leão e Santo Agostinho os confundiam com estas simples palavras : «Sois de hontem».

Em tempos mais recentes, Luthero, Calvino, Henrique VIII, Knox, Allan Kardec, appareceram na scena do theatro heretico. Para confundil-os basta dizer: «Sois de hontem!».

São novidades, são obras dos homens, pois não têm nenhuma ligação com os Apostolos e com Jesus Christo. São ramos decepados do tronco, e o pouco de odor que possuem, devem-no ao pouco de seiva catholica que lhes resta.

III. Conclusão

A conclusão é de longo alcance: de consolação para os Catholicos, de esmagadora revelação para os dissidentes.

E' certo que Jesus Christo instituiu uma Egreja: «Edificarei a minha Egreja».

E' certo que esta Egreja foi construida sobre Pedro: «Sobre esta pedra (Pedro) edificarei»

É certo que esta Egreja é uma só: *a minha Egreja.* E para descobrir esta Egreja, no meio das muitas egrejas hereticas e schismaticas que pretendem ser a Egreja verdadeira, é preciso remontar ahi ao berço destas egrejas, e escolher aquella que por uma succesão ininterrupta fique ligada aos Apostolos e ao proprio Christo.

E' uma verificação relativamente facil.

O protestantismo em bloco, sem falar das suas centenas de denominações ou seitas, não remonta além de Luthero.

E' em 1518 que Luthero lança o seu protesto contra a autoridade da Egreja, e funda o seu triste protestantismo.

E' em 1847 nos Estados Unidos, que as Irmãs Fox protestantes lançaram as bases do louco espiritismo.

E quando nasceu a Egreja Catholica?

Quem foi o seu fundador?

A historia emmudece, os seculos emmudecem... e só uma voz: a da verdade, exclamou: Ella nasceu á beira do lago de Genesareth, sob a voz de Christo dizendo: «Farei de vós pescadores de homens... Pedro, apascenta as minhas ovelhas, apascenta os meus cordeiros... Dou-te as chaves do reino do céu... Quem vos escuta, a mim escuta... Ide no mundo inteiro, prégae o Evangelho a toda creatura».

Eis o fundamento da Egreja Catholica, posto por Jesus Christo, sobre os Apostolos.

Sómente esta Egreja é Apostolica...

Sómente ella é a Egreja verdadeira de Jesus Christo.

EXEMPLO — **O engano é impossivel**

Incalculavel é o numero dos inimigos da Egreja. Ella é o objecto do odio dos *escravos* do peccado, por causa do zelo, com que persegue o vicio — dos *herejes*, por causa do testemunho que dá á verdade — dos *incredulos*, por causa da perseverança com que põe a calvo os sophismas da sua falsa sabedoria e da sua profunda ignorancia.

E estes inimigos não se apresentam isolados contra a Egreja; embora estejam elles mesmos, continuadamente em guerra entre elles, fazem *causa commum*, desde que se trata da Egreja.

Lutherano e reformado, mytho e racionalista, hereje e schismatico, maçon, pantheista, atheu, livre-pensador, todos contractaram uma alliança sagrada contra a Egreja. Mais de um principe empresta a esta liga de odio, a espada que lhe foi confiada por Deus para castigar os criminosos.

Esta liga de odio tem nas mãos a imprensa, que se enche de calumnias contra a Egreja, e tem tambem recursos pecuniarios immensos.

E apesar de toda esta potencia que se levanta contra ella, a Egreja Catholica, tão ultrajada, tão calumniada, nos jornaes, nas escolas, nos livros, apresentada como um cadaver em putrefacção, despojada de todo esplendor terrestre, esta Egreja Catholica permanece sempre a mesma, faz cada dia novas conquistas.

Mais ella é perseguida por causa da verdade, mais ella se firma na verdade.

Os Imperios cahem e ella fica em pé no meio das ruinas.

E' bem deante de tal scena que se deve exclamar: o dedo de Deus está ahi!... e dizer com Ricardo de São Victor: «Si nós nos enganamos, Senhor, és tu que nos enganaste, pois todas estas cousas têm sido confirmadas por tantos prodigios e por milagres tão estupendos, que não podem se ter realizados sem vós».

5º DOM. dep. de PENTECOSTES

EVANGELHO (Math. V. 20—24)

Naquelle tempo, disse Jesus aos seus discipulos:

20. Si a vossa justiça não exceder á dos escribas e á dos phariseus, não entrareis no reino dos céus.

21. Ouvistes o que foi dito aos antigos: — Não matarás, e quem matar será condemnado em juizo.

22. Pois eu digo-vos que todo aquelle que se irar contra seu irmão, será condemnado no conselho. E o que lhe disser: louco, será condemnado ao fogo da gehenna.

23. Portanto, si estás para fazer a tua offerta deante do altar, e te lembrares ahi que teu irmão tem alguma cousa contra ti,

24. deixa lá a tua offerta deante do altar, e vae reconciliar-te primeiro com teu irmão e depois vem fazer a tua offerta.

COMMENTARIO APOLOGETICO

O erro protestante

O Evangelho começa com uma solemne affirmação da necessidade da justiça e com a condemnação dos phariseus:

Si a vossa justiça não exceder a dos escribas e phariseus, diz o Salvador, *não entrareis no reino dos céus!*

Tal justiça pharisaica era toda de apparencia.

Evitavam os phariseus cuidadosamente tudo o que podia desacredital-os aos olhos dos homens, mas não davam importancia ao interior que só Deus enxerga.

Assim fazem tambem as seitas religiosas falsas, fazem consistir a sua religião em certas praticas exteriores e não se preoccupam com o interior.

Entre estas seitas apresenta-se em primeiro logar o protestantismo.

Depois de termos estudado os quatro principaes distinctivos da Egreja verdadeira, e em consequencia, da religião verdadeira, será util verificar que nenhuma das seitas religiosas humanas possue taes caracteristicos.

Falemos do erro mais espalhado, ou melhor dos milhares de erros englobados sob o titulo de *protestantismo,* averiguando que tal protestantismo, fundado por Luthero, é uma aberração radical contra os principios basicos da religião.

Vejamos :

1º **O que é** o protestantismo.

2º Quaes são os **seus erros** basicos.

Basta conhecer estes dois aspectos do protestantismo para se comprehender que nada possue dos requisitos de uma religião divina.

I. O que é o protestantismo

Não devia haver no christianismo sinão uma unica religião, pois que Jesus Christo ensinou um unico conjuncto de doutrinas, e estabeleceu uma

unica autoridade, porém espiritos irrequietos, levados pelo *orgulho* ou arrastados pela *sensualidade*, achavam certas verdades difficeis de crer e penosas de praticar, por isso procuravam adaptal-as a suas paixões, negando-as ou desnaturando-as.

E' a origem das seitas hereticas entre as quaes a principal é o protestantismo.

A egreja protestante foi fundada por Martinho Luthero, monge apostata, de um orgulho sem medida e uma de sensualidade sem barreira.

Foi em 1517 que o hereje separou uma parte da Allemanha, da Egreja Catholica.

Pouco depois em 1532, Calvino fez na França, o que Luthero havia feito na Allemanha.

Os discipulos destes dois herejes, ambos de vida escandalosa e devassa, chamam-se protestantes, porque protestaram contra a autoridade da Egreja.

O nome de *reformados* lhes foi dado em allusão á pretensa missão que Luthero e Calvino se arrogaram, de reformarem a Egreja de Jesus Christo.

Um protestante é, pois, um christão que protesta contra as doutrinas e praticas da Egreja Catholica.

E' a sua definição essencial: *E' uma aversão commum* á doutrina Catholica, ou ainda: *E' a doutrina Catholica hostilizada*, ou ainda: *E' uma negação de tudo o que affirma a Egreja Catholica.*

Eis três definições exactas da essencia do protestantismo.

Quando a Egreja Catholica diz: *Sim*; o protestantismo retruca: *não*. Quando Ella diz: não; o protestantismo brada: *sim*.

Esta mania de protestar fez dizer a um bis-

po protestante com uma sinceridade um tanto brutal, porém, clara: *O protestantismo é a abjuração do papismo.*

O celebre De Maistre, tem uma phrase profunda neste mesmo sentido: O protestantismo, diz elle, conserva apenas o mesmo nome, mudando continuadamente a sua fé, porque, seu nome sendo puramente negativo, e exprimindo apenas *a renuncia ao Catholicismo,* menos elle acredita, mais elle protesta, e *melhor* protestante elle é. (Do Papa L. IV. C. 5)

Protestar é, pois, da essencia do protestantismo.

«No dia em que elles deixassem de reformar e protestar, diz Sabatier, professor protestante da faculdade de Paris, no dia em que reconhecessem uma autoridade exterior, como regra e prova de fé, nesse dia deixariam de ser protestantes, nesse momento se suicidariam.»

O protestantismo, como religião não existe, o que existe são protestantes, ou homens que protestam contra a religião Catholica, e estes homens não têm outra ligação entre elles, sinão o protesto commum.

São communistas na *doutrina,* como os bolchevistas são communistas nos *bens exteriores.*

II. O erro basico

Os erros protestantes são tantos quantas são as verdades que a Egreja Catholica ensina

O protestantismo só acredita em seu protesto contra a Egreja, e si fossem sinceros deviam resumir a sua religião nesta phrase: «affirmamos tudo o que a Egreja Catholica nega; e negamos tudo o que ella affirma.»

— A Egreja Catholica crê que S. Pedro e

seus successores são os representantes de Christo na terra.

Os protestantes protestam: não querem chefe.

— A Egreja crê que Jesus Christo está realmente presente na Eucharistia.

Os protestantes protestam: não admittem a Eucharistia.

— A Egreja crê na pureza immaculada da Mãe de Jesus, honrando-a e invocando-a.

Os protestantes protestam: Maria Santissima é uma mulher como as demais.

— A Egreja crê na confissão, no poder que o sacerdote recebeu de Christo, de perdoar os peccados.

Os protestantes, não admittem o perdão dos peccados, são uns santinhos.

— A Egreja crê no céu para os justos, no inferno para os máus, e no purgatorio para aquelles que têm de expiar ainda umas faltas.

Os protestantes protestam: o céu é para elles só; o inferno para os Romanos, e o purgatorio não existe.

— A Egreja crê na intercessão dos santos, no culto dos finados, na união entre os vivos e os mortos.

Os protestantes protestam: não ha santos; os mortos devem ficar esquecidos, e nada ha de commum entre os vivos e os mortos.

— A Egreja crê nos sete sacramentos, no poder da oração, no valor das bôas obras, nas indulgencias concedidas para o bem das almas.

Os protestantes protestam: não ha sacramentos, a oração não tem valor, só valem os canticos; o homem não deve fazer bôas obras, e as indulgencias são uma invenção do demonio.

— A Egreja crê na Biblia, como um livro di-

vino, exigindo uma interpretação authentica, feita por uma autoridade legitima.

Os protestantes protestam, considerando a Biblia toda humana, a qual interpretam humanamente e que se adapta ao sabor de cada um.

— A Egreja crê na *tradição*, ou palavra prégada por Nosso Senhor e os Apostolos, e não escripta.

O protestantismo só acceita a palavra escripta que torce a seu talante, e faz dizer o que elle quer.

III. Conclusão

Tal é o protestantismo: é uma continua opposição á Egreja; um parasita do Catholicismo; só vive pela negação, e da negação.

A Egreja Catholica tem um ensino *positivo*: o protestantismo é a sua negação.

A Egreja Catholica é o sol luminoso e resplandescente do dia; o protestantismo constitue as trevas da noite.

A Egreja Catholica é uma instituição divina, harmoniosa, hierarchica; o protestantismo é a desordem, a revolta, a balburdia.

A Egreja Catholica é a arvore frondosa, em cujos ramos as aves do céu, que são os Santos, se aninham; o protestantismo é o parasita que chupa a seiva do tronco e dos galhos, para esterelizal-os.

A Egreja Catholica é a ponte que liga a terra ao céu, onde os homens devem passar para, da terra subirem ao céu.

O protestantismo é o abysmo horrendo, que passa por baixo da ponte, onde se precipitam aquelles que desprezam a ponte.

Para terminar, resumamos tudo em duas palavras.

A Egreja Catholica é a *obra* de Deus, *fundada* por Deus, *sustentada* por Deus, *inspirada* por Deus, fazendo as obras de Deus.

O protestantismo é obra de Luthero, Calvino, Knox, Leyde, e outros herejes, cada um mais triste que o outro; obra inspirada pelo orgulho e a libertinagem, sustentada pela teimosia e o interesse, fazendo obras de revolta e destruição. *Vós os conhecereis pelos seus fructos*, prophetizou o divino Mestre (Math. VII. 20).

Para retomar o versiculo do Evangelho, por onde começámos, póde-se dizer que o protestantismo *é a justiça dos phariseus, e estes não entrarão no reino dos Céus.*

EXEMPLOS

1. Luthero e Catharina

Uma tarde Luthero passeava no seu jardim com a sua amazia Catharina de Bora.

As estrellas brilhavam com extraordinario fulgor: o céu parecia em festa.

—Vês como brilham estas estrellas, disse Catharina, apontando para o firmamento, como é bello lá em cima!

Luthero, levantado os olhos, exclamou com um riso zombeteiro:

— Oh! deslumbrante illuminação!... mas... infelizmente não é para nós!

— E por que? replicou Catharina, seriamos por acaso, desherdados do reino do céu?

Luthero suspirou tristemente, impressionado por esta pergunta, e respondeu:

— Talvez, em castigo de termos abandonado o nosso estado.

— Seria bom, então, voltar para elle? perguntou Catharina.

— E' muito tarde, o carro está por demais atolado, respondeu o hereje, mudando de conversa.

Que confissão dolorosa, porém, clara!

2. O medo de Luthero

Conta-se na vida de Luthero o seguinte:

Uma noite estava sentado ao lado da sua amazia Catharina, esquentando as mãos ao fogão da sala. Parecia taciturno, contrariado.

De repente, pegando pelo pulso o braço da companheira, introduziu-lhe a mão violentamente no meio das chammas.

Catharina soltou um grito...

—Que tens, mulher? disse Luthero, sombrio, que tens?! Temos que nos acostumar ao fogo, pois é o que nos espera no outro mundo!

Vê-se neste facto, que o fundador do protestantismo não acreditava em sua reforma; nem podia acreditar, pois elle sabia que tudo era o fructo da revolta.

Naquelles momentos de lucidez, não podia impôr silencio á sua consciencia, e mau grado seu; revoltada contra si mesma, ella proclamava a unica verdade.

3. Confissão de Melanchton

Melanchton era companheiro inseparavel de Luthero. A seu proprio convite, sua mãe se fizera protestante, porém, sem convicção.

Cahiu doente e sentiu a morte approximar-se.

Chamou o filho, que a amava sinceramente. Juntando as mãos, a velhinha perguntou supplicante a Melanchton: «Meu filho, como sabes, eu abjurei o Catholicismo para lhe agradar, mas sinto-me perturbada; seja sincero, agora que estou para morrer, e diga-me, si é melhor morrer como protestante ou voltar atraz e morrer como catholica!»

O apostata não hesitou.

— Minha mãe, disse elle, inclinando a cabeça, não posso enganal-a: o protestantismo é talvez melhor para viver, mas *o catholicismo é melhor para morrer.*

E Melanchton mandou chamar um Padre catholico para dar os ultimos Sacramentos a sua mãe moribunda. (1)

---

1) Cf. o nosso livro: «O diabo, Luthero e o protestantismo»

6º DOM. dep. de PENTECOSTES

EVANGELHO (Math. VIII. 1—9)

1. Naquelles dias, havendo novamente grande multidão e não tendo que comer, chamou Jesus os seus discipulos e lhes disse:

2. Tenho compaixão deste povo, porque ha três dias que não se afasta de mim, e não tem que comer.

3. E si o despedir em jejum para suas casas, desfallecerão em caminho; porque alguns delles vieram de longe.

4. E os discipulos responderam-lhe: como poderá alguem sacial-os de pão aqui no deserto?

5. E Jesus perguntou lhes: Quantos pães tendes? Responderam-lhe: sete.

6. Ordenou ao povo que se recostasse sobre a terra. E tomando os sete pães, dando graças, partiu-os e deu a seus discipulos, para que os distribuissem; e elles os distribuiram pelo povo.

7. Tinham tambem um pouco de peixinhos: e elle os abençoou e mandou que fôssem distribuidos.

8. Comeram e ficaram saciados, e dos pedaços que sobejaram, levantaram sete cestos.

9. Ora, os que comeram eram cerca de quatro mil: e Jesus os despediu.

COMMENTARIO APOLOGETICO

Fontes dos erros protestantes

A multiplicação dos pães no deserto, é uma das scenas que encerram ensinamentos admiraveis e praticos.

Jesus Christo tinha claramente em vista o grande Sacramento do amor: a Eucharistia, como tinha em vista a doutrina evangelica.

A primeira é o alimento das *almas*, a segunda é o alimento do *espirito*, e da assimilação destes dois alimentos, resulta o amor do coração.

A intelligencia precisa de luz. E' a doutrina que lhe revela as maravilhas divinas.

A vontade necessita de força: é a Eucharistia, pão dos fortes, que lhe dá esta força.

O coração quer amar; mas para amar deve conhecer o objecto amavel, sentir-se attrahido para elle, pela vontade, de modo que a presença deste duplo pão de vida é uma nova nota distinctiva da Egreja verdadeira, como a sua ausencia é uma prova de falsidade.

Meditemos hoje este mysterio de amor; considerando como a Egreja Catholica nos administra este duplo alimento, e como a egreja protestante fica delle completamente privada. Em outros termos, vejamos num contraste flagrante o ensino:

1· Da Egreja **Catholica**

2· Da egreja **protestante**.

Estes dois aspectos da verdade são um raio de luz intensa que dissipa a doutrina falsa e fria do protestantismo.

I. O ensino Catholico

O ensino Catholico é de uma harmonia perfeita, adaptando-se admiravelmente ás aspirações da humanidade.

De que precisa o homem neste mundo?

De duas coisas: *luz e força.*

A luz é o Evangelho; a força é a Eucharistia.

Quanto ao Evangelho, Catholicos e protestantes adoptam-no integralmente, embora com variantes na traducção, que os ultimos facilmente desviam do sentido verdadeiro.

O Evangelho contém a palavra de Deus, como o codigo civil contém as leis, e o codigo penal, os castigos existentes numa nação.

Ora, todo livro precisa de um interprete; é absolutamente necessario. Uma palavra morta não póde governar um paiz; é necessario a palavra viva, actual, adaptada ao caso e ás circumstancias.

O codigo civil possue os advogados, juizes, desembargadores, para explicarem e applicarem as leis.

O codigo penal tem a policia, fiscaes, collectores, para exigirem a applicação de multas e penas ás contravenções.

Como é que o codigo evangelico não teria seus interpretes, suas autoridades, legitimamente estabelecidas para o explicarem e adaptarem aos homens?

E' o que se faz na Egreja Catholica. O codigo existe, mas este codigo é explicado por autoridades competentes, as quaes Jesus Christo disse claramente: *Ide e ensinae a todas as gentes... Eis que estou comvosco até a consumma-*

ção dos seculos... Quem vos escuta, escuta a mim ! etc.

Tal é a luz para nossa intelligencia; vejamos agora a força para nossa vontade.

*
* *

O Evangelho faz notar que Jesus tinha compaixão da multidão de povo que o havia seguido, porque ella estava em jejum e quasi cahindo de fraqueza. E' bem o nosso caso.

Não basta ter bôa vontade para seguir o divino Mestre; é preciso ainda a força para terminar a jornada e perseverar até ao fim.

E eis que Jesus Christo nos dá um alimento divino... E que alimento!...

Elle começa por nos apresentar este alimento:

Eu sou o pão da vida (Joan. VI. 48)

Este é o pão que desceu do céu, para que o que delle comer não morra !

O que me come viverá por mim !

A minha carne é verdadeira comida.

Não ha, pois, duvida, Jesus Christo dá o seu proprio corpo e sangue eucharisticos, como alimento das almas.

E este alimento não é simplesmente de conselho, mas de absoluta necessidade, sob pena de não se poder entrar no reino do céu.

Si não comerdes a carne do Filho do homem... não tereis a vida em vós. (Joan. VI. 54)

A Egreja verdadeira de Jesus Christo deve, pois, apresentar a seus fihos este alimento do corpo de Jesus Christo, e esta offerta torna-se um dos signaes caracteristicos da verdadeira Egreja.

A Egreja Catholica apresenta a seus filhos o Evangelho como alimento do espirito, e a Eucha-

ristia ou corpo de Jesus sacramentado como alimento da sua alma, conforme o mandamento do Salvador.

Ella tem, pois, os caracteristicos proprios da verdade.

II. O ensino protestante

A egreja protestante, ou melhor: o protestantismo, pois os protestantes não tendo chefe não formam uma sociedade ou egreja — o protestantismo pretende ser a religião verdadeira.

Vejamos si ella satisfaz, pelo menos a estes dois requisitos, impostos por Jesus Christo, e tão admiravelmente preenchidos pela Egreja Catholica.

O protestantismo adopta a Biblia como regra de fé, porém, não no sentido que Jesus Christo lhe deu, ou que uma autoridade competente lhe outorga, mas conforme a interpretação pessoal de cada um.

Ora, isto é o maior absurdo que se possa imaginar. A interpretação de qualquer texto corresponde mais ou menos á capacidade intellectual de cada um.

Além disso, ha varios modos de interpretação: a interpretação *litteral* e *metaphorica;* sem falar das varias interpretações mysticas (allegoricas, tropologicas e anagogicas).

E' na interpretação que está o grande erro protestante, chamado: «livre interpretação».

O sentido litteral é o que primeiro occorre, resultando do sentido natural das palavras, tomadas em sua acceitação commum.

O sentido metaphorico, ao contrario, em vez de tomar o sentido das palavras, toma o sentido da imagem expressa.

Quando Jesus Christo diz: *Eu sou a verdade*, entendemos que Elle é de facto: a verdade; mas quando Elle diz: *Eu sou o bom Pastor*: entendemos, não que Elle seja *Pastor*, mas sim que tem o desvelo e o zelo de um pastor.

No primeiro caso é o sentido litteral da palavra que se deve adoptar; no segundo caso, é o sentido metaphorico, ou o da imagem expresa.

Comprehende-se que admittindo a liberdade de acceitar o sentido que se quizer, a Biblia deixa de ser a palavra de Deus, para tornar-se a palavra do homem.

A Egreja não permitte tal troca de sentidos, mas exige que se adopte em primeiro logar o sentido *litteral*, e no caso de este sentido exprimir um absurdo ou uma contradicção, que se recorra então ao sentido *metaphorico*.

* * *

Eis como falta aos protestantes o alimento do espirito: a verdadeira palavra de Deus.

Vejamos agora como lhes falta outrosim o pão da alma. E' uma consequencia do primeiro erro.

Como vimos, Jesus Christo disse clara e expressamente: *A minha carne é verdadeira comida... Eu sou o pão da vida*, e na ultima Ceia Elle diz sobre o pão azymo: *Isto é o meu corpo.*

Tudo é luminoso para nós Catholicos.

Nós comprehendemos que Jesus Christo mudou o pão em seu corpo, e dando-nos este pão do Céu, nos dá verdadeiramente *o seu corpo* para ser o alimento da nossa alma.

Tal é o sentido litteral claramente expresso pelas palavras: *pão, comida, ter a vida*; são três expressões claras que demonstram que ellas se devem tomar no seu sentido *litteral.*

Para nós Catholicos é claro; mas para os protestantes é uma balburdia. Não admittem o sentido litteral, por opposição á Egreja, mas recorrem ao sentido metaphorico, dizendo que é uma comparação, um tropo ou figura, de que usou o Salvador, e traduzem truncando e falsificando completamente o texto: *Isto é a figura de meu corpo* ou: *Isto é o symbolo do meu corpo.*

Tal traducção faz desapparecer o pão do Céu, o pão de vida, o pão que é o corpo de Jesus Christo.

Não se lembram os pobres herejes que o sentido litteral deve ser adoptado sempre por primeiro, e que só se póde recorrer ao segundo, no caso de o primeiro ser visivelmente absurdo.

Aqui não ha nenhum absurdo: ha um dom da bondade infinita de Deus, mas não uma impossibilidade.

E assim por diante. Com tal systema, a palavra de Deus torna-se a palavra do homem, e o corpo de Jesus Christo, em vez de ser o seu corpo, fica um simples pedaço de pão.

III. Conclusão

Do que precede, vê-se claramente que o protestantismo pecca *pela base*, e que num gesto satanico que intitula: «interpretação individual» transtorna completamente o Evangelho, muda até a essencia do Evangelho e faz desapparecer os mais sublimes mysterios de amor que contém, mudando-os em cerimonias grotescas e ridiculas.

E' assim que a consagração ensinada por Nosso Senhor a seus Apostolos: *Isto é o meu corpo — Fazei isto em memoria de mim*, mudou-se para os protestantes numa ridicula ceia, onde comem um pedacinho de pão em lembrança do Senhor.

E' o erro fundamental do protestantismo, o qual o separou por completo da Egreja Catholica, e faz que não possue mais nada da doutrina evangelica, embora conserve o livro evangelico.

Sómente a Egreja Catholica administra a seus filhos este duplo alimento espiritual: *a doutrina* que nutre o espirito, e a *Communhão* do corpo do Salvador, que sustenta a alma.

Deste facto, concluo que só a religião Catholica, entre as demais religiões, satisfaz as aspirações da alma humana, e realiza textualmente a palavra divina.

Logo ella é a unica Egreja verdadeira de Christo, e as demais egrejas são apenas fabricações humanas, sem nenhum valor para Deus e para o Céu.

EXEMPLOS

1. Discussão de dois pastores

Navegavam dois ministros protestantes, que, para romper a monotonia da travessia, discutiam acerca do 39° versiculo do capitulo V, de S. Matheus: «Si alguem te bater na face direita, offerece-lhe tambem a outra».

O collega acha isso razoavel? perguntou o menos fervoroso dos arguidores.

— Si não! Si está escripto!

— Vejamos a prova de sua sinceridade.

E sem dizer nem *o*, nem *a*, o manso filho de Luthero applicou a mão na face direita do confrade, que, em silencio e sem protestar, apresentou a face esquerda, levando estoicamente uma segunda tapona.

Depois, o paciente, que não era pêco, molhou o dedo, virou algumas paginas do Evange-

lho e apontou fleugmaticamente o versiculo 2º do capitulo VII, de S. Matheus, que diz: «Com a medida, com a qual medirdes, hão de vos medir tambem».

E o bom pastor ministrou ao irmão na fé, meia duzia de murros, capital e juros.

Alvoroçados com o estranho pugilato, perguntavam os passageiros:

— Que têm estes dois cavalheiros que assim brigam?

— Não é nada, respondeu um inglez, sem largar o cachimbo, não é nada! Estão os dois interpretando a Sagrada Escriptura.

2. Palavra chistosa

Um ministro protestante quiz um dia discutir religião com Mgr. de Cheverus.

O illustre Prelado cortou pela raiz a discussão, perguntando ao protestante:

— Não está escripto, meu amigo, que «Judas foi enforcar-se?»

—Sem duvida, respondeu o ministro admirado.

— Não está escripto ainda: «Ide e fazei o mesmo!...» Pois vá, meu amigo, é preciso cumprir a Biblia; admiro-me de o senhor o não ter feito ainda!

O ministro julgou prudente não discutir mais com um homem de tanto espirito!

7º DOM. dep. de PENTECOSTES

EVANGELHO (Math. VII. 15—21)

Naquelle tempo disse Jesus aos seus discipulos:

15. Guardae-vos dos falsos prophetas que vêm a vós, vestidos de ovelhas, e por dentro são lobos rapaces.

16. Pelos seus fructos os conhecereis. Porventura colhem-se uvas dos espinhos, ou figos dos abrolhos?

17. Assim toda arvore bôa dá bons fructos: e a arvore má dá maus fructos.

18. Não póde uma arvore bôa dar maus fructos: nem a arvore má dar bons fructos.

19. Toda arvore, que não dá bom fructo, será cortada e lançada ao fogo.

20. Vós os conhecereis, pois, pelos seus fructos.

21. Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor, entrará no reino dos céus: mas o que faz a vontade de meu Pae, que está no céu: esse entrará no reino do céu.

COMMENTARIO APOLOGETICO

Fructos do protestantismo

O Evangelho quadra admiravelmente com a continuação da doutrina que estamos expondo, refutando os erros protestantes.

O Salvador nos adverte de desconfiar dos falsos prophetas que vêm a nós cobertos de pelles de ovelhas, mas que, por dentro, são lobos devoradores.

E para podermos distinguir estes lobos vestidos, de modo diverso, o divino Mestre, nos dá esta regra de discernimento: *Pelos fructos os conhecereis.*

Estudando os caracteristicos da Egreja Catholica, vemos que os seus fructos são: a *unidade* e a *santidade.*

A verdade, de facto, é uma só e a verdade divina é necessariamente uma semente de santidade.

Appliquemos esta regra á heresia protestante, provando que lhe falta completamente:

1º A **unidade** de ensino;

2º A **santidade** de vida.

Estes dois caracteristicos da Egreja verdadeira são, ao mesmo tempo, dois fructos da verdadeira Egreja, os quaes a distinguem das egrejas humanas.

I. A unidade de ensino

Já vimos precedentemente como a *unidade* caracteriza a Egreja Catholica: unidade de fé, de sacramentos e de governo.

O protestantismo que está sempre em opposição á Egreja, está consentaneo com seu principio, e fórma uma balburdia em sua fé, nos sacramentos e no seu governo.

Em sua fé: desde a origem, o protestantismo varia constantemente e em todos os pontos da sua doutrina: O principio destructor está em sua essencia.

Elles podem dizer, escreveu já o impio Rous-

seau o que não crêem, mas são incapazes de dizer o que crêem. O racionalismo, destructor de toda revelação, invadiu até o amago a seita protestante, ao ponto que no dizer de um bispo anglicano, póde resumir-se o protestantismo nestas palavras: «*Creio em mim e protesto contra a Egreja Catholica*».

Eis um trecho de um relatorio protestante publicado pelo pastor Steeg (1)

«Este nome de protestantes, commum a tão grande numero de homens, abriga muitas diversidades...

Ellas subsistem no mesmo paiz, na mesma cidade, na mesma rua... Póde-se affirmar altamente que não ha um só ponto de doutrina admittido por alguns que não seja rejeitado por outros, submettido ás interpretações mais oppostas».

Esse texto, foi lido perante 80 pastores reunidos em Paris, e não foi contestado por nenhum.

Um homem fica protestante, logo que deixa de acreditar na Trindade, na Redempção; e *menos elle crê, mais elle é protestante*, ao ponto que o melhor e mais forte protestante é aquelle que não admitte mais nada.

Isto prova que o protestantismo é a escola authentica da indifferença e do atheismo pratico.

Na Hollanda houve 1500 pastores sobre 1800 que adheriram publicamente á «vida de Jesus» por Renan, negando a divindade de Jesus Christo.

Numa reunião geral, convocada em Genebra em 1866, não puderam os seus delegados entrar em accordo sobre três artigos fundamentaes, e a propria divindade de Jesus Christo, desappareceu da formula e da *alliança evangelica*.

---

1) Publicado no jornal protestante: «O discipulo de Christo» — 15 de Maio de 1867.

O protestantismo tem sómente este symbolo de fé: *quot capita tot sensus*! Tantas opiniões quantas cabeças.

*
* *

Quanto á unidade de governo, nem vale a pena falar: nunca existiu e não póde existir.

Contam-se hoje 888 seitas principaes e independentes umas das outras, não tendo outra ligação entre si, sinão o seu odio á Egreja Catholica.

Os Consistorios ou synodos protestantes não se occupam sinão em determinar o temporal, os dizimos, a subvenção do pastor, a propaganda de biblias, e quando querem tocar no *dogma* ou na disciplina, são detidos em toda parte, por opposições absolutas.

Falta-lhes, por completo, com a autoridade de um só chefe que manda, a união dos espiritos que procuram sómente a verdade e toda a verdade.

Os pobres protestantes estão longe do desejo de Nosso Senhor: *Serão um só rebanho e um só pastor.*

Esta desunião, discordia, e muitas vezes opposição radical no ensino fundamental é o primeiro fructo da sua heresia, e por este fructo póde-se conhecer o valor da seita fundada por Luthero, Calvino, Knox, Leyde e outros innovadores.

Vejamos agora si são mais felizes no terreno da santidade.

II. Santidade de vida

A santidade, numa religião, deve mostrar-se na pessôa de seu chefe, na moral, na doutrina, no culto e numa parte de seus filhos.

Já vimos como esta santidade resplandece, não só na pessôa de Jesus Christo, unico fundador da Egreja, nos Apostolos, seus primeiros chefes, nos Papas, dos quaes um grande numero são Santos canonizados, e todos elles são homens de virtude extraordinaria, como se póde ver na historia imparcial (1) e não nas fabulas inventadas pelos inimigos da Egreja.

A seita protestante nada encontra de santidade em nenhum destes objectos.

Os seus fundadores e chefes são todos homens libertinos, exploradores, como são Luthero, Calvino, Zwinglio, Henrique VIII, Knox, Leyde e outros. Os protestantes mesmos escondem taes fundadores a seus proprios filhos e delles se envergonham (2)

Deus não póde servir-se de taes homens para reformar a religião, caso ella precisasse de reforma, pois seria contrario a sua propria sentença: *E' pelos seus fructos que os conhecereis. Uma arvore má não póde dar bons fructos.*

O protestantismo não é santo em sua moral e em sua doutrina que se póde resumir nesta phrase de um protestante: A sua doutrina consiste *em crêr o que se quer, e em fazer o que se crê.*

Peccae quanto quizerdes, dizia Calvino, desde que tendes a fé, não podeis separar-vos de Deus!

Póde-se dizer que a vida dos protestantes é melhor do que os seus principios.

O culto protestante não é santo tão pouco; os protestantes querem ir ao céu, mas supprimem os meios que os levariam para o céu: mortifi-

1) Cf. o nosso livro: «O Christo, o Papa e a Egreja».
2) Cf. o nosso livro: «O diabo, Luthero e o protestantismo».

cação, invocação dos Santos, culto de Maria Santissima e os Sacramentos.

Esta santidade deve manifestar-se ainda e de modo visivel na pessôa de uma parte de seus filhos. A Egreja Catholica possue seus milhares e milhares de virgens, confessores, martyres, homens heroicos pela virtude e pelas obras, que depois da morte passam, como dizia Santa Therezinha, *o céu a fazer o bem sobre a terra*, pelos milagres que operam e os beneficios que espargem a flux sobre os homens que os invocam.

O protestantismo é de uma esterilidade espantosa. Em seu seio não se levantou nem um homem extraordinario, nem uma Irmã de caridade, nem um pastor virgem, nem um martyr, nem um heroe na pratica do dever e da justiça.

Póde haver, aqui e acolá, protestantes bons, honestos, até virtuosos, porém isto se dá não por serem protestantes, mas não obstante serem protestantes. Comtudo, nenhum delles chegou a elevar-se ao heroismo, ao sublime da abnegação e do amor de Deus

O protestantismo tem pastores, missionarios, porém, tal apostolado não se faz por amor de Deus e zelo das almas, mas por interesse, orgulho ou despeito.

O protestantismo para os seus chefes, é antes de tudo um *meio de vida:* nada mais.

As missões são um meio de adquirir popularidade e de viver bem socegado e confortavel em paizes longinquos, com pingues remunerações e longe dos olhos dos que os sustentam.

III. Conclusão

Pelos fructos os conhecereis, disse o Mestre divino.

Acabamos de apreciar os fructos do protestantismo. Estes fructos são a desunião, a balburdia em sua doutrina, que os divide em centenas de seitas, guerreando-se umas ás outras.

Este primeiro fructo é completamente opposto á prece de Nosso Senhor que pedira a seu Pae que seus filhos fôssem *um: Que sejam um meu Pae, como nós somos um!* (Joan. XVII. 22) e que desejava que todos formassem *um unico rebanho e um unico Pastor* (Joan. X. 16)

O primeiro fructo é mau; logo a arvore do protestantismo é má.

Quanto ao segundo fructo é peior ainda e mais visivel. Desde Luthero até a fundação da ultima seita protestante, houve talvez uns 800 e tantos fundadores de seitas. Nenhum delles foi homem de virtude, mas na grande maioria uns delles foram libertinos, outros orgulhosos, outros hystericos, uns visionarios, outros exploradores e até verdadeiros communistas.

Falta a santidade nos fundadores, falta a santidade na moral e na doutrina, e em consequencia isto falta tambem nos adherentes da seita.

Nenhum santo podem apresentar-nos; nenhum homem que tenha feito milagres, predito o futuro, resuscitado mortos; nenhuma virgem por amor de Christo, nenhum pastor casto por amor de Deus, nenhuma Irmã de Caridade, nenhum martyr, nenhum homem extraordinario pela virtude ou pelas obras. E' a esterilidade horrenda, a ausencia completa de santidade.

Logo, o protestantismo não é santo, e não póde ser a religião santa de Jesus Christo.

E' pois uma seita humana, heretica, incapaz de levar as almas para o Céu.

EXEMPLOS

1. Cavar mais fundo

Um embaixador francez na Inglaterra, tendo escapado de uma molestia grave, um protestante perguntou lhe si não teria ficado triste de morrer e de ser sepultado no meio dos protestantes.

— Não, respondeu este, teria apenas ordenado que cavassem meu tumulo mais fundo, e me teria encontrado no meio de Catholicos.

Um protestante que se faz Catholico volta á religião de seus paes.

2. Palavra de Erasmo

Erasmo era um hollandez de muito bom senso, que pulverizava o protestantismo com suas sentenças curtas e judiciosas: Mostrae-me um unico homem que se tornou mais sobrio e mais casto pela reforma, diz elle, e eu vos mostrarei cem que se tornaram muito peiores do que antes.

3. De S. Jeronymo

Sómente as ovelhas sarnentas se afastam do rebanho, e deixam-se devorar pelos lobos.

4. De Melanchton

Melanchton era companheiro inseparavel de Luthero; abraçou a reforma, vivendo em continuas duvidas. Elle escreve: «O Elba com todas as suas aguas, não póde fornecer bastantes lagrimas para chorar as calamidades que a reforma introduziu».

5. De Luthero

A minha religião é melhor para viver, mas a do Papa é melhor para morrer.

6. De uma senhora catholica

A dois ministros protestantes que a convidavam a deixar o Catholicismo, uma senhora de bom senso respondeu: E' preciso contessar que os senhores fizeram uma reforma admiravel: tiraram o jejum, a Missa, a Confissão, o purgatorio. Tirae o inferno, e eu serei do vosso numero.

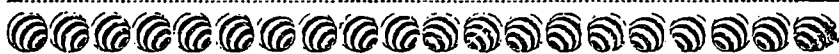
7. Gatinhos protestantes

Um camponez apresentou a um pastor dois gatinhos bonitinhos, para que os comprasse, e disse: O sr. Pastor póde compral-os; são gatinhos protestantes.

O Pastor não os comprou.

Poucos dias depois o camponez offereceu-os ao Vigario do logar, dizendo: O sr. Vigario póde compral-os; são gatinhos catholicos.

—Mas como é isso? perguntou o Vigario; a semana passada eram protestantes e agora são catholicos?

—Perfeitamente, sr. Padre, é que na semana passada tinham ainda os olhos fechados; agora porém, tendo-os abertos, já enxergam.

8º DOM. dep. de PENTECOSTES

EVANGELHO (Luc. XVI. 1—9)

Naquelle tempo, disse Jesus aos seus discipulos:

1. Havia um homem rico que tinha um feitor: e este foi accusado deante delle de ter dissipado os seus bens.

2. E elle chamou-o, e disse-lhe: Que é isto que ouço dizer de ti? Dá conta da tua administração: porque não mais poderás ser (meu) feitor.

3. Então o feitor disse comsigo: Que farei, visto que o meu senhor me tira a administração? Cavar não posso, de mendigar tenho vergonha.

4. Sei o que hei de fazer, para que quando fôr removido da administração, haja quem me receba em sua casa.

5. Tendo chamado pois cada um dos devedores do seu senhor, disse ao primeiro: Quanto deves ao meu senhor?

6. E elle respondeu: Cem cados de azeite: Então disse-lhe: Toma a tua obrigação, senta-te depressa e escreve cincoenta.

7. Depois disse a outro: E tu quanto deves? E elle respondeu: Cem alqueires de trigo. E disse-lhe (o feitor): *Toma as tuas lettras, e escreve oitenta.*

8. E o senhor louvou o feitor iniquo, por

ter procedido prudentemente: porque os filhos deste seculo são mais habeis na sua geração que os filhos da luz.

9. Portanto eu vos digo: Grangeae amigos com as riquezas da iniquidade: para que, quando vierdes a precisar, vos recebam nos tabernaculos eternos.

COMMENTARIO APOLOGETICO

A Constituição da Egreja

Recolhamos mais uma licção do Evangelho a respeito do assumpto que tratamos: a Egreja.

O Evangelho conta que um homem rico tinha um feitor que administrava os seus bens, mas que infelizmente não foi fiel a seu mandato, merecendo ser deposto de seu cargo.

A parabola nos mostra um administrador e seus administrados.

A Egreja tambem tem uma administração que se chama: Egreja *docente* ou ensinante e administrados, que formam a Egreja *discente* ou ensinada.

Estes dois elementos formam a constituição da Epreja.

Examinemos hoje este duplo aspecto da Egreja, isto é, a autoridade governativa dos chefes e a submissão amorosa dos fieis, meditando:

1· **A fórma** deste governo;

2· **A natureza** deste governo.

São dois pontos importantes que é necessario pôr em plena luz, para comprehender as bellezas deste governo, instituido por Jesus Christo, e compenetrar-nos da submissão que lhe devemos.

I. A fórma deste governo

A fórma do governo da Egreja é a *monarchia electiva temperada.*

Esta fórma de monarchia temperada faz do governo da Egreja o melhor dos governos, porque é o unico que corresponde plenamente á sua finalidade.

De facto, a Egreja tem por fim reunir sob o seu poder, não sómente um povo, mas todos os povos, para fazer delles uma *unica sociedade,* ou melhor: uma unica familia, e isso sem perturbar-lhes a vida social, mas levando-os a uma mesma fé e a uma mesma vida moral.

Para alcançar isto, é preciso que a Egreja possúa o governo que melhor se adapte a este fim sublime.

Ora, só a monarchia electiva temperada póde alcançar este fim.

Tal monarchia evita as revoluções, que uma republica gera necessariamente entre nações de lingua, costumes e educação differentes.

Ella afasta tambem a *dissolução*, que é praga do protestantismo, ou a autoridade tyrannica, que tão facilmente os governos aristocraticos ou as monarchias absolutas produzem.

*
* *

Digo que o governo da Egreja é **monarchico,** porque possue um *unico chefe*, supremo, independente, chamado: o Santo Padre o Papa, ou Soberano Pontifice, tendo poder absoluto sobre a Egreja inteira.

O Papa é um verdadeiro monarcha, cujo poder não é limitado, nem reconhece superior ou egual. O Papa *reina* e *governa,* sem ter precisão de assembléa ou de conselheiros: elle manda, todos obedecem.

Esta monarchia é **electiva,** neste sentido que, nem o chefe supremo e unico: o Papa; nem os chefes inferiores: os Bispos, adquirem a sua dignidade por uma successão hereditaria. Cada autoridade é tirada indifferentemente de todas as classes sociaes, ao ponto que cada fiel, sendo apto a esta dignidade pela vocação sobrenatural, póde ser chamado a tornar-se Sacerdote, Bispo e Papa.

Tal fórma de governo é ainda **temperada,** pois examinando-a de perto, notamos que ella é ao mesmo tempo:

Monarchica, porque consta d'um unico chefe.

Aristocratica, porque é auxiliada por principes que são os Bispos, governando cada um a sua Diocese, em seu proprio nome, sob a autoridade suprema do Papa.

Democratica porque os seus chefes são recrutados em todas as classes.

O conjuncto do governo da Egreja é chamado *hierarchia* ou autoridade sagrada, porque esta autoridade foi instituida pelo proprio Jesus Christo, para manter na Egreja a sua doutrina e o seu espirito.

Esta hierarchia consta de Bispos, de Sacerdotes e de ministros inferiores como são: os diaconos, e subdiaconos.

Esta hierarchia tem isto de especial, diz Bossuet, que cada membro age com a força do todo; e o todo respeita a funcção de cada membro.

II. A natureza deste governo

Como acabámos de vêr: a *fórma* do governo da Egreja é admiravel de harmonia e de força. A natureza deste governo é mais admiravel

ainda, pois está em relação com a missão que a Egreja recebeu de Jesus Christo.

Esta *missão* é conservar o deposito das verdades reveladas, como o seu *fim* é conduzir as almas para o Céu.

Ora, para cumprir uma tal missão, a Egreja tem um *triplice* dever:

a) Ensinar as verdades reveladas;
b) Administrar os sacramentos;
c) Velar sobre a sua conservação.

Deste triplice *dever* resulta um triplice *poder* para ser possivel cumpril-o:

a) De ensinar;
b) De administrar;
c) De governar.

A Egreja tem o dever e o poder de ensinar as verdades que lhe foram confiadas por Jesus Christo: *Ide, ensinae todas as crealuras... ensinando lhes a observar todas as cousas que vos mandei.* (Math. XXVIII. 19)

O segundo dever é administrar os sacramentos, por serem estes os canaes transmissores da graça, sem a qual não ha salvação.

O Apostolo diz que Jesus Christo *os fez, a elles, Apostolos, dispensadores dos mysterios de Deus.* (1. Cor. IV. 1)

A Egreja tem, pois, o poder de baptizar... — *Ide... baptizando-os* — de perdoar os peccados pela confissão: *A quem perdoardes os peccados ser-lhes-ão perdoados* (Joan. XX. 13), de offerecer o Santo Sacrificio da Missa: *Fazei isto, em memoria de mim,* (Luc. XXII. 19) de dar a Extrema-Uncção: *Está alguem enfermo, chame os sacerdotes... e estes ungindo-o com oleo...* (Th. V. 14) numa palavra tem o poder de administrar os sete sacramentos.

Emfim, tem o poder de **governar** a Egreja,

isto é: de fazer leis, pronunciar sentenças, reformar abusos e castigar os delinquentes, quando isto fôr necessario.

Este poder foi dado aos Apostolos: *O que desligardes na terra será desligado no Céu* (Math. XVI. 19)

A S. Pedro Jesus deu a ordem de *apascentar os cordeiros e as ovelhas*, (Joan. XXI. 17) e ordenou que *todos obedecessem á Egreja sob pena de ser considerado como um publicano ou um pagão* (Math. XVIII. 17)

Eis, pois, a Egreja revestida divinamente de seu sublime magisterio, que exerce pela sua hierarchia de ordem e de jurisdicção, na mais suave harmonia e na mais suave união que póde existir num governo.

O governo da Egreja é uma instituição divina, e por isso é immutavel.

Jesus Christo é o seu fundador e a sua cabeça, e como é immutavel, os membros participam necessariamente desta immutabilidade. *Elle era hontem, Elle é hoje, Elle ficará sempre o mesmo em todos os seculos*; como diz S. Paulo (Hebr. XIII. 8)

Os governos humanos podem alterar-se porque são feitos para o povo, e devem adaptar-se ás necessidade do povo.

O governo da Egreja, sendo um governo divino, são os povos que devem submetter-se a elle emquanto elle fica o que foi desde a origem.

Esta immutabilidade constitue a gloria, a força e o principio da immortalidade da Egreja.

Em razão da diversidade dos tempos, a Egreja póde modificar a sua disciplina sobre varios pontos, porém não muda os principios de seu governo, que são invariaveis.

III. Conclusão

Tal é a bella, fecunda e harmoniosa constituição da Egreja; constituição unica entre todos os governos, porque só ella é divina.

A Egreja não mendiga eleições, ninguem apresenta candidatos para os altos cargos; é o Espirito Santo que suscita as vocações, que as orienta e eleva até as mais altas funcções.

Não fostes vós quem me escolhestes, disse Nosso Senhor aos Apostolos, *mas fui eu que vos escolhi* (Joan. XV. 16) e Elle repete esta palavra a cada um de seus eleitos.

Destas considerações podemos inferir, como conclusão, os direitos e deveres da Egreja *discente* ou ensinada.

Em suas relações *exteriores* com a Egreja docente, os fieis devem professar a mesma fé, participar dos sacramentos que lhes são proprios e obedecer á autoridade, ao unico chefe da Egreja, o Soberano Pontifice, e a seus representantes na hierarchia da Egreja.

Em suas relações *interiores* devem ficar unidos a Jesus Christo pela graça santificante, que é como a seiva divina que percorre toda a Egreja de Christo.

EXEMPLOS

1. Submissão de Fenelon

Fenelon havia escripto um livro intitulado: *As maximas dos Santos*, que o Papa Innocencio XII condemnou em 1699, por achar varias maximas um tanto ambiguas, com interpretações um tanto quietistas.

A noticia da condemnação foi remettida ao piedoso Prelado no dia 25 de Março, no momento que ia subir ao pulpito.

Deixando de lado o sermão que tinha preparado, Fenelon falou sobre a submissão á Egreja, com uma uncção que arrancou lagrimas ao numeroso auditorio.

Em 7 de Abril publicou uma Carta Pastoral na qual acceitou, sem reserva, a condemnação de seu livro, e onde dizia:

«Oxalá nunca se fale de nós, sinão para se lembrar que um Pastor deve ser mais submisso á autoridade da Egreja que a ultima das ovelhas; nunca porei o minimo limite a minha submissão á Egreja».

Mandou fabricar um ostensorio, sustentado por dois anjos, dos quaes um carregava varios maus livros, entre os quaes figurava um, com a inscripção: «Maximas dos Santos, por Fenelon».

Admiravel exemplo de submissão á Egreja!

2. Carlos Magno e seu filho

Carlos Magno, o maior principe de quem a França e a Europa podem gloriar-se, grande pelas suas conquistas, grande pelo seu amor ás sciencias, grande pela sabedoria das suas leis, grande pelas suas virtudes e grande pelo seu amor a Egreja, acabava de passar por provações crueis, no fim da vida; viu morrer a sua filha e dois de seus filhos, ficando-lhe apenas o principe Luiz, que resolveu associar ao Imperio.

Chamou-o para junto de seu leito, onde jazia doente, e disse-lhe:

— Filho querido de Deus, de teu pae e de todo nosso povo, tu que Deus me deixou para a minha consolação, tu o vês: a minha idade está

adeantada, a minha propria velhice me vae escapando, o tempo da minha morte se approxima.

Promettes-me de temer sempre a Deus, de observar a sua lei, de proteger a sua Egreja?

Luiz o promette, soluçando de emoção.

Vae, pois, meu filho, tome a corôa lá em cima do altar, põe a sobre a tua cabeça, e não te esqueças de teus compromissos.

Grandes e sublimes licções que todos os paes deviam dar a seus filhos, antes de morrer!

9º DOM. dep. de PENTECOSTES

EVANGELHO (Luc. XIX. 41—47)

41. Naquelle tempo, tendo Jesus chegado perto da cidade, chorou sobre ella, dizendo:

42. Si ao menos neste dia, que te é dado, tu conhecesses ainda o que te póde trazer a paz! Mas agora isto está encoberto aos teus olhos.

43. Porque virão para ti os dias em que teus inimigos te cercarão de trincheiras, e te sitiarão, e te apertarão por todos os lados:

44. E derribarão por terra a ti e aos teus filhos, que estão dentro de ti, e não deixarão em ti pedra sobre pedra: porque não conheceste o tempo da tua visita.

45. E tendo entrado no templo, começou a expulsar os que vendiam e compravam nelle, dizendo-lhes:

46. Está escripto: A minha casa é casa de oração: e vós fizestes della um covil de ladrões.

47. E todos os dias ensinava no templo.

COMMENTARIO APOLOGETICO

O deposito da Egreja

O Evangelho nos representa Jesus, chorando sobre a cidade de Jerusalém.

Qual é a razão destas lagrimas?

O olhar prophetico do Salvador, entreviu num futuro proximo os tremendos castigos que iam assolar e arrasar a cidade ingrata, porque não soube conservar o deposito das verdades divinas que Deus lhe havia confiado desde o começo dos tempos.

Jerusalém era o centro da religião verdadeira no antigo Testamento, como Roma é desde S. Pedro, o centro da verdade no novo Testamento.

A religião é um deposito sagrado que Deus entrega á autoridade espiritual por Elle constituida no meio dos homens. Esta autoridade era a Synagoga antes de Christo; e depois delle é a Egreja construida por Elle sobre S. Pedro: *Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha Egreja.*

A Synagoga não soube conservar este divino deposito: A Egreja Catholica o guarda com escrupulosa fidelidade.

Contemplemos hoje dois aspectos deste divino deposito, examinando:

1· A **existencia** deste deposito;

2· A sua **natureza**

Estas duas considerações vão mostrar-nos um novo aspecto da Egreja Catholica e fornecer-nos uma nova prova de ser Ella a unica Egreja verdadeira fundada por Jesus Christo.

I. A existencia deste deposito

Será bem certo que existe tal deposito das verdades divinas, confiado á Egreja?

Sim, absolutamente certo.

S. Paulo, numa destas phrases decisivas das quaes possue o segredo, diz: *Deus tendo falado outrora muitas vezes a nossos paes pelos pro-*

phetas, ultimamente, nestes dias, falou-nos por meio de seu Filho. (Hebr. I. 1—2)

A palavra divina, communicando aos homens, o que devem crêr e fazer, fórma este deposito, em outros termos é a *revelação.*

Esta revelação não se completou, de repente, em uma vez, mas foi-se aperfeiçoando, completando-se successivamente, gradualmente, *de muitos modos e muitas vezes.*

Bastaria deste texto bem interpretado para fazer ruir a pretenção protestante da inspiração *individual.*

A inspiração divina póde ser *individual* emquanto é feita a uma pessôa; mas ella é *universal,* emquanto deve ser transmittida á humanidade inteira.

Ora, si todos os homens são inspirados egualmente, a quem hão de transmittir os ensinos recebidos do alto?

Si Pedro e Paulo são egualmente inspirados, porque Pedro ensinára a Paulo, e porque Paulo devia escutar a Pedro? Todo ensino suppõe uma pessôa que saiba o que outra ignora.

Si todos os homens são inspirados, porque Deus chamou Moysés no Sinai, e lhe transmittiu a sua lei, escripta em duas pedras?

Porque os discursos, as Beatitudes de Jesus Christo, as exhortações dos Apostolos, os proprios Evangelhos?

Tudo isso é inutil, desde que se admitte que todos nós somos inspirados por Deus.

E' uma das asserções mais ridiculas do protestantismo.

Desde que Deus revela a verdade a uns homens determinados, é uma prova de que os outros ignoram o que Elle lhes manda ensinar.

Ora, é certo que Deus tem-se servido de uns

homens para communicar a sua doutrina ao mundo.

És tu, Senhor, diz Isaias (XVII. 21) *que falaste por minha bocca, eu o teu servo.*

O Espirito do Eterno falou por mim, diz David, *e a sua palavra estava sobre a minha lingua.* (II. Reg. XXIII. 2)

E' sob a inspiração do Espirito Santo, que os Santos de Deus falaram, ajunta S. Pedro. (2 Pet. I. 21)

Existe, pois, realmente o deposito divino constando da palavra de Deus revelada a certos homens, no Antigo Testamento, desde Moysés até Jesus Christo.

Depois Jesus Christo falou, ensinou, e mandou os seus Apostolos continuarem este ensino.

O Apocalypse, o livro do futuro, fechou para sempre a época da inspiração que Moysés abriu pelo Genesis e que S. João fechou em Patmos.

Deus disse tudo, não tudo o que sabe, mas tudo o que o homem devia saber.

Não falará mais!

A fonte da verdade está sellada.

E este deposito sellado da sua doutrina, Jesus Christo o entregou a sua Egreja, para guardal-o, defendel-o, explical-o, applical-o, conforme as necessidades das almas.

II. A natureza deste deposito

E' pois certo que o deposito das verdades ensinadas por Deus existe; procuremos agora examinar a natureza deste deposito: será uma nova prova da divindade da Egreja Catholica e um novo argumento contra os absurdos protestantes.

A primeira entrada no deposito: foi feita por

Deus no paraiso, *oralmente,* para ser transmittida de pae a filho.

A primeira entrada *escripta* foi feita por Deus a Moysés 2500 annos após a creação do mundo.

Deste modo, vemos que a Biblia começou pela **tradição**, e depois tornou-se **escripta**.

Temos, pois, deante de nós duas fontes da palavra de Deus: a tradição ou palavra falada, e a Biblia, ou tradição escripta.

Moysés, tendo nascido 1500 annos antes de Jesus Christo e tendo havido uns 4000 annos, desde a creação até Jesus Christo, devemos concluir que a primitiva Egreja existiu 2500 annos antes de ter a palavra divina escripta, existindo apenas a *tradição.*

Como podem os protestantes negar a tradição?

Si não houvesse tradição, não poderia haver Biblia.

Deus falou a Adão, a Noé, aos patriarchas ante-diluvianos, a Abrahão e a um certo numero de justos que precederam Moysés, e estas palavras transmittidas pela tradição foram escriptas parcialmente por Moysés, constituindo a Biblia, emquanto outra parte, não escripta continuou a ser *tradição,* sendo pouco a pouco recolhida por outros escriptores, não inspirados.

Depois que foi inventada a arte de escrever, serviram-se della os prophetas, por ser uma fórma, mais *estavel,* porém menos viva, da tradição.

Assim fizeram os Apostolos, sem abandonar, entretanto, o ensino oral, ou tradição,

Elles escreveram pouco, e não teriam podido escrever tudo.

Durante os três annos que estiveram na convivencia de Jesus Christo, escutando-o, observando-o, viram apparições celestes e ouviram

vozes do alto, como viram mortos ressuscitados e ouviram surdos falarem.

Como e quando podiam elles contar tantas e tamanhas maravilhas?

E' o que fazia dizer a S. João: *Si se escrevesse uma por uma todas as cousas que fez Jesus, nem o mundo caberia os livros que seria preciso escrever.* (Joan. XXI. 25)

Jesus manda os seus Apostolos prégarem a verdade, mas não os manda escrever, nem espalhar Biblias. (Math. XXVIII. 19)

E os Apostolos prégaram muito: escreveram pouco, e só impellidos por necessidades particulares: o resto do Evangelho, a grande parte da sua doutrina ficou conservada oralmente, pela tradição.

Eis porque elles recommendam manter sempre as *tradições* recebidas oralmente. *Permanecei constantes, irmãos*, diz S. Paulo, *e conservae as tradições que aprendestes, ou por nossas palavras ou por nossas cartas.* (2 Thes. II. 14)

Eis a dupla fonte da Verdade divina, claramente indicada pelo Apostolo: as palavras e as cartas, em outros termos: a tradição *oral* e a tradição *escripta*.

Estas duas fórmas unem-se tão estreitamente que se póde dizer que não existe um unico ponto na tradição oral, que não seja pelo menos, indicado implicitamente na Escriptura; como não ha na Escriptura um dogma, um artigo de fé, que não tenha as suas raizes mergulhadas na tradição, são como dois *alto-falantes*, repetindo a mesma voz de Deus.

III. Conclusão

Eis a natureza do deposito divino, confiado por Deus a sua Egreja.

A Egreja é anterior á Sagrada Escriptura, como o depositario de um objecto é anterior á deposição deste objecto.

Deus creou primeiro a sua Egreja, e entregou-lhe depois a verdade a conservar.

Havia tempo que S. Paulo prégava aos fieis de Corintho, de Athenas, de Epheso, e de Roma, quando appareceu o Evangelho de seu discipulo Lucas; e elle mesmo, nada ainda tinha escripto.

Havia perto de 70 annos que a Egreja existia quando S. João fechou a época da inspiração, pelo Apocalypse.

A Egreja, pois, não está fundada sobre a tradição, nem sobre as Escripturas, mas sobre o proprio Jesus Christo, tendo Elle mesmo escolhido a pedra fundamental desta Egreja: S. Pedro.

Não é pois o deposito da verdade que sustenta a Egreja: é a Egreja que sustenta o deposito divino.

E' o que dictou a Santo Agostinho esta phrase certa que tanto escandalisa os protestantes: «Eu não acreditaria no Evangelho, si a Egreja não me dissesse de acreditar».

E' logico... pois é a depositaria da verdade que deve indicar-nos esta verdade.

Acreditamos com plena certeza nas verdades divinas porque temos a certeza de que Pedro nos apresenta a verdade immutavel de Jesus Christo: *Pedro, roguei por ti para que a tua fé não falleça.* (Luc. XXII. 32) *As portas do inferno nunca prevalecerão contra ella.* (Math. XVI. 18)

Existe um deposito divino: é certo. Tal deposito é composto das palavras de Deus e dos Apostolos, transmittidas pela tradição oral, e par-

cialmente escriptas por inspiração divina: é certo tambem.

Tal deposito foi confiado á Egreja, para que o communicasse ao mundo: *Ide no mundo inteiro... ensinando lhes a observar todas as coisas que vos mandei.* (Math. XXVIII. 20)

Estas verdades fundamentaes e irrefutaveis fazem ruir por completo, todo o edificio protestante, que quer que a Egreja dependa da Biblia, e não a Biblia da Egreja, como ensinam os Catholicos, e adoptando a Biblia como unica regra de fé.

E' como si alguem dissesse que um livro existe antes de seu escriptor... e que é o livro que produziu o escriptor.

Amemos a Sagrada Escriptura como sendo a palavra escripta de Deus, mas não rejeitemos esta outra palavra oral que tambem é a palavra divina, porque ambas nos são apresentadas como taes pela Egreja, depositaria autorizada da verdade: *Quem vos escuta, escuta a mim.* (Luc. X. 16)

EXEMPLO

A palavra de Deus

A Egreja conserva a palavra de Deus: é a sua grande missão.

A humanidade é movel, voluvel: ella destroe hoje o que hontem adorava, e si não vae até destruir, ella o deixa cahir das mãos, desilludida. Além do mais ella tem horror a tudo o que a incommoda.

Toda verdade pratica, um dia ou outro, é negada, conspuida, e nenhuma verdade se defende a si mesma. Havia pois necessidade de uma atalaia invencivel, proposta a conservação da ver-

dade revelada; havia necessidade de uma autoridade vigilante, incorruptivel, assistida pelo Alto, que conservasse fielmente até ao fim a palavra de Deus, e não permittisse a ninguem alterar esta verdade; esta autoridade é a EGREJA.

Deus lhe disse: Eu te dou a minha palavra, guarda a bem, guarda-a toda inteira. Ninguem nella ajunte, nem supprima, nem mude uma palavra, mesmo si um anjo do céu o pedisse. Guarda o deposito intacto: *Depositum custodi.*

Um dia, durante as lutas da revolução, Kléber quiz salvar o seu exercito cercado por forças superiores, e disse a um chefe de batalhão que estimava: Vá para o desfiladeiro lá na extremidade desta planicie; tu farás parar o inimigo durante duas horas... tu te farás matar, mas tu salvarás o exercito!

— Sim, meu general, respondeu o valente commandante; e marchou para o desfiladeiro, fez-se matar ali... mas salvou o exercito!

Eis a Egreja!

Ella guarda a palavra de Deus, e sempre immortal, ella morre incessantemente para salvar o deposito divino. Ella se faz matar antes que sacrificar uma virgula da verdade que lhe foi confiada!

10º DOM. dep. de PENTECOSTES

EVANGELHO (Luc. XVIII. 9—14)

9. Naquelle tempo propoz Jesus esta parabola a uns que confiavam em si mesmos, como (si fôssem) *justos e desprezavam os outros:*

10. Subiram dois homens ao templo a fazer oração: um phariseu e outro publicano.

11. O phariseu, de pé, orava no seu interior desta fórma: Graças lhe dou, ó Deus, porque não sou como os outros homens: ladrões, injustos, adulteros, nem como este publicano.

12. Jejuo duas vezes na semana: pago o dizimo de tudo o que possuo.

13. O publicano, porém, conservando-se á distancia, não ousava nem ainda levantar os olhos ao céu: mas batia no peito dizendo: Meu Deus, tem piedade de mim peccador.

14. Digo-vos que este voltou justificado para sua casa, e não o outro: porque quem se exalta será humilhado, e quem se humilha será exaltado.

COMMENTARIO APOLOGETICO

Inspiração e assistencia

Nosso Senhor nos apresenta o contraste impressionante entre o phariseu orgulhoso e o publicano humilde.

O primeiro dá graças a Deus de ser melhor que os demais homens.

O segundo se reconhece como um pobre peccador e supplica a Deus que tenha misericordia delle.

E' a imagem do peccador orgulhoso e do justo humilde.

A Egreja tem por fim conduzir as almas a esta justiça e afastal-as do mal: é a sua missão divina.

Uma tal missão exige uma assistencia divina, que não se deve confundir com inspiração divina.

Já falámos da **inspiração** divina, dada por Deus aos prophetas e aos Apostolos; vamos agora tratar da *assistencia* divina para melhor comprehendermos a differença entre o regimen antigo e o novo, entre os principios da Egreja e o seu governo actual.

Examinemos separadamente:

1. Em que consiste a **inspiração**
2. Em que consiste a **assistencia.**

A inspiração tinha por fim revelar novas verdades; a assistencia tem por fim conservar e explicar as verdades reveladas.

I. A inspiração

A inspiração é uma acção divina sobre a Escriptura ou sobre o escriptor, em virtude da qual a escriptura tem o proprio Deus como autor.

A inspiração não é simplesmente *passiva* no sentido que Deus inspira ao escriptor o desejo de escrever e o assiste para que não escreva erros, sem suggerir-lhe a verdade a escrever; mas ella é *positiva*, o que quer dizer que Deus inspira o escriptor sacro a escrever, o ajuda em-

quanto escreve e lhe suggere o que deve escrever, e como deve escrevel-o.

Toda Escriptura é divinamente inspirada, diz o Apostolo. (II. Tim. III. 16)

Um simples raciocinio nos fará comprehender isso:

Tudo o que deve ser crido de fé divina, deve ser revelado por Deus;

Ora, toda a Sagrada Escriptura deve ser crida de fé divina.

Logo, tudo nella é revelado por Deus.

Si a inspiração não fôsse *positiva,* de facto, não existiria nenhuma differença entre a Sagrada Escriptura e as decisões da Egreja.

O Papa Leão XIII destacou bem esta verdade fundamental quando escreveu:

«O Espirito Santo pela sua virtude sobrenatural excitou e moveu os Escriptores Sacros e os assistiu de tal modo, que lhes inspirou a idéa de escrever; estes escreveram exactamente e expressaram com infallivel verdade, o que Elle ordenou. Si assim não fôsse, o Espirito Santo não seria o autor da Sagrada Escriptura inteira». (Encycl.: De studiis scrip. sacr.)

E' provavel que a inspiração se extenda até aos pormenores e a cada uma das palavras do texto sagrado, e não sómente aos objectos que dizem respeito a fé ou a moral, como pretendiam os modernistas.

Sendo, pois, a Sagrada Escriptura revelada em seus permenores, e até em cada uma das suas palavras, é claro que nenhum erro póde se encontrar na Biblia, pois este erro deveria ser attribuido ao inspirador: o proprio Espirito Santo.

O periodo de inspiração durou 4000 annos, da primeira linha do Genesis, até a ultima do Apocalypse.

Todo o Antigo Testamento foi época de *inspiração.*

O Novo Testamento o foi desde Jesus Christo até a ultima phrase do Apocalypse.

O vidente de Pathmos parece tomar em suas mãos tremulas de ancião, com perto de 100 annos de idade... de ultimo dos Apostolos... de ultimo testemunho de Jesus Christo na terra, os 72 livros inspirados, encerrando a época da inspiração com esta phrase sublime a corôar a grande obra divina:

O que dá testemunho destas coisas diz: sim, vem depressa: Amen. Vem Senhor Jesus! A graça de Nosso Senhor Jesus Christo seja com todos vós. Amen. (Ap. XXII, 20, 21)

E' a chave de ouro a fechar o cyclo de 4000 annos de inspiração!

Encerrando a época da inspiração, Deus não quiz fazer-nos entender que nada mais tem a communicar-nos.

Deus é infinito; e o homem é incapaz de conter o infinito de Deus, Deus não se exgotou, mas disse tudo o que tinha de dizer, o que quiz dizer e o que nos era necessario.

II. A assistencia

A' dynastia dos inspirados, que ensinaram aos homens verdades novas, ainda não reveladas, succede a dynastia dos *Assistidos*, que nada ensinam de novo, mas que guardam o que foi ensinado.

Esta dynastia é a dos Papas de Roma, centro vivo da Egreja Catholica.

Quando Jesus Christo disse aos Apostolos: *Ide, ensinae a todos os povos, ensinando os a observar as coisas que vos mandei*; (Matheus

XXVIII, 19), Elle lhes communicou nesta ordem a *inspiração* e a *assistencia*.

A inspiração refere-se a sua *pessôa* de Apostolos, é um previlegio pessoal, que os faz, a cada um em particular, infalliveis na revelação da doutrina. Esta inspiração, porém, limitou-se a elles e não foi transmittida a seus successores, os Bispos.

Nenhum dos Bispos, nem o proprio Papa, goza da inspiração divina. O que a Egreja recebeu, e herdou dos Apostolos, é a **assistencia** divina; é por isso que Jesus Christo completou a ordem de ensinar, com estas palavras: *Eis que eu estou comvosco todos os dias, até a consummação dos seculos.* E' a assistencia necessaria para interpretar, explicar e applicar o deposito da verdade divina.

A *verdade*, não é um diamante que se esconde: é uma luz que deve illuminar.

Vós sois a luz do mundo!

Sendo a luz das intelligencias, a verdade deve penetrar estas intelligencias, para o que, duas coisas são necessarias: *comprehender* e *interpretar* a palavra divina.

Comprehender; pois toda Escriptura tem necessariamente as suas obscuridades.

Por mais claro e methodico que seja um escriptor, elle não é comprehendido por todos os seus leitores, pela razão muito simples que o leitor devia estar no mesmo nivel intellectual que o escriptor para comprehender toda a extensão de seu pensamento; sendo lhe inferior, haverá necessariamente coisas que o escriptor comprehende bem, procura fazer comprehender bem, mas que o leitor não entende.

Uma perfeita comprehensão entre escriptor e leitor, suppõe uma igualdade intellectual.

Ora, a Sagrada Escriptura é a palavra da intelligencia divina, que supera infinitamente a intelligencia humana.

Logo, ha, e deve haver obscuridades na Sagrada Escriptura: não na palavra divina como tal, mas na intelligencia do homem.

E' o que fez dizer a São Pedro, falando das Epistolas de São Paulo: *Ha algumas coisas difficeis de entender que os indoutos, inconstantes adulteram, para a sua propria perdição.* (2 Pet. III. 16)

A Egreja, encarregada de conservar e interpretar a palavra divina deve, pois, comprehendel-a perfeitamente, infallivelmente, e para isso ella precisa da assistencia divina: *Eis que estou comvosco até á consummação dos seculos.*

III. Conclusão

Comprehendemos agora, a distincção tão simples e tão fecunda entre: *inspiração e assistencia.* A confusão destes dois termos é a base das objecções que os protestantes formulam contra a infallibilidade do Papa.

Julgam que o Papa, que a Sagrada Escriptura, a tradição e a razão proclamam *infallivel,* é um homem inspirado por Deus, quando é apenas um homem *assistido* por Deus.

Cada protestante diz-se assistido por Deus na interpretação da Biblia; só o Papa não o é: Vê-se logo o absurdo da asserção.

Esta distincção nos prepara ao estudo da infallibilidade e nos dá, desde já, a solução do problema.

O plano divino é admiravel e logico. S. João ao terminar o Apocalypse indica claramente o papel da Egreja na interpretação da Sagrada Escriptura.

«Eu protesto, diz elle, *a todos os que virem as palavras da prophecia deste livro, que si alguem lhes juntar alguma coisa, Deus o castigará com as pragas escriptas neste livro.* (Apocalypse, XXII. 18).

Vê-se claramente que nada de novo póde ser introduzido: a inspiração está encerrada; o que se deve fazer agora é guardar, interpretar e applicar a palavra divina pela *assistencia* do Espirito Santo. S. João diz á Egreja: *Guardae este deposito —depositum custodi* — Jesus acrescenta: *Eu estou comvosco até á consummação dos seculos.* Eu confio a minha doutrina a Pedro... *e tu, Pedro, confirma os teus irmãos* na fé, na doutrina, na virtude.

EXEMPLO

A perpetuidade da Egreja

O destino das dynastias humanas é nascer, desabrochar e murchar. Filhas do trabalho, que são, ellas vivem um momento, e tombam para sempre no pó.

Para assegurar a sua duração, cercam-nas de garantias, decretam leis de hereditariedade dos thronos, prevêem minoridades e regencias... Aqui, consagram os monarchas; acolá, chamam-se as nações a ratificarem num escrutinio universal a fundação de um Imperio; e todos applaudem-se de terem feito uma obra immortal... e eis que o tempo a derruba de repente, quando menos o pensam.

Mas ha uma dynastia de Principes electivos, cujo numero está em 263, e que, ella só, conta mais membros do que todas as dynastias reunidas que hoje reinam no mundo inteiro.

Esta dynastia despreza o exilio, pois todos os Papas voltam para Roma, mortos ou vivos!

Esta dynastia despreza a morte, pois o Papa, morrendo, tem a certeza de ter o seu successor!

Esta dynastia resiste ás vicissitudes, pois ella dura tanto que o tempo, e si o tempo perdurasse ainda seculos e seculos, o ultimo Papa seria, tão bem que o segundo, e com cem mil annos de intervallo, o Successor certo, legitimo e reconhecido de São Pedro!

Um dia a Cupula do Kremlin ruirá, as torres de Notre Dame abysmar-se-ão na voragem, o pescador do Tamisa amarrará a sua barca a qualquer arco, ao pé das ruinas de São Paulo...

De todas as cathedraes do mundo, sómente São Pedro de Roma ainda ficará em pé, Roma será ainda do Papa! O Papa, o unico sobrevivente a todas as dynastias de hoje estará ainda em Roma.

Os Bossuet destes tempos remotos dirão como o do seculo de Luiz, o grande: «O' Santa Egreja Romana, si eu me esquecer de ti, apegue-se a minha lingua á bocca; paralize-se a minha dextra, si tu não fôres o objecto dominante de meus pensamentos e o centro das minhas affeições!»

Ignoro quaes serão os povos que dominarão então o mundo; quaesquer que sejam porém, os seus interesses politicos, a sua lingua, a côr e os traços da sua raça, affirmo que sempre haverá entre elles um interesse commum, um amor commum: o amor á Séde apostolica, á lingua da Egreja!

Uns segundos serão sufficientes á telegraphia aperfeiçoada, para levar a todos os recantos do universo, as bençams do Pae commum de todos

os fieis, e para trazer a este Pae commum os agradecimentos de todos os fieis!

E, quando na solemnidade da Paschoa ou da Ascenção, o Pontifice destes seculos futuros estender os dois braços sobre o seu rebanho inteiro, espargindo a palavra além dos mares e dos oceanos, nas egrejas, onde a scentelha electrica fizer tremular, ao mesmo tempo, o mesmo nome e a mesma prece de todas as egrejas abençoadas pela mesma mão, levantar-se-á para Roma, para Pedro, uma torrente de acção de graças, em que se ouvirão, através das diversidades dos idiomas, estas palavras do Concilio de Nicéa: *Credo in unam Catholicam et Apostolicam Ecclesiam.* (Mons. Besson)

11º DOM. dep. de PENTECOSTES

EVANGELHO (Marc. VII. 31—37)

31. Naquelle tempo deixou Jesus os confins de Tyro, e veio por Sidon ao mar de Galiléa, atravessando o territorio da Decápole.

32. E trouxeram-lhe um surdo e mudo, e supplicavam-lhe que lhe impuzesse a mão.

33. Então Jesus, tomando o á parte dentre a multidão, metteu lhe os dedos nos ouvidos: e cuspindo, com saliva tocou a sua lingua:

34. E levantando os olhos ao céu, deu um suspiro, e disse-lhe: Ephpheta, que quer dizer, abre-te.

35. E immediatamente se lhe abriram os ouvidos e se lhe soltou a prisão da lingua, e falava claramente.

36. E ordenou-lhes que a ninguem o dissessem. Porém quanto mais lh' o prohibia tanto mais o publicavam:

37. E tanto mais se admiravam, dizendo: Tudo tem feito bem: fez que ouçam os surdos, e falem os mudos.

COMMENTARIO APOLOGETICO

O Papado no Evangelho

O Evangelho termina com uma destas phrases que o Espirito Santo lança, vez ou outra, co-

mo um relampago sobre a vida de Jesus Christo.

Resumindo a sua vida escondida em Nazareth o Espirito Santo diz tudo numa phrase: *Era-lhes submisso.*

Resumindo a sua vida publica é o mesmo relampago, curto, mas de uma extensidade deslumbrante: *Elle fez bem todas as cousas.*

Jesus veiu neste mundo para salvar a humanidade, communicar-lhe a sua doutrina divina e estabelecer meios para que esta doutrina se conservasse immutavel através dos seculos.

Para conseguir esta immutabilidade duas cousas eram necessarias: possuir uma autoridade suprema, e a sobrevivencia desta autoridade.

São estes dois pontos que vamos meditar hoje, vendo pelo Evangelho, como Jesus transmitte a Pedro:

1. A **autoridade** no governo
2. A **immortalidade** na existencia.

Estas duas prerogativas vão mostrar-nos em todo o seu esplendor a gloria do Papado, de Pedro, e de seus successores através dos seculos.

I. A autoridade no governo

Ha duas phases nesta autoridade: a promessa e a realização.

Um dia Jesus Christo pergunta a seus discipulos. *Que dizem os homens do Filho do Homem?*

Os discipulos respondem: *Uns dizem que é João Baptista, outros que é Elias e outros que é Jeremias ou algum dos Prophetas.*

E vós, continúa o divino Mestre, que dizeis de mim?

Então, Pedro tomando a palavra, exclama com este accento de fé que lhe era peculiar:— *Tu és o Christo Filho de Deus vivo* (Mat. XVI. 16).

A exclamação de Pedro é um relampago de fé; a resposta do Mestre é um relampago de autoridade.

Bemaventurado és tu Simão, filho de João diz Elle, *porque não foi a carne, nem o sangue que te revelou isso, mas meu Pae que está no Céu; e Eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra* (kephas significa: Pedro e pedra, como a palavra franceza *Pierre* significa Pedro e pedra) *edificarei a minha Egreja e as portas do inferno não prevalecerão contra ella.*

Além disso: *Eu te darei as chaves do reino dos ceus: e tudo o que ligares na terra será ligado tambem nos ceus e tudo o que desatares na terra, será tambem desatado nos céus.* (Math. XVI. 19)

Tal é a promessa: Notem bem que é apenas a promessa. E' depois da resurreição que o divino Mestre cumprirá a sua promessa.

*
* *

A scena é de um encanto sem par, de uma ternura sem medida e de um vigor sem replica.

Era na occasião da terceira apparição de Jesus resuscitado.

Os Apostolos, depois da pesca milagrosa, tinham terminado a modesta ceia, á qual o proprio Jesus quiz participar.

Tendo elles pois juntado, narra o Evangelho, *Jesus disse a Simão Pedro:*

Simão, filho de João (Bar Jona) *tu amas-me mais do que estes?*

Elle disse lhe: Sim Senhor: tu sabes que eu te amo.

Disse-lhe Jesus: Apascenta os meus cordeiros.

Ha uma pausa, repleta de um silencio mysterioso. Então Jesus:

Disse-lhe outra vez: Simão, filho de João, amas-me?

Elle disse-lhe: Sim, Senhor, tu sabes que eu te amo.

Disse-lhe Jesus: Apascenta os meus cordeiros.

Novo silencio mysterioso, repleto de uma expectativa torturante para Pedro. Jesus pela terceira vez fez a mesma pergunta:

Simão, filho de João, amas-me?

Pedro ficou triste, porque pela terceira vez o Mestre lhe perguntou: Tu amas-me? E disse-lhe: Senhor, tu conheces tudo: tu sabes que eu te amo!

Disse-lhe Jesus: apascenta as minhas ovelhas. (João XXI 15)

Jesus pergunta três vezes a Pedro si o ama, como para obrigal-o a reparar com uma triplice affirmação a triplice negação no atrio de Caiphás (Math. XXVI. 74)

E a medida que Pedro vae affirmando o seu amor, Jesus dá-lhe a investidura da *autoridade* suprema sobre a Egreja inteira.

De facto, notamos na Egreja três categorias distinctas: os fieis, os sacerdotes, os Bispos.

E todos estes estão sob a autoridade de Pedro.

E' como si o divino Mestre dissesse:

—Pedro, tu amas-me mais do que estes?

—Sim, Senhor!

—Pois bem, sê o Pastor dos *Bispos* da Egreja.

—Pedro, amas-me?

—Sim, Senhor.

—Pois bem, sê o Pastor dos meus *sacerdotes*.

—Pedro, amas me?

—Senhor, tu sabes que eu te amo.

—Pois bem, sê o Pastor supremo de *todos os fieis.*

Eis Pedro, revestido da autoridade suprema da Egreja inteira: da Egreja *docente* e *discente*, dos Bispos, sacerdotes e fieis.

E' a realização do que o divino Mestre havia promettido: *haverá um unico rebanho e um unico Pastor* (João X. 16).

II. A immortalidade da existencia

Jesus Christo disse a Pedro: *Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha Egreja.*

Ora, o fundamento de uma Egreja immortal deve ser igualmente immortal.

As portas do inferno nunca prevalecerão contra a Egreja; logo não prevalecerão tão pouco contra o fundamento desta Egreja: e este fundamento é Pedro, é o Papado.

A Egreja, é pois, immortal, embora os Apostolos sejam mortaes.

A morte ceifa todas as gerações, e não poupa nem os reis, nem os Papas.

O Papa morre, porém, notae bem: a sua primazia não é um *privilegio* pessoal. Ella sobrevive ao homem que desapparece e passa inteiramente a seu successor.

O Papa morreu!

Viva o Papa! diziam os antigos.

Quem succede a Pedro, succede a sua autoridade. Ceifado pela morte, Pedro persevera e vive naquelles que lhe succedem sobre o seu throno.

O homem dura pouco: é uma nuvem que passa.

A verdade e a virtude devem permanecer sempre no mundo: a Egreja não póde morrer.

Logo, é preciso que haja um Papa... que haja cem Papas... duzentos... mil, até chegar ao fim dos tempos. E' preciso que o ultimo dos Papas, no fim do mundo, esteja ligado por uma corrente ininterrupta ao primeiro Papa: São Pedro.

Entretanto, o Papa é homem. Tudo póde conspirar contra elle: o tempo, as paixões, os poderes, as baixezas, o inferno.

Estes poderes unir-se-ão para abafar a verdade sobre seus labios... quebrar-lhe-ão os dentes... cortar-lhe-ão a lingua, para que não fale.

Pouco importa: elle falará sempre.

Este ancião edoso, vergado sob a edade e a responsabilidade, sob o odio e as ameaças, falará sempre, e nenhum poder acorrentará a verdade sobre os seus labios: o Papa é immortal.

A historia está repleta das aggressões brutaes de todos os poderes humanos, e continuadamente temos sob os olhos o triste espectaculo das conspirações contra o throno de Pedro.

Throno do Papa, tantas vezes ameaçado e batido, acabarás tu por ruir? E' o brado angustiado de muitos catholicos fracos na fé, ouvindo os ruidos sinistros do passado e as imprecações selvagens do presente.

Abram o Evangelho, a resposta está ali:

Tu és Pedro... feito pedra, e eu edificarei sobre ti a minha Egreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ella.

E' a dupla aureola da autoridade e da immortalidade.

III. Conclusão

A mudança do nome de *Pedro* em *Pedra* encerra o seu titulo de immortalidade.

Tu eras Pedro: Pedro é mortal,
Tu serás *Pedra:* a pedra é immortal.

Tu eras Simão, filho de João, disse-lhe o divino Mestre, tu serás doravante Pedro, a pedra fundamental.

E a mesma scena se renova através dos seculos. A cada Papa Jesus Christo repete:

Tu eras Joaquim Pecci: tu serás Leão XIII
Tu eras José Sarto: tu serás Pio X
Tu eras Giacomo della Chiesa: tu serás Bento XV
Tu eras Achilles Rati: tu serás Pio XI
Tu eras Eugenio Pacelli: tu serás Pio XII.

E a lista seguir-se-á; de São Pedro até ao ultimo Papa. Cada um delles deixará o seu primeiro nome, para tomar o nome da sua transformação em Pedro.

Eis como se nos apresenta Pedro e com elle seus 263 successores.

E' a mesma autoridade... é a immortalidade através dos seculos...

Pedro recebeu de Jesus Christo: a autoridade do governo e a immortalidade na existencia!

EXEMPLOS

1. Com 1800 annos de idade

Um joven Padre de Paris foi assistir a uma execução musical do Conservatorio. Entrou ali tambem o grande compositor Gounord, que encontrou todas as cadeiras occupadas.

O Padre se levanta e apresenta a sua cadeira, dizendo: — Mestre, faça o favor de tomar o meu logar.

— Isto não farei, responde Gounod.

— Mas em consideração da sua edade, retorquiu o Padre.

— V. Rvma. me desculpe, respondeu Gounod, mas permitta-me citar-lhe uma palavra de Gregorio XVI.

Não me lembro qual foi a personagem que disse ao Papa por occasião de uma audiencia: Santo Padre, sou mais velho do que V. Santidade!

— Mais velho do que eu? replicou o Papa, sorrindo. Olhe lá: eu estou com 1800 annos de edade!...

— Senhor Padre, concluiu Gounod, conserve V. Rvma. o seu logar... é mais velho do que eu... está com 1800 annos, emquanto eu tenho apenas os meus 60 annos.

2. Palavra de Barbaroxa

Barbaroxa era um imperador perverso.

Estando no Oriente, exclamou um dia: «Como o sultão arabe é feliz!... não tem um Papa para reprimir as suas desordens!»

3. O Papa Pio V

Os medicos aconselharam ao Papa Pio V de cuidar mais da sua saúde, e que não trabalhasse tanto.

O santo respondeu: A Santa Sé não é um leito de dormir, mas um throno de trabalho. A saúde, a prolongação da vida, é a ultima cousa de que um Papa deve occupar-se! Elle é antes de tudo, o servo dos servos de Deus!

12º DOM. dep. de PENTECOSTES

EVANGELHO (Luc. X. 23—37)

23. Naquelle tempo, disse Jesus aos seus discipulos: Ditosos os olhos que vêem o que vós vêdes.

24. Porque eu vos affirmo que muitos prophetas e reis desejaram ver o que vós vêdes e não o viram: e ouvir o que vós ouvis, e não o ouviram.

25. E eis que se levantou um certo doutor da lei, e lhe disse para o tentar: Mestre, que devo eu fazer para possuir a vida eterna?

26. Jesus disse-lhe: O que é que está escripto na lei? Como lês tu?

27. Elle respondendo, disse: Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma, e com todas as tuas forças, e com todo o teu entendimento, e o teu proximo como a ti mesmo.

28. E Jesus lhe disse: Respondeste bem: faz isso, e viverás (eternamente).

29. Mas elle querendo justificar-se a si mesmo, disse a Jesus: E quem é o meu proximo?

30. E Jesus retomando a palavra, disse: Um homem descia de Jerusalém para Jerichó, e cahiu nas mãos dos ladrões, que o despojaram (do que levava)*: e tendo-lhe feito feridas, retiram-se, deixando o meio morto.*

31. Ora, aconteceu que passava pelo mesmo caminho um sacerdote, o qual, quando o viu, passou de largo.

32. Igualmente um levita, chegando perto daquelle logar, e vendo-o, passou adeante.

33. Mas um Samaritano, que ia a seu caminho, chegou perto delle: e quando o viu, moveu-se de compaixão.

34. E approximando-se, ligou-lhe as feridas, lançando nellas azeite e vinho: e pondo-o sobre o seu jumento, levou-o a uma estalagem, e teve cuidado delle.

35. E no dia seguinte tirou dois dinheiros e deu-os ao estalajadeiro, e disse lhe: Tem cuidado delle: e quanto gastares a mais eu t'o satisfarei ao voltar.

36. Qual destes três te parece que foi o proximo daquelle que cahiu nas mãos dos ladrões?

37. E elle respondeu: O que usou com elle de misericordia. Então Jesus disse-lhe: Vae e faze tu o mesmo.

COMMENTARIO APOLOGETICO

O Papa na Historia

Bemaventurados os olhos que vêem o que vos vêdes, exclamou o divino Mestre.

Que viram os discipulos?

Viram a grande obra começada por Jesus Christo: a fundação da Egreja, as virtudes divinas, que della já se irradiavam; a transformação que estava realizando.

Esta Egreja immortal combatida em sua ori-

gem, como é combatida todos os dias sem nunca vacillar sob a sua base divina, ensinando a verdade a todas as creaturas: eis a grande maravilha, que os discipulos podiam presenciar e cuja contemplação os faz bemaventurados.

Elles podiam apenas contemplar o inicio, a fundação; nós podemos contemplar a sua irradiação através do mundo.

Os discipulos só viram Pedro, feito pedra fundamental da Egreja: nós podemos extender as nossas vistas sobre os 263 successores de São Pedro. Elles só podiam ver o Papa na pessôa de Pedro, nós podemos vel-o na Historia: o que é a grande e perpetua maravilha do mundo.

Examinemos hoje, de perto, a dynastia do Papado.

1· Em **si mesma**

2. Em sua **acção social.**

Este duplo aspecto do Papado revela horizontos por muitos desconhecidos, e que entretanto sendo mais sensiveis, são facilmente comprehendidos pelo povo.

I. O Papado em si mesmo

A origem do Papado é differente das origens de qualquer governo, porque vem directamente de Deus.

Não são, nem os reis, nem o povo, nem os Bispos, nem os concilios, que dão ao Papa a sua autoridade: ella vem directamente de Deus.

A dynastia dos Papas tem sobretudo dois caracteres, que a distinguem das dynastias da terra: ella é *accessivel* a todos, ella é uma fonte de *santidade.*

Não é rei quem o quer ser; é uma herança, uma consequencia de hereditariedade. É o sangue

que faz os reis: e é a escolha de Deus que faz os Papas.

Nenhum homem fica excluido do Papado: todos podem sel-o.

Encontrando em vosso caminho um pobre pequeno pastor de rebanho, esfarrapado e comendo um pedaço de pão preto, ninguem póde dizer lhe: Meu amigo, nunca tu serás Papa; pois elle poderia responder-vos que um dia um homem da sua condição sentou-se na cathedra de Pedro e operou ali grandes cousas, chama-se o Papa Sixto V. E não ha só este.

O Papa Adriano IV era filho de uma mãe que pedia esmola.

Urbano IV era filho de um tropeiro, Benedicto VI era filho de uma lavadeira, Benedicto XII, filho de um padeiro, Sixto IV, filho de um pescador, Adriano VI, filho de um marinheiro, Pio X, filho de modestos agricultores.

Ha, pois, no numero dos Papas, filhos de pobres operarios, como ha filhos de principes, de generaes e de homens illustres.

O que voga ahi não é o sangue, é a escolha divina: *Não sois vós que me escolhestes*, disse o Salvador aos Apostolos, *mas sou eu que vos escolhi.*

* * *

Eis uma primeira particularidade da dynastia dos Papas: a sua accessibilidade para todos; a segunda particularidade é a sua santidade.

Os inimigos da religião procuram, nas épocas perturbadas e obscuras da historia, figuras de Papas menos dignos da sublimidade da sua missão e imaginam que envergonham os catholicos, citando estes seus chefes; mas enganam-se.

A historia verdadeira imparcial mostra as

calumnias assacadas á memoria destes Pontifices, e com documentos na mão, prova que taes e taes Papas accusados de uma vida menos austera, são muitas vezes homens de extraordinarias virtudes. (1)

Mas, mesmo admittindo que um ou outro Papa tenha sido menos digno da autoridade suprema, que provaria isto?

Provaria que as defecções pessoaes de um Papa nada têm com a indestructibilidade da Egreja, que é independente das pessôas que a governam.

Provaria ainda que taes Papas, nunca ensinaram na Egreja, nem falsos dogmas nem moral perversa.

Provaria ainda que taes pretensas manchas do Papado, como as do sol são excepcionaes e afogadas no esplendor do conjuncto.

Provaria emfim que nenhum throno do universo brilhou com tanta sabedoria, sciencia e virtude, e que em sua quasi totalidade, a dynastia dos Papas se nos apparece immaculada, radiante, de santidade.

II. O Papado em sua acção social

Uma dupla irradiação desprende-se do Papado: nas almas e no mundo.

O Papado communica ás almas a verdade, a graça divina, a santificação.

Comparae o Papado ás demais dynastias, e ficareis espantados pelo contraste: a maior parte dos soberanos não pensam sinão em seus in-

---

1) Cfr. a este respeito, o nosso livro: «O Christo, o Papa e a Egreja», cap. V, "Os maus Papas", onde taes calumnias estão refutadas.

teresses pessoaes, em sua raça, os melhores entre elles pensam em seu paiz.

Quaes são estes que pensam na humanidade?

Quem olha mais alto que os interesses que passam?

O cume dos mais nobres é de cuidar da civilização. Mas quem pensa nas almas? Quem pensa em Deus? Quem pensa na eternidade?

Só o Papado!...

Ha desenove seculos que cuida e trabalha nisto.

Fazei as reservas que quizerdes, nomeae tal ou tal Papa que cuidava em outra cousa.

Mesmo tratando de outras cousas, elle pensava nisso, e a immensa maioria dos Papas não cuidava sinão nisso.

Isto seria o bastante para que um homem sincero se prostrasse de joelhos diante desta dynastia, que durante 19 seculos tem apenas um objectivo: as almas; uma finalidade: a instrucção, a purificação e a transfiguração sobrenatural da raça humana.

Accusar-nos-ão talvez de collocarmos o Papado nas nuvens!

Não! a alma é uma realidade e não uma palavra vã; e occupar-se das almas não é uma obra esteril, mas sublime.

Desde que se admitte que nos homens ha outra cousa que uma poeira organizada, é uma obra esplendida tratar da parte mais nobre do homem, da sua alma.

Ora, é o que os Papas fazem desde S. Pedro até Pio XII.

*
* *

Uma segunda irradiação do Papado encobre o mundo inteiro.

Todos concordam que a *lei moral* é a saúde das nações, e que povos corrompidos são povos acabados.

Ora, o que fazem os Papas? O que fizeram durante os 19 seculos de seu reino?

Conservam, prégam, protegem, applicam a lei moral. São infalliveis, intolerantes, dizem os inimigos, sobre o *Decalogo*, como sobre o *Symbolo*, e isto é a sua gloria insuperavel.

Nunca os Papas sacrificam uma syllaba do dogma, nem da moral.

O mundo actual geme sob o triumpho da injustiça e sobre a derrota do direito, que constituem o grande escandalo da historia.

Ora, que fizeram os Papas durante estes 19 seculos, senão fulminar a iniquidade e vingar a justiça opprimida?

Os homens exaltam o progresso das lettras, das sciencias e das artes. Ora, o que fazem os Papas, senão trabalhar para a diffusão das luzes? Elles são os inimigos irreconciliaveis da ignorancia: compõem livros, fundam Universidades, Seminarios, constróem monumentos, encorajam a pintura, a musica, as artes.

Nós, apenas ensaiamos o que elles nunca deixam de fazer, o que fizeram antes de nós, e melhor do que nós.

Ide a Roma e computae as suas riquezas artisticas: sereis obrigados a proclamar que os Papas têm sido grandes artistas da civilização, no que ella tem de mais elevado e delicado.

Ah, sem o Papado, não teriamos nem estes principes, reis, imperadores christãos, não teriamos estas bellas nações christãs, esta civilização christã; este mundo christão; seriamos apenas o que é a China, a Africa, a Asia, e tantos outros

paizes, que não souberam progredir nem na civilização, nem na justiça, nem na virtude.

E' preciso rasgar a historia ou proclamar a influencia bemfazeja e civilizadora da dynastia dos Papas!

III. Conclusão

Eis o Papado considerado em si mesmo e considerado em sua influencia social.

O homem sincero deve confessar que o Papado é uma força divina neste mundo, uma força sempre activa e sempre conquistadora.

Póde-se prender, exilar, matar o Papa; mas elle, prisioneiro, exilado, até morto, continúa a falar com a mesma força e o mesmo poder. A razão é que o Papado não é simplesmente uma pessôa, é uma instituição divina, encarnada numa pessôa humana.

Ha seculos que os maus bradam que vão sepultar o Papado; mas elle, calmo e sublime, representado por um ancião sem armas e sem exercitos, continúa a abençoar a virtude, a civilizar os povos, a condemnar o vicio; e quando a impiedade julga lançar a pá de cal sobre o tumulo do Papado, os proprios perseguidores caem na sepultura que tinham aberto, exclamando como Julião o Apostata: *Galileu, tu venceste!*

O Papado é eterno, porque é divino, e por ser divino, elle domina o mundo, subjuga os seculos, e estende a todos os naufragos da vida a sua mão paternal, que segura o pharol da verdade, a palma da virtude e a corôa do triumpho.

EXEMPLOS — **1. Palava de Guizot**

Guizot escreveu: «Ao considerar as cousas, deve-se confessar que o Papado, e só elle, tem

sido o poder medianeiro conciliador. E' elle que pôz a pedra fundamental do direito internacional, levantando-se contra as pretenções, as paixões e a força brutal».

2. O rei de Siam

O rei de Siam, em 1906, narrando a sua viagem á Europa, escreveu:

— Em toda parte tenho sido esplendidamente recebido; tudo isso, porém, era official. E' sómente no Vaticano que tenho visto a alma de um pae. Sente-se que em seu coração ha qualquer cousa de divino.

3. Lamoriciere

A causa do Papa é a causa da liberdade do mundo.

13º DOM. dep. de PENTECOSTES

EVANGELHO (Luc. XVII. 11—19)

11. Naquelle tempo, indo Jesus para Jerusalém, passou pelo meio da Samaria e da Galiléa.

12. E ao entrar numa aldeia sahiram-lhe ao encontro dez hòmens lêprosos, que pararam ao longe:

13. E levantaram a voz, dizendo: Jesus, Mestre, tem compaixão de nós.

14. Tendo-os elle visto, disse-lhes: Ide, mostraë-vos aos sacerdotes. E aconteceu que, emquanto iam, ficaram limpos.

15. E um delles, quando viu que tinha ficado limpo, voltou atraz, glorificando a Deus em alta voz:

16. E prostrou-se por terra a seus pés, dando-lhe graças: e este era Samaritano.

17. E Jesus disse: Não são dez os que foram curados? e onde estão os outros nove?

18. Não se encontrou quem voltasse, e désse gloria a Deus sinão este extrangeiro?

19. E disse para elle: Levanta-te, vae; a tua fé te salvou.

COMMENTARIO APOLOGETICO

A palavra do Papa

O Evangelho de hoje nos ensina o grande dever da gratidão.

O divino Mestre, tendo curado dez leprosos, queixa-se de que só um lhe venha agradecer, glorificando a Deus.

A gratidão é uma virtude tão rara, porque rara é a humildade que sabe reconhecer os dons que recebe.

Nós catholicos temos milhares de razões de agradecermos a Deus os beneficios recebidos; ha, porém, um beneficio, do qual nos esquecemos facilmente, e não agradecemos bastante: é a felicidade de possuirmos o dom da fé na palavra de Deus, na palavra cahida directamente dos labios do Divino Mestre, e indirectamente, pelos labios do Soberano Pontifice.

Para excitar em nós esta gratidão vamos contemplar hoje a palavra de Jesus Christo passando pelos labios do Papa, palavra infallivel porque é divina.

A infallibilidade deve ser bem conhecida para que se dissipem preconceitos accumulados contra este dogma, tão simples quão evangelico.

Vejamos, pois:

1o. **Em que consiste** a infallibilidade;

2o. **Como o Papa** é infallivel.

No primeiro ponto formaremos uma idéa certa da infallibilidade, e no segundo mostraremos que o Papa é verdadeiramente infallivel.

I. Em que consiste a infallibilidade

A palavra do Papa é infallivel. Qual é o sentido desta asserção?

Será que o Papa possue a *sciencia universal?*

Não; Jesus Christo disse aos Apostolos: *Ide, ensinae todas as gentes... ensinando-as a observar todas as cousas que eu vos mandei.* (Math. XXVIII. 19)

Ora, Jesus Christo não ensinou a seus Apostolos, nem chimica, nem zoologia, nem botanica, nem medicina, nem os methodos contingentes da politica, e da economia social; ensinou-lhes a religião, que é a regra das nossas relações para com Deus e com o proximo, e que comprehende o dogma para o espirito, e a moral para o coração. Eis o que é claro.

A palavra do Papa é, pois, infallivel; não em todas as sciencias, mas unicamente na sciencia da religião.

Aqui ainda é necessario uma explicação. A palavra do Papa é infallivel.

Quer dizer isto que elle póde á vontade, crear ou modificar dogmas?

Absolutamente não! O Papa nada cria, nada inventa, nada muda.

Jesus Christo ensinou aos Apostolos tudo o que deviam dizer, e o Papa não tem outra funcção *sinão a de conservar e ensinar* a doutrina recebida, sem nada ajuntar, sem nada supprimir. Tal funcção é já bastante nobre por si mesma.

Quererá dizer isto que o Papa está preservado de todo perigo de erro, no ensino da religião?

A infallibilidade comprehende tudo o que diz respeito ao deposito da revelação, a todas as cousas da fé e da moral; é este o seu dominio proprio.

A infallibilidade extende-se a tudo o que se deve *crer*, isto é, a todo o ensinamento *dogmatico*.

Jesus disse a seus discipulos: *O Espirito Santo vos ensinará todas as cousas e vos relembrará tudo o que vos tenho dito.* (João XIV. 26)

Esta infallibilidade extende-se tambem a tudo o que se deve, *fazer* isto é, ao ensino moral, pois Jesus Christo disse ainda:

Ensinae-lhes... a observar todas as cousas que vos mandei (Math. XXVIII. 19).

No ensino dogmatico como no ensino moral, o Espirito Santo não suggere e não ensina sinão o que Jesus Christo já disséra e ensinára aos Apostolos.

A fé e os costumes, o dogma e a moral, eis, pois, o objecto proprio da infallibilidade.

Nada mais, nada menos.

II. Como o Papa é infallivel

As proprias necessidades da Egreja suppõem e exigem a infallibilidade de seu Chefe.

Porque a suppõem?

Porque ha 19 seculos que os christãos soffrem, lutam, e derramam o seu sangue para não renunciarem a um só ponto da sua religião! Isto é heroico, sem duvida, é porém antes de tudo, o cumprimento de um dever.

A Egreja exige uma fé completa, absoluta. Para ficarmos filhos da Egreja temos de crer com uma firmeza tal que nem os tormentos, nem o medo da morte nos possam abater.

Ora, para se submetter a taes exigencias, é preciso que o catholico tenha absoluta certeza de que dizendo: *creio*, adhere á verdade, sem possibilidade de errar.

Como admittir que alguem sacrifique a vida por causa de uma palavra que póde ser talvez errada? E' impossivel, seria a mais tremenda tyrannia!

As nossas necessidades exigem seja o Papa infallivel.

O homem quer ter certeza em questão tão im-

portante de que depende a salvação da sua alma.

Dante, o grande poeta italiano, fugindo a um inimigo poderoso e cruel, foi de noite, bater á porta de um convento -- Que deseja o sr.? perguntou o Irmão porteiro.

—Desejo e procuro a paz — respondeu o grande proscripto.

Pois bem, todos nós, em certas horas da vida ouvimos, no fundo da consciencia, estas perguntas capitaes:

— Donde vens tu? Para onde vaes? Porque soffres? Que será de ti? Emquanto não obtiver resposta certa a este terrivel questionario não podemos possuir a paz: vivemos na inquietação e na anciedade!

E quem nos dará esta resposta certa? Os livros? Mas, quantas pessôas ha que nem sabem lêr! E quantos outros não têm o tempo de lêr! E quantos livros errados, mentirosos, perversos, andam por este mundo afóra!

E, depois supponde que encontremos as respostas nos livros, ou sobre labios amigos, mesmo assim, serão sempre um «talvez», e nunca darão a certeza absoluta.

Ora, quem arrisca a vida por causa de um «talvez»?

Queremos a certeza, e esta certeza nos é dada pela palavra do representante de Christo na terra, o Papa; sua palavra infallivel nos dá a certeza do que pedimos e do que nos diz.

O Papa fala; a fé me diz que a sua palavra o écho certo da palavra divina: toda a duvida se dissipa... eis que na alegria da certeza, me prostro, pronunciando o meu: «creio»!

Tenho a certeza e a paz!

A infallibilidade é pois uma necessidade, e

tanto as almas como a Egreja exigem esta infallibilidade.

III. Conclusão

Como disse no começo, esta grande e consoladora verdade exige, da nossa parte, um immenso brado de gratidão.

Os mais illustres espiritos da antiguidade reconheciam que, com toda a sua sciencia e philosophia, não chegariam em questão de fé e de moral, sinão ao ridiculo e, muitas vezes á podridão mais abjecta.

Platão dizia: «Não pensamos em reformar os costumes dos homens antes de Deus nos mandar alguem que nos ensine em seu nome».

E Cicero confessava: «O unico meio de reconsituir a verdade religiosa é recorrer aos ensinamentos divinos».

Este ensino divino, esta doutrina certa que os sabios antigos reclamavam tão anciosamente, nós o possuimos graças á infallivel palavra do Papa.

Emquanto fóra da Egreja as almas, os sabios e os sensatos reclamam esta infallibilidade sem encontral-a, nós a possuimos na palavra de Deus infallivel representada pelo seu substituto infallivel, o Papa.

Fóra da Egreja, as almas andam ás apalpadelas na obscuridade e na noite, em busca do caminho certo da verdade e da virtude, emquanto nós catholicos ouvimos resoar a nossos ouvidos a affirmação clara e positiva do Salvador: *Quem vos escuta escuta a mim — Pedro... confirma os teus irmãos — Pedro roguei por ti para que a tua fé não desfalleça...*

EXEMPLO

A palavra de Christo

É no Papa que o Christo depositou a sua palavra. Si o ruido das doutrinas oppostas vos inquieta; si um livro novo, applaudido pelo mundo, vos perturba a fé, si os continuadores de Ario, de Luthero, de Jansenio lançarem o seu brado de revolta contra a divindade de Christo, contra a confissão, a graça, etc.; si, atormentados na hora presente pela questão social, procuraes, com bôa fé, uma luz, uma solução, uma palavra decisiva... ide ao Papa!

Economistas, não christãos, até são obrigados a reconhecer que lá no alto do Vaticano ha lampejos, ha illuminações admiraveis, que tudo põem em plena luz!

E' no Papa que Jesus Christo depositou a sua palavra! *Mons. Gibier*

14° DOM. dep. de PENTECOSTES

EVANGELHO (Math. VI. 24 – 34)

24. *Naquelle tempo, disse Jesus aos seus discipulos: Ninguem póde servir a dois senhores: porque ou odiará um e amará o outro: ou ha de affeiçoar-se a um e desprezará o outro. Não podeis servir a Deus e á riqueza.*

25. *Portanto vos digo: não andeis* (demasiadamente) *inquietos nem com o que* (vos é preciso) *para vestir o vosso corpo. Porventura não vale mais a vida que o alimento, e o corpo mais que o vestido?*

26. *Olhae para as aves do céu, que não semeiam nem ceifam, nem fazem provisão nos celleiros: e comtudo vosso Pae celeste as sustenta. Porventura não sois vós muito mais do que ellas?*

27. *E qual de vós por muito que pense póde accrescentar um côvado á sua estatura?*

28. *E porque vos inquietaes com o vestido? Considerae como crescem os lyrios do campo: elles não trabalham nem fiam.*

29. *E digo-vos todavia que nem Salomão em toda a sua gloria se vestiu jamais como um destes.*

30. *Si pois Deus veste assim uma herva do campo, que hoje existe e amanhã é lançada no forno: quanto mais a vós, homens de pouca fé.*

31 Não vos afflijaes, pois, dizendo: Que comeremos, ou que beberemos ou com que nos vestiremos?

32. Porque os gentios é que procuram (com excessivo cuidado) *todas essas cousas. Vosso Pae sabe que tendes necessidade de todas ellas.*

33. Buscae, pois, em primeiro logar o reino de Deus e a sua justiça: e todas essas cousas vos serão dadas por accrescimo.

34. Não queiraes, pois, andar (demasiadamente) *inquietos pelo dia de amanhã. Porque o dia de amanhã cuidará de si: a cada dia basta o seu cuidado.*

O que é infallibilidade

COMMENTARIO APOLOGETICO

O Evangelho de hoje nos faz a mais tocante exposição da Providencia de Deus, mostrando-nos com quanta bondade Deus se occupa da sorte das suas creaturas.

É Elle que dá ao passarinho o alimento de cada dia, como Elle dá aos lirios dos campos o seu perfume e o seu esplendor. E' Elle que veste a herva dos campos, como Elle veste os panoramas da terra e do firmamento.

Com quanto mais cuidado, ajunta o divino Mestre, Deus se occupa de cada um de seus filhos.

Os homens precisam além do vestimento e do alimento do corpo, do alimento do espirito: e este alimento é a verdade.

Ora, esta verdade certa, luminosa, nunca va-

cillante, que deve illuminar nosso espirito e oriental-o para o bem, nos é dada pela voz infallivel do Papa.

Eis porque vamos meditar hoje em que consiste a infallibilidade, considerando:

1º O **lado material**, ou quasi infallibilidade.

2º O **lado espiritual** ou infallibilidade perfeita.

Iremos deste modo do conhecido ao desconhecido, do facto experimental ao facto divino, que nos fará comprehender em que consiste o dogma da infallibilidade muitas vezes mal entendido.

I. O lado material

Nós precisamos da verdade: e esta verdade é a doutrina de Jesus Christo.

Mas como distinguil-a entre tantos erros que hoje correm mundo e penetram em todos os recantos da terra e dos espiritos?

Pela voz de alguem que nos ensina a verdade, sem receio de errar, sem possibilidade de desviar-se do caminho recto.

E este alguem, este homem privilegiado é aquelle a quem o Christo disse:

Eis que estou comvosco até ao fim dos seculos. (Math. XXVIII. 20)

Eu roguei por ti para que a tua fé não desfalleça. (Luc. XXII. 32)

Quem vos escuta, escuta a mim. (Luc. X. 16)

Eis o que chamamos a verdade certa, recta, completa, sem receio de erro, e que tem o nome de *infallibilidade*.

Aquelles que se revoltam contra este dogma sagrado, absolutamente necessario para dar-

nos a certeza da veracidade da nossa fé, mostram que nem siquer comprehendem o que é a infallibilidade... confundem-na com a *inspiração* ou com a *impeccabilidade*, e não acreditando nem em uma nem na outra destas duas graças, não acreditam na infallibilidade.

Em que consiste, pois, a tal *infallibilidade?*

Consiste no privilegio outorgado por Jesus Christo, a Pedro e a seus successores de gozarem *da assistencia divina*, para conservarem e explicarem a doutrina divina, de modo a não poderem errar, quando ensinam publicamente, em nome da Egreja, com a autoridade suprema de chefe da Egreja.

Que cousa mais simples póde haver?

Chamo um professor para ensinar-me uma sciencia...

Tenho as minhas duvidas.

Sou homem como elle, e o que elle comprehende, eu posso comprehendel-o também... mas, não o comprehendendo, porque sou talvez de intelligencia inferior, vivo na duvida.

Ora, a duvida é um tormento!

Para sahir deste tormento, procuro um outro professor mais claro ou mais profundo em sua exposição... um terceiro si necessario fôr, até encontrar quem me explique o que quero saber.

Continúo a duvidar... consulto mais, até inclinar-me deante de um homem de conhecida capacidade... deante delle inclino a fronte porque sinto que este não quer enganar-me e tem o preparo necessario para elle mesmo não ser enganado.

Praticamente attribúo a este homem o dom de uma *quasi infallibilidade*.

O mundo faz isto diariamente.

Um homem vae visitar New York, Ottawa, Bogotá, Quito, e depois conta-me as maravilhas de tudo o que viu e admirou; creio sem hesitar, embora nunca tenha visto uma destas cidades.

Dou a este viajante o dom da *quasi infallibilidade*. Eu não vi, mas elle viu, e creio.

Pobres incréus! não querem acceitar a infallibilidade do Papa, por ser Papa, e acceitam a infallibilidade de qualquer viajante, andarilho, professor ou escriptor.

Estes merecem fé; só o Papa não o merece porque é Papa?

Mas isto é insensato!

Então o Papa, homem escolhido entre milhares, homem de edade, de virtude, de sciencia, de experiencia e de sinceridade, desde que senta-se na cadeira suprema de S. Pedro, não teria mais um privilegio que os homens concedem a qualquer outro, desde que nelle notam sinceridade e capacidade?

Isto é apenas o lado exterior, material, da infallibilidade. Vejamos agora o seu lado interior, espiritual, e veremos maiores e mais altas necessidades da infallibilidade completa.

II. O lado espiritual

As duvidas a respeito das sciencias humanas não são as unicas a penetrarem em nosso espirito; ha tambem as duvidas religiosas, que procuram ás vezes perturbar a nossa alma.

A duvida é uma fraqueza... e nós somos fraquissimos. Eis porque nós precisamos de alguem que diga clara e categoricamente: A verdade certa é esta: crê!

O grande escriptor francez conde de Maistre, disse alhures que a infallibilidade não é outra

cousa sinão a *soberania*, e ajuntava que reclamando para a Egreja a infallibilidade, não reclamava nenhum privilegio, sinão o de que gozavam todos os soberanos, pois todos agem necessariamente como infalliveis.

E' uma grande verdade!

Não haveria soberania, nem tribunal supremo, nem juiz em ultima appellação, cujas sentenças seriam capazes de deter os espiritos perturbados e restituir a paz á sociedade, si não gozassem de uma especie de infallibilidade.

Em toda jurisdição é preciso chegar-se a um juiz que julgue e não possa ser julgado por ninguem.

Ali o espirito pára, inclina-se, sujeitando-se pelo menos exteriormente.

E' sómente uma quasi *infallibilidade*, porque exige apenas a submissão exterior, porém já tem feição de verdadeira infallibilidade.

Si a lei pudesse exigir dos subditos a obediencia *interior* e a submissão do espirito, seria uma infallibilidade completa.

E' o caso da Egreja.

A Egreja não se contenta com a obediencia exterior; ella quer uma adhesão completa.

A fé não se corta pela metade: E' preciso crer tudo, ou rejeitar tudo.

A razão desta intransigencia é que na fé se trata da palavra de Deus e esta palavra é necessariamente infallivel.

Ora, uma palavra infallivel em si mesma, para conservar a sua integridade, deve necessariamente passar por um canal transmissor igualmente infallivel: e este canal é a vóz do Pontifice de Roma.

Como poderiamos nós dizer: *creio firmemente*, si houvesse qualquer possibilidade de errar?

Deus devia dar á Egreja a infallibilidade, para que a nossa fé fôsse isenta de duvida.

A fé e a duvida não podem dar se as mãos.

A fé, mesmo divina, é sempre racional.

Deus é o autor da verdade, como Elle é o creador da nossa razão.

A fé, sem a razão, não se adaptaria ao nosso espirito.

A razão, sem a fé, está exposta a todos os erros.

Por isso não basta ter, possuir a palavra infallivel de Deus; é necessario possuir tambem um espirito humano infallivel que nos transmitia esta palavra de Deus; deste modo a fé divina e a razão humana encontram-se num amplexo unico, perfeito, que satisfaz a Deus e satisfaz ao homem.

A fé é a adhesão ás verdades reveladas por Deus, por causa da autoridade d'Aquelle que revela.

Mas como ter a certeza de bem comprehender o que Deus revela?

Aqui intervém a *infallibilidade* da Egreja:

Ella nos interpreta a verdade revelada, e nos dá a certeza absoluta pela *assistencia divina*, de ser tal o sentido e a extensão da verdade revelada.

A infallibilidade é, pois, o complemento necessario da revelação divina.

III. Conclusão

Eis como a infallibilidade da Egreja se impõe inexoravelmente ao espirito de quem sabe reflectir.

Na sua parte material, tal infallibilidade é attribuida á magistratura, aos governos, até aos Professores.

Em sua parte espiritual, ella é uma necessidade para a religião e para o nosso espirito.

Sentimos instinctivamente que uma religião divina deve descer do Sinai, com a fronte luminosa, tendo nas mãos as taboas da lei; ou então sahir do Cenaculo tendo sobre a cabeça linguas de fogo e sobre os labios palavras de convite para a humanidade, dizendo-lhe:

Tu precisas de verdade: Eil-a aqui!

Tu precisas de amor: Eil-o aqui!

Tu precisas ir a Deus: da-me a mão eu te conduzirei a Elle.

Mas como isso se poderia dar si a religião pudesse enganar-se? si ella pudesse dar-me e erro em vez da verdade? si ella pudesse dar-me um amor falso, em vez do amor de Deus? si ella pudesse lançar-me no abysmo, em vez de conduzir-me a Deus?

Para ter a certeza de seguir o caminho recto — e Deus não póde permittir a duvida em assumpto tão grave — é preciso que a Egreja seja infallivel.

Infallivel porque vem de Deus!

Infallivel, porque deve conduzir-nos a Deus.

São verdades que não se descutem... impõem-se pelo bom senso.

EXEMPLO

Napoleão I e o Papa Pio VII

Achando se na ilha de Santa Helena o imperador francez Napoleão, recordava frequentemente a scena de Fontainebleau, em que elle se mostrára tão arrogante para com o Summo Pontifice. Um dia disse ao Conde Rathel, um de seus companheiros no exilio:

— José, não te achavas em Fontaineblau quando Pio VII predisse o meu futuro?

— Sim, Majestade.

— Tens presente aquella entrevista?

— Sim, jamais esquecerei o que então ouví.

— Então, estás ainda lembrado das palavras do Papa?

— Perfeitamente, majestade. O Santo Padre disse: «O Deus de outróra vive ainda; esse Deus tem sempre punido os perseguidores da Egreja», e começou hesitar.

— O que, José? insistiu Napoleão, quando notou a hesitação do Conde.

— Disse que esse Deus destruiria a vossa majestade, si continuasse a opprimir a Egreja.

— Foi isso mesmo. De facto, meu caro amigo, o Deus de outróra vive ainda, e castiga os oppressores de seu representante na terra. Oh! sinto não poder gritar a todos os que receberam algum poder na terra: Respeitae ao Vigario de Jesus Christo! Não ataqueis o Papa, porque sereis anniquillados pela mão justiceira de Deus, que protege a Cathedra de São Pedro.

Napoleão reconheceu o castigo merecido... Jesus Christo castiga os oppressores de seu Vigario na terra, toma a defesa de seu representante... Com quanto maior desvelo Jesus Christo devia assistir ao Papa, para que não errasse, ensinando aos christãos a verdade divina!

15º DOM. dep. de PENTECOSTES

EVANGELHO (Luc. VII. 11— 15)

11. Naquelle tempo, foi Jesus a uma cidade, chamada Naim: e iam com Elle seus discipulos e muito povo.

12. E quando chegou perto da porta da cidade: eis que era levado um defunto a sepultar, filho unico de sua mãe: e esta era viuva: e ia com ella muita gente da cidade.

13. E tendo-a visto o Senhor, movido de compaixão para com ella, disse-lhe: Não chores.

14. E approximou-se, e tocou no esquife. E os que o levavam, pararam. Então disse Elle: Jovem, eu te digo, levanta-te.

15. E sentou-se o que tinha estado morto, e começou a falar. E (Jesus) *entregou o a sua mãe.*

COMMENTARIO APOLOGETICO

Necessidade da infallibilidade

Tocante pagina a do Evangelho de hoje! Através de cada linha ouve-se como resoar a voz suave do bom Mestre: *Não chores... Moço, eu te ordeno, levanta-te... e Jesus o restitue a sua mãe.*

Scena de tristeza e scena de alegria, succedem-se no intervallo de umas palavras.

O tom da voz de Jesus possue aqui um caracter especial; além da ternura que vem de seu coração, nota-se a firmeza, a convicção com que se dirige ao jovem fallecido: *Moço, eu te ordeno*, e a consequencia desta convicção, que é a resurreição do morto.

A Egreja Catholica, continuação viva e eterna do poder de Jesus Christo, possue esta mesma convicção de seu poder, e as consequencias são sempre as mesmas: consolar e consolidar as almas no bem.

Vejamos hoje este duplo aspecto na prerogativa da infallibilidade que estamos meditando.

1• A **convicção** da Egreja de ser infallivel.

2. As **consequencias** para cada fiel.

Eis dois pontos que vão fornecer-nos uma prova apologetica da necessidade de a Egreja ser infallivel, mostrando em plena luz: o facto e as consequencias.

I. A convicção de ser infallivel

A Egreja é infallivel: ella sempre o acreditou, sempre o affirmou, teve sempre a plena convicção desta prerogativa.

Esta convicção é uma prova de sua divindade.

Percorrei a lista das seitas religiosas: são muitas, de diversos credos, diversas concepções, desde o grosseiro fetichismo até ao orgulhoso positivismo.

Examinae as suas doutrinas, em todas ellas encontrareis pontos de contacto, concordancias parciaes, pois todas ellas têm por fim, approximar o homem de Deus.

Ha, porém, um ponto, em que nenhuma seita concorda com a religião catholica: *é a infallibilidade* de seu chefe.

Entre todas as religiões, só a Catholica teve a ousadia, a simplicidade, ou então a sublimidade de acreditar na infallibilidade de seu chefe supremo.

E', de facto, muita ousadia... ousadia tão grande que só póde vir do céu ou do inferno, mas nunca dos homens.

O homem póde ser orgulhoso como quizer, mas nunca teve, nem terá a coragem de outorgar-se a infallibilidade. Porque isso?

Porque elle sente que está se enganando a cada instante... todos acreditam em seus erros, porque são palpaveis.

Tal palavra: infallibilidade, nem siquer foi conhecida pelos antigos.

Os velhos poetas, philosophos, como Platão, Socrates, Cicero, Horacio, tinham fé na sciencia em geral, mas desconfiavam da sua sciencia em particular, sentindo-a fraca, falha, incompleta.

Jesus Christo veiu a este mundo e proclamou a infallibilidade da sua Egreja, e esta proclamação, através dos seculos, das nações, permanece sempre patrimonio exclusivo desta Egreja.

As heresias nascem, separam-se da Egreja de Christo, formam seitas religiosas, conservam certas praticas e até sacramentos da mesma Egreja, nenhuma seita porém, teve a ousadia de pretender para o seu chefe o dom da infallibilidade.

Nem Luthero, nem Calvino, nem Henrique VIII, nem o Czar da Russia, nem o rei da Inglaterra, tiveram a coragem de se arrogar a infallibilidade.

Elles mesmos sentiam que si o fizessem, o mundo zombaria por demais de suas pretenções... todos ririam de tanta audacia.

A Egreja Catholica acredita em sua infallibilidade e professa esta doutrina como dogma de fé... e ninguem zomba della.

O protestante empallidece de raiva, faz mil objecções, mas sente-se vencido deante da autoridade do Papa!

E curioso é o facto de a Egreja ter tido a coragem de proclamar tal verdade.

E' mais curioso ainda que nenhuma seita religiosa vendo a autoridade predominante que a Egreja adquire com esta prerogativa, não tenha tido a coragem de imital-a.

A ousadia da Egreja Catholica neste particular, é prova da sua divindade.

O medo que as seitas tem de recorrer a este poder é prova de seus erros.

A toda seita falta qualquer cousa de essencial: é a infallibilidade.

E não tem a coragem de reivindical-a, porque sente que sendo da terra, não tem direito a um privilegio que vem do Céu.

A infallibilidade na constituição de uma religião divina, é absolutamente necessaria, sinão o *divino* estaria sujeito ao *humano*, e tal religião não seria mais divina.

Tal privilegio só existe na Egreja Catholica.

Só ella, pois, é divina, e por conseguinte: verdadeira.

II. Consequencia para cada fiel

Eis um ponto pouco estudado, e entretanto de immensa extensão.

Si dissesse que a *acção catholica*, tão espalhada hoje e tão querida pelos Pontifices Romanos, é uma consequencia directa da infallibilidade, diria uma grande verdade que muitos não comprehenderiam á primeira vista.

Entretanto o facto é certo: e não será difficil comprehender o fundo desta asserção.

Deus não semeou as verdades em sua Egreja, como se depositam pedras inertes na construcção de um monumento, mas sim, como *germens*, vivos que devem desabrochar, como sementes de uma fecundidade enexhaurivel.

Estas verdades latentes devem ser cultivadas para que possam dar o seu fructo; e é o espirito humano que deve fazer esta cultura, e fazel-a produzir fructos sazonados.

E como esta obra é de uma delicadeza infinita, Deus dá a um espirito humano o dom da infallibilidade, para que este homem possa guiar, sustentar a cultura das verdades divinas, como o jardineiro orienta os operarios para que cada planta seja cultivada conforme as exigencias da sua especie.

Todos nós somos operarios na vinha do Senhor; porém, deve haver um mestre que dirija estes operarios e endique a cada um a tarefa propria para alcançar o resultado commum do conjuncto.

O homem, de facto, não entrou na Egreja de um modo passivo, inerte, mas sim activo, porque fica encarregado de estudar os dogmas, de desenvolvel-os, de tirar delles consequencias, de fazer applicações, na ordem da sua esphera. E' a base e a razão de ser da *acção catholica*.

Não é sómente o Papa que póde e deve tirar conclusões novas dos principios estabelecidos pelo Evangelho: elle é o *orientador*, o Mes-

tre, mas cada fiel póde agir, meditar, estudar e tirar conclusões theologicas, que serão bôas, desde que recebam a approvação do orientador geral: o Papa.

E' o que explica a origem de muitas devoções.

Santa Juliana é a fundadora da adoração das 40 horas.

Santa Margarida Maria, é a operaria do desenvolvimento do culto do Coração de Jesus.

O santo Padre Eudes é o promotor do culto do Coração de Maria, o Bemaventurado de Montfort, da devoção da santa escravidão — Santa Therezinha, da pratica da santa infancia, etc, etc.

Eis a actividade dos simples fieis. O orientador geral, rejeita ou approva estas praticas; e a sua palavra infallivel é o tutor que os sustenta como é a sentença que lhes dá vida.

Sem esta palavra infallivel a Egreja Catholica tão *una* e unida, seria o que é o protestantismo: uma balburdia, um corpo sem cabeça ou uma cabeça sem mioleira.

Com esta palavra infallivel, toda a christandade, todo catholico póde trabalhar, estudar, interpretar, mas deve submetter a sua obra ao guia supremo, ao Papa, e eis que, na immensa variedade das acções apparece a unidade perfeita da doutrina.

E' a grande maravilha da Egreja de Christo: é um dos signaes caracteristicos que a distinguem das demais seitas religiosas erradas.

III. Conclusão

Eis dois argumentos irrefutaveis, apologeticos que provam a existencia e o exercicio da *infallibilidade* da Egreja Catholica.

A Egreja sempre acreditou nesta prerogativa e sempre agiu nesta convicção.

A acção catholica que permitte a cada catholico agir sob a orientação dos superiores ecclesiasticos, sem que desta variedade de acção surja a ruptura da unidade perfeita da Egreja.

E' uma prerogativa divina, e esta prerogativa pertence exclusivamente á Egreja catholica.

Logo, ella é a unica Egreja de Jesus Christo, e todas as demais seitas são erroneas.

Sentimos a necessidade da infallibilidade como sentimos os immensos beneficios que nos traz da firmeza da nossa fé e da nossa acção.

EXEMPLO— **Pesquizas de um protestante**

A canonização dos Santos é um acto da infallibilidade do Papa, de modo que o Papa, declarando solemnemente a heroicidade das virtudes de um Santo, tal declaração torna-se um exercicio da sua infallibilidade, devendo ser admittida pela Egreja inteira.

Ha annos um sabio professor protestante inglez, da Universidade de Oxford, quiz examinar de perto e *de visu* o proceder das canonizações, para encontrar falhas nos exames e decisões.

Partiu para Roma com carta de recommendação, pedindo para examinar por si mesmo os documentos das canonizações.

O cardial prefeito, encarregado das causas, entregou lhe o processo completo, *pró* e *contra* de umas oitenta CAUSAS em julgamento.

O professor levou os documentos para o hotel, onde, durante um mez, examinou-os detidamente, confrontando as razões *a favor,* citadas pelo defensor e as razões CONTRA, dadas pelo contradictor.

Examinou, confrontou, tirou as suas conclusões favoraveis, e, convenceu-se de que todos os factos, a doutrina, as virtudes e os milagres eram incontestaveis, e que estes nomes mereciam toda a auréola dos santos.

Assim disposto, foi então ter com o cardial, para entregar-lhe os documentos e agradecer-lhe a nimia gentileza, manifestando o resultado positivo de seu inquerito, e dizendo-se convencido da rigorosa exactidão dos processos e da certeza dos resultados.

— Ah, si todos os processos fôssem deste modo, seguros e provados, exclamou o professor protestante, ninguem mais podia duvidar dos santos existentes na Egreja Romana.

Mas, qual não foi o seu espanto, quando o cardial lhe respondeu:

—Pois bem, todas estas causas que o senhor julgou irrefutaveis e certas, foram rejeitadas pela Egreja como insufficientes, nenhum destes milagres foi approvado pela commissão.

O professor cahiu das nuvens... ou melhor, sahiu do erro protestante, e hoje venera e invoca os santos com tanto mais fervor quanto mais os desprezára antes, emquanto protestante.

Convenceu-se o homem que as declarações do Papa tem base solida e obedecem a todas as regras da prudencia e sabedoria, e são, mesmo humanamente falando, documentos de primeiro valor, sem falar da assistencia divina que assiste o Papa, quando se dirige á Egreja inteira, proclamando que tal verdade deve ser admittida como dogma de fé.

16º DOM. dep. de PENTECOSTES

EVANGELHO (Luc. XIV. 1—11)

1. Naquelle tempo, aconteceu que, entrando Jesus um Sabbado em casa dum dos principaes Phariseus a tomar a sua refeição, elles o estavam ali observando.

2. E eis que estava deante delle um homem hydropico.

3. E Jesus, dirigindo a palavra aos doutores da lei e aos phariseus, disse-lhes: E' licito fazer curas no sabbado?

4. Mas elles ficaram calados. Então Jesus, pegando no homem pela mão, curou-o, e mandou-o embora.

5. Dirigindo-se depois a elles, disse: Quem dentre vós que si o (seu) *jumento ou o* (seu) *boi cahir num poço, o não tirará logo* (ainda que seja) *em dia de sabbado?*

6. E elles não lhe podiam replicar a isto.

7. Disse tambem uma parabola, observando como os convidados escolhiam os primeiros assentos á mesa, dizendo-lhes:

8. Quando fôres convidado para bodas, não te assentes no primeiro logar, porque póde ser que outra pessôa de mais consideração do que tu tenha sido convidada pelo dono da casa.

9. E que vindo este que te convidou a ti e

a elle, te diga: Céde o logar a este: e tu, envergonhado comeces a occupar o ultimo logar.

10. Mas quando fôres convidado, vae tomar o ultimo logar, para que, quando vier o que te convidou, te diga: Amigo, vem mais para cima. Então terás com a gloria dos que estiverem sentados á mesa:

11. Porque todo o que se exalta, será humilhado: e o que se humilha, será exaltado.

COMMENTARIO APOLOGETICO

Centro da infallibilidade

O Evangelho de hoje nos faz assistir a uma Ceia em que Jesus tomou parte com os phariseus.

Um ponto de doutrina é logo levantado por estes censores pharisaicos. E' permittido ou não curar em dia de Sabbado?

A pergunta era importantissima para os judeus materialistas, escravos da letra, que mata; e entre elles havia discussões continuas a respeito.

Jesus vae resolver o problema. Elle é a autoridade suprema, o orgão da verdade infallivel, e o assumpto da pergunta toca ao amago da moral e da disciplina.

Temos aqui deante de nós, os dois elementos que estamos a meditar para ter uma comprehensão completa e nitida da infallibilidade:

1. O **orgão** desta infallibilidade.
2. O **objecto** da infallibilidade.

Aqui o orgão é Jesus Christo e o objecto a santificação do Sabbado. Na Egreja este orgão é

o Papa, representante de Christo, e o objecto é tudo o que diz respeito á fé e á moral.

I. O orgão da infallibilidade

Qual é o orgão proprio da infallibilidade?

Este orgão é o proprio Papa.

Sempre a Egreja acreditou na existencia desta prerogativa, mas houve, ás vezes, erros, no tocante ao orgão da infallibilidade.

Uns julgavam que ella estivesse como que diffundida no corpo docente da Egreja.

Era uma opinião humana.

Mil ou dois mil Bispos difficilmente se enganam.

A infallibilidade, porém, sendo uma prerogativa divina, não póde depender do *numero*.

O que provém do numero, provém da terra.

Nas cousas divinas, o numero não tem valor.

Citando um texto dos livros sagrados, tanto prova este um, como provam vinte.

Si um Bispo não é infallivel, nem cincoenta, nem mil o serão.

A infallibilidade é uma prerogativa completa em si; quem a possue, possue-a inteira; quem a não possue inteira, nem tão pouco em parte.

Não póde haver o *mais ou menos* neste privilegio: é uma prerogativa integral e completa.

Eis porque o Concilio do Vaticano proclamou solemnemente que tal privilegio reside na pessôa do Papa.

Na pessôa do Papa, não como escriptor, como prégador, legislador ou theologo, pois tudo isso póde sel-o, sem ser Papa, mas o que não póde ser sem ser Papa é: Doutor universal da Egreja.

E', pois, neste titulo, em outros termos, é na

funcção de Doutor universal que o Papa é infallivel.

Esta funcção exige que fale o Papa á Egreja inteira, definindo um ponto de doutrina ou de moral.

E para concentrar ainda mais o ponto essencial da infallibilidade, nos proprios decretos dogmaticos, é preciso destacar a **decisão** dogmatica, pois é nesta decisão que está concentrada a sua infallibilidade.

As considerações que precedem, os differentes argumentos que dispõem o espirito, não entram na decisão dogmatica, mas preparam esta decisão; e não entrando na decisão, não pertencem á infallibilidade.

E' infallivel a decisão clara, solemne, em que o Papa affirma que tal ou tal verdade foi revelada por Deus, e que é preciso crer nella, sob pena de ser excluido do seio da Egreja.

Assim, bem determinada, a infalliblidade não é mais um privilegio vago, confuso, ligado á pessôa do Papa, de que póde usar ou não usar á vontade, quasi sem que o saiba.

Nada disso: E' um privilegio ligado á **funcção** solemne e rara, e que interessa a Egreja inteira, pela qual o Papa determina que tal ponto de doutrina deve ser admittido por todos.

II. O objecto da infallibilidade

Já foi indicado varias vezes, porém é bom repetil-o em synthese para mais clareza do assumpto.

O Concilio do Vaticano indica claramente que o objecto proprio da infallidade é tudo o que diz respeito *á fé ou á moral.*

Santo Antonino 14 seculos antes já havia indicado theologicamente este objecto.

«E' necessario admittir na Egreja, diz elle, um unico Chefe, a quem pertence resolver as duvidas em tudo que diz respeito á fé, seja na ordem especulativa, seja na ordem pratica».

De facto, a Egreja foi fundada para illuminar o nosso espirito e dirigir a nossa consciencia.

E', pois, absolutamente necessario que ella não possa exigir de seus subditos um acto de fé em um erro, ou um acto de obediencia a um vicio. O seu arbitrio é a verdade ou a santidade sobrenaturaes.

No terceiro capitulo, o Concilio do Vaticano declara que o Papa possue pleno e soberano poder, não sómente nas cousas que dizem respeito á fé e á moral, *mas ainda nestas que se referem á disciplina e ao governo da Egreja.*

Devemos agora fazer notar que estes dois ultimos, embora dependentes do poder supremo do Papa, não são entretanto objecto da infallibilidade.

O proprio Concilio o faz notar no capitulo quarto das sessões, onde, deixando de lado a *disciplina e o governo* da Egreja, declara que o objecto proprio da infallibilidade é a *fé e a moral.*

Duas condições são essencialmente exigidas para o exercicio da infallibilidade:

1. O objecto da decisão deve ser uma doutrina que se refira á fé e á moral.

2. O Papa deve declarar, *ex-cathedra*, em virtude da sua suprema autoridade doutrinal que esta doutrina faz parte integrante da verdade revelada por Deus, que deve ser acreditada pela Egreja Catholica inteira, e que aquelles que não a acceitam deixam de ser membros da Egreja.

Estas duas condições devem ser unidas; faltando uma, não haveria mais definição. Reunidas as duas, ha definição dogmatica infallivel.

III. Conclusão

Concluamos agora claramente o *orgão* e o *objecto* da infallibilidade. Este conhecimento dá á nossa fé uma base bem determinada e firme, que não permitte á duvida penetrar em nosso espirito, e nos dá uma resposta curta e decisiva para refutar os erros oppostos.

A admiravel organização da Egreja e a segurança da sua doutrina devem inspirar-nos uma confiança sem limites.

— Piloto, dizia Cesar ao guia da embarcação que o transportava para Pharsalia, no meio de uma tempestade, Piloto, não tenhas medo, tu levas Cesar e a sua fortuna.

Não tenhamos medo da sorte da barquinha da Egreja! Em redor della a tempestade, o vicio, os poderes, os falsos sabios, a hypocrisia e a mentira accusam-na de retrograda, de intransigente, de tyrannica ou de relaxada. E' uma verdadeira tempestade, que ruge ao seu redor; pouco importa.. na popa e na prôa desta barquinha está gravada esta palavra que os seculos não desmentiram, nem apagaram: — *Eis que estou comvosco até ao fim dos seculos... As portas do inferno não prevalecerão contra ella!*

Deus não se desencaminha.

Deus não se engana.

Deus não morre.

E' Elle que dirige a sua Egreja pela infallibilidade que lhe outorgou solemnemente.

EXEMPLOS

1. Raciocinio de um protestante

Rudolfo Hafest era filho de um Bispo lutherano, e converteu-se á religião catholica em 1852,

pela consideração da necessidade de uma autoridade suprema e infallivel na Egreja de Jesus Christo.

«A Sagrada Escriptura é a palavra infallivel de Deus, raciocinava elle, os leitores, porém, são homens falliveis, de modo que, para conservar a propria infallibilidade de Deus, é preciso que haja uma autoridade viva, instituida por Deus, que esteja acima da Sagrada Escriptura e a interprete no seu sentido authentico.

Tal autoridade existe unica e exclusivamente na Egreja Catholica; ella é, pois, a unica Egreja de Christo, a unica verdadeira. Eis porque desejo humilhar-me deante desta autoridade, ser o seu subdito para sel-o do proprio Christo e da sua palavra divina.

E' a razão porque deixo de ser lutherano e adhiro plenamente á religião catholica».

2. A obra dos Papas

Herder, o grande philosopho allemão, escreve: Ninguem póde contestar que o Bispo de Roma ou o Papa, faz muito para o mundo christão.

Si a extensão do Christianismo é, em si, um merito, a sua obra civilizadora é um merito maior ainda, e o Papa tem este merito; pois, si a Europa não foi tragada para sempre pelos Hunos, Sarracenos, Tartaros, Turcos, Mongolas, etc., devemol-o á acção dos Papas.

3. Palavra de Schiller

Já vimos imperadores, reis, politicos illustres e guerreiros valorosos, pisarem com os pés os direitos dos fracos e dos pobres; nunca, porém isto tem acontecido com os Papas.

17º DOM. dep. de PENTECOSTES

EVANGELHO (Math. XXII. 34— 46)

34. Naquelle tempo, tendo os Phariseus sabido que (Jesus) *reduzira ao silencio os Sadduceus, reuniram-se.*

35. E um delles, doutor da lei, tentando-o perguntou-lhe:

36. Mestre, qual é o grande mandamento da lei?

37. Jesus disse-lhe: Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração e de toda a tua alma e de todo o teu espirito.

38. Este é o maximo e o primeiro mandamento.

39. E o segundo é semelhante a este: Amarás a teu proximo como a ti mesmo.

40. Destes dois mandamentos depende toda a lei e os prophetas.

41. E estando juntos os Phariseus, Jesus interrogou-os, dizendo:

42. Que vos parece do Christo? De quem é elle filho? Responderam-lhe: de David.

43. Jesus disse-lhes: como pois lhe chama David em espirito Senhor, dizendo:

44. Disse o Senhor ao meu Senhor: Senta-te á minha mão direita, até que eu ponha os teus inimigos por escabello de teus pés?

45. Si pois David lhe chama Senhor, como é elle seu filho?

46. E ninguem podia responder-lhe uma só palavra: e daquelle dia em deante não houve quem ousasse interrogal-o.

COMMENTARIO APOLOGETICO

Extensão da infallibilidade

Temos deante de nós o grande mandamento da lei de Deus: amar a Deus de todo o seu coração; e o segundo, que o Mestre proclama semelhante a este: amar ao proximo como a si mesmo.

O amor de Deus e o amor ao proximo ficam deste modo, inseparavelmente entrelaçados. Deus é a cabeça do corpo da humanidade, os homens são os membros deste corpo.

Estudando a infallibilidade da Egreja, encontramos nella este mesmo entrelaçamento: O Papa e os fieis... a Egreja docente e a Egreja discente: a infallibilidade activa e passiva...

Para esclarecer bem estas distincções vamos examinar hoje até onde se extende a infallibilidade e como são ligadas entre si:

1. A **activa** e a passiva
2. O **Papa** e os fieis

São questões conhecidas confusamente pelo povo, mas que convém destacar, para dar mais firmeza ao amor que devemos á santa Egreja.

I. A activa e a passiva

O Papa sendo infallivel, a Egreja inteira o é igualmente, não por si, mas pela sua inseparavel união com o Papa.

A Egreja compõe-se da parte *docente* e da parte *discente*: a primeira ensina e a segunda é ensinada.

A parte docente é infallivel *activamente* na pessôa do Papa, isto é: ensina sem poder enganar-se.

A Egreja discente é infallivel *passivamente*; isto é, os fieis escutando a voz do Papa e dos Bispos unidos ao Papa e dos Padres unidos ao Bispo, não podem ser induzidos a erro.

Deste modo, a Egreja inteira é infallivel, uma parte pelo *ensino* e a outra pela *obediencia*.

Eis porque Jesus Christo disse: *Ide e ensinae a todas as nações... ensinando-lhes a observar todas as cousas que vos mandei; e eis que eu estou comvosco todos os dias até á consummação dos seculos* (Math. XXVIII. 20).

Examinae bem este texto e vereis que elle tem uma extensão que á primeira vista não apparece.

Eis que estou comvosco: estas palavras resumem e encerram tudo: não ha exclusão de poder, nem de auxilio nenhum: *Foi me dado todo poder no céu e na terra* (Math. XXVIII. 18)

Notae esta disposição. Jesus Christo fala de seu *poder*, de seus *Apostolos* e de todas as *nações*, e reunindo estes três elementos elle diz que está com elles, até ao fim dos tempos.

E' a infallibilidade completa da Egreja docente e discente, como acabámos de ver.

Até a consummação dos seculos. Não é sómente *comvosco*, com quem estou falando, completa o divino Mestre, a minha promessa se extende além, attinge todos os vossos successores, pois outros vos succederão, e a vossa raça nunca terá fim.

Eis como combinam admiravelmente estes dois termos: a Egreja e o Papa.
A Egreja e o Papa é um só.
Onde está o Papa ahi está a Egreja.
E onde está a Egreja é ahi que está o Papa.
Neste mundo vêem-se ás vezes cabeças separadas do corpo, mas são de cadaveres.
Não é o bastante dizer que o Papa falando, a Egreja adhere. Entende-se a Egreja no Papa.
O Papa fala com ella e nella. O que elle diz, elle o lê nas entranhas da Egreja. O mesmo Espirito Santo que põe taes palavras sobre os labios do Papa as põe tambem no coração da Egreja; ou melhor elle já as tinha posto no coração, pois ellas não sobem aos labios do Papa, sinão porque sahem do coração da Egreja.
E' o encontro destas duas infallibilidades: a *activa*, na cabeça, e a *passiva* no corpo, fundidas numa só, que forma a infallibilidade total da Egreja.

II. O Papa e os fieis

Com este principio geral, comprehendemos melhor a paz e a tranquillidade que formam o fundo e a aureola da fé catholica.
Não é preciso ser scientista para logicamente, o catholico concluir a verdade absoluta da religião que professa.
Póde e deve dizer:
A minha religião, apprendi-a dos labios de meu vigario, que depositou em minhas mãos e me explicou um pequeno livro: o *Catecismo*.
O que o Vigario me ensina remonta ao Bispo que o mandou com este livrinho, resumo perfeito do Evangelho.
Por meio do Bispo, este ensino remonta ao Papa, que enviou o Bispo.

Pelo Papa, este ensino remonta, de Papa em Papa, até S. Pedro, que o recebera de Jesus Christo.

A minha religião é a mesma que S. Pedro recebeu de Jesus Christo.

Eu tenho a plena certeza disto, porque, si o Vigario que me ensina, mudasse qualquer cousa na doutrina Catholica, os outros sacerdotes, e até os proprios fieis, o denunciariam ao Bispo.

E si o Bispo mudasse qualquer cousa, os outros Bispos e até os Padres e os simples fieis o denunciariam ao Papa, *guarda vigilante da fé*, e este o separaria da Egreja.

Uma mudança de fé, é pois, impossivel hoje, como o foi em todos os tempos, pelas mesmas razões.

A minha religião é, pois, a religião que Jesus Christo ensinou.

* * *

O catholico mais instruido póde raciocinar do seguinte modo:

Negar um unico artigo da minha fé seria negar a infallibilidade da Egreja.

Negar a infallibilidade da Egreja, seria negar a efficacia da palavra de Jesus Christo.

Negar a efficacia desta palavra, seria negar a sua divindade, que provou pelos milagres.

Negar a divindade de Jesus Christo, seria negar o proprio Deus.

Negar a Deus, seria negar a razão humana que reconhece invencivelmente a sua existencia.

Ora, não se póde, sem loucura, negar a razão humana.

Tenho, pois, absoluta certeza que tudo o que a Egreja me ensina, é o proprio Deus que m'o ensina, de tal modo que si, o que é impossivel,

a Egreja me fizesse errar, teria eu o direito de dizer a Deus, o que disse um Doutor: sois vós Senhor, que me enganastes.

III. Conclusão

A palavra de Deus, está primeiro em Deus. Deus a deu a seu Filho, e seu Filho a dá á Egreja, dizendo: *Como meu Pae me enviou assim eu vos envio: quem vos escuta, escuta a mim; quem vos despreza, despreza a mim.*

Basta: ouvindo a Egreja ouvimos o proprio Deus: estamos na luz e vivemos na certeza da nossa fé.

Tiremos a conclusão pratica destas considerações. Quatro obrigações se nos impõem a respeito da Egreja.

1. Devemos **escutar** a Egreja, como escutariamos o proprio Jesus Christo, si Elle nos falasse.

2. Devemos **consultar** a Egreja quando qualquer duvida ameaça a nossa fé.

3. Devemos **obedecer** á Egreja, certos de que a sua palavra é a palavra infallivel de Jesus Christo, que nol-a transmitte pelo magisterio infallivel do Papa.

4. Devemos **amar** a Egreja e o seu chefe o Soberano Pontifice, personificação da Egreja e até si necessario fôsse, dar a nossa vida para defendel-o.

EXEMPLOS

1. Conversão de Adão Stobaens

O pastor protestante Adão Stobaens foi um dos protestantes mais instruidos e mais sinceros do seculo XVII.

O estudo do magisterio infallivel na Egreja Catholica foi o grande assumpto de suas pesquizas.

Após muitas relutancias tirou a conclusão que entrevira, mas que emfim parecia apalpar com os dedos.

A Egreja fundada por Jesus Christo é necessariamente uma sociedade visivel.

Tal sociedade, divina em sua fé, deve possuir uma autoridade que sustente esta fé, e para isso que seja infallivel.

Tal autoridade não existe no protestantismo: logo, elle não é a religião de Christo; ella existe na Egreja Catholica: logo, ella é a religião-divina.

Renunciou ao protestantismo e tornou-se um fervoroso catholico.

2. A Infallibilidade segundo a Razão

O poeta protestante Shaw, escreveu: É bom informar os meus leitores protestantes que o famoso dogma da infallibilidade do Papa é o titulo mais modesto que se póde dar a um Soberano.

Comparando a infallibilidade do Papa com as nossas democracias infalliveis, com as assembléas de medicos infalliveis, com as côrtes de juizes infalliveis, com os nossos astronomos infalliveis, com os nossos parlamentares infalliveis, devemos dizer que estes se proclamam infalliveis em tudo o que fazem e resolvem, emquanto o Papa, de joelhos perante Deus confessa a sua ignorancia e exige apenas que se lhe conceda a infallibilidade em certos casos urgentes, de consequencias graves para a manutenção da doutrina de Jesus Christo.

A Egreja sempre acreditou nesta prerogativa e sempre agiu nesta convicção.

A acção catholica que permitte a cada catholico agir sob a orientação dos superiores ecclesiasticos, sem que desta variedade de acção, surja a ruptura da unidade perfeita da Egreja.

E' uma prerogativa divina, e esta prerogativa pertence exclusivamente á Egreja catholica.

Logo, ella é a unica Egreja de Jesus Christo, e todas as demais seitas são erroneas.

Sentimos a necessidade da infallibilidade como sentimos os immensos beneficios que nos traz da firmeza da nossa fé e da nossa acção.

EXEMPLO— **Pesquizas de um protestante**

A canonização dos Santos é um acto da infallibilidade do Papa, de modo que o Papa, declarando solemnemente a heroicidade das virtudes de um Santo, tal declaração torna-se um exercicio da sua infallibilidade, devendo ser admittida pela Egreja inteira.

Ha annos um sabio professor protestante inglez, da Universidade de Oxford, quiz examinar de perto e *de visu* o proceder das canonizações, para encontrar falhas nos exames e decisões.

Partiu para Roma com carta de recommendação, pedindo para examinar por si mesmo os documentos das canonizações

O cardial prefeito, encarregado das causas, entregou lhe o processo completo, *pró* e *contra* de umas oitenta CAUSAS em julgamento.

O professor levou os documentos para o hotel, onde, durante um mez, examinou-os detidamente, confrontando as razões *a favor*, citadas pelo defensor e as razões CONTRA, dadas pelo contradictor.

Examinou, confrontou, tirou as suas conclusões favoraveis, e, convenceu-se de que todos os factos, a doutrina, as virtudes e os milagres eram incontestaveis, e que estes nomes mereciam toda a auréola dos santos.

Assim disposto, foi então ter com o cardial, para entregar-lhe os documentos e agradecer-lhe a nimia gentileza, manifestando o resultado positivo de seu inquerito, e dizendo-se convencido da rigorosa exactidão dos processos e da certeza dos resultados.

— Ah, si todos os processos fôssem deste modo, seguros e provados, exclamou o professor protestante, ninguem mais podia duvidar dos santos existentes na Egreja Romana.

Mas, qual não foi o seu espanto, quando o cardial lhe respondeu:

—Pois bem, todas estas causas que o senhor julgou irrefutaveis e certas, foram rejeitadas pela Egreja como insufficientes, nenhum destes milagres foi approvado pela commissão.

O professor cahiu das nuvens... ou melhor, sahiu do erro protestante, e hoje venera e invoca os santos com tanto mais fervor quanto mais os desprezára antes, emquanto protestante.

Convenceu-se o homem que as declarações do Papa tem base solida e obedecem a todas as regras da prudencia e sabedoria, e são, mesmo humanamente falando, documentos de primeiro valor, sem falar da assistencia divina que assiste o Papa, quando se dirige á Egreja inteira, proclamando que tal verdade deve ser admittida como dogma de fé.

16º DOM. dep. de PENTECOSTES

EVANGELHO (Luc. XIV. 1—11)

1. Naquelle tempo, aconteceu que, entrando Jesus um Sabbado em casa dum dos principaes Phariseus a tomar a sua refeição, elles o estavam ali observando.

2. E eis que estava deante delle um homem hydropico.

3. E Jesus, dirigindo a palavra aos doutores da lei e aos phariseus, disse lhes: E' licito fazer curas no sabbado?

4. Mas elles ficaram calados. Então Jesus, pegando no homem pela mão, curou-o, e mandou-o embora.

5. Dirigindo-se depois a elles, disse: Quem dentre vós que si o (seu) *jumento ou o* (seu) *boi cahir num poço, o não tirará logo* (ainda que seja) *em dia de sabbado?*

6. E elles não lhe podiam replicar a isto.

7. Disse tambem uma parabola, observando como os convidados escolhiam os primeiros assentos á mesa, dizendo-lhes:

8. Quando fôres convidado para bodas, não te assentes no primeiro logar, porque póde ser que outra pessôa de mais consideração do que tu tenha sido convidada pelo dono da casa.

9. E que vindo este que te convidou a ti e

a elle, te diga: Céde o logar a este: e tu, envergonhado comeces a occupar o ultimo logar.

10. Mas quando fôres convidado, vae tomar o ultimo logar, para que, quando vier o que te convidou, te diga: Amigo, vem mais para cima. Então terás com a gloria dos que estiverem sentados á mesa:

11. Porque todo o que se exalta, será humilhado: e o que se humilha, será exaltado.

COMMENTARIO APOLOGETICO

Centro da infallibilidade

O Evangelho de hoje nos faz assistir a uma Ceia em que Jesus tomou parte com os phariseus.

Um ponto de doutrina é logo levantado por estes censores pharisaicos. E' permittido ou não curar em dia de Sabbado?

A pergunta era importantissima para os judeus materialistas, escravos da letra, que mata; e entre elles havia discussões continuas a respeito.

Jesus vae resolver o problema. Elle é a autoridade suprema, o orgão da verdade infallivel, e o assumpto da pergunta toca ao amago da moral e da disciplina.

Temos aqui deante de nós, os dois elementos que estamos a meditar para ter uma comprehensão completa e nitida da infallibilidade:

1. O **orgão** desta infallibilidade.
2. O **objecto** da infallibilidade.

Aqui o orgão é Jesus Christo e o objecto a santificação do Sabbado. Na Egreja este orgão é

o Papa, representante de Christo, e o objecto é tudo o que diz respeito á fé e á moral.

I. O orgão da infallibilidade

Qual é o orgão proprio da infallibilidade?

Este orgão é o proprio Papa.

Sempre a Egreja acreditou na existencia desta prerogativa, mas houve, ás vezes, erros, no tocante ao orgão da infallibilidade.

Uns julgavam que ella estivesse como que diffundida no corpo docente da Egreja.

Era uma opinião humana.

Mil ou dois mil Bispos difficilmente se enganam.

A infallibilidade, porém, sendo uma prerogativa divina, não póde depender do *numero*.

O que provém do numero, provém da terra.

Nas cousas divinas, o numero não tem valor.

Citando um texto dos livros sagrados, tanto prova este um, como provam vinte.

Si um Bispo não é infallivel, nem cincoenta, nem mil o serão.

A infallibilidade é uma prerogativa completa em si; quem a possue, possue-a inteira; quem a não possue inteira, nem tão pouco em parte.

Não póde haver o *mais ou menos* neste privilegio: é uma prerogativa integral e completa.

Eis porque o Concilio do Vaticano proclamou solemnemente que tal privilegio reside na pessôa do Papa.

Na pessôa do Papa, não como escriptor, como prégador, legislador ou theologo, pois tudo isso póde sel-o, sem ser Papa, mas o que não póde ser sem ser Papa é: Doutor universal da Egreja.

E', pois, neste titulo, em outros termos, é na

funcção de Doutor universal que o Papa é infallivel.

Esta funcção exige que fale o Papa á Egreja inteira, definindo um ponto de doutrina ou de moral.

E para concentrar ainda mais o ponto essencial da infallibilidade, nos proprios decretos dogmaticos, é preciso destacar a **decisão** dogmatica, pois é nesta decisão que está concentrada a sua infallibilidade.

As considerações que precedem, os differentes argumentos que dispõem o espirito, não entram na decisão dogmatica, mas preparam esta decisão; e não entrando na decisão, não pertencem á infallibilidade.

E' infallivel a decisão clara, solemne, em que o Papa affirma que tal ou tal verdade foi revelada por Deus, e que é preciso crer nella, sob pena de ser excluido do seio da Egreja.

Assim, bem determinada, a infalliblidade não é mais um privilegio vago, confuso, ligado á pessôa do Papa, de que póde usar ou não usar á vontade, quasi sem que o saiba.

Nada disso: E' um privilegio ligado á **funcção** solemne e rara, e que interessa a Egreja inteira, pela qual o Papa determina que tal ponto de doutrina deve ser admittido por todos.

II. O objecto da infallibilidade

Já foi indicado varias vezes, porém é bom repetil-o em synthese para mais clareza do assumpto.

O Concilio do Vaticano indica claramente que o objecto proprio da infallidade é tudo o que diz respeito *á fé ou á moral.*

Santo Antonino 14 seculos antes já havia indicado theologicamente este objecto.

«E' necessario admittir na Egreja, diz elle, um unico Chefe, a quem pertence resolver as duvidas em tudo que diz respeito á fé, seja na ordem especulativa, seja na ordem pratica».

De facto, a Egreja foi fundada para illuminar o nosso espirito e dirigir a nossa consciencia.

E', pois, absolutamente necessario que ella não possa exigir de seus subditos um acto de fé em um erro, ou um acto de obediencia a um vicio. O seu arbitrio é a verdade ou a santidade sobrenaturaes.

No terceiro capitulo, o Concilio do Vaticano declara que o Papa possue pleno e soberano poder, não sómente nas cousas que dizem respeito á fé e á moral, *mas ainda nestas que se referem á disciplina e ao governo da Egreja.*

Devemos agora fazer notar que estes dois ultimos, embora dependentes do poder supremo do Papa, não são entretanto objecto da infallibilidade.

O proprio Concilio o faz notar no capitulo quarto das sessões, onde, deixando de lado a *disciplina e o governo* da Egreja, declara que o objecto proprio da infallibilidade é a *fé e a moral.*

Duas condições sãó essencialmente exigidas para o exercicio da infallibilidade:

1. O objecto da decisão deve ser uma doutrina que se refira á fé e á moral.

2. O Papa deve declarar, *ex-cathedra*, em virtude da sua suprema autoridade doutrinal que esta doutrina faz parte integrante da verdade revelada por Deus, que deve ser acreditada pela Egreja Catholica inteira, e que aquelles que não a acceitam deixam de ser membros da Egreja.

Estas duas condições devem ser unidas; faltando uma, não haveria mais definição. Reunidas as duas, ha definição dogmatica infallivel.

III. Conclusão

Concluamos agora claramente o *orgão* e o *objecto* da infallibilidade. Este conhecimento dá á nossa fé uma base bem determinada e firme, que não permitte á duvida penetrar em nosso espirito, e nos dá uma resposta curta e decisiva para refutar os erros oppostos.

A admiravel organização da Egreja e a segurança da sua doutrina devem inspirar-nos uma confiança sem limites.

— Piloto, dizia Cesar ao guia da embarcação que o transportava para Pharsalia, no meio de uma tempestade, Piloto, não tenhas medo, tu levas Cesar e a sua fortuna.

Não tenhamos medo da sorte da barquinha da Egreja! Em redor della a tempestade, o vicio, os poderes, os falsos sabios, a hypocrisia e a mentira accusam-na de retrograda, de intransigente, de tyrannica ou de relaxada. E' uma verdadeira tempestade, que ruge ao seu redor; pouco importa.. na popa e na prôa desta barquinha está gravada esta palavra que os seculos não desmentiram, nem apagaram: — *Eis que estou comvosco até ao fim dos seculos... As portas do inferno não prevalecerão contra ella!*

Deus não se desencaminha.

Deus não se engana.

Deus não morre.

E' Elle que dirige a sua Egreja pela infallibilidade que lhe outorgou solemnemente.

EXEMPLOS

1. Raciocinio de um protestante

Rudolfo Hafest era filho de um Bispo lutherano, e converteu-se á religião catholica em 1852;

pela consideração da necessidade de uma autoridade suprema e infallivel na Egreja de Jesus Christo.

«A Sagrada Escriptura é a palavra infallivel de Deus, raciocinava elle, os leitores, porém, são homens falliveis, de modo que, para conservar a propria infallibilidade de Deus, é preciso que haja uma autoridade viva, instituida por Deus, que esteja acima da Sagrada Escriptura e a interprete no seu sentido authentico.

Tal autoridade existe unica e exclusivamente na Egreja Catholica; ella é, pois, a unica Egreja de Christo, a unica verdadeira. Eis porque desejo humilhar-me deante desta autoridade, ser o seu subdito para sel-o do proprio Christo e da sua palavra divina.

E' a razão porque deixo de ser lutherano e adhiro plenamente á religião catholica».

2. A obra dos Papas

Herder, o grande philosopho allemão, escreve: Ninguem póde contestar que o Bispo de Roma ou o Papa, faz muito para o mundo christão.

Si a extensão do Christianismo é, em si, um merito, a sua obra civilizadora é um merito maior ainda, e o Papa tem este merito; pois, si a Europa não foi tragada para sempre pelos Hunos, Sarracenos, Tartaros, Turcos, Mongolas, etc., devemol o á acção dos Papas.

3. Palavra de Schiller

Já vimos imperadores, reis, politicos illustres e guerreiros valorosos, pisarem com os pés os direitos dos fracos e dos pobres; nunca, porém isto tem acontecido com os Papas.

17º DOM. dep. de PENTECOSTES

EVANGELHO (Math. XXII. 34— 46)

*34. Naquelle tempo, tendo os Phariseus sabido que (*Jesus*) reduzira ao silencio os Sadduceus, reuniram-se.*

35. E um delles, doutor da lei, tentando-o perguntou-lhe:

36. Mestre, qual é o grande mandamento da lei?

37. Jesus disse-lhe: Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração e de toda a tua alma e de todo o teu espirito.

38. Este é o maximo e o primeiro mandamento.

39. E o segundo é semelhante a este: Amarás a teu proximo como a ti mesmo.

40. Destes dois mandamentos depende toda a lei e os prophetas.

41. E estando juntos os Phariseus, Jesus interrogou-os, dizendo:

42. Que vos parece do Christo? De quem é elle filho? Responderam-lhe: de David.

43. Jesus disse-lhes: como pois lhe chama David em espirito Senhor, dizendo:

44. Disse o Senhor ao meu Senhor: Senta-te á minha mão direita, até que eu ponha os teus inimigos por escabello de teus pés?

45. Si pois David lhe chama Senhor, como é elle seu filho?

46. E ninguem podia responder-lhe uma só palavra: e daquelle dia em deante não houve quem ousasse interrogal-o.

COMMENTARIO APOLOGETICO

Extensão da infallibilidade

Temos deante de nós o grande mandamento da lei de Deus: amar a Deus de todo o seu coração; e o segundo, que o Mestre proclama semelhante a este: amar ao proximo como a si mesmo.

O amor de Deus e o amor ao proximo ficam deste modo, inseparavelmente entrelaçados. Deus é a cabeça do corpo da humanidade, os homens são os membros deste corpo.

Estudando a infallibilidade da Egreja, encontramos nella este mesmo entrelaçamento: O Papa e os fieis... a Egreja docente e a Egreja discente: a infallibilidade activa e passiva...

Para esclarecer bem estas distincções vamos examinar hoje até onde se extende a infallibilidade e como são ligadas entre si:

1. A **activa** e a passiva
2. O **Papa** e os fieis

São questões conhecidas confusamente pelo povo, mas que convém destacar, para dar mais firmeza ao amor que devemos á santa Egreja.

I. A activa e a passiva

O Papa sendo infallivel, a Egreja inteira o é igualmente, não por si, mas pela sua inseparavel união com o Papa.

A Egreja compõe-se da parte *docente* e da parte *discente*: a primeira ensina e a segunda é ensinada.

A parte docente é infallivel *activamente* na pessôa do Papa, isto é: ensina sem poder enganar-se.

A Egreja discente é infallivel *passivamente*; isto é, os fieis escutando a voz do Papa e dos Bispos unidos ao Papa e dos Padres unidos ao Bispo, não podem ser induzidos a erro.

Deste modo, a Egreja inteira é infallivel, uma parte pelo *ensino* e a outra pela *obediencia*.

Eis porque Jesus Christo disse: *Ide e ensinae a todas as nações... ensinando-lhes a observar todas as cousas que vos mandei; e eis que eu estou comvosco todos os dias até á consummação dos seculos* (Math. XXVIII. 20).

Examinae bem este texto e vereis que elle tem uma extensão que á primeira vista não apparece.

Eis que estou comvosco: estas palavras resumem e encerram tudo: não ha exclusão de poder, nem de auxilio nenhum: *Foi me dado todo poder no céu e na terra* (Math. XXVIII. 18).

Notae esta disposição. Jesus Christo fala de seu *poder*, de seus *Apostolos* e de todas as *nações*, e reunindo estes três elementos elle diz que está com elles, até ao fim dos tempos.

E' a infallibilidade completa da Egreja docente e discente, como acabámos de ver.

Até a consummação dos seculos. Não é sómente *comvosco*, com quem estou falando, completa o divino Mestre, a minha promessa se extende além, attinge todos os vossos successores, pois outros vos succederão, e a vossa raça nunca terá fim.

Eis como combinam admiravelmente estes dois termos: a Egreja e o Papa.

A Egreja e o Papa é um só.

Onde está o Papa ahi está a Egreja.

E onde está a Egreja é ahi que está o Papa.

Neste mundo vêem-se ás vezes cabeças separadas do corpo, mas são de cadaveres.

Não é o bastante dizer que o Papa falando, a Egreja adhere. Entende-se a Egreja no Papa.

O Papa fala com ella e nella. O que elle diz, elle o lê nas entranhas da Egreja. O mesmo Espirito Santo que põe taes palavras sobre os labios do Papa as põe tambem no coração da Egreja; ou melhor: elle já as tinha posto no coração, pois ellas não sobem aos labios do Papa, sinão porque sahem do coração da Egreja.

E' o encontro destas duas infallibilidades: a *activa*, na cabeça, e a *passiva* no corpo, fundidas numa só, que forma a infallibilidade total da Egreja.

II. O Papa e os fieis

Com este principio geral, comprehendemos melhor a paz e a tranquillidade que formam o fundo e a aureola da fé catholica.

Não é preciso ser scientista para logicamente, o catholico concluir a verdade absoluta da religião que professa.

Póde e deve dizer:

A minha religião, apprendi-a dos labios de meu vigario, que depositou em minhas mãos e me explicou um pequeno livro: o *Catecismo.*

O que o Vigario me ensina remonta ao Bispo que o mandou com este livrinho, resumo perfeito do Evangelho.

Por meio do Bispo, este ensino remonta ao Papa, que enviou o Bispo.

Pelo Papa, este ensino remonta, de Papa em Papa, até S. Pedro, que o recebera de Jesus Christo.

A minha religião é a mesma que S. Pedro recebeu de Jesus Christo.

Eu tenho a plena certeza disto, porque, si o Vigario que me ensina, mudasse qualquer cousa na doutrina Catholica, os outros sacerdotes, e até os proprios fieis, o denunciariam ao Bispo.

E si o Bispo mudasse qualquer cousa, os outros Bispos e até os Padres e os simples fieis o denunciariam ao Papa, *guarda vigilante da fé*, e este o separaria da Egreja.

Uma mudança de fé, é pois, impossivel hoje, como o foi em todos os tempos, pelas mesmas razões.

A minha religião é, pois, a religião que Jesus Christo ensinou.

* * *

O catholico mais instruido póde raciocinar do seguinte modo:

Negar um unico artigo da minha fé seria negar a infallibilidade da Egreja.

Negar a infallibilidade da Egreja, seria negar a efficacia da palavra de Jesus Christo.

Negar a efficacia desta palavra, seria negar a sua divindade, que provou pelos milagres.

Negar a divindade de Jesus Christo, seria negar o proprio Deus.

Negar a Deus, seria negar a razão humana que reconhece invencivelmente a sua existencia.

Ora, não se póde, sem loucura, negar a razão humana.

Tenho, pois, absoluta certeza que tudo o que a Egreja me ensina, é o proprio Deus que m'o ensina, de tal modo que si, o que é impossivel,

a Egreja me fizesse errar, teria eu o direito de dizer a Deus, o que disse um Doutor: sois vós Senhor, que me enganastes.

III. Conclusão

A palavra de Deus, está primeiro em Deus. Deus a deu a seu Filho, e seu Filho a dá á Egreja, dizendo: *Como meu Pae me enviou assim eu vos envio: quem vos escuta, escuta a mim; quem vos despreza, despreza a mim.*

Basta: ouvindo a Egreja ouvimos o proprio Deus: estamos na luz e vivemos na certeza da nossa fé.

Tiremos a conclusão pratica destas considerações. Quatro obrigações se nos impõem a respeito da Egreja.

1. Devemos **escutar** a Egreja, como escutariamos o proprio Jesus Christo, si Elle nos falasse.

2. Devemos **consultar** a Egreja quando qualquer duvida ameaça a nossa fé.

3. Devemos **obedecer** á Egreja, certos de que a sua palavra é a palavra infallivel de Jesus Christo, que nol-a transmitte pelo magisterio infallivel do Papa.

4. Devemos **amar a** Egreja e o seu chefe o Soberano Pontifice, personificação da Egreja e até si necessario fôsse, dar a nossa vida para defendel-o.

EXEMPLOS

1. Conversão de Adão Stobaens

O pastor protestante Adão Stobaens foi um dos protestantes mais instruidos e mais sinceros do seculo XVII.

O estudo do magisterio infallivel na Egreja Catholica foi o grande assumpto de suas pesquizas.

Após muitas relutancias tirou a conclusão que entrevira, mas que emfim parecia apalpar com os dedos.

A Egreja fundada por Jesus Christo é necessariamente uma sociedade visivel.

Tal sociedade, divina em sua fé, deve possuir uma autoridade que sustente esta fé, e para isso que seja infallivel.

Tal autoridade não existe no protestantismo: logo, elle não é a religião de Christo; ella existe na Egreja Catholica: logo, ella é a religião divina.

Renunciou ao protestantismo e tornou-se um fervoroso catholico.

2. A Infallibilidade segundo a Razão

O poeta protestante Shaw, escreveu: É bom informar os meus leitores protestantes que o famoso dogma da infallibilidade do Papa é o titulo mais modesto que se póde dar a um Soberano.

Comparando a infallibilidade do Papa com as nossas democracias infalliveis, com as assembléas de medicos infalliveis, com as côrtes de juizes infalliveis, com os nossos astronomos infalliveis, com os nossos parlamentares infalliveis, devemos dizer que estes se proclamam infalliveis em tudo o que fazem e resolvem, emquanto o Papa, de joelhos perante Deus confessa a sua ignorancia e exige apenas que se lhe conceda a infallibilidade em certos casos urgentes, de consequencias graves para a manutenção da doutrina de Jesus Christo.

Resposta do Capuchinho

Durante o Concilio do Vaticano, conta Monsenhor de Segur, estava na moda o criticar a infallibilidade do Papa, cujo dogma os Prelados estavam estudando.

Depois da definição uma rica Dama apresentou-se um dia no Convento dos Capuchinhos, pedindo um Padre para confessar-se.

— Meu pae, começou a Dama, aconteceu-me uma cousa singular: o meu confessor recusa-se dar-me a absolvição, porque não creio na infallibilidade do Papa. Não posso crer nisto, é mais forte do que eu.

O Capuchinho, com uma expressão de bonhomia, responde, sorrindo:

— Como? o seu confessor recusa-lhe a absolvição por causa disso? Pois bem eu vou dal-a.

— V. Rvma. me absolve! Oh, meu pae, como o senhor é bom!

— Sim, absolvo a senhora, sem difficuldade.

— Mas então, como é que o meu confessor não quer absolver-me?

— Oh! é porque elle tomou a senhora por uma outra pessôa.

— Como me tomou por outra pessôa? elle me conhece ha muito tempo.

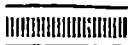
—Póde ser, porém elle julgou que a senhora era instruida.

— Instruida... mas meu pae, eu não sou uma ignorante!

— Não digo isso.., porém a senhora não sabe o que é a infallibilidade do Papa. Taes questões não são do dominio de todos.

E aproveitando a surpreza da Dama o Capuchinho explicou-lhe simplesmente o estado da questão. Pela primeira vez a Dama viu claro no assumpto.

— Como? exclamou ella, a infallibilidade é só isso?... mas eu creio nella de muito boa vontade.

—Está vendo, retomou, um pouco sarcasticamente o Capuchinho, que a senhora póde receber a absolvição, pois labora num erro por ignorancia, mas não está em peccado...

18º DOM. dep. de PENTECOSTES

EVANGELHO (Math. IX. 1— 8)

1. Naquelle tempo, subindo Jesus a uma pequena barca, passou para a outra banda, e veio para a cidade.

2. E eis que lhe apresentaram um paralytico que jazia no leito. E vendo Jesus a fé que elles tinham, disse ao paralytico: Filho, tem confiança, são te perdoados os teus peccados.

3. E logo alguns dos Escribas disseram dentro de si: Este blasphema.

4. E tendo Jesus visto os seus pensamentos, disse: Porque pensaes mal nos vossos corações?

5. Que cousa é mais facil dizer: São-te perdoados os teus peccados: ou dizer: Levanta-te e caminha?

6. Pois para que saibaes que o Filho do homem tem poder sobre a terra de perdoar peccados: Levanta-te, disse ao paralytico, toma o teu leito, e vae para tua casa.

7. E elle levantou-se e foi para sua casa.

8. E vendo isto as multidões, temeram, e glorificaram a Deus que deu tal poder aos homens.

COMMENTARIO APOLOGETICO

A primazia de Pedro

Vemos hoje Jesus perdoando os peccados do paralytico, e como só Deus póde perdoar peccados, os judeus murmuram e accusam Jesus de blasphemar, porque se outorga um poder divino.

Para provar este poder, Jesus faz um milagre, cura o corpo do paralytico, como já havia curado a sua alma.

Jesus mostra e prova o seu poder, a sua autoridade suprema.

E' esta mesma autoridade e poder que Elle transmittirá depois a seus Apostolos: *Do mesmo modo que meu Pae me enviou, eu vos envio*, dando a Pedro a **primazia** sobre a Egreja inteira.

E' esta primazia que vamos meditar hoje, considerando:

1.° Pedro, sempre **o primeiro**,

2.° A **autoridade** suprema de Pedro.

A primazia espiritual de Pedro, sendo o principio da sua infallibilidade que já meditámos, convém destacal-a para melhor comprehendermos como estas duas prerogativas são inseparavelmente unidas na autoridade suprema da Egreja.

I. Pedro, sempre o primeiro

O Concilio de Florença e depois o do Vaticano esclarecem admiravelmente esta prerogativa:

«Ensinamos e declaramos que esta *primazia* da Egreja romana, por uma disposição divina, é

uma primazia de **poder** ordinario sobre todas as demais egrejas, e que esta jurisdicção do Pontifice romano é um poder verdadeiramente episcopal e immediato.

«Deste modo, conservando a união na communhão e na profissão de uma mesma fé, com o Pontifice romano a Egreja de Christo constitue um **unico rebanho** sob a direcção de um **unico Pastor**.

«Tal é o ensino da verdade catholica, da qual ninguem póde afastar-se, sem perder a fé» (Cons. dogm. Eccl. Can. 3).

Estas palavras indicam claramente que a primazia de Pedro não é simplesmente de honra, mas sim de **autoridade**.

Para provar esta primazia de autoridade, basta abrir o Evangelho e os Actos onde ella refulge com todo o brilho de uma verdade basica.

Pedro apparece como o primeiro em toda parte.

Nada se faz sem Pedro... tudo se faz sob as ordens e conforme o exemplo de Pedro.

E' sempre **o primeiro** a ser nomeado pelos Evangelistas. *O primeiro é Simão que se chama Pedro*, diz S. Matheus (X. 2).

Foi **o primeiro** a confessar a fé:

Tu és o Christo, Filho de Deus vivo. (Math. XVI. 16)

Foi **o primeiro** a proclamar o seu amor a Jesus: *Simão, filho de João, tu me amas mais do que estes?* pergunta o divino Mestre. *Sim, Senhor, tu sabes que eu te amo*, responde Pedro. (João XXI. 15)

Foi **o primeiro** entre os Apostolos que viu o Salvador resuscitado dos mortos.

Na verdade o Senhor resuscitou e appareceu a Simão. (Luc. XXIV. 34)

Foi **o primeiro** que testemunhou perante o publico a resurreição do Salvador.

Então Pedro apresentou-se com os onze e levantou a voz (Act. II. 14).

Foi **o primeiro** a apparecer e falar quando foi necessario preencher o numero dos Apostolos.

Naquelles dias levantando-se Pedro no meio dos Irmãos. (Act. I. 15)

Foi **o primeiro** a confirmar a fé pelos milagres.

Mas Pedro disse : Não tenho prata nem ouro mas o que tenho, isso te dou : Em nome de Jesus Christo Nazareno, levanta-te e anda. (Act. III. 6).

Foi **o primeiro** a receber os gentios.

Então Pedro respondeu : Porventura póde alguem recusar a agua para que não sejam baptizados estes que receberam o Espirito Santo como nós? (gentios) (Act. X. 47).

Foi **o primeiro** a converter os Judeus.

Muitos daquelles que tinham ouvido a palavra (de Pedro) *creram ; e o numero de homens elevou-se a cerca de cinco mil* (Act. IV. 4).

Foi **o primeiro** a ser citado perante os tribunaes.

E chamando-os intimaram-lhes que absolutamente não falassem mais, nem ensinassem em nome de Jesus. (Act. IV. 18)

Foi **o primeiro** a castigar os prevaricadores da lei christã.

Pedro então disse para ella (Saphira).

Porque combinastes entre vós para tentar o

Espirito do Senhor?... E immediatamente ella cahiu a seus pés e expirou. (Act. V. 9)

Foi **o primeiro** a ser encarcerado em testemunho da fé.

E (Herodes) *vendo que isso agradava aos judeus mandou tambem prender Pedro.* (Actos XII. 3).

Sempre em toda parte, encontramos Pedro como **o primeiro**, devemos tirar deste facto a licção que comporta, pois Nosso Senhor nada faz por acaso, sem premeditação.

II. A autoridade suprema de Pedro

Como acabamos de vêr, Pedro é sempre nomeado e é em toda parte o primeiro. Tudo no Evangelho indica a sua **primazia**, até as suas proprias fraquezas; é esta primazia que Deus tem em vista e quer destacar claramente, pois *infallibilidade* e *primazia* estão necessariamente unidas inseparavelmente na pessôa do chefe da Egreja, ao ponto que si a infallibilidade doutrinal é a consequencia necessaria da sua primazia, esta propria primazia póde ser indicada como o principio da infallibilidade.

O poder dado a diversas pessôas, inclue necessariamente uma restricção na propria partilha.

O poder dado a **um só** e acima de todos, sem excepção, comporta a plenitude.

Todos os Apostolos recebem o mesmo poder, pessoalmente, mas não o recebem no mesmo grau, nem com a mesma extensão. Cabe a Pedro a primazia e o officio de confirmar os seus irmãos.

Jesus Christo começa pelo **primeiro**, e neste primeiro desenvolve tudo, para ensinar-nos

que a autoridade em sua Egreja, primeiramente estabelecida na pessôa de **um só**, não se ramifica sinão sob a condição de ficar ligada a este unico tronco, e de manter com elle uma completa unidade.

E esta primazia não é simplesmente de precedencia e de honra, mas sim de autoridade e de jurisdicção.

E' a Pedro, e só a Pedro que Jesus Christo promette *as chaves do reino do Céu* com o poder de *atar e desatar*, isto é: de governar a Egreja universal (Math. XVI. 19).

Deste modo, o Papa não está mais como os protestantes imaginam, perdido num longinquo inaccessivel, sentado num throno, onde recebe honras e manifestações de veneração: elle é o Pastor, elle é **o Pae** de cada alma, de cada sacerdote, de cada Bispo.

Entre o Papa e cada christão, ninguem póde interpôr-se como obstaculo.

E' certo que devido á extensão immensa da Egreja, o Papa não póde em geral, communicar-se pessoalmente com cada um, porém elle tem o direito e o poder de fazel-o.

Sem duvida ainda, a sua palavra passa geralmente pelo canal do Bispo, como a deste ultimo passa pelo canal do sacerdote, para chegar aos fieis; este canal, porém é um **meio**, e nunca póde tornar-se um obstaculo. O Papa é o Pae de todos, é o Pastor supremo do rebanho inteiro.

III. Conclusão

Infallibilidade de doutrina e primazia de autoridade tal é a dupla aureola que cinge a cabeça do summo Pontifice.

Elle é o **primeiro** no poder; e é o **unico** na infallibilidade

Como conclusão determinemos este ultimo ponto.

A Egreja é infallivel como já ficou provado acima.

A infallibilidade concedida á Egreja reside na pessôa do Papa e é ligado ao seu **officio** de Doutor supremo desta Egreja.

«Tu és Pedro, e sobre esta Pedra edificarei a minha Egreja... e as portas do inferno não prevalecerão contra ella!»

Tudo se refere á Egreja.

Mas cousa curiosa, Jesus Christo promettendo a sua assistencia, não diz: *Eis que estou com ella*, mas sim, eis que estou **comvosco** (Math. XXVIII. 18)

Elle promette estar com o chefe da Egreja, e não propriamente com a Egreja. Porque isso?

Pela razão que a **primazia** pertence a uma pessôa determinada e que a infallibilidade desta Egreja se concentra sobre a cabeça daquelle que está revestido desta primazia.

Si tivesse falado só da Egreja, ter-se-ia podido concluir, como certos sectarios concluiram que a primazia e a infallibilidade residiam no corpo docente da Egreja isto é, nos Bispos, nos concilios, mesmo separados do Papa, o que é um erro monstruoso.

O unico *primeiro* e o unico *infallivel* é o Soberano Pontifice, é o Papa de Roma.

O corpo dos Bispos, unidos ao Papa, é infallivel, não como corpo, mas como *unidos* ao Papa.

EXEMPLOS

1. A dynastia de Pedro

O tempo passava deante de mim... o terrivel tempo, que, com a foice destruidora na mão, a tudo abate, destróe e faz desapparecer.

Que fizeste tu, ó terrivel destruidor, destes imperios que pareciam encher o universo com o ruido de suas conquistas?

Onde está Thebas?

Onde está Babylonia?

Onde está Athenas?

Onde estão os palacios dos Cesares?

E o tempo, com um sorriso melancolico e desdenhoso, indicou com o dedo uns farrapos de purpura, restos de corôas, columnas de marmore em ruina, sobre as quaes se sentavam os pastores descuidados.

— Olha! disse-me elle.

— E que farás tu dos imperios, das republicas que hoje dominam o mundo, e destes sceptros, destas corôas, destes thronos tão resplandecentes?...

— O que fiz dos outros: um pouco de pó, que o vento dissipará.

— Que farás deste throno apparentemente tão fraco, que nenhum poder humano sustenta, deste throno, em que está sentado, na calma e na oração, aquelle que o mundo catholico chama *o Papa.*

O tempo ficou silencioso e irado, e a *eternidade,* indicando-o desdenhosamente com o dedo, respondeu-me com um accento que me arrepiou até no mais intimo do meu ser: *Nunca o destruirá — Non praevalebit!*

E' deante deste throno eterno, que venho inclinar-me, meu Deus!

2. O Papa carrega o mundo

Era em Roma no anno de 1870, durante o Concilio do Vaticano.

Dom Berteaud, celebre Bispo de Tulle, tinha dado um passeio na Campanha romana, quando ali encontra o Papa Pio IX, que desceu de seu carro e foi entreter-se com elle.

Terminada a conversa, o Bispo ajudou o Papa a retomar o carro, sustentando-o vigorosamente com as duas mãos.

— Oh, exclamou sorrindo, Pio IX, como o Bispo de Tulle é forte! carrega o Papa!

O illustre Prelado retorquiu com ternura: — Oh, Santo Padre, é Vossa Santidade que é forte, pois carrega o mundo!

19° DOM. dep. de PENTECOSTES

EVANGELHO (Math. XII. 1—14)

1. Naquelle tempo, tomando a palavra Jesus, tornou-lhes a falar em parabolas, dizendo:

2. O reino dos céus é semelhante a um rei que fez as nupcias de seu filho.

3. E mandou os seus servos chamarem os convidados para as nupcias e não quizeram vir.

4. Enviou de novo outros servos, dizendo: Dizei aos convidados: Eis que preparei o meu banquete, os meus touros e os animaes cevados já estão mortos, e tudo prompto: vinde ás nupcias.

5. Mas elles desprezaram (o convite) *e foram-se um para a sua casa de campo, e outro para o seu negocio:*

6. Outros porém lançaram mãos dos servos que elle enviára, e depois de os terem ultrajado, mataram-nos.

7. O rei, tendo ouvido isto, irou-se: e mandando os seus exercitos, exterminou aquelles homicidas, e poz fogo á sua cidade.

8. Então disse aos seus servos: As nupcias com effeito estão preparadas, mas os que tinham sido convidados não foram dignos.

9. Ide, pois, ás encruzilhadas das ruas e a

quantos encontrardes, convidae-os para as nupcias.

10. E tendo sahido os seus servos pelas ruas, reuniram todos os que encontraram, maus e bons; e ficou cheia de convidados a sala do banquete de nupcias.

11. Entrou depois o rei para ver os que estavam á mesa e viu lá um homem que não estava vestido com a veste nupcial.

12. E disse-lhe: Amigo, como entraste aqui não tendo a veste nupcial? Mas elle emudeceu.

13. Então disse o rei aos seus ministros: atae-o de pés e mãos e lançae-o nas trevas exteriores: ahi haverá pranto e ranger de dentes.

14. Porque são muitos os chamados, e poucos os escolhidos.

COMMENTARIO APOLOGETICO

A primeira definição

O Evangelho nos mostra na narração de hoje, a autoridade de um rei desprezado.

O castigo não se fez esperar: o rei mandou seus exercitos exterminarem os homicidas e porem fogo á sua cidade.

Sente-se na narração e no tom da voz do rei uma autoridade que se impõe e, que quer ser obedecida.

Transfiramos esta autoridade para o caso que nos occupa actualmente, na parte apologetica da doutrina, e como consequencia da primazia outorgada por Jesus Christo a Pedro, escutemos um instante como Pedro exerce a auto-

ridade infallivel com que acaba de ser revestido.

E' uma scena tocante e instructiva. Consideremos as suas duas phases:

1. A **resposta** de Pedro.
2. A **confirmação** de Jesus.

Teremos deste modo, o facto e o ensino doutrinal... o exercicio do officio da infallibilidade e a sua solemne confirmação pelo proprio Jesus Christo.

I. A resposta de Pedro

Jesus disse a Pedro, depois de o ter examinado demoradamente, como faz notar o Evangelista: *intuitus eum: Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Egreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ella.*

Eis Pedro constituido autoridade suprema na Egreja; tal é a sua funcção propria.

De facto, qual é a funcção do Papa?

E' apresentar ao mundo, o Christo, Filho de Deus vivo, como centro e fóco de toda verdade.

E' uma scena evangelica de uma suavidade tocante.

Um dia os Apostolos examinavam o conflicto de opiniões que se cruzavam a respeito de seu divino Mestre.

Uns diziam que era Elias, outros que era João Baptista, ou qualquer outro Propheta.

Jesus interpella-os bruscamente: *E vós, quem dizeis que eu sou?* (Math. XVI. 15)

Cabe a Pedro, como Chefe da Egreja, dar a primeira **definição de fé,** da pessôa de Jesus Christo.

Elle vae dogmatizar!

Sente-se a inspiração do Espirito Santo

E' o Papa dos seculos que vae falar... O Papa assistido por Deus... o Papa infallivel... o Papa que lança através dos seculos a convite de Jesus Christo, a sua primeira definição doutrinal.

Jesus está ali presente.

Os Apostolos, primeiros Bispos, estão tambem ali presentes.

Todos escutam.

E' a primeira vez que Pedro vae exercer a sua funcção official sob o olhar do Mestre divino.

— *Quem sou eu?* pergunta Jesus.

E sem hesitação, refulgente como o relampago... majestoso como o trovão... fulminante como o raio... Deus fala pela bocca de Pedro. Pedro é o canal infallivel da infallivel verdade. Elle responde:

— *Tu és o Christo, Filho de Deus vivo!*

Está feito: a Egreja está fundada e em pleno exercicio das suas faculdades divinas.

Deus escolheu Pedro como o primeiro Chefe desta Egreja; e na mesma occasião este Chefe lança a sua primeira definição dogmatica, perante seus collegas, os Apostolos.

Elle, Pedro, é a pedra fundamental, e sobre esta pedra está collocado o throno de Christo, Filho de Deus vivo.

Pela vez primeira, a proclamação do Papa echôa através do mundo, e continuará a echoar através dos seculos.

Todos os Papas serão os continuadores deste brado de fé, todos serão o rochedo sobre o qual o Christo, Filho de Deus vivo fixará para sempre o seu throno.

Eis que estou comvosco até a consummação dos seculos. (Math. XXVIII. 20)

II. A confirmação por Jesus Christo

Eis agora a confirmação divina do primeiro decreto doutrinal do primeiro Papa.

Nada falta nesta sublime scena.

Pedro falou...

O Christo confirma a sentença de Pedro, como confirmará as sentenças doutrinaes de todos os Papas.

Bemaventurado és tu, Simão, filho de João: porque não foi a carne nem o sangue que t'o revelaram, mas meu Pae que está no céu. (Mat. XVI. 17)

Póde haver cousa mais clara e mais positiva?

E' impossivel!

Jesus Christo não quer proclamar, Elle mesmo, esta verdade. Elle deixa, ou melhor, ordena que o Chefe infallivel da sua Egreja *defina* a verdade da sua *divindade*, e Elle mesmo approva esta proclamação, declarando que não é elle, Pedro, composto de carne e sangue, que faz esta declaração, mas sim, o *Pae celeste, que lh'o revelou*, sendo elle, Pedro, o canal infallivel da doutrina divina.

Para mostrar que esta proclamação não é um facto isolado na Egreja, o divino Mestre continúa: *Eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta Pedra edificarei a minha Egreja e as portas do inferno não prevalecerão contra ella!* (Math. XVI. 18)

Eis a perpetuidade da autoridade e da infallibilidade promettidas a Pedro.

Elle proclamará a verdade, e as portas do inferno, isto é, os vicios, as paixões, as violencias, as hypocrisias, as traições, nunca hão de prevalecer contra a proclamação doutrinal de Pedro e de seus successores.

Notem agora a conexão logica, admiravel, entre estas diversas partes, a succession divina entre cada parte da scena e das palavras.

E para completar a scena admiravel e grandiosa, o Salvador, que acaba de construir a sua Egreja, comparando-a a um edificio, continúa falando das chaves que fecham os edificios.

— *Eu te darei as chaves do reino dos céus.* (Math. XVI. 19) Pedro tem as chaves!

Ninguem entrará sinão por seu intermedio.

Ninguem terá autoridade, sinão por elle!

Apresentam se as chaves de uma fortaleza a um rei, para se reconhecer publicamente a sua soberana autoridade.

Entregam-se as chaves a um proprietario, para demonstrar que elle é o dono da casa.

E Jesus Christo dá as chaves do reino dos céus a Pedro, só a Pedro, exclusivamente a Pedro, para mostrar que elle é o proprietario constituido, official, o dono do reino dos céus e que sem elle, contra a vontade delle, ninguem ali ha de penetrar!

É claro e é irrefutavel!

E para que não exista nenhuma duvida, como que para refutar de antemão, qualquer falsa interpretação, Jesus completa:

Tudo o que ligares sobre a terra, será ligado tambem nos céus; e tudo o que desatares sobre a terra, desatado será tambem nos céus. (Math. XVI. 19)

TUDO! Notae a repetição da palavra: TUDO.

O Mestre divino nada exceptúa.

Depois de ter feito de Pedro o *fundamento* da sua Egreja, depois de lhe ter dado as *chaves* que fecham e abrem soberanamente, Elle lhe dá a *administração* inteira e absoluta de todos os thesouros que nella estão depositados.

E' manifestamente um designio de J. Christo, que TUDO na Egreja repouse sobre Pedro só. Não póde haver nada mais claro, mais absoluto e mais sublime que esta divina investidura, seguindo-se a primeira definição doutrinal de Pedro.

III. Conclusão

Comprehendeis agora a grandeza divina do throno de S. Pedro, tão admiravelmente descripta nos Evangelhos?

O homem sincero e sem preconceitos, não discute taes verdades, pois são de uma evidencia tão positiva, que offuscam o olhar, prostram o homem deante desta obra prima do poder divino, que é o Papa.

Ubi Petrus, ibi Ecclesia!

Todos querem conhecer a Egreja verdadeira. Ella é summamente conhecivel. Procurem Pedro. Pedro é a pedra fundamental da Egreja de Jesus Christo; e encontrando Pedro, estarão no centro do edificio construido pelo divino Mestre.

A Egreja e o Papa são uma cousa só!

A Egreja não repousa simplesmente sobre o Papa, como sobre um alicerce: neste caso seria um edificio morto; mas é o Papa que constitue a Egreja.

E' o Papa que faz a Egreja **una, santa, catholica, apostolica,** marcando-a com estas quatro grandes propriedades, reservadas e incommunicaveis.

O Papa é o principio da *unidade* da Egreja;
E' o motor da sua *catholicidade;*
E' a fonte da sua *santidade;*
E' o tronco da sua *apostolicidade.*
Tudo repousa sobre elle.
Oh, Pedro! Oh, Papa! em quem creriamos

nós, no meio das vacillações deste mundo sinão em vós? Vós tendes as palavras da vida eterna.

O Papa é *invencivel*, é *immutavel*.

Tudo neste mundo póde desfallecer, excepto a fé e a doutrina de Pedro.

Os homens erram... os genios mais profundos têm o seu lado fraco: só o Papa não erra, nem possue seu lado fraco. Elle é a luz do mundo, elle é o sal da terra, elle é o pharol divino, que illumina as trevas da terra!

Apoiemo-nos sobre Pedro.

Sigamos a palavra do Papa.

Elle é homem, mas representa a verdade divina... Elle é o representante do *Christo Filho de Deus*. (Joan. VI. 68)

EXEMPLOS — **1. O ancião de Roma**

Após estas considerações geraes, os protestantes podem e devem comprehender a razão porque o Papa mora num palacio e cerca-se de majestade, sem, com isso, afastar-se dos exemplos e da doutrina do divino Mestre que disse: *As raposas têm suas covas e as aves do céu os seus ninhos; porém o Filho do homen não tem onde reclinar a cabeça.* (Math. VIII. 20) Jesus Christo nada possuia para si proprio, mas sempre achava um agasalho onde passar a noite e ahi reunir os seus discipulos.

O Papa é tão pobre como o seu divino Mestre, e foi por ser elle pobre que a Egreja construiu-lhe um palacio, o Vaticano, que é o *patrimonio* da Egreja universal mas este patrimonio não pertence a nenhum Papa em particular.

O Papa é pobre, mora em um palacio que não é propriedade sua, mas pertence á Egreja Catholica; vive por assim dizer, da caridade de seus filhos que o sustentam.

O Papa apparece majestoso, mas com paramentos e adornos que são proprios á sua DIGNIDADE e não á sua pessôa CIVIL.

Elle vive no Vaticano, longe da familia, e dos amigos, unicamente cercado pelos seus auxiliares na administração, exercendo uma actividade que se póde chamar quasi milagrosa.

O Papa é um cidadão veneravel, pela idade, pelo saber, pela virtude, e, muitas vezes, pelo sangue. Um ancião, já exhausto pelos trabalhos do ministerio das almas, que não vive mais para si, mas unicamente para o immenso rebanho que lhe foi confiado.

E este ancião, vestido de branco, descendente de uma estirpe immortal, anel vivo de uma corrente inquebrantavel, columna indestructivel, contra a qual se quebram os dentes das féras humanas, como os golpes dos tyrannos; este homem está sempre sorridente, calmo, dominando os tempos, os seculos, e os imperios.

O mar das paixões, o oceano da corrupção, o vulcão do odio, como os exgottos dos vicios lançam-lhe a lama e as suas lavas ferventes, e este ancião, com a mesma mão que abençôa os seus filhos fieis, abençôa tambem os que o maldizem e blasphemam. (*O Chr., o P. e a Egreja*)

2. Replica a Napoleão

Durante o desaccordo do Papa Pio VII e Napoleão, este disse um dia a seu primo Dom Barral, Bispo de Tours:

— Não é, primo, a Egreja bem póde dispensar o Papa?

— Sim, Sire, respondeu o Prelado, como o exercito póde dispensar Napoleão.

O Imperador sorriu... estava ao mesmo tempo vencido e contente.

20º DOM. dep. de PENTECOSTES

EVANGELHO (Jo. IV. 46— 53)

46. Naquelle tempo, foi Jesus novamente a Caná da Galiléa, onde tinha convertido a agua em vinho. Havia ali um regulo, em Capharnaum, cujo filho estava doente.

47. Este, tendo ouvido dizer que Jesus vinha da Judéa para a Galiléa, foi ter com elle, e rogou-lhe que fosse a sua casa curar seu filho, que estava a morrer.

48. Disse-lhe pois Jesus: Vós, si não virdes milagres e prodigios, não credes.

49. Disse-lhe o regulo: Senhor, vem antes que meu filho morra.

50. Disse Jesus: Vae, o teu filho vive. Deu o homem credito ao que Jesus disse e partiu.

51. E quando elle já ia para casa, vieram os seus criados ao seu encontro, e deram lhe provas de que seu filho vivia.

52. E perguntou-lhes a hora em que o doente se achára melhor. E elles disseram-lhe: Hontem pelas sete horas o deixou a febre.

53. Reconheceu então o pae ser aquella mesma hora em que Jesus lhe dissera: Teu filho vive; e creu nelle, e toda sua casa.

COMMENTARIO APOLOGETICO

Objecções contra o Papa

Não é dado a todos fazer objecções sérias.

Mais um homem é ignorante, desprovido de intelligencia e de penetração de espirito, mais facilidade terá para fabricar objecções tolas; e todas as objecções são tolas, quando não são grosseiramente ignorantes.

O Evangelho de hoje exalta o espirito de fé... a fé do regulo que lhe mereceu a cura do filho.

Ora, a objecção é uma falta de fé... uma falta de confiança em Deus, e um excesso de fé em seu proprio espirito.

Taes objecções nada poupam, tudo passa pelo crivo da ignorancia e da má fé.

Eis porque o protestantismo tem accumulado contra o Papa mil objecções tolas, que provam apenas a sua má fé e a sua supina ignorancia no assumpto que quer combater.

Examinemos umas duas destas objecções que incluem centenas de outras.

1. A infallibilidade do Papa é uma **invenção** romana.

2. Houve **maus Papas,** logo, todos são ruins.

Um jacto de luz sobre estes dois pontos fará ruir pela base todas as demais objecções atiradas contra a Santa Sé de Roma.

I. E' uma invenção romana

Dizer que a infallibilidade do Papa é uma invenção romana, é asseverar que não figura na Biblia.

Ora, tal infallibilidade está implicita e explicitamente indicada, descripta e applicada mais de 15 vezes no Evangelho.

Basta saber ler. Não se encontra ali a palavra: *infallibilidade*, pela razão muito simples que o divino Mestre não falava portuguez, mas sim aramaico, hebraico e que nestas linguas a palavra «infallivel» tem necessariamente outro termo equivalente em significação, embora differente na expressão.

Que quer dizer: *Não poder faltar?* (Lucas, XXII. 32)

Não é ser infallivel?

Que significa: *Ser o fundamento da Egreja infallivel?* (Math. XVI. 18)

Não é ser infallivel?

Que exprime a palavra que *o erro nunca ha de prevalecer contra Pedro?* (Math. XVI, 18)

Não é ser infallivel?

Que é que se entende por: *Confirmar os outros na fé?* (Luc. XXII. 32)

Não é ser infallivel?

Que quer dizer Jesus falando a Pedro: *Apascenta os meus cordeiros e as minhas ovelhas?* (João, XXI. 16)

Não é ser infallivel?

E assim por deante.

Ha no Evangelho innumeros textos que exprimem textualmente e sob diversos aspectos a *infallibilidade* do Papa.

Basta querer ver... e poder comprehender!

Os pobres protestantes podem torcer, desviar e massacrar os textos do Evangelho, a verdade ficará sempre a mesma, e esta verdade, num breve e lucido syllogismo nos diz:

O Christo é infallivel... infallivel deve ser aquelle a quem elle transmittir este privilegio.

Ora, Jesus Christo transmittiu este privilegio a Pedro e a seus successores.

Logo: Pedro e os Papas são infalliveis.

Negar uma destas premissas seria rasgar o texto mais luminoso do Evangelho: *Assim como meu Pae me enviou, tambem eu vos envio a vós... Recebei o Espirito Santo* (Joan. XX. 21) —*Quem vos escuta a mim escuta.* (Luc. X. 16)

O Papa é infallivel porque é o successor de Pedro infallivel.

Esta verdade está em grandes lettras no Evangelho.

✠
* *

O Papa é homem, bradam os protestantes, como póde elle ser infallivel?

E' como si alguem dissesse: O Presidente do Brasil é homem, como póde elle ser Presidente?

E' presidente porque foi eleito pela nação, e como tal tem nas mãos as redeas do governo.

O Papa é homem!

Perfeitamente! Que queria que elle fosse?

Anjo, diabo, animal? São as especies fóra do homem.

Anjo?

Mas a terra não é para elles: a patria dos anjos é o céu.

Diabo?

Deus nos livre! A terra não é delles tão pouco, apesar dos muitos representantes e emissarios delle que correm neste mundo afóra. A patria delles é o inferno.

Animal?

Uma especie inferior é incapaz de governar uma especie superior, e penso que os proprios protestantes nem quereriam um cão ou um gato como pastor.

Homem?

Sim, deve ser *homem*, porque deve instruir e guiar homens... deve viver no meio dos homens... deve conhecer os homens a fundo, as suas fraquezas e as suas aspirações intimas.

O Papa deve ser homem... e homem como os demais homens, pois só ha uma especie de homem.

E este homem é infallivel.

Sim: como o homem eleito para o cargo presidencial, é Presidente sem deixar de ser homem. Elle governa, não como homem, mas como Presidente.

Não é o homem que é Presidente da Republica: é o homem eleito para este cargo.

Não é o homem que é infallivel: mas sim o *officio proprio* de um homem escolhido por Deus para governar a sua Egreja infallivel.

O Presidente da Republica não é infallivel, porque a nação que elle governa não é infallivel.
O Papa é infallivel, porque a Egreja que elle governa é infallivel.

E porque Deus não o faria infallivel?
Aquelle que dá uma quasi infallibilidade ao genio, ao artista, para as cousas da terra, porque não daria uma completa infallibilidade ao seu representante, para as cousas do céu?
Devia fazel-o... Elle o fez.

A sua autoridade soberana assim o quiz e o fez, como o nosso bom senso nos diz que assim deve ser.

II. Houve maus Papas

Eu quereria que provassem que os houve.
Não basta repetir as calumnias inventadas

pelos inimigos da religião; temos direito de exigir provas. E estas provas não existem. (1)

Mas supponhamos um instante, por conveniencia, que tenha havido maus Papas, que provaria isso?

Seria um argumento contra o Papado ou contra a Egreja?

Absolutamente não! Seria um argumento em favor, e um argumento de primeiro valor.

Examinando a historia da Egreja, notamos que ella vae sempre de progresso em progresso. Sempre ella é combatida, calumniada, perseguida, ás vezes banhada no sangue de seus filhos, porém nunca foi e nunca será vencida, nunca abalada, sempre triumphante, quer nos palacios dos Imperadores, quer no sangue de seus martyres.

Donde vem este eterno triumpho?

Será destes maus Papas, Bispos e Padres?

Mas então o milagre seria duplo. Taes elementos deviam dar-lhe a morte, em vez de dar-lhe a vida! Sendo a Egreja combatida por fóra, pelos seus inimigos, e dilacerada por dentro pelos seus proprios chefes, como póde ella firmarse e progredir?

Todo reino divido contra si, será destruido, diz o Mestre divino. (Math. XII. 25)

Como é que a Egreja não perece?

E' o argumento de um velho professor de Historia Ecclesiastica, que dizia:

A Egreja é divina; si não o fosse, ha muito tempo que os Bispos e os padres a teriam sepultado.

Ella resistiu e resiste sempre. Logo, ella é divina.

---

1) Ver o nosso livro: «O Christo, o Papa e a Egreja», capitulo V.

Admittindo, pois, que haja devéras maus Papas, maus Bispos e maus Padres, deve-se concluir que a Egreja combatida deste modo não poderia resistir á investida de tantos inimigos, e deveria humanamente succumbir sob o peso da divisão de dentro e dos ataques de fóra.

A sua victoria constante, sem o apoio de seus filhos e de seus chefes, e contra as forças colligadas da maçonaria, do protestantismo, do espiritismo, do materialismo e do epicurismo, é a prova mais cabal e mais authentica de sua divindade.

A Egreja é uma sociedade divina, composta de homens e governada por homens, elevados a uma dignidade divina, como o são o Sacerdocio, o Episcopado, o Papado. Estes homens são todos chamados á santidade... e deviam ser santos; Deus porém, não póde tirar-lhes o livre arbitrio, de modo que apesar dos cargos divinos que occupam, os proprios Papas podem faltar aos divinos preceitos, em outros termos: — não são *impeccaveis*.

A Egreja deixará de ser divina por isso?

Absolutamente não!

São Pedro cahiu, negando três vezes o seu divino Mestre, sem deixar por isso de ser o chefe dos Apostolos, o primeiro Papa.

Si um magistrado deixa de cumprir o seu dever, tornando-se injusto, deixará elle por isso de ser Magistrado? ou deixará a justiça de existir?

Si um Medico abusa da medicina, significa isto que a medicina não existe mais?

Deus quiz que os seus representantes fossem simples homens e não anjos do céu, para mostrar mais claramente que a Egreja é obra d'Elle e não dos homens.

As obras divinas dependem de Deus; as obras humanas dependem dos homens.

A Egreja é uma obra divino-humana: divina, pela sua fundação e finalidade; humana, pelos seus componentes.

III. Conclusão

Assim cahem todas as objecções inventadas contra a Egreja e contra o Papado.

A verdade, entretanto, fica sempre firme e esta verdade é, que o Papa, como successor legitimo de Pedro é o Doutor Supremo da Egreja.

Como tal elle é infallivel, como o era o proprio Pedro, como o é o Christo.

A Egreja é infallivel na pessôa de seu chefe.

Sim, dirá talvez alguem, mas si o Papa estivesse de um lado e a Egreja do outro, que aconteceria?

Supposição absurda!

Si numa carroça uma roda fosse para um lado e a outra para outro lado, que aconteceria?

Impossivel: *as duas rodas têm o mesmo eixo.*

E si no homem a cabeça quizesse ir para um lado e os pés para outro, que aconteceria?

E' impossivel; cabeça e pés pertencem ao mesmo corpo, e são animados pela mesma alma.

Digamos a mesma cousa do Papa e da Egreja. Elles têm a mesma alma que os anima; são dirigidos pelo mesmo Espirito Santo.

E' de fé que a cabeça da Egreja, como tal, nunca póde ser separada, nem da Egreja docente, nem da Egreja discente, isto é, nem do Episcopado, nem dos fieis.

A Egreja e o Papa formam uma unica e mesma cousa. *Ubi Petrus, ibi Ecclesia,* dizia Santo Ambrosio.

Vós sois o corpo de Christo e membro de seus membros, disse São Paulo. (1. Cor. XII. 27)

O proprio Christo é a cabeça do corpo da Egreja. (Col. I. 18)

Quem ama a Egreja, deve pois amar o Papa... Quem escuta a Egreja, deve escutar o Papa!

EXEMPLOS

1. Todos de joelhos

Em Abril de 1934 deu o Santo Padre audiencia a 70 jornalistas, representantes de quatro mil jornaes.

Nunca o Representante de Christo se mostrára a uma reunião tão variada, pois quanto á raça tanto havia europeus e americanos, como africanos e asiaticos; quanto á religião, ao lado dos catholicos havia protestantes, judeus, mahometanos e pagãos.

Reunidos na sala de audiencia, ficaram esperando mais de uma hora e discutiram em voz baixa si deviam acompanhar a *moda catholica* de se ajoelhar.

Um protestante, natural de Berlim, não gosta de dobrar os joelhos deante do Pontifice Romano; e então o arabe, inimigo do Christianismo? e o judeu? e o japonez adorador de Buddha?

Ainda não tinham chegado a um accordo, quando entrou um diplomata da côrte pontificia, que os cumprimentou sorrindo, e disse: *Então, meus senhores, cada um conforme o seu gosto.* Era o gesto mais liberal e cavalheiresco possivel: que cada um fizesse conforme lhe dictava a sua consciencia, sua educação, seu modo de ver.

O Santo Padre entrou e... todos se puzeram de joelhos, nem um ficou de pé.

«E nenhum perdeu com isso uma perola de seu diadema», escreveu depois um jornalista protestante que esteve presente.

Admiravel grandeza da dignidade papal, que mesmo a esses homens dominou e impoz tão profundo respeito!

2. Uma palavra de Brucker

Brucker é conhecido pelo repentino e o natural com que sabia responder a todas as objecções. Recolhamos mais o facto seguinte a respeito dos Bispos.

A autoridade dos Bispos é grande, mas sempre fica subordinada á do Papa.

Brucker encontrando-se um dia num salão do arrabalde S. Germano, em Paris, houve discussão entre varios presentes sobre a autoridade respectiva do Papa e dos Bispos.

Terminaram concordando que as decisões do Papa, para serem soberanas e irreformaveis, precisavam da adhesão, pelo menos tacita, do Episcopado

Brucker não havia participado da discussão; mas ouvindo a conclusão formulada, tomou a palavra.

— Senhores, disse, estou disposto a admittir a vossa conclusão, porém com a condição de fazerdes uma pequena modificação no Evangelho. Em vez de dizer: Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha Egreja, deveis dizer: — Vós sois um montão de pedras, e sobre este montão edificarei a minha Egreja!

Todos comprehenderam e tiraram a conclusão apropriada.

21º DOM. dep. de PENTECOSTES

EVANGELHO (Math. XVIII. 23—32)

23. Naquelle tempo, disse Jesus a seus discipulos esta parabola: O reino dos céus é comparado a um rei, que quiz fazer as contas com os seus servos.

24. E tendo começado a fazer as contas, foi-lhe apresentado um que lhe devia dez mil talentos.

25. E como não tivesse com que pagar, mandou o seu senhor que fosse vendido elle, e sua mulher, e seus filhos, e tudo o que tinha, e se saldasse a divida.

26. Porém o servo, lançando se-lhe aos pés lhe supplicava, dizendo: Tem paciencia commigo, e eu te pagarei tudo.

27. E o senhor compadecido, daquelle servo, deixou-o ir livre e perdoou-lhe a divida.

28. Mas este servo tendo sahido, encontrou um dos seus companheiros que lhe devia cem dinheiros: e lançando-lhe a mão, o suffocava dizendo: Paga o que me deves.

29. E o companheiro lançando se-lhe aos pés, lhe supplicava, dizendo: Tem paciencia commigo e eu te pagarei tudo.

30. Porém elle não quiz: mas retirou-se, e fez que o mettessem na prisão, até pagar a divida.

31. Ora, os outros servos, seus companheiros, vendo isto ficaram muito contristados: e foram, e referiram ao seu senhor tudo o que tinha acontecido.

32. Então o senhor chamou-o e disse-lhe: Servo mau, eu perdoei-te a divida toda, porque me supplicaste:

33. Não devias tu logo compadecer-te tambem do teu companheiro, como eu me compadeci de ti?

34. E o seu senhor irado entregou-o aos algozes até que pagasse toda a divida.

35. Assim tambem vos fará meu Pae celestial, si não perdoardes do intimo dos vossos corações cada um a seu irmão.

COMMENTARIO APOLOGETICO

Os Bispos na Egreja

A licção moral do Evangelho de hoje, é o perdão das offensas; a licção apologetica é a organização que existe na execução das ordens do rei.

Vemos na narração a perfeita organização da hierarchia deste rei: elle tem os seus auxiliares, os administradores de seus bens, a sua justiça, os executores desta justiça.

Na Egreja encontramos a hierarchia mais bem organizada, mais completa e mais efficiene que se possa imaginar.

O Papa é o Chefe Supremo; porém elle não fica só, nem isolado. Como poderia elle alcançar todas as almas e todas as extremidades do espaço?

Ao lado do Papado, Jesus Christo collocou o Episcopado; como a seu lado havia collocado Pedro como Chefe e os outros Apostolos, como auxiliares deste Chefe.

O Episcopado é, pois, uma instituição divina, instituição necessaria para o completo funccionamento da hierarchia: O Papa, os Bispos, os Sacerdotes, e os fieis.

Vamos estudar hoje esta questão interessante, vendo o que são:

1°. Os Bispos na **Egreja;**

2°. Os Bispos em sua **Diocese.**

Veremos deste modo a dupla ligação do Episcopado: em cima com o Papa; em baixo com os Sacerdotes e os fieis.

I. Os Bispos na Egreja

Ha dois modos de contemplar a acção dos Bispos: de um lado, emquanto são inseparaveis do Papa; de outro lado emquanto são indispenveis ao povo christão.

Jesus Christo os instituiu ao mesmo tempo que o Papa, ficando subordinados á autoridade deste ultimo.

Depois de ter dito a Pedro: *Sobre ti edificarei a minha Egreja,* disse aos Apostolos: *Ide, ensinae todas as nações.*

E' pelo Papa que Jesus Christo começa a sua Egreja e é pelos Bispos que Elle a faz irradiar através do mundo.

Havia Elle dito a Pedro: *Tudo o que ligardes na terra, será ligado no céu;* e aos Apostolos Elle diz tambem: *Tudo o que ligardes será ligado.*

São as mesmas palavras, porém ditas primeiramente a Pedro só, separado dos Apostolos; depois aos Apostolos unidos a Pedro.

Entre o Papa e os Apostolos, a união é indissoluvel, assim o quiz o divino Mestre.

De facto, ha 19 seculos que vemos os Bispos associados ao Chefe Supremo da Egreja, como collaboradores obrigados, divinamente instituidos e sempre respeitados.

O Papado, longe de eliminar o Episcopado affirma-lhe solemnemente a sua autoridade e os seus direitos, chamando-o em seu auxilio no governo das almas, especialmente pelos Concilios.

Os Bispos são inseparaveis do Papa.

Pouco importa a distancia. Perdido numa choupana dos Montes Rochosos, ou nas sombrias florestas da Nigeria... gelado sob a camada de uma neve perpetua, ou queimado pelos ardores do sol, nos desertos Africanos, o Bispo-Missionario, o Vigario Apostolico, vira o seu olhar moribundo para Roma, e separado do resto do mundo, elle permanece em communhão de fé, de caridade e de vida com o Pontifice Romano.

E' desta união com Roma que lhes vem a força, a abnegação, o zelo incansavel, unidos ao Papa os Bispos são invenciveis !

* * *

Os Bispos são tambem indispensaveis ao povo christão.

São elles que, ligando á sua séde a mais humilde parochia, a fazem entrar na orbita maravilhosa da Egreja Catholica.

Povos sem sacerdotes são povos sem religião, porém, fóra dos Bispos, que são os sacerdotes sinão estrellas errantes?

Si se supprimisse o Episcopado, o povo christão não passaria mais de um rebanho sem pastor. Temos uma prova sensivel disso na Egreja do Oriente.

Os Bispos orientaes, em seculos passados, separaram-se do Pontifice Romano, e nesta separação perderam a luz e o calor do Evangelho e não possuindo mais a vida tornaram-se incapazes de communical-a a seus povos.

A's pulsações poderosas da vida Christã succedeu a atonia da morte... Eis porque o Oriente, hoje em dias não é mais sinão um simulacro de povo, uma especie de mumia vacillante que a diplomacia enrola com tiras até que uma nação civilizada se apodere della.

São os Bispos que salvam a fé dos povos. Elles occupam na Egreja um logar essencial: são inseparaveis do Papa e indispensaveis ao povo christão.

II. Os Bispos em sua Diocese

O Bispo é *Pontifice*, e como tal entretém e dirige o culto publico, dando a Deus, sacerdotes pelo Sacramento da Ordem, a Jesus Christo, soldados, pela Confirmação, á religião, a dignidade e o esplendor das grandes cerimonias liturgicas.

O Bispo é *Doutor*, e como tal propõe a seu povo as verdades evangelicas, condemna as opiniões contrarias á fé, que surgem em sua Diocese.

Não podendo satisfazer por si mesmo, as extensas obrigações de seu cargo, é o Bispo que envia os Sacerdotes para dirigirem as parochias e semeiarem a verdade pela prégação do Evangelho.

O Bispo é *Legislador*, e como tal applica as leis da Egreja ás vicissitudes dos tempos e ás necessidades dos logares.

Cabe a elle conformar a sua legislação com

a do Soberano Pontifice, e publicar editos e regulamentos particulares que dirijam os Sacerdotes e os fieis.

O Bispo é *Principe*. Nenhuma parochia póde ser erigida sem o seu consentimento. E' elle que designa os sacerdotes para cada parochia dando-lhes a jurisdicção para o exercicio do ministerio sagrado.

O Bispo é a *Atalaia* vigilante, que perscruta o horizonte da sua Diocese, descobre o inimigo, e lança o primeiro brado de alarme ante a invasão dos lobos devoradores.

A sua fronte é cingida com a mitra de honra, como de um capacete e um estandarte de triumpho nas lutas da fé e da moral, emquanto o seu baculo, como o do pastor, congrega em redor delle as ovelhas fieis, para conduzil-as ao unico aprisco divino.

*
* *

O Bispo dá a grande prova de sua autoridade, da sua solicitude paternal, na occasião da *visita Pastoral.*

Nesta occasião elle entra em contacto directo com seu povo, visita a aldeia mais pobre e mais afastada, como visita as cidades opulentas. Entra no templo rustico das aldeias cujo mais bello adorno são as virtudes do sacerdote ou vigario e a innocencia do rebanho que cerca o altar.

Ora nos degraus do altar, e levanta-se, fala ahi ao povo reunido redizendo-lhe, o que o velho Vigario vem dizendo e repetindo, ha 10 20 e mais annos ás vezes.

O Bispo visita o seu povo, consola este povo, mostra-lhe o céu, e depois retira-se emquanto a multidão inclina a cabeça para receber a ben-

çam de seu Pae e de seu Chefe, que vem visital-o em nome do Senhor.

O Bispo faz isso hoje, elle o fará amanhã e o fará até ao ultimo suspiro.

Cabe-lhe a nobilitante tarefa, de confirmar a fé, de estreitar a união dos povos, de conserval-os no caminho da verdade e da virtude, são elles que fazem os povos: são os Bispos, exclamou um dia Guizot, que fizeram a França, como as abelhas fazem a sua colmeia.

São os Bispos que fazem o nosso Brasil forte, unido, brioso, mostrando-lhe o seu futuro e a sua gloria.

III. Conclusão

Tal é a bella e harmoniosa hierarchia da Egreja.

Pedro é o chefe supremo dos Apostolos.

Os Apostolos unidos a Pedro constituem a parte *docente* da Egreja divinamente instituida e organizada.

E através dos seculos, esta mesma hierarchia succede-se sem interrupção e sem sombra.

Pedro é o Papa.

Os Apostolos são os Bispos.

O Papa é o Bispo de Roma: é Apostolo como os outros Apostolos; é Bispo como os outros Bispos, mas é mais do que isso.

Como Pedro foi o chefe dos Apostolos, o Papa é o chefe dos Bispos, é nelle que reside a *infallibilidade*, nelle só, e na corporação dos Bispos unidos a elle.

E' no Papa e nos Bispos reunidos ao Papa que reside a *infallibilidade* da Egreja divina de Christo.

Sempre haverá o Papa: sempre haverá Bispos na Egreja de Christo, pois ambos são de instituição divina.

EXEMPLO

Fidelidade ao Papa

Em 1572 a Polonia foi dominada pelos partidos politicos que iam se succedendo, devorando-se uns aos outros.

Protegido pelo landgrave de Hesse, um adepto de Luthero, Wolodoroski chegou a dominar o paiz.

Apenas havia conquistado o paiz, mandou chamar o velho Bispo de Posen, Dom Zamoviski, e lhe disse:

— Excia., sou senhor de Posen, e daqui a pouco a Polonia inteira obedecerá a minha vontade. Ora, entendo ser o senhor de tudo e de todos, por isso, não posso tolerar um clero que obedeça a um Chefe que reside em Roma. Rompei os laços que vos prendem ao Papa, e sereis o Papa da Polonia, a primeira e suprema autoridade religiosa do paiz.

— Como? exclamou o Prelado... Queres que eu rompa os laços que me prendem ao Papa? Isto nunca! A minha razão de existir, é ser filho obediente do Papa, sem elle nada sou; sou o seu delegado para administrar uma parcella da Egreja. Jurei administrar a minha Diocese sob a autoridade do Papa; não quero ser perjuro a meu juramento, ainda que me custe a vida.

Era a sua sentença de morte.

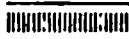
O fanatico Wolodoroski mandou chamar o chefe da policia, deu uma ordem secreta, e o

Prelado foi levado ao rio Warta, cujas aguas estavam geladas.

Os algozes levaram-no até ao meio do rio, e um delles, tomando o machado cortou uma abertura no meio do gelo. Abru-se um abysmo debaixo de seus pés, um redemoinho d'agua passava turbulento por debaixo da camada de gelo.

O Bispo comprehendeu... era o seu tumulo. Prostrou-se de joelhos, recommendou se a Deus e dando a sua pelissa forrada ao algoz lhe disse: Meu amigo, nada trouxe commigo, acceite esta pelissa, como gratificação de seus serviços, pois o senhor está me abrindo a porta do-céu. Para Deus e para o Papa dou a minha vida.

Dom Zamoviski ajoelhou-se á beira da abertura e exclamou: Senhor, em vossas mãos entrego a minha alma.

Um golpe de machado na cabeça fez cahir o Prelado na abertura do gelo, o seu corpo desappareceu no redemoinho das aguas... os blocos de gelo fecharam a abertura e sellaram o tumulo do martyr da fidelidade ao Papa.

22· DOM. dep. de PENTECOSTES

EVANGELHO (Math. XII. 15— 21)

15. Naquelle tempo, os phariseus consultaram entre si como haviam de surprehender Jesus em suas palavras.

16. E enviaram-lhe seus discipulos juntamente com os Herodianos, os quaes disseram: Mestre, nós sabemos que és verdadeiro, e que ensinas o caminho de Deus segundo a verdade, sem attender a ninguem, porque não fazes accepção de pessôas:

17. Dize-nos, pois, o teu parecer. E' licito dar o tributo a Cesar ou não?

18. Porém Jesus, conhecendo a sua malicia, disse: Porque me tentaes hypocritas?

19. Mostrae-me a moeda do tributo. E elles lhe apresentaram um dinheiro.

20. E Jesus disse-lhes: De quem é esta imagem e inscripção?

21. Elles responderam: De Cesar. Então disse-lhes: Dae, pois a Cesar o que é de Cesar: e a Deus o que é de Deus.

COMMENTARIO APOLOGETICO

A Egreja e o Estado

O Evangelho de hoje trata admiravelmente e resolve divinamente o grande problema que agita as nações através dos seculos.

Os Judeus querem saber a quem devem obedecer: si ao poder temporal dos Cesares ou ao poder espiritual dos Pontifices dos Judeus.

A resposta do divino Mestre é um raio fulminante que, de relance resolve a questão.

Mostrae-me a moeda, diz Jesus.

—De quem é esta imagem, pergunta Elle?

—De Cesar!

— Pois bem, dae a Cesar o que é de Cesar, e a Deus o que é de Deus.

Jesus reconhece os dois poderes: o poder do estado e o poder da Egreja, a autoridade do governo civil e a do governo espiritual.

Meditemos um instante este assumpto palpitante falando succintamente e mostrando que estes dois poderes ou soberanias:

1 São perfeitamente **distinctos,**

2. Mas que devem ser **unidas.**

As relações do governo e da Egreja constituem um assumpto delicado; procuremos elucidar e comprehender bem os principios que formam a base solida destas relações.

I. São soberanias distinctas

Cada uma tem, de facto, uma finalidade especial que attingir e um dominio, onde póde mover-se numa independencia mutua.

Qual é a finalidade da Egreja?

E' conduzir os individuos e os povos á felicidade eterna, e para alcançar esta finalidade ella administra o dominio da fé, da moral, ella faz penetrar em toda parte a palavra e a vida de Jesus Christo, seu Chefe.

E qual é a finalidade do estado?

E' obter a felicidade temporal dos individuos e dos povos.

Emquanto o estado se occupa dos interesses materiaes que lhe são confiados, sem intrometter-se no dominio da fé e da moral, a Egreja não intervem de modo nenhum no dominio das cousas puramente materiaes, pois o Estado é soberano nesta materia.

Esta distincção essencial entre os dois poderes tem sido selemnemente reconhecida e proclamada desde a origem pelas leis romanas, pelos Doutores da Egreja, pelos Papas e pelos concilios; e nunca o ensino Catholico variou, hesitou, ou vergou sobre a questão fundamental da independencia reciproca da Egreja e do Estado.

O Imperador Justiniano, em suas «Novellas» diz: «Deus confiou aos homens o Sacerdocio e o Imperio, o Sacerdocio para administrar as cousas divinas, e o Imperio para presidir ás cousas humanas, uma e outra procedem do mesmo principio».

O Papa Gelasio, dirigindo se ao Imperador Anastacio protector da heresia de Eutyches, exprime-se nestes termos:

«O mundo é governado por dois poderes, o dos Pontifices e o dos Reis... si em tudo o que é da ordem publica, os Bispos, reconhecendo a autoridade que recebestes de Deus, obedecem a vossas leis; com quanto amor, augusto Imperador, vós deveis obedecer-lhes em tudo que diz respeito aos veneraveis mysterios, dos quaes elles são os dispensadores».

Cada vez que os Imperadores de Constantinopla pretendem usurpar o poder espiritual, encontram um braço que os contém e uma voz que os reprehende.

Osio de Cordova escreve ao Imperador Constancio:

«Não nos é permittido, a nós Bispos, de pretender ao Imperio nas cousas da terra, e não vos é tão pouco permittido, a vós Imperador, de usurpar o thuribulo ou o poder das cousas sagradas».

O Papa Innocencio III, affirma a distincção entre os dois poderes, e além disso, exalta a superioridade do poder espiritual sobre o poder temporal.

Esta superioridade é manifesta, diz elle, pois que com toda evidencia a alma sobrepuja o corpo, o Céu á terra, a Justiça divina a justiça humana, as cousas da eternidade sobrepujam as cousas do tempo.

Dos dois poderes, o mais elevado é sem contestação o poder espiritual, que se dirige á parte mais nobre do homem, que se refere a seus mais graves interesses e lhe abre a porta do Céu.

Comprehendamol-o bem, a superioridade da Egreja não supprime a autonomia do estado. A Egreja e o Estado ficam duas soberanias perfeitamente distinctas.

No mundo pagão havia só um poder: Cesar, que tudo tinha em sua mão: os corpos e as almas, a politica e a religião.

No mundo christão ha duas potencias: a Egreja e o estado, absolutamente distinctas. Quer dizer isso, que estas duas potencias devem permanecer extranhas uma para com a outra? Não! absolutamente não!

II. Devem ser unidas

A Egreja e o estado devem ser unidos e andar de mãos dadas.

Examinando, de facto, a natureza da consti-

tuição da humanidade, concluimos que a Egreja e o estado são como a alma e o corpo.

A alma dá ao corpo a vida, a belleza, a perfeição, emquanto o corpo empresta á alma os orgãos sensiveis, de que necessita para agir, exprimir-se e manifestar-se.

A alma e o corpo não são simplesmente juxtapostos, mas unidos e fundidos, embora distinctos, para constituir um ser unico, uma pessôa inteira e completa.

A separação produz a morte.

Assim a Egreja e o Estado. Devem ajudar-se mutuamente e completar-se um pelo outro. Muitas vezes estes dois poderes têm que se encontrar para combinar certos assumptos que dizem respeito a ambos.

O interesse commum reclama a união da Egreja e do Estado. Si forem desunidos enfraquecem-se em lutas inevitaveis e estereis.

O proprio homem sendo ao mesmo tempo, christão e cidadão, não póde obedecer a duas direcções contrarias, eil-o pois, entregue á mais cruel alternativa. Submettendo-se á Egreja desobedece ao Estado ou submettendo-se ao Estado, desobedece á Egreja.

E até onde deve ir esta união?

Em principio, mais intima é esta união mais efficaz será a acção de ambos. A união faz a força.

E' certo, tal união depende dos tempos, dos logares e das circumstancias. Podem imaginar-se três regimens differentes nas relações entre a Egreja e o Estado: o regimen do direito commum, o das concordatas, e o da protecção.

*
* *

No regimem do direito commum, a Egreja e

o Estado ficam unidos pelo respeito mutuo. E' o minimo que se póde pedir, é o minimo de alliança. Vejamos o que se passa nos Estados Unidos, aqui no Brasil, na maior parte dos Estados Americanos, excluindo o triste Mexico escravizado.

O poder temporal admitte a Egreja em beneficio da liberdade commum, e a deixa cumprir em paz a sua missão divina, sob a garantia das instituições civis.

Estes Estados não protegem nenhuma confissão de fé, mas as respeitam todas. Não é atheu, é christão.

Mais de um orador fez na tribuna ou no jornal o elogio da separação em principio, da Egreja do Estado, sem comprehender bem o que exprime tal palavra.

Nos Estados Unidos, que se cita muitas vezes, a Egreja é muito menos separada do Estado que em muitos outros paizes. Vêem se desabrochar livremente as grandes virtudes e a dedicação heroica que são a força e a honra da religião, cuidando da educação da mocidade e da assistencia aos pobres e desvalidos.

As fundações pias são isentas de impostos— o repouso do Domingo é assegurado ao operario —o ensino do Estado é christão — os sacerdotes e as Egrejas são cercados do respeito universal —o clero é isento do serviço militar etc E' muito... e entretanto este regimen de direito commum e de respeito mutuo, não é o ideal. Ha coisa melhor.

*
* *

O regimen de concordata vae mais além: a Egreja e o Estado são unidos numa combinação cordeal, por convenções reciprocas. Não se con-

tentam em saudar-se mutuamente ao se encontrarem, approximam-se e tratam amigavelmente de certos pontos que interessam ao mesmo tempo o christão e o cidadão.

E' o segundo grau de alliança.

A Egreja e o Estado fazem concessões reciprocas. A Egreja não sacrifica nenhum de seus principios, mas se mostra moderada no exercicio de seus direitos. O Estado não concede á Egreja uma situação privilegiada, mas lhe concede certos favores conciliaveis com a paz e a ordem publicas.

Este regimen póde produzir bons fructos porém, não é ainda a união perfeita e completa.

III. Conclusão

Terminemos indicando esta união perfeita entre a Egreja e o Estado: E' o regimen da **protecção**; ambos ficam unidos por uma assistencia reciproca.

A Egreja apresenta-se como mãe da civilização, instrumento do bem, orgão da verdade, interprete da moral, guarda da ordem social; e de seu lado o Estado acceita as leis da Egreja, fal-as cumprir e pune os violadores.

Os dois poderes constituem um poder unico, como o corpo e a alma constituem uma unica pessôa.

E' o maximum da alliança: a que devia existir em todas as nações.

Tem se visto outróra, e, sob o regimen da união intima entre os dois poderes, a verdade penetrar nas constituições... o Evangelho presidir á educação dos povos, e ao aperfeiçoamento da moral publica... Têm-se visto, nas épocas de fé integral, as forças espirituaes e civis trabalhar de

mãos dadas para a integridade da fé e a felicidade da humanidade... Tem-se visto a Egreja protegendo o Estado, e o Estado como divinisado pela autoridade da Egreja.

Este regimen tem tido as suas inconveniencias, e muitas vezes a inveja, a cobardia e a corrupção têm feito pagar caro á Egreja a protecção de que gozava... porém a Egreja tem sabido conservar sempre a sua calma, a justiça de seu proceder, pagando com o bem o mal que procuravam fazer-lhe... e hoje ainda, como outróra, ella está de pé, bella, radiante, de mãos extendidas para acolher os naufragos da vida e abençoar aquelles que tombam na grande refrega da vida.

EXEMPLOS — 1. **São Basilio e o Prefeito**

No quarto seculo Basilio occupava a séde episcopal de Cesaréa.

O Prefeito da Capadocia quiz convencel-o de sujeitar-se aos caprichos do Imperador Valente.

— Que razão tens tu, disse ao Bispo, de resistir, tu sósinho, a um tão grande Imperador?

— O Imperador é grande, respondeu Basilio, porém não é superior a Deus.

— Mas então, ignoras, retornou o Prefeito, quantos supplicios eu posso infligir-te?

— Quaes são elles? respondeu o Prelado, impavido.

— Posso confiscar os teus bens, exilar te, torturar-te, mandar te matar.

— A confiscação? Pódes fazel-a, pois como toda riqueza tenho apenas uns livros.

— O exilio? O christão considera-se neste mundo como um exilado, e sabe que toda a terra pertence a Deus!

— Os supplicios? Podem abater logo o meu corpo já enfraquecido.

— A morte? Aspiro por ella, pois ella me unirá a Deus, a quem procuro.

— Ninguem até hoje, disse o Prefeito admirado, me falou com tanta liberdade.

— E' que talvez, respondeu Basilio, o senhor não encontrou ainda um Bispo em seu interrogatorio.

2. Pedro e o Rei

Nos primeiros seculos surgiu uma discussão sobre a data da Paschoa.

Em Northumberlaud (Inglaterra) foi estabelecida uma discussão publica em presença do Rei Oswin.

Um dos theologos invocou a autoridade de São João e o outro a de São Pedro: — *Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Egreja.*

O Rei mandou parar a discussão, perguntando ao primeiro si taes eram bem as palavras de Christo a Pedro.

A resposta foi affirmativa.

O Rei continuou: Poderá o senhor citar-me uma palavra equivalente, dirigida a São João?

- Não!

—Então ambos estão de accordo em reconhecer que as chaves do reino do céu foram dadas a São Pedro?

— Sim, estamos de accordo.

— Então, concluiu o Rei, eu não quero metter-me em opposição com o porteiro do céu... ao contrario, quero obedecer-lhe em tudo. A Paschoa deve ser no dia que o Papa marcou.

E deu por finda a discussão.

23· DOM. dep. de PENTECOSTES

EVANGELHO (Math. IX. 18— 26)

18. Naquelle tempo estando Jesus falando ao povo, eis que veiu um principe, (da synagoga); *approximou-se delle e o adorava, dizendo: Senhor, morreu minha filha: mas vem, põe a tua mão sobre ella, e viverá.*

19. E Jesus, levantando-se o seguiu com os seus discipulos.

20. E eis que uma mulher, que havia doze annos padecia um fluxo de sangue, se chegou por detrás delle e tocou a fimbria de seu vestido.

21. Porque dizia dentro de si: Ainda que eu toque sómente o seu vestido, serei curada.

22. E voltando-se Jesus, e vendo-a, disse: Tem confiança, filha, a tua fé te sarou. E ficou sã a mulher, desde aquella hora.

23. E tendo Jesus chegado á casa daquelle principe (da synagoga) *e tendo visto os tocadores de flauta e uma multidão de gente que fazia muito barulho, disse:*

24. Retirae-vos, porque a menina não está morta, mas dorme. E elles o escarneciam.

25. E tendo-se feito sahir a gente, elle entrou e tomou-a pela mão. E a menina levantou-se.

26. E divulgou-se a fama (deste milagre) *por toda aquella terra.*

COMMENTARIO APOLOGETICO

O Clero na Egreja

A nossa exposição apologetica seria incompleta, si depois de termos estudado o Papado e o Episcopado na Egreja, nada dissessemos do *Sacerdocio*, que é o vinculo vivo a unir a autoridade docente da Egreja á docilidade discente dos fieis.

Entre os dois está o Sacerdocio.

O Evangelho de hoje nos mostra o Filho do homem resuscitando a filha de Jairo, chefe da Synagoga de Capharnaum.

Este mesmo Jesus continúa a resuscitar mortos espirituaes através dos seculos, por meio do Sacramento da Confissão. E o ministro principal, o dispensador da misericordia divina é o *Sacerdote.*

O seu papel é, pois, importantissimo na Egreja; é essencial, embora em grau inferior ao do Bispo, que faz parte da Egreja *docente*, emquanto o simples Sacerdote, é o canal transmissor da Egreja docente para a Egreja discente, ou fieis.

Vamos estudar hoje brevemente estes dois pontos importantes:

1. O que é o **Sacerdocio**
2. Como se compõe o **Sacerdocio**

Estes dois pontos vão revelar umas verdades novas na hierarchia da Egreja, geralmente mal conhecidas.

I. O que é o Sacerdocio

Como já vimos, o Papa e os Bispos formam essencialmente a Egreja *docente*, mas ahi não se limita a sua extensão.

Entre a parte *docente* e a parte *discente*, que é formada pelos fieis, ha o Sacerdocio, ou Padres propriamente ditos.

Por numerosos que sejam os Bispos, pois o Papa é livre de multiplical os conforme as necessidades, —faltaria qualquer coisa á hierarchia da Egreja, á sua adaptação ás necessidades, si entre os Bispos e o povo, não houvesse *intermediarios.*

Eis porque um dia, escapou do peito do divino Mestre este brado angustioso: *Oh! como é grande a messe, mas os operarios são poucos.* (Luc. X. 2)

Que fará Jesus para remediar este mal?

Além do Papa e dos Bispos, elle cria os Sacerdotes.

Não basta, de facto, ter um governo organizado; é preciso ter officiaes e ministros que, penetrando no meio do povo, transmittam e façam executar as ordens dos chefes, sigam de perto a observancia destas ordens, e assignalem os abusos que podem introduzir-se no meio do rebanho.

E' o papel do simples Sacerdote, do Padre encarregado do ministerio das almas, dos missionarios semeadores da palavra divina.

Os Sacerdotes são os successores dos setenta e dois discipulos, escolhidos e ordenados pelo Salvador, como os Bispos são os successores dos doze Apostolos, como o Papa é o successor de S. Pedro, chefe dos Apostolos.

Os Padres não possuem os poderes dos Bispos, mas são seus subditos, seus auxiliares no ministerio, devendo-lhes submissão, respeito e obediencia.

Ha uma gradação visivel e clara entre o Papa, os Bispos e os Padres.

O Papa deve confirmar os seus irmãos.

O Bispo deve prégar o Evangelho a todas as creaturas.

O Sacerdote deve ir á procura das ovelhas desgarradas.

Ao Papa Jesus entrega as chaves do reino do Céu.

Aos Bispos elle impõe as mãos.

Aos Sacerdotes elle manda, irem dois a dois, por todas as cidades.

Não impõe as mãos aos ultimos... Não sopra sobre a fronte delles... Elle deixa a seus Apostolos o encargo de fazel-o, para bem marcar a dependencia em que devem ficar: *cordeiros* com respeito ao povo; *ovelhas* com respeito aos Bispos.

Os poderes dos Padres como os dos Bispos, como os do Papa, vêm directamente de Jesus Christo, mas são exercidos sob a dependencia hierarchica estabelecida pelo proprio Jesus Christo.

Os Bispos exercem os seus poderes sob a direcção do Papa, os Padres exercem os seus poderes sob a direcção dos Bispos.

Do mesmo modo que os poderes dos Bispos não dependem do Papa, assim os poderes dos Padres não dependem dos Bispos; é o exercicio destes poderes que está sujeito ao beneplacito do superior.

O Sacerdocio, como o Episcopado e como o Papado, é de instituição divina, e como tal é eterno, indestructivel como elles, ou melhor: ha apenas *um unico Sacerdocio* cuja plenitude está no Episcopado, e cuja fonte e coração está no Papado.

Ha, deste modo, três graus na hierarchia: o Papado, o Episcopado, o Sacerdocio.

E' uma imagem da Santissima Trindade neste mundo.

O Papa é o **principio** da autoridade.

O Bispo é como o **velho** do Papa em sua Diocese.

O Padre, unido ao Papa e ao Bispo, é como o **Santificador** das almas, em sua parochia.

E' pelo Padre que o povo se une ao Bispo e ao Papa.

Todos os fieis estão representados no **Padre**.

Todos os Padres estão representados **no Bispo**.

Todos os Bispos estão representados **no Papa**.

Augusta e sublime missão a do Padre!

II. Como se compõe o Sacerdocio

O Sacerdocio é um só: — é a participação ao Sacerdocio de Jesus Christo. Como já disse, os Sacerdotes são os auxiliares dos Bispos na administração dos Sacramentos, e na prégação da palavra divina: *Sacerdotem oportet prædicare*.

O Sacerdocio, embora unico quanto ao Sacramento e a seus effeitos, é duplo quanto ao modo de viver: ha o Sacerdote *regular* e o Sacerdote *secular*.

O primeiro, além de ter as obrigações do Sacerdocio, é ligado a Deus pela pratica dos conselhos evangelicos de obediencia, castidade e pobreza.

O segundo é ligado por um destes conselhos, pela castidade, mas deve tambem ao Bispo, em virtude das ordens recebidas, inteira obediencia.

Pertencendo ao mesmo Sacerdocio, tanto Padres regulares como seculares, em virtude, do Sacramento da Ordem, que receberam; estão na mesma linha: são ministros de Deus, na dispensação das cousas sagradas, como o seu nome indica: *Sacra dans*: dando cousas sagradas.

O estado de vida destas duas categorias é differente. O Padre regular além das obrigações dos votos que faz, sugeita-se a uma regra, que indica o seu modo de viver e de agir. Dahi o seu nome *regular*.

O Padre secular, porém, tem apenas, de cumprir os seus deveres de Sacerdote, e com as obrigações de seu ministerio, podendo ordenar a sua vida como entende.

E, como o seu nome indica, vive no meio do seculo: *é secular*.

O que, pois, differe é o modo de viver delles. Este modo constitue um *estado*: estado de perfeição para o Padre regular, ou religioso; e estado secular para o Padre secular.

Comparando, portanto, o Sacerdote regular e o secular, quanto *ao Sacerdocio* vemos que são irmãos, que estão na mesma linha.

Comparando-os quanto ao estado, vemos ser o Padre regular superior ao secular, porque o estado que abraçou é mais perfeito, e obriga a maior perfeição do que o estado do Padre secular.

Notemos bem que se trata aqui do *estado* ou modo de viver, e não de *pessôas*.
inferiores; como num estado inferior póde haver
haver pessôas superiores,

O habito não faz o monge;
A casa não faz o santo;
O estado não faz a superioridade.

Si cada pessôa cumprisse perfeitamente todos os deveres de seu estado, então, sim, existiria praticamente uma gradação. As miserias humanas, no entanto, são numerosas, de modo que póde haver casados mais santos do que certos celibatarios e certos celibatarios, no mundo, pódem sobrepujar um religioso do claustro; assim póde haver, e ha de facto, sacerdotes seculares mais virtuosos e mais zelosos do que certos Sacerdotes regulares. O defeito não é do estado, é da pessôa. Si o *regular* cumprisse perfeitamente seus deveres de estado, seria com certeza, mais virtuoso, mais zeloso, mais abnegado que o secular, que se contentasse com cumprir simplesmente os deveres que lhe são impostos.

Em outros termos de comparação: tanto o regular como o secular, cumprindo bem os seus deveres de estado, o regular será mais virtuoso.

Si, porém, o secular cumprir bem estes deveres, e o regular entregar-se ao relaxamento, claro é que, como pessôa, o secular supera o regular, porque o fervor está acima do relaxamento.

Mas si ambos cumprirem os seus deveres, repito, o regular estará muito acima do secular, pela razão de serem seus deveres mais elevados e levarem a mais alta santidade que os do secular.

III. Conclusão

Resumamos a parte doutrinal desta curta exposição.

O Sacerdocio é o grande instrumento de santificação para o mundo.

O Sacerdocio é um só, como Sacramento,

porém, os sacerdotes podem ter differente estado de vida: Uns consagram-se a Deus, deixando tudo por amor delle, sem esperança de remuneração temporal: é o clero regular, são os religiosos.

Outros limitam-se aos deveres de seu Sacerdocio ou ministerio, ficam no mundo; podem até ajudar aos paes e cuidar de seu futuro, podem possuir bens, etc.: é o clero secular.

Ha aqui uma triplice distincção a fazer entre elles: de ordem, de estado, de officio.

Como *Ordem*, os dois são iguaes, pois só ha um Sacramento da Ordem.

Como *estado*, o religioso é mais perfeito, pois além das virtudes proprias do sacerdote, elle se obriga a cumprir os conselhos evangelicos.

Como *officio*, ambos estão na mesma linha, pois ambos se dedicam de um ou outro modo á salvação das almas.

O Sacramento da *Ordem* é de instituição divina.

Depois disto, o Senhor escolheu outros setenta e dois, e mandou-os, dois a dois, adeante de si, por todas as cidades e logares, onde elle estava para ir. (Luc. X. 1)

O estado religioso tambem é de instituição divina: *Si queres ser perfeito, vae, vende tudo quanto tens e dá o aos pobres, e depois vem e segue-me.* (Math. XIX, 21)

O *ministerio* sacerdotal tambem é de instituição divina: *Ide, eis que eu vos mando como cordeiros entre lobos.* (Luc. X. 3)

Ha uns erros a respeito destas verdades. Ha quem pense ter sido a vida religiosa instituida no seculo 3°. Não! foi instituida por Jesus Christo. E a opinião mais provavel é que, como diz

Suarez, os Apostolos eram verdadeiramente religiosos ou regulares.

O que foi officialmente instituido no seculo 3º, são os Institutos religiosos: porém, estado e Instituto são completamente distinctos.

No principio, todos os Sacerdotes eram *religiosos* tendo vida commum. Nosso Senhor mandou-os *dois a dois*, isto é, em vida commum.

Foi mais tarde, devido ao desenvolvimento da Egreja e á falta de Sacerdotes, que os Bispos se viram na contingencia de separar os Sacerdotes, e de mandal-os isoladamente á administração das parochias.

O que começou no tempo de Jesus Christo, foi a vida religiosa, e foi no decurso dos tempos que a vida de Padre secular foi-se introduzindo nos costumes, devido ás necessidades do momento.

Terminemos com a palavra decisiva de Pio IX, em seu breve de 17 de Março de 1866. «*Vemos,* escreve este Pontifice, *que as antigas leis da Egreja, não sómente approvavam, mas ordenavam que os Padres, os diaconos e subdiaconos vivessem juntos, pondo em commum tudo o que lhes vinha do ministerio das Egrejas: e era-lhes recommendado que tendessem com todas as suas forças a reproduzir a vida Apostolica, que é a vida commum. Não podemos, pois, sinão louvar e recommendar a todos aquelles que se unem para levar este genero de vida ecclesiastica*».

Eis restabelecida e confirmada a confraternização, a unificação do clero regular e secular, seguindo cada um o estado que escolheu, e cumprindo com zelo os seus deveres de estado para trabalharem juntos na salvação das almas e para o triumpho da santa Egreja.

EXEMPLOS

1. Bismarck e o diabo

Conta um jornal catholico allemão que um dia Bismarck passeava no parque de Potsdam, quando foi cumprimentado por um desconhecido, que trajava e falava com distincção e elegancia.

Conversavam sobre as Congregações que Bismarck estava perseguindo e exilando.

De repente o Chanceller de Ferro exclamou com ardor violento: Mais uns dias e não haverá mais uma unica Congregação, ouvem, nem uma só!

— O senhor é mais forte do que eu, retorquiu o desconhecido. Ha 19 seculos que eu trabalho para supprimil as e nada conseguí até hoje.

— Mas quem é o senhor? interrogou espantado o Chanceller.

— Eu, sou o diabo.

— O diabo... repetiu tremulo Bismack, mas o desconhecido, já conhecido agora desapparecera.

2. Para que servem os Padres ..

Em Bordeus vinham no mesmo carro do trem um senhor de sociedade e um operario.

Numa das estações um sacerdote estava esperando outro trem.

— Para que serve esta gente? diz o viajante ao operario, seu companheiro.

O operario ficou calado.

O trem retoma a sua marcha, atravessando um logar deserto.

O operario, de repente approxima-se de seu companheiro, e com um accento aspero na voz lhe diz á queima-roupa:

— Senhor, estamos aqui numa região deserta, longe das estações; si eu quizesse estrangulal-o aqui, ninguem o saberia.

— Mas, exclama o burguez horrorizado, isso não lhe daria proveito nenhum.

— Desculpe-me, antes de deixar Bordeus, o senhor recebeu no Banco 30 contos de réis, que estão ali na sua maleta...

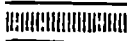
O homem passou por todas as côres e suando frio, olhava com terror para os braços vigorosos e os punhos de aço do operario.

— Fique socegado, senhor, eu fui educado pelos Padres, e elles me ensinaram a temer a Deus e a respeitar o bem alheio... Está vendo que esta gente ainda serve para qualquer cousa. Sem elles o senhor seria agora um homem morto.

3. Do Cura d'Ars

Deixem uma parochia sem Padre durante 20 annos, e o povo adorará os animaes!

4. De Pio X

Precisamos de Padres que queiram ir para a cadeia!

24º DOM. dep. de PENTECOSTES

EVANGELHO (Math. XXVI. 15—35)

15. Naquelle tempo, disse Jesus aos seus discipulos: Quando, pois, virdes a abominação da desolação que foi predita pelo propheta Daniel, posta no logar santo — o que lê entenda.

16. Então os que se acham na Judéa, fujam para os montes:

17. E o que se acha sobre o telhado, não desça para tomar cousa alguma de sua casa:

18. E o que está no campo, não volte a tomar a sua tunica.

19. Mas ai das (mulheres) *gravidas e das que tiverem criança de peito naquelles dias.*

20. Rogae pois que não seja a vossa fuga no inverno ou em dia de sabbado.

21. Porque então será grande a aflição, como nunca foi desde o principio do mundo até agora, nem jamais será.

22. E si não se abreviassem aquelles dias, não se salvaria pessôa alguma: porém serão abreviados aquelles dias em attenção aos escolhidos.

23. Então si alguem vos disser: Eis aqui está o Christo, ou eil-o acolá: não deis credito.

24. Porque se levantarão falsos christos e falsos prophetas, e farão grandes milagres e

prodigios de tal moda que (si fosse possivel) *até os escolhidos se enganariam.*

25. Eis que eu vol-o predisse.

26. Si pois vos disserem: Eis que elle está no deserto, não saiaes: eil o no logar mais retirado da casa, não deis credito.

27. Porque assim como o relampago sáe do oriente e se mostra até ao occidente: assim será tambem a vinda do Filho do homem.

28. Em qualquer logar, em que estiver o corpo, se ajuntarão tambem aguias.

29. E logo depois da tribulação daquelles dias, escurecer se-á o sol, e a lua não dará a sua luz, e as estrellas cahirão do céu e as potestades dos céus serão abaladas:

30. E então apparecerá o signal do Filho do homem no céu: e então todos os povos da terra chorarão, e verão o Filho do homem vir sobre as nuvens do céu com grande poder e magestade.

31. E mandará os seus anjos com trombetas e com grande voz, e juntarão seus escolhidos dos quatro ventos duma extremidade dos céus até á outra.

32. Ouví uma comparação tirada da figueira: Quando os seus ramos estão tenros e têm brotado, sabeis que está perto o estio:

33. Assim tambem, quando virdes tudo isto sabei que (o Filho do homem) *está perto* (que está) *ás portas.*

34. Na verdade vos digo que não passará esta geração sem que se cumpram todas estas cousas.

35. O céu e a terra passarão, mas as minhas palavras não passarão.

COMMENTARIO APOLOGETICO

Eucharistia, Christo e Papa

Hoje é o ultimo Domingo do anno ecclesiastico.

No 1.o Domingo do advento, e no 24.o após Pentecostes, ultimo do anno, o Evangelho nos apresenta a narração terrificante do juizo final.

Mas no meio destes relampagos e trovões, no meio das tribulações que assolam o mundo, o Evangelho nos mostra o *Christo, o Filho do homem, vindo sobre as nuvens do céu, com grande poder e magestade.*

E' o Christo que triumpha... é tambem a Egreja de Christo, que, depois de ter atravessado todos os horrores do odio e da perseguição, póde apresentar-se deante de seu Chefe, com todos aquelles que ella salvou do naufragio da fé e da virtude.

O Christo é a Egreja... a Egreja é o Christo, de modo que o triumpho de Christo será tambem o triumpho da Egreja.

Terminemos o nosso estudo apologetico, examinando um ultimo phenomeno da vida da Egreja: a sua união inseparavel com a divina Eucharistia, juntando num mesmo amor: o Christo presente na Eucharistia e o Christo presente no Papa.

Vejamos um instante como são inseparaveis:

1. **O amor** á Eucharistia e ao Papa.
2. **O odio** ao Papa e á Eucharistia.

Vamos aqui averiguar um phenomeno curioso, historico, cuja conclusão, para quem sabe raciocinar, é de grande alcance, mostrando-nos Jesus Christo na Eucharistia e no Papa.

I. Dois amores inseparaveis

Para provar a nossa these que o amor ao Papa cresce nas almas, na medida que cresce o amor á Eucharistia, basta percorrer um instante a historia da Egreja. Ali veremos que estas duas devoções nascem juntas, crescem, diminuem e morrem juntas. São como as duas rodas de um carro, das quaes uma não se move sem a outra, porque têm o mesmo eixo.

Tomae um seculo qualquer, examinae os seus sentimentos para com o Papa, e conhecereis logo os seus sentimentos para com a Eucharistia.

A Idade Media, por exemplo, distingue-se de modo particular pelo amor á Eucharistia, construindo lhe as esplendidas Cathedraes, compondo-lhe hymnos ardentes, lançando para o firmamento as suas inimitaveis egrejas gothicas. E' um hymno vibrante de pedra, de arte, de poesia para a Eucharistia.

Ao mesmo tempo examinae a devoção desta epoca ao Papa... é o mesmo enthusiasmo, a mesma arte, os mesmos edificios, que se dedicam ao Papa, com que se canta a gloria do Papado.

Não basta a Idade Media prostrar as almas aos pés do Papa, depositam a seus pés reinos imperios, querendo que elle seja o rei do mundo como o é da Egreja; o representante do mundo, como o é de Christo.

Este enthusiasmo que a impiedade attribue ás vezes á ambição dos Papas, não é sinão a obra da devoção do povo.

O mesmo phenomeno que averiguamos na vida das nações, podemos verifical-o na alma dos Santos.

Duas devoções parecem nelles sem limites: a devoção á Eucharistia e a devoção ao Papa.

* * *

Do mesmo modo que estas duas devoções elevam-se juntas para o alto; assim ellas se inclinam juntas para baixo.

Desde que o amor á Eucharistia inflamma as almas, a veneração ao Papa se extende e se firma, mas desde que o senso da Eucharistia vae baixando, o amor ao Papa desapparece na mesma decadencia.

Citemos apenas o exemplo do seculo XVII. Este seculo teve uma grande ideia dá magestade de Deus, da dignidade do sacerdocio, faltava-lhe porém a concepção do amor de Deus.

Não comprehendia o amor de Deus, e por isso não podia comprehender a Eucharistia.

Dahi esta qualquer cousa de frio, de gelado que se nota em sua espiritualidade. A escola de Jansenio, em vez de approximar as almas da Eucharistia, as afastava sob pretexto de respeito.

Supprimiram a Communhão frequente ... e não conheciam mais sinão o Deus magestoso, mas terrivel da Eucharistia, em vez do pae amoroso, que quer dar-se a seus filhos.

Ao mesmo tempo e na mesma medida as almas iam-se afastando do Papa. Fechavam a Eucharistia num Tabernaculo que não se abriu mais, e fechavam o Papa na prisão do Vaticano.

O primeiro era um Christo morto.

O segundo, o seu representante, devia ficar um Papa morto.

O primeiro não podia mais ser recebido.
O segundo não devia mais ser escutado.

E neste ambiente jansenista pouco faltava para que supprimissem os hymnos de Sto. Thomaz, como chegaram a supprimir a oração pelo Papa.

II. Dois odios inseparaveis

Ha um outro phenomeno não menos curioso, Supprimindo estas duas devoções, a da Eucharistia e a do Papa, ellas são substituidas por dois odios iguaes: o odio á Eucharistia e o odio ao Papa.

Além de outros exemplos, temos o da grande reforma de Luthero. Vemos nelle o triste espectaculo da força logica das doutrinas.

Condemnado pelo Papa, Luthero se revolta contra elle, e logo começa a revoltar-se contra a Eucharistia. Escreve: — «Prestar-me-iam um grande serviço si me indicassem um meio efficaz de negar a presença real», pois julgava que nada lhe serviria mais para fazer mal ao Papado.

Este meio que Luthero não encontrara, Calvino o encontrou: A Eucharistia é apenas um symbolo, uma lembrança; Jesus Christo não está presente nella, não passa de um pedaço de pão, bradou elle...

E como é impossivel parar em cima do plano inclinado, vêm as blasphemias: zombam da Eucharistia e do Papa.

A Eucharistia é uma idolatria.

O Papado é um homem perverso.

E estes mesmos homens que vão cercar Roma, lançam brados de odio contra o Papa, invadem as egrejas, violam os Tabernaculos, atiram

ao fogo as Hostias consagradas, e dansam em redor das chammas, cantando canções vergonhosas, onde não se vê o que odeiam mais: si o Christo presente na Eucharistia, ou velado na pessôa do Papa.

* * *

Um seculo não havia passado e scenas mais horriveis se apresentam, fructos maduros da Reforma.

De facto, a Revolução nasceu da Reforma, como uma filha desnaturada nasce de uma mãe perversa sobrepujando-a em monstruosidade.

A Reforma havia quebrado os Tabernaculos para roubar as Hostias sagradas. A Revolução depois de ter violado os Tabernaculos, manchou os altares.

Ella fez subir em cima delles creaturas perdidas, para infligir-lhes o mais baixo ultraje.

Mas vejam o declive.

Apenas haviam violado o Tabernaculo, violam o Vaticano. Invadem-no, de noite, e arrastam para fóra o Papa. Estes mesmos republicanos que haviam assistido de armas na mão, á profanação da Eucharistia, batiam palmas, vendo o Papa quasi moribundo, seguir como exilado para a França.

III. Conclusão

Convém notar bem este phenomeno, pois elle tem a sua moral e a sua apologia.

Ha dois amores e dois odios inseparaveis.

Estes dois amores são: — a Eucharistia e o Papa.

Estes dois odios são de novo: a Eucharistia e o Papa.

Que prova isto?

Prova que ha uma intima e inseparavel união entre estas duas devoções.

A devoção ao Smo. Sacramento cria nas almas o amor ao Papa; como o desprezo do Papa traz a ruina da devoção á Eucharistia. E' mais do que um facto: E' uma lei.

Sim, é uma lei, e esta lei prova que debaixo de cada um destes véus, o que faz o objecto da nossa fé e do nosso amor, é a mesma, a unica adoravel pessôa de Jesus Christo.

Hoje, estamos no seculo eucharistico. Os Congressos eucharisticos attrahem, elevam e orientam as almas para o Tabernaculo; e ao mesmo tempo vemos a autoridade do Papa respeitada, amada, dominar as nações e as almas.

Cultivemos a devoção ao Papa, para que penetre em nós o amor á Eucharistia; e á medida que o amor eucharistico transforma as nossas almas, o nosso amor para o Papa augmentará na mesma medida. Será Jesus Christo adorado na Eucharistia e escutado na palavra do Papa.

Como tudo se liga, como tudo se encadeia nas sublimes verdades da religião!

EXEMPLOS

1 O Papa e a primeira Communhão

Na epoca da revolução franceza, o general Radet havia sido encarregado, em nome do Imperador, de insistir perto de Pio VII, para que renunciasse a soberania temporal de Roma.

O general penetra na sala de audiencias.

Por ordem do Papa, abre-se a porta, e Radet indo até ella, avista o Santo Padre, immovel e sereno, sentado á sua mesa de trabalho.

Maior e mais magestoso que o Senado romano sobre as suas sedes curues, o Pontifice-Rei esperava os Gaulezes.

A esta vista, Radet pallido e tremulo, leva a mão ao kepi e hesita... Uns momentos de profundo silencio passam-se nesta attitude.

Mais tarde, falando deste acontecimento com o general Radet, um amigo lhe disse:

— Ha qualquer cousa nesta expedição, que não se comprehende: depois de teres assaltado o Quirinal, com a espadan a mão, paraste deante do Papa, sem defeza... que se passou ali?

— Que queres? respondeu o general. Na rua, nos tectos, nas escadarias, deante dos Suissos, tudo ia bem; mas quando vi o Papa, ah! neste momento recordei me da minha primeira Communhão.

2. Beato Claret

Lê-se na vida do Bemaven. Claret, fundador dos Missionarios do Coração Immaculado de Maria, que, estando a Hespanha envolvida nas malhas da união liberal, apesar da resistencia dos Bispos, elle resolveu retirar-se da Côrte, porque a rainha Isabel, enganada, havia assignado um documento comprommettedor.

Deante das lagrimas da rainha que reconheceu o passo errado e pediu perdão, o santo hesitou. Estando erguendo fervorosas preces perante o Bom Jesus do Perdão, Jesus Christo lhe disse: «Antonio, retira-te!»

Tendo os Bispos insistido que voltasse para Madrid e não abandonasse a rainha Isabel nestas horas difficeis, o Bemaventurado foi consultar a Deus na visita das 40 horas de adoração, na egreja de São Domingos em Vich.

De repente sahiu uma voz do Sacrario, dizendo: «Antonio, vae a Roma».

O santo não hesitou e antes de dar a resposta definitiva foi ter com o Santo Padre Pio IX.

Na primeira audiencia foi recebido com affectuosas demonstrações pelo Papa, que lhe disse: —«Justamente, acabo de receber uma carta da rainha, pedindo-me que V. Excia. volte a occupar o seu cargo, o mais breve possivel.

O Bemavent. inclinou a cabeça, e resignado voltou a seu Calvario, como elle chamava a Côrte, fazendo talvez o sacrificio mais generoso da sua vida.

A Eucharistia e o Papa são as duas vozes da verdade, ou melhor é a mesma voz do unico Jesus Christo, escondido atraz destes dois véus.

O Papa manda os homens para a Eucharistia. A Eucharistia, nas horas da duvida, os manda para o Papa.

INDICE

O primeiro não podia mais ser recebido.
O segundo não devia mais ser escutado.

E neste ambiente jansenista pouco faltava para que supprimissem os hymnos de Sto. Thomaz, como chegaram a supprimir a oração pelo Papa.

II. Dois odios inseparaveis

Ha um outro phenomeno não menos curioso. Supprimindo estas duas devoções, a da Eucharistia e a do Papa, ellas são substituidas por dois odios iguaes: o odio á Eucharistia e o odio ao Papa.

Além de outros exemplos, temos o da grande reforma de Luthero. Vemos nelle o triste espectaculo da força logica das doutrinas.

Condemnado pelo Papa, Luthero se revolta contra elle, e logo começa a revoltar-se contra a Eucharistia. Escreve: — «Prestar-me-iam um grande serviço si me indicassem um meio efficaz de negar a presença real», pois julgava que nada lhe serviria mais para fazer mal ao Papado.

Este meio que Luthero não encontrara, Calvino o encontrou: A Eucharistia é apenas um symbolo, uma lembrança; Jesus Christo não está presente nella, não passa de um pedaço de pão, bradou elle...

E como é impossivel parar em cima do plano inclinado, vêm as blasphemias: zombam da Eucharistia e do Papa.

A Eucharistia é uma idolatria.

O Papado é um homem perverso.

E estes mesmos homens que vão cercar Roma, lançam brados de odio contra o Papa, invadem as egrejas, violam os Tabernaculos, atiram

ao fogo as Hostias consagradas, e dansam em redor das chammas, cantando canções vergonhosas, onde não se vê o que odeiam mais: si o Christo presente na Eucharistia, ou velado na pessôa do Papa.

* * *

Um seculo não havia passado e scenas mais horriveis se apresentam, fructos maduros da Reforma.

De facto, a Revolução nasceu da Reforma, como uma filha desnaturada nasce de uma mãe perversa sobrepujando-a em monstruosidade.

A Reforma havia quebrado os Tabernaculos para roubar as Hostias sagradas. A Revolução depois de ter violado os Tabernaculos, manchou os altares.

Ella fez subir em cima delles creaturas perdidas, para infligir-lhes o mais baixo ultraje.

Mas vejam o declive.

Apenas haviam violado o Tabernaculo, violam o Vaticano. Invadem-no, de noite, e arrastam para fóra o Papa. Estes mesmos republicanos que haviam assistido de armas na mão, á profanação da Eucharistia, batiam palmas, vendo o Papa quasi moribundo, seguir como exilado para a França.

III. Conclusão

Convém notar bem este phenomeno, pois elle tem a sua moral e a sua apologia.

Ha dois amores e dois odios inseparaveis.

Estes dois amores são: — a Eucharistia e o Papa.

Estes dois odios são de novo: a Eucharistia e o Papa.

Que prova isto?

Prova que ha uma intima e inseparavel união entre estas duas devoções.

A devoção ao Smo. Sacramento cria nas almas o amor ao Papa; como o desprezo do Papa traz a ruina da devoção á Eucharistia. E' mais do que um facto: E' uma lei.

Sim, é uma lei, e esta lei prova que debaixo de cada um destes véus, o que faz o objecto da nossa fé e do nosso amor, é a mesma, a unica adoravel pessôa de Jesus Christo.

Hoje, estamos no seculo eucharistico. Os Congressos eucharisticos attrahem, elevam e orientam as almas para o Tabernaculo; e ao mesmo tempo vemos a autoridade do Papa respeitada, amada, dominar as nações e as almas.

Cultivemos a devoção ao Papa, para que penetre em nós o amor á Eucharistia; e á medida que o amor eucharistico transforma as nossas almas, o nosso amor para o Papa augmentará na mesma medida. Será Jesus Christo adorado na Eucharistia e escutado na palavra do Papa.

Como tudo se liga, como tudo se encadeia nas sublimes verdades da religião!

EXEMPLOS

1 O Papa e a primeira Communhão

Na epoca da revolução franceza, o general Radet havia sido encarregado, em nome do Imperador, de insistir perto de Pio VII, para que renunciasse a soberania temporal de Roma.

O general penetra na sala de audiencias.

Por ordem do Papa, abre-se a porta, e Radet indo até ella, avista o Santo Padre, immovel e sereno, sentado á sua mesa de trabalho.

Maior e mais magestoso que o Senado romano sobre as suas sedes curues, o Pontifice-Rei esperava os Gaulezes.

A esta vista, Radet pallido e tremulo, leva a mão ao kepi e hesita... Uns momentos de profundo silencio passam-se nesta attitude.

Mais tarde, falando deste acontecimento com o general Radet, um amigo lhe disse:

— Ha qualquer cousa nesta expedição, que não se comprehende: depois de teres assaltado o Quirinal, com a espadan a mão, paraste deante do Papa, sem defeza... que se passou ali?

— Que queres? respondeu o general. Na rua, nos tectos, nas escadarias, deante dos Suissos, tudo ia bem; mas quando vi o Papa, ah! neste momento recordei me da minha primeira Communhão.

2. Beato Claret

Lê-se na vida do Bemaven. Claret, fundador dos Missionarios do Coração Immaculado de Maria, que, estando a Hespanha envolvida nas malhas da união liberal, apesar da resistencia dos Bispos, elle resolveu retirar-se da Côrte, porque a rainha Isabel, enganada, havia assignado um documento compromettedor.

Deante das lagrimas da rainha que reconheceu o passo errado e pediu perdão, o santo hesitou. Estando erguendo fervorosas preces perante o Bom Jesus do Perdão, Jesus Christo lhe disse: «Antonio, retira-te!»

Tendo os Bispos insistido que voltasse para Madrid e não abandonasse a rainha Isabel nestas horas difficeis, o Bemaventurado foi consultar a Deus na visita das 40 horas de adoração, na egreja de São Domingos em Vich.

De repente sahiu uma voz do Sacrario, dizendo: «Antonio, vae a Roma».

O santo não hesitou e antes de dar a resposta definitiva foi ter com o Santo Padre Pio IX.

Na primeira audiencia foi recebido com affectuosas demonstrações pelo Papa, que lhe disse: —«Justamente, acabo de receber uma carta da rainha, pedindo-me que V. Excia. volte a occupar o seu cargo, o mais breve possivel.

O Bemavent. inclinou a cabeça, e resignado voltou á seu Calvario, como elle chamava a Côrte, fazendo talvez o sacrificio mais generoso da sua vida.

A Eucharistia e o Papa são as duas vozes da verdade, ou melhor é a mesma voz do unico Jesus Christo, escondido atraz destes dois véus.

O Papa manda os homens para a Eucharistia. A Eucharistia, nas horas da duvida, os manda para o Papa.

INDICE